

Simões:
Mais uma vez, sou posto ao
A lembrança para Edlyn, a
meu. Por todos os motivos.
quanto ao oferecimento, a
divida em bele nel serviço,
pois sei quanto a diuças im
Edlyn, a ~~estiver~~ a
Será tão nobre e tão
para se tornam, em la
mente popular; e a el
tres presentes, da obra
ração para abalo na
Muitas e muitas de
a Regina, igardme
a Maria, e um a
Nova York, 26-11-44

Otávio Mangabeira Cartas do 2º Exílio

Otávio Mangabeira
Cartas do 2º Exílio
(1938-1945)



Volume 3

Otávio Mangabeira
Cartas do 2º Exílio
(1938-1945)

Volume 3



SECRETARIA DE CULTURA



MINISTÉRIO DA CULTURA



Paulo Santos Silva

organização

Otávio Mangabeira
Cartas do 2º Exílio
(1938-1945)

Volume 3

Secretaria de Cultura
Fundação Pedro Calmon
Salvador — 2017

Copyright@2017 Fundação Pedro Calmon

RUI COSTA
Governador do Estado da Bahia

JORGE PORTUGAL
Secretário de Cultura

ZULU ARAÚJO
Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

RAFAEL FONTES
Diretor do Centro de Memória da Bahia

EQUIPE DE PESQUISA
Coordenação geral: Paulo Santos Silva
Coordenação e supervisão de pesquisa: Walter Jorge Oliveira da Silva
Pesquisa: Amélia Saback Alves Neta, André Luís Freire Lima Filho, Djalma Santos Melo Júnior, Neuracy Maria de Azevedo Moreira, Viviane Andrade Santana
Estagiários: Artur Aloísio Pereira Mota Soares, Igor Antônio Santiago Soares, Luís Henrique Santana Santos, Rafaela Dayane Cardoso de Souza.
Apoio na pesquisa: Valdicley Vilas Boas Santos, Nilo Cerqueira

EQUIPE EDITORIAL
Revisão gramatical das “Cartas”: Carolina Guimarães Ribeiro
Editoração: Carlos Vilmar
Capa: ASCOM/FPC

Diretoria de Bibliotecas Públicas — Gerência Técnica
(Fundação Pedro Calmon — BA)

O18 Octávio Mangabeira - Cartas do 2º exílio (1938-1945) / Organização
Paulo Santos Silva. - Salvador : Fundação Pedro Calmon, 2017.
v.3: 378 p.: il.

ISBN: 978-85-61458-84-3

1. Brasil - História - Período de Getúlio Vargas. 2. Política e governo
- Brasil. 3. Mangabeira, Octávio, 1886-1960 - Correspondências. I. Silva,
Paulo Santos

CDD 981.061

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON
Av. Sete de Setembro, 282 — Edf. Brasilgás
Centro — Salvador - Bahia — 40060-001
(71) 3116-6911/12/13

Sumário

APRESENTAÇÃO

Página 6

OTÁVIO MANGABEIRA: UM ENIGMA
BAIANO

Página 8

INTRODUÇÃO

Página 10

SIGLAS

Página 23

ABREVIATURAS

Página 25

AS CARTAS

Página 27

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Página 361

LISTA ICONOGRÁFICA

Página 376

Apresentação

Uma das tarefas mais importantes no labor do historiador é a sistematização de instrumentos que possibilitem a outros pesquisadores o acesso aos documentos e à história por detrás deles. Esta é uma das tarefas do Centro de Memória da Bahia.

A publicação das cartas dos exílios de Otávio Mangabeira foi empreendida pelo Centro de Memória da Bahia em 2008. Naquela época, a saudosa professora Consuelo Novais Sampaio, então diretora, elegeu como compromisso do Centro a publicação de todas as correspondências trocadas pelo ex-governador Otávio Mangabeira durante os dois períodos em que fora exilado. A própria Consuelo assumiu a coordenação deste empreendimento, publicando em 2010 o primeiro volume das cartas do chamado primeiro exílio de Otávio Mangabeira (1930-34). Este trabalho teve sequência na gestão de Jacira Primo e culminou com a publicação em 2013 da segunda parte das cartas relacionadas ao primeiro exílio e a contratação de Paulo Santos Silva para assumir a coordenação do trabalho nas cartas do segundo exílio (1938-45).

Paulo Santos Silva e Walter Silva, coordenador de Pesquisa e Documentação do Centro de Memória da Bahia, se dedicaram à além de transcrever e atualizar as cartas do segundo exílio para o português corrente, a identificar os personagens citados das cartas, muitas vezes apenas pelo apelido ou por referências cifradas, e a produzir um minucioso índice onomástico e biográfico de todos os personagens destas citados, contextualizando-os ao conteúdo das mesmas, através de processo metodológico elaborado durante os trabalhos do primeiro volume.

Este trabalho será de fundamental importância para os pesquisadores dedicados à política baiana das décadas de 1930 e 1940, um período conturbado no cenário local, nacional e mundial. Estas cartas são perspectivas de um político baiano sobre o

que acontecia no mundo e na sua Bahia. É a possibilidade de se ter acesso ao estilo e às impressões que este político tinha sobre o seu grupo, seus adversários e sobre a classe dominante na Bahia da época. Vale lembrar que a Bahia da época era dividida entre os *mangaberistas*, *seabristas*, *calmonistas* e, posteriormente, pelos *juracistas*. Isto prova quão privilegiado é o lugar de onde as fontes ora disponibilizadas tratam.

Quero, ao dar uma etapa deste trabalho concluída, agradecer àqueles que o fizeram antes e junto conosco (Consuelo Novais Sampaio, Jacira Primo, Paulo Santos Silva e, especialmente a Walter Silva) e apontar para as próximas tarefas: produzir mais suportes de pesquisa e difundir a história da Bahia. Desta forma, damos continuidade ao projeto da Professora Consuelo de fazer do Centro de Memória, o local de salvaguarda de acervos documentais privados, fundamentais para a nossa história. Este trabalho ainda esta no seu início...

Rafael Fontes
Diretor do Centro de Memória da Bahia
Fundação Pedro Calmon – Centro de Memória e
Arquivo Público do Estado da Bahia

OTÁVIO MANGABEIRA: UM ENIGMA BAIANO

Há 70 anos, precisamente em 1947, Otávio Mangabeira (1886-1960), um dos líderes do movimento “autonomista” na Bahia, assumia o governo do Estado, depois de amargar dois exílios (1930-1934 e 1938-1945) durante a Era Vargas.

Personagem singular, no panteão da elite baiana, Otávio Mangabeira, foi uma das grandes referências políticas de sua época, assim registra o cientista político Paulo Fábio Dantas Neto em sua tese de Doutorado, ao citar depoimento do também ex-governador Waldir Pires - *“Mangabeira era a personalidade estelar da vida política baiana. Exercia a liderança do grupo mais representativo das elites intelectuais da Bahia, que era o grupo autonomista, além de vir com toda a força e o charme de um combatente exilado”*.

A habilidade de Otávio Mangabeira em driblar as pressões dos setores conservadores do grupo ao qual pertencia, bem como a realização de um governo democrático, fez com que ele não só interpretasse importantes demandas sociais de seu tempo como também encerrasse seu governo com grande popularidade. Um líder popular da época chegou a se referir a ele dizendo que havia governado a Bahia com delicadeza.

Ao seu nome estão associadas obras e realizações como o Estádio da Fonte Nova, que mais tarde levaria o seu nome, o Fórum Ruy Barbosa, o novo Hospital Juliano Moreira, centros de saúde e o Complexo Escolar Carneiro Ribeiro (na Liberdade, Corta-Braço e IAPI), além da urbanização do Largo do Tanque. Em sua gestão tiveram início as obras do Teatro Castro Alves e criou-se a primeira Escola Parque idealizada pelo nosso grande educador: Anísio Teixeira.

A Fundação Pedro Calmon, por meio do Centro de Memória da Bahia, em convênio com o Ministério da Cultura tem o prazer de concluir este terceiro volume de transcrições de cartas de Otávio Mangabeira, de valiosíssimas correspondências trocadas

por ele, após ter publicado as cartas referentes ao 1º exílio (1930-1934) em dois volumes, respectivamente nos anos de 2010 e 2013.

A finalização desta série traz a luz uma documentação que ricamente ilustra e esclarece importantes questões, não só da história da Bahia, mas também do Brasil Republicano, contribuindo, deste modo, para uma melhor compreensão de decisões que nortearam os rumos políticos que nosso país vivenciou em sua história recente, especialmente o Brasil das décadas de 30 e 40.

Zulu Araújo
Diretor da Fundação Pedro Calmon.

INTRODUÇÃO

A edição dessas correspondências oferece ao público a oportunidade de ter acesso a uma parte substancial da vida de Otávio Mangabeira (1886-1960) durante o período em que esteve em seu segundo exílio, de 1938 a 1945, sob a ditadura do Estado Novo. O político baiano já havia passado pela experiência do exílio tão logo Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, depois da derrubada de Washington Luís, último presidente da “República Velha”, assim designada e malsinada na trama dos discursos dos “vencedores”.

Sobre a experiência do primeiro exílio de Mangabeira, entre 1930 e 1934, foram publicados dois volumes contendo suas correspondências, documentando os anos em que se afastou do país. A edição dos volumes anteriores configura uma valorosa contribuição para se entender um período histórico e as ações e reações de um indivíduo. Com eles, os historiadores têm acesso a fontes que ampliam as possibilidades de análise dos anos iniciais de Getúlio Vargas no comando do poder.

O conjunto destas cartas que agora são trazidas a público, incluindo correspondências enviadas e recebidas, consiste apenas numa amostra de 172 documentos epistolares selecionados das centenas que estão abrigados sob a guarda institucional do Centro de Memória da Bahia da Fundação Pedro Calmon, órgão da Secretaria de Cultura do Estado, responsável pelos volumes anteriores. Trata-se de documentos que facilitam a entrada no universo de uma conjuntura política ainda insuficientemente iluminada pela historiografia, sobretudo no que se refere ao modo como, na Bahia, ocorreu a implantação e a resistência ao regime de 1937.

UM TRIBUTO

A publicação dos primeiros volumes das cartas de Mangabeira efetivou-se pela iniciativa da historiadora Consuelo Novais

Sampaio, de quem a historiografia brasileira e baiana em particular é tributária. A tarefa por ela realizada contribui para que se identifique com mais clareza e precisão o lugar e o sentido da história de uma unidade da federação e suas conexões com a política nacional nos anos de 1930. As cartas que recobrem o primeiro exílio dizem muito dos desafios e projetos políticos em disputa naquele momento de redefinição dos rumos do país. Mangabeira tomou parte naqueles acontecimentos e produziu registros que, à luz da análise histórica, ajudam a entender a nova configuração política sob a liderança de Getúlio Vargas.

As preocupações de Consuelo Novais Sampaio com as bases documentais da pesquisa histórica, vale dizer, com os arquivos, em particular com o acervo de Otávio Mangabeira, culminaram na edição das cartas reunidas nos primeiros volumes mencionados. Eles forneceram o modelo e a inspiração para a composição deste que recobre o segundo exílio. De certa forma, esta publicação dá continuidade ao trabalho começado pela pesquisadora. Mas não o encerra, porque há ainda muito por ser feito com base nos documentos deixados por Otávio Mangabeira. Entre eles, os manifestos que escreveu contra o governo Vargas.

Convém destacar que a história da política na Bahia, construída sob critérios acadêmicos, tem suas bases nos pioneiros trabalhos de Consuelo Novais Sampaio nos anos de 1970, a exemplo de *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação* (1975). Ela mostrou as potencialidades dos jornais como fontes para história e tomou a iniciativa de tornar acessíveis documentos fundamentais para desvendar o papel de figuras de proa das elites dirigentes da Bahia do século XX. Ela foi mais longe em suas investigações. Explicou em suas obras como se desenrolava a luta pelo governo entre as oligarquias da Bahia. Ao estudar as disputas político-partidárias, teve a oportunidade de se deparar com a atuação de Otávio Mangabeira ainda nos marcos da Primeira República. Não se ateve, porém, aos grupos que detiveram as rédeas do poder. Dedicou-se também às questões sociais, ao estudar as ações das camadas populares de Salvador.

As cartas de lideranças políticas estaduais sempre atraíram seu olhar. Não por predileção por ações pessoais ou por ocorrências da vida doméstica, mas pelo papel que determinados indivíduos desempenharam no âmbito das instituições, onde muitos terminaram por imprimir suas marcas. Seu livro *Canudos: cartas para o Barão* (2001) é um dos exemplos da concepção que a orientava na prática da pesquisa e na divulgação de seus resultados.

Ao longo de sua carreira na condição de pesquisadora, Consuelo Novais Sampaio dedicou-se à história dos partidos políticos e do Poder Legislativo da Bahia. Ela entendia que não era possível chegar a resultados historiográficos substanciais se não fossem levadas em conta as articulações entre organismos políticos, sobretudo os partidos e os indivíduos que os lideravam. As marcas pessoais, para ela, evidenciam-se notadamente nas siglas partidárias, que, via de regra, desapareciam em favor do nome de suas lideranças. Em função dessa característica, sobressaíam em lugar do nome dos partidos, as expressões, entre outras, “severinistas”, “calmonistas”, “seabristas”, “juracistas” e “mangabeiristas” a lembrar quem chefiava a agremiação política. Considerando-se o cenário histórico apresentado pela historiadora — e sua tese da “política de acomodação” —, as correspondências ativas e passivas cumprem o papel de evidenciar como se articulavam as forças políticas da Bahia tanto da Primeira República quanto do regime que se iniciou em 1930.

Corresponder-se implica em construir e manter relações com outras pessoas e instituições. É o que se verifica neste livro. Portanto, trata-se de um corpo documental que, mesmo partindo de uma referência individual, permite enxergar traços de uma experiência que envolve muitos outros atores históricos, suas condutas e horizontes ideológicos.

Além de cobrir a conjuntura política nacional, o missivista oferece um quadro da política internacional elucidativo e de notável valor para a escrita da história. Numa época em que o conjunto dos países de quase todo o mundo encontra-se às voltas com um conflito bélico, as cartas enviadas e recebidas por Otá-

vio Mangabeira configuram um testemunho indispensável para se compreender aquele contexto. Ao falar de si, de seus problemas pessoais e familiares, incluindo moradia, doenças, mortes de parentes, deslocamentos, viagens, passaportes, vistos, atividades laborais e perspectivas políticas, o exilado explicita os embaraços da vida quotidiana sob as condições de uma guerra. Assim, as cartas de Otávio Mangabeira adquirem maior valor documental quando consideradas tanto como registros da ordem pública quanto da vida privada, esferas simultaneamente tratadas durante todo o período em que esteve exilado.

HEURÍSTICA

Este volume reúne cartas representativas das circunstâncias que marcaram, para o ex-deputado federal da Bahia, aquela experiência fora do país, sob instabilidade internacional e extremos conflitos ideológicos. Ao definir os critérios para efetivar a seleção, a Equipe de Pesquisa empenhada na construção desta publicação percebeu que corria o risco de segmentar um conjunto demasiadamente articulado, caso optasse por uma divisão temática com base no conteúdo das cartas. Era indispensável, para atender aos propósitos da iniciativa, mostrar que as correspondências não podiam ser seccionadas, sob pena de mutilar um objeto que se delineava no âmbito das cartas: a condição de exilado do missivista. Esta condição abarcava a vida por inteiro do exilado de modo a não separar vida pública e particular. E assim se procedeu.

Optou-se então pela inclusão de correspondências que se ocupassem de diferentes questões visando dar conta do peso de cada fator no conjunto. Os temas de natureza política predominam, mas não se desconsideraram os dramas domésticos que direta ou indiretamente afetavam a trajetória de Mangabeira e de seus familiares. Procurou-se identificar quem eram os interlocutores que aparecem nas cartas. Com o objetivo de esclarecer o papel das pessoas mencionadas fizeram-se breves comentários acerca de quem eram e como agiram no contexto. Para assegurar maior grau de precisão e segurança, escolheram-se correspondên-

cias sobre as quais não houvesse dúvidas quanto ao remetente, ao destinatário, ao local e à data de redação do escrito, o que nem sempre pode corresponder à data de envio ou à postagem, mas remetem às prováveis condições de produção do texto da carta.

Uma série de nomes perpassa as correspondências ativas e passivas do arquivo de Otávio Mangabeira. Nomes que se distribuem entre personalidades da vida pública nacional e internacional e de pessoas importantes para Mangabeira apenas em âmbito doméstico, incluindo parentes próximos e amigos íntimos.

Alguns políticos de atuação nacional e local, da capital e do interior, particularmente de Alagoinhas, foram recorrentemente mencionados. Predominam aqueles com quem o político baiano esteve próximo ou compartilhando posições de poder no executivo ou no legislativo no período anterior à “Revolução de 1930” ou no intervalo entre os dois exílios. Assim, foram compartilhados ressentimentos e planos de retomada das posições perdidas em 1930 e em 1937. Membros da “Concentração Autonomista” estiveram entre seus interlocutores, a exemplo de Luiz Viana Filho e José Wanderley de Araújo Pinho, presentes em função dos vínculos políticos e ideológicos mas também pelas relações pessoais. Questões familiares, políticas e produções intelectuais fazem parte dos assuntos por eles tratados.

As cartas remetem a um dos temas centrais na história do poder político, da Grécia clássica ao século XX: a saída forçada de indivíduos da comunidade política no interior da qual atuam. O fenômeno ganha relevo ainda maior quando se trata das experiências políticas contemporâneas marcadas por agudos conflitos políticos e ideológicos. Na “era dos extremos”, conforme a feliz expressão de Eric Hobsbawm, o exílio tornou-se dispositivo recorrente, nem sempre sob o mesmos fundamentos ideológicos, porém com resultados semelhantes para os indivíduos que os sofreram.

Na América Latina em seu conjunto e no Brasil, de modo recorrente, lançou-se mão desse instrumento de coerção e punição. Dos anos de 1930 à década de 1960 foram numerosos

aqueles que sofreram as penalidades do exílio. Mangabeira sofreu dois deles, mas há quem tenha acumulado aqueles impostos por Vargas e, anos depois, pelos militares que tomaram o poder em 1964. Portanto, publicar cartas de exilados resulta, de um lado, numa contribuição fundamental para se acompanhar a dinâmica política de um país e, de outro, para se perceber a natureza do exílio como um instrumento de poder usado em diferentes contextos e com diversos pretextos.

Na medida em que se publicam documentos, à semelhança dos enfeixados aqui, desarquivam-se registros, promove-se a ativação ou reativação da memória e proporciona-se aos historiadores a oportunidade de ampliação do diálogo, sempre lacunar, entre passado e presente. Abre-se assim a interlocução com um período e seus impasses, com indivíduos, agrupamentos políticos, idéias e instituições.

Há muito, os chamados “documentos escritos” perderam a quase exclusividade como “prova” para escrita da história. Todavia, eles mantêm sua importância para a historiografia. Continuam prestando serviço aos historiadores com resultados cada vez mais fecundos, quando lidos e explorados sob novos enfoques, sobretudo ao se reconhecer que as múltiplas temporalidades devem ser sempre articuladas na construção de argumentos históricos. Passou-se de uma “história política”, em termos “tradicionais” para uma “história do político”, recortado para fins de análise como fenômeno específico. Primordiais para a escrita de biografias, as cartas permitem mais do que voltas em torno de uma vida pessoal e privada. Se interpeladas com apropriados recursos teóricos e metodológicos, elas permitem ir além das contingências, revelar níveis mais profundos da experiência histórica e identificar as mudanças que escapam aos olhos apressados, que se atêm à rapidez dos acontecimentos.

Os teóricos da história costumam afirmar que os fatos não são dados e, sim, “construídos”. Trata-se de uma assertiva talvez elementar para os praticantes do ofício. A “construção dos fatos” ocorre ao longo de um processo de incertos começos no curso do qual o historiador chega depois de etapas já concluídas. Antes, vá-

rios fatores de natureza diversa cumpriram o papel de realizar escolhas para a edificação de um patrimônio de vestígios do passado.

Convém reconhecer que a publicação destas cartas de Otávio Mangabeira contribui para a “construção” dos fatos que dizem respeito à atuação política de um indivíduo. Afinal, são documentos que registram a atuação do líder “autonomista” em determinadas circunstâncias. Trata-se de fontes que dão conta da vida pública, sob o olhar de um homem em movimento que se desloca das condições internas do país à política internacional. Dessa forma, suas cartas extrapolam as referências pessoais e nacionais. O Estado Novo, a repressão política, a ascensão e derrota do nazismo e do fascismo, o papel dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e a atuação de segmentos da elite política no Brasil e na Bahia, naqueles anos, estão presentes nestas epístolas de exílio.

O MISSIVISTA E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

De sua implantação em 1937 à queda em 1945, o Estado Novo perseguiu integralistas, comunistas e liberais. Tentou aliciar aqueles que poderiam, por diferentes razões, aderir à lógica do novo regime e buscou neutralizar a ação política das correntes que lhe resistiram. A repressão de que lançou mão incluía fechamento de jornais, exonerações, cassação de mandatos, prisões, torturas e exílio.

Tão logo o novo regime de Getúlio Vargas entrou em vigor, Mangabeira perdeu o mandato e converteu-se em objeto de perseguição política, sofrendo intimidações e restrições de liberdades pessoal, culminando em prisão. Em 1938 foi, finalmente, mandado para o exílio. A primeira carta apresentada aqui registra esse momento, iniciando a crônica e a cronologia do seu exílio, da saída ao retorno ao país.

Otávio Mangabeira desempenhou papel de destaque na política nacional e estadual do início do século até 1960, ano em que faleceu. De perfil liberal conservador, esteve desde 1930 em

campo contrário a Getúlio Vargas. Conheceu por dentro o jogo político das oligarquias no interior do qual atuou, às vezes na condição de protagonista. O legado dessa experiência foi posto a serviço dos novos embates que tiveram início assim que Vargas chegou ao poder com a deposição de Washington Luís, a quem Mangabeira servia na condição de Ministro das Relações Exteriores. Naquela conjuntura de exclusão e de recomposição de forças políticas, Otávio Mangabeira foi exilado com velhos companheiros de agremiação e espectro político, retornando em 1934, quando Vargas se viu na contingência de reconstitucionalizar o país e encerrar o “governo provisório”. Voltou à política e atuou no parlamento até o golpe de 1937, do qual resultou seu segundo exílio.

Durante sua ausência na condição de exilado, foram muitos os problemas que Mangabeira teve de enfrentar. Incertezas e tratativas onde fixar residência fora do país, obtenção de vistos, dificuldades financeiras para seu sustento, perspectivas de empregos ou de atividades remuneradas. Ao lado disso, doenças e mortes de familiares e amigos. Os dramas domésticos, dadas as circunstâncias, aparecem entrelaçados com questões políticas, ainda que em algumas correspondências seja possível identificar linhas demarcatórias entre esferas estritamente públicas e particulares.

Inicialmente, foi para a Europa. Vivendo sob os riscos de uma guerra, decidiu procurar abrigo nos Estados Unidos, permanecendo no país até 1945. Preparou-se para retornar ao Brasil mais uma vez antes mesmo da queda de Getúlio Vargas. Articulado com setores que haviam perdido espaço de poder em decorrência da “Revolução de 1930” e do golpe de 1937, anistiado, Mangabeira chegou disposto a retomar postos perdidos por ele e antigos aliados. Buscou de imediato atuar no cenário nacional. Assim que chegou dos Estados Unidos, procurou correligionários que estavam empenhados em formar um partido que agregasse a oposição ao Governo Vargas. Antes, tinham como tarefa acelerar a queda do Estado Novo e afastar o presidente. Em seguida, ocupar cargos públicos sob as novas condições políticas que se avizinhavam com as eleições anunciadas para dezembro de 1945.

Otávio Mangabeira, sem tardar, incorporou-se à campanha pelo fim do governo e pela organização de um partido e de uma candidatura. Embora tenha aterrissado na Bahia, às pressas, deslocou-se para São Paulo para encontrar-se com Armando de Sales Oliveira e engajar-se na construção de uma nova agremiação partidária. O partido em construção chamou-se União Democrática Nacional (UDN) e o seu candidato, Eduardo Gomes.

A inserção e o envolvimento de Mangabeira na campanha e no processo político-partidário em curso começaram bem antes de seu desembarque no Brasil. No exílio manteve contato com velhos aliados e empenhou-se para que a luta contra Getúlio Vargas não cessasse. As cartas então enviadas e recebidas no período revelam o teor de suas críticas ao governo e que perspectivas apontavam para a oposição, do começo ao fim do regime de 1937.

UM CONVITE

As correspondências ora públicas convidam não somente os historiadores, mas principalmente a estes, ao contanto com escritos que exprimem as tensões de uma conjuntura a partir das circunstâncias de um indivíduo que teve papel decisivo no cenário político do país por dezenas de anos. Lacunas, reticências, códigos a serem decifrados — marcas do medo — estão presentes nos textos epistolares de Mangabeira e de seus interlocutores. Flagram-se neles com facilidade o peso da censura e os riscos reais ou supostos que o viver sob uma ditadura acarretava, mesmo para alguém cujos horizontes ideológicos não ultrapassavam os limites do liberalismo de viés conservador por ele abraçado. Tanto pelo que afirmava quanto pelo que ocultava nas cartas, deixou registrado suas preocupações com familiares, amigos e correligionários.

Ler as correspondências de Otávio Mangabeira permite muito mais do que ter acesso a segredos de um “prócer” da “República Velha”. Através delas é possível perceber como membros dos grupos dirigentes se posicionavam nas crises políticas e de que forma reagiam diante das perdas de posição de mando e como se articulavam para recuperar postos perdidos.

Se, por um lado, as correspondências de Otavio Mangabeira são *documentos* para a escrita da história, por outro, ao serem publicadas, sob a forma que aqui se apresentam, convertem-se em *monumentos* a serviço da memória e nesta condição transformam-se mais uma vez em *documentos*. O que importa, porém, é o acesso a registros de um passado que, por suas reverberações, não se distancia do presente e, dessa forma, cobra dos historiadores que o interprete e siga suas metamorfoses sem fim.

Paulo Santos Silva

Professor Pleno de Teoria e Metodologia da História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Instituto de Identificação

Bahia, 22 de Outubro de 1938

Nome Dr. OTAVIO MANGABEIRA

Francisco Ribeiro Gonçalves
DIRETOR DO INSTITUTO

Nascido a 27- agosto -1886

Nacionalidade Brasileira

Naturalidade Bahia - Capital

Filiação Phcº Francisco Cavalcante Mangabeira e Augusta Cavalcante Mangabeira

Estado civil casado

Profissão engenheiro civil

Côr branca Olhos castanhos

Cabelos grisalhos

Bigode grisalho

Barba usa rapada

Marcas, cicatrizes, etc. Mão esquerda-face dorsal: cicatriz de corte, na falangeta do dedo indicador.

44958

Otávio Mangabeira



Registro geral N.º 15.246

Serie V-3333

Secção I-2222

I. D. 1



Polgar direito

OM. IV. DE. I.

Carteira de identidade de Otávio Mangabeira

Ester:

Vieram buscar-me (dois investigadores) às 7 e 50 da noite. Pedi ao médico de dia que se entendesse com o Dr. Mirabeau, alegando o tratamento a que estou submetido, por prescrição do Dr. Raul Baptista. O Dr. Mirabeau respondeu que viria já aqui. Estamos à espera. Vou declarar que só sairei à força, pois estou sob prescrição do meu médico assistente. Em todo caso estou preparando as valises. Venham buscar

Ester:

Vieram buscar-me (dois investigadores) às 7 e 50 da noite. Pedi ao médico de dia que se entendesse com o Dr. Mirabeau, alegando o tratamento a que estou submetido, por prescrição do Dr. Raul Batista. O Dr. Mirabeau respondeu que viria já aqui. Estamos à espera. Vou declarar que só sairei à força, pois estou sob prescrição do meu médico assistente. Em todo caso, estou preparando as valises. Venham buscar o resto que aqui fica.

Providências: Costa Neto, ou [Edmundo] Bittencourt, por intermédio Rezende. Etc.

Farei por dar notícias.

Abraços, para você e Edyla

de

Otávio Mangabeira

Dizem que é o Collor que vem para aqui, indo eu para a sala da Capela. Não sei porque não deixam os dois aqui.

O resto que aqui fica:
Presidência: Costa Netto, ou
Eugenio B. Lencourt, por um
termeiro Remele. Etc.
Farei por dar notícias,
Alvares, para Você

21-7-38

Avisar também o Raul Batista. O
diagnóstico foi: ameaças de poliartrite.
Fiquem tranquilos, pois hei de me arranjar,
seja onde for que me levem.

21-7-38

Avisar também o Raul Batista. O diagnóstico foi: ameaças de poliartrite. Fiquem tranquilos, pois hei de me arranjar, seja onde for que me levem. Dizem que é o Collor que vem para aqui, indo eu para a sala da Capela. Não sei porque não deixam os dois aqui.

P.S.: Os homens não cederam. Dizem que é necessário, até que fosse o motivo.

Jaime

2/5.

COMPANHIA HAMBURGUEZA-SUL-AMERICANA



HAMBURG-SÜDAMERIKANISCHE DAMPSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT

M

Mittel-Klasse

Camarote... 90,94 96
Cama... _____

Bilhete de Passagem N.º 21647

Do Sr. Dr. Otávio Mangabeira, Esther Pinho
 de Sra. Madya Pinho Mangabeira
 para a viagem d. Bahia para Lisboa
 no paquete General San Martin em 29. 10. 38

3	Adultos..	(1/2)	11.400.000
	Creanças, pagando meia passagem ..	(1/2)	
	„ pagando um quarto ..	(1/4)	
	„ gratis ..	(1/6)	
	Augmento para camarote N.º ..		
	Somma: ..		11.400.000

Abatimentos:

10%	Família ..	1.140.000	
	„ ..		1.140.000
	Somma: ..		10.530.000

3/8 Empregados ..

Importancia da Passagem: ..

Impostos:

2%	Quota Previdencia ..	210.600	
	Imp. <u>Antecip.</u> ..	1.200	211.800
	<u>Bahia</u> <u>29 de 10.</u> ..		10.741.800
	<u>19. 38</u> ..		30.000
	Agentes em <u>Bahia</u> ..		300

Jaime




conservado pelo Sr. passageiro até o fim da viagem e apresentado quando for exigido.
 feito às condições geraes da Companhia, estipuladas no verso deste bilhete.

Bilhete de passagem de Otávio Mangabeira, sua esposa Ester e filha Édila no navio General San Martin para Lisboa, em 29 de outubro de 1938.

SIGLAS

ABI – Associação Baiana de Imprensa
ABL – Academia Brasileira de Letras
ACB – Associação Comercial da Bahia
AIB – Ação Integralista Brasileira
AL – Aliança Liberal
ALB – Academia de Letras da Bahia
ALBA – Assembleia Legislativa da Bahia
ALJB – Academia de Letras Jurídicas da Bahia
ANL – Aliança Nacional Libertadora
APL – Academia Paulista de Letras
DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
EME – Estado Maior do Exército
FUG – Frente Única Gaúcha
IAB – Instituto dos Advogados da Bahia
IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Brasil
LASP – Liga de Ação Social e Política
LEC – Liga Eleitoral Católica
MRE – Ministério das Relações Exteriores
PCB – Partido Comunista do Brasil
PDN – Partido Democrático Nacional
PDP – Partido Democrático Paulista
PL – Partido Libertador
PPR – Partido Popular Radical
PR – Partido Republicano
PRD – Partido Republicano Democrata

PRL – Partido Republicano Liberal
PRM – Partido Republicano Mineiro
PRP – Partido Republicano Paulista
PRR – Partido Republicano Rio-grandense
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PSN – Partido Social Nacionalista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RM – Região Militar
STF – Supremo Tribunal Federal
STJ – Supremo Tribunal de Justiça
STM – Supremo Tribunal Militar
TCE – Tribunal de Contas do Estado da Bahia
TCU – Tribunal de Contas da União
TJB – Tribunal de Justiça da Bahia
TRE – Tribunal Regional Eleitoral
TRT – Tribunal Regional do Trabalho
UDB – União Democrática Brasileira
UDN – União Democrática Nacional

ABREVIATURAS

alm. – Almirante

Ass. Est. Const. – Assembleia Estadual Constituinte

Ass. Nac. Const. – Assembleia Nacional Constituinte

Câm. dep. – Câmara dos Deputados

Câm. Est. – Câmara Estadual

Câm. Fed. – Câmara Federal

cel. – coronel

com. – comandante

cons. mun. – conselheiro municipal

dep. const. – deputado constituinte

dep. est. – deputado estadual

des. – desembargador

gal. – general

gov. – governador

gov. est. – governador do Estado

int. mun. – intendente municipal

inter. fed. – interventor federal

min. – ministro

mons. – monsenhor

pref. – prefeito

pres. – presidente

rev. – revolução/revolucionário

sec. – secretário

sen. est. – senador estadual

sen. fed. – senador federal

sup. – suplente

Monte

Meu Caro

Fizemos

o color se nega
hou um can
fozer estrago
Tudo como

de tudo se occup
courtineças, e g
dotas o pair da
va carta courti
o Precissaria

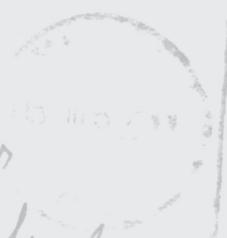
OMep 1933. 02.16-3-

teriam sido postos os pontos m
tuação. Não posso, nem devo
a minha remessa para
abi estão, e a minha situação
ermittle. Moiquel foi agora a
Moã, cujo estado de saúde é q
resso, quando, então, cuidarei
abritei na carta ao Moã
me sua opinião franca
entiver de accordo commigo
na aos seus amigos acabar
cordia absoluta, sem pres
des a ninguém.

É lte preciso dizer da argo
torventos bahiano porque
quitas recommendações nasso a D. Ester
ceba um affectivo abraço do velho amigo

Pedro Lago

Abraços
e lembranças,
De Madrid.
12-1-33



Grafos, Madrid.

br
Pua
Rio

ma das unioes de
a: o tremulo de Matias
5, 206

sempre com
missões, 20

...pan, menos
que não tem
a sua nova e
titucional. -
de umas vinte
tudo o que se
politica. -

Muy Señor mio Recomiendo
el mayor interés á S. E. Don Octavio
es Ministro de Negocios Extranjeros
que pasara por esa Aduana con dire
España,
y le ruego se sirva disponer que por los
de esa Aduana se le guarden, cuantas
sean compatibles con las exigencias

Dando a V. S. gracias ante
repito su at.º s.º s.º dor Q. B. S.º
El Embajador
Saavedra



04305704 1933.01.12
CORREOS
Edgard Pinho
Theophilo Thomi 44
6º andar
Rio de Janeiro
Brasil.

...do nesta
passando
...beve
...vós. -
...também

...nario prolong
...conquistará
Prata, que, co
...menda mo
...rijamos pu

...mulher, assim como pa
...ms. Senhora e creio que
...particular estimo e
...am.º agr.º Ed.º All.
D. Banerla

Cartas

...vington Luis

RIO DE JANEIRO, 03 DE NOVEMBRO DE 1938

Prezado amigo Dr. Otávio Mangabeira,

Recebi e agradeço a sua carta de 29 de Outubro.

O seu novo exílio, como o dos outros políticos atingidos pela mesma medida arbitrária do governo, dá bem uma ideia de como se teme, atualmente, em nossa terra, o contato com a opinião livre do país, dos homens de maior responsabilidade na vida pública e cujos patriotismo e inquebrantável fé na restauração do Brasil, tão duramente postos à prova, são um terrível incômodo para os inconscientes que ora dominam e conspurcam, sem freios de qualquer espécie, a nossa pátria e as suas melhores e mais caras tradições.

Quanto a mim, pode fiar que não cederei uma linha, sejam quais forem as consequências. O “Diário de Notícias” – orgulho-me disso! – continuará, firmemente, a constituir uma exceção no meio dessa imprensa sem ideais e a cuja cumplicidade, em grande parte, se deve ter sido tão facilitada a obra de afundamento do Brasil, à qual se consagram diabolicamente os que lhe usurparam as posições de direção e de mando.

Confirmo o convite que lhe dirigi por intermédio de D. Edite no sentido de me enviar uma correspondência semanal, aérea, de Lisboa. Acredito que encontrará muito assunto de interesse para os nossos leitores brasileiros e portugueses. Os dois centenários a serem comemorados no próximo ano, por exemplo, fornecerão abundante matéria.

Tenho em Lisboa um amigo que poderá ajudá-lo a obter quaisquer dados, informações ou documentos – o Sr. Álvaro Pinto, diretor da revista “Ocidente”, Rua do Salitre 155-1º, telefone 4.8276. Esse amigo residiu durante muitos anos no Brasil e é um entusiasta do nosso país. Tenho com ele as melhores relações.

Diário de Notícias

jornal diário fundado no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1930, por Orlando Ribeiro Dantas. Fez oposição ao governo Vargas e durante o Estado Novo sofreu censuras.

Edite

Edite Soares de Pinho, irmã de Ester Mangabeira e cunhada de Otávio Mangabeira. Durante o segundo exílio, uma das principais correspondentes de Mangabeira no Brasil.

Álvaro Pinto

jornalista português, simpático às ideias libertárias e republicanas. Em 1920, viajou para o Brasil, onde permaneceu até 1937, quando regressou para Portugal. Foi fundador (1938) e diretor da revista Ocidente (1938-1956).

Aguardo o seu endereço em Lisboa para iniciar a remessa, via aérea, do “Diário”.

Confio que a D. Édila não deixara de mandar os seus artigos semanais para o suplemento, pois continuam a ser muito apreciados.

Peço-lhe apresentar os meus cumprimentos e os de minha senhora às donas Ester e Édila.

Um apertado abraço do seu
muito amigo
Orlando R. Dantas

Édila

Édila Mangabeira, filha de Ester e Otávio Mangabeira.

minha senhora

refere-se a Ondina Portela Ribeiro Dantas.

Ester

Ester Pinho Mangabeira, esposa de Octávio Mangabeira.

Orlando R. Dantas

proprietário do jornal “Diário de Notícias” (RJ). Ajudou Otávio Mangabeira durante o período do segundo exílio, publicando matérias suas e de Édila Mangabeira em seu jornal.

BR BACMB OM TXT CF 10.5/2535

BORDO DO SAN MARTIN, FUNCHAL, 9 DE
NOVEMBRO DE 1938

Euvaldo

Euvaldo Soares de Pinho,
advogado, escrivão,
superintendente da Agrícola
Una S/A. Irmão de Ester
Mangabeira, cunhado de
Otávio Mangabeira e um dos
seus principais informantes
no Brasil.

San Martin

a bordo do navio General
San Martin, Otávio
Mangabeira saiu da Brasil em
29 de outubro de 1938 para
o exílio na Europa.

Euvaldo,

A viagem no *San Martin* foi melhor do que eu previa. Tudo correu muito bem.

Estamos hoje na Ilha da Madeira. Depois de amanhã, Lisboa, onde aguardarei os companheiros. Pude escrever a bordo alguma coisa...

Dêem minhas notícias aos amigos.

Se você quiser, ao escrever-me, assine com a letra B. Já aqui saberei de quem se trata. Quando a carta contiver alguma coisa que lhe possa comprometer. Datilografado já se vê.

Saudades, para todos,

de

Mangabeira

BR BACMB OM TXT CP 51/1180

BORDO DO GENERAL OSÓRIO, 9 DE
NOVEMBRO DE 1938.

Meu prezado e querido

Am^o Dr. Otávio

Esta lhe será entregue pelo meu colega e particular amigo Dr. Raimundo Barbosa Lima, um amigo e amigo também do Belmiro. Ele lhe dirá o que conversamos. Nesta lhe deixo a minha leal e afetuosa visita, numa viva demonstração de continuada solidariedade ao meu e nosso velho ponto de vista. Não transijo e lá no nosso Brasil, no Rio, Rua Nascimento Silva n^o 471- Ipanema – sou o velho am^o e grande admirador de sempre.

Receba o meu grande e sincero abraço, muito afetosamente.

Asdrúbal Rocha.

General Osório:

navio alemão da Hamburg-Süd para as linhas da América do Sul.

Raimundo Barbosa Lima

membro da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Belmiro

Belmiro de Lima Valverde, médico e membro da AIB.

Asdrúbal Rocha

médico, irmão de Albano da Franca Rocha.

BR BACMB OM TXT CP 25/488

LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 1938

Av. Alferes Malheiro, 17

Exm.º Sr. Dr. Otávio Mangabeira,

Antigo Ministro dos Estrangeiros do governo do presidente Washington Luiz.

Ainda doente pelo deplorável desastre que, há meses, sofri, quero exprimir a Vossa Excelência os meus cumprimentos e sua Excelentíssima esposa, minha senhora, pela sua chegada a Lisboa – onde guardo a minha permanente gratidão e a admiração com que sou

de V. Ex^{cia}

o seu dedicado

Carlos Malheiro Dias.

Carlos Malheiro Dias

jornalista, cronista,
romancista, político e
historiador português; sócio
correspondente da Academia
Brasileira de Letras (ABL).

BR BACMB OM TXT CP 06/117

BORDEAUX, 31 DE DEZEMBRO DE 1938

Meu caro Otávio Mangabeira,

Já tinha lido o seu manifesto que muito me comoveu. As lágrimas me vieram aos olhos quando fiquei a pensar nessa triste situação a que reduziram o nosso pobre país.

Para mim vivemos em pleno militarismo, escondido por trás da figura civil que escolheram a dedo, para servir de disfarce. Veja ainda agora o caso do jornalista Gondim da Fonseca, processado por ter escrito uma crítica sobre um livro que tratava do Duque de Caxias. Foi absolvido na primeira instância, vejam as notícias, mas na instância superior, que no caso é o Tribunal de Segurança Nacional, foi condenado a 6 meses de prisão, sob a alegação de se ter permitido a criticar o Duque de Caxias, que foi um militar, e, desse modo tendo atingido com ofensa, as famosas classes armadas!!! – Até onde chegamos! E para onde iremos ainda?

Aqui de longe, sempre pensando na pátria distante, muitas vezes sofro pelas saudades – mas penso também quanto mais sofreria se lá estivesse presenciando tantas misérias. É por isso que, às vezes, me consolo com o emprego que me proporciona viver longe, mas já vou pensando meio desiludido e fazendo os meus cálculos para me retirar à minha casa, fechando as portas e vivendo a felicidade dentro dos muros, entre coisas agradáveis e sem pensar no horror que vai por fora.

Não é por egoísmo que assim penso, mas por andar enjoado de tudo e sem ver a possibilidade de uma mudança.

Deus poderia bem ter piedade do Brasil. Tenho suplicado tanto, tenho orado com tanto fervor e não vejo mais como pedir para que melhore a minha pátria, a nossa pátria, que ambos tanto estremecemos.

Penso como você que nunca devemos abdicar de certos prin-

manifesto

refere-se a “A todos os irmãos no Amor ao Brasil”, de 6 de novembro de 1938.

Gondim da Fonseca

Manuel José Gondim da Fonseca, escritor e jornalista.

crítica

“Contra a Mão – O Grande Caxias”, no Correio da Manhã de 18 de novembro de 1938.

Tribunal de Segurança Nacional

Órgão criado em 1936 para julgar os implicados na Revolta Comunista de 1935 e que, a partir de 1938, passou a julgar os adversários do regime em geral.

**Mário de Lima
Barbosa**
secretário da Embaixada do
Brasil em Bordeaux, França.

cípios que constituindo a nossa convicção, fazem parte da nossa própria dignidade, da própria razão de ser, de existirmos como seres vivos.

Abraços a você com saudades e com afeto, desejando felicidades, muitas felicidades para 1939.

Seu velho amigo e admirador

Muito sincero

Mário de Lima Barbosa

BR BACMB OM TXT CP 39.1/ 818

LISBOA, 24 DE FEVEREIRO DE 1939

Prezado amigo Dr. Otavio Mangabeira

Acuso o recebimento de sua carta de 13 do corrente, que muito agradeço. Penso que tivesse sido recebida a minha de 27 de dezembro de 1938, respondendo à sua de 22 do mesmo mês, a qual enderecei ainda para o Celtic-Hôtel.

Fico ciente de sua nova moradia – Rue de la Pompe n° 179 – desde o dia 1° do corrente. Se bem que mais trabalhoso, é muito mais conveniente um appartement a quem com família vai se demorar algum tempo em Paris. Foi sorte ter encontrado um em tão boas condições.

O inverno aqui, apesar do frio grande e das chuvas de pedra, tem decorrido mais ameno e mais agradável que o de Nice. Eu continuo, pois, em Lisboa e no mesmo hotel. Já era mesmo minha intenção aqui ficar, se me sentisse bem, embora estivesse a fazer projetos de excursões pela África, que suponho se reduzirão modestamente a voyages sur place, que não são totalmente inúteis, porque nos ensinam a geografia dos guias, mais ou menos boa.

Penso seguir para Paris nos começos da primavera, se os acontecimentos internacionais o permitirem. A impressão que tenho, aqui, é a de que as coisas se vão complicar seriamente este ano. As finanças de diversos não consentem a continuação exacerbada dos armamentos, a situação econômica de muitos deles torna-se muito apertada, a formação do espírito guerreiro até nas crianças, a exaltação militar em toda a parte, as desconfianças, as ambições, tudo isso, que começa ser intolerável a todos, fará rebentar a guerra proximamente. E parece que assim pensam as partes interessadas, pois que todas estão a reforçar as suas paragens, enviando esquadras para muitos portos estratégicos, em passeios e visitas de cumprimento. E daí, quem sabe, talvez, nada de violento suceda e se

última guerra

refere-se à Primeira Guerra Mundial, 1914-1918.

telegrama

refere-se ao “O Brasil ao Presidente Roosevelt”, em 07 de janeiro de 1939. Foram signatários Armando de Sales Oliveira – ex-gov. do Est. de S. Paulo, presidente da UDB, e candidato à presidência da República; Otávio Mangabeira – ex-min. das Relações Exteriores e ex-dep. fed.; Mario Brant – ex-presidente do Banco do Brasil e ex-dep. fed.; Luiz Piza Sobrinho – ex-presidente do Depart. Nacional do Café e ex-dep. fed.; Júlio de Mesquita Filho – diretor do “Estado de São Paulo”; Paulo Nogueira – ex-dep. fed.; e Paulo Duarte – ex-dep. Em nome, ainda, de Lindolfo Collor e Artur Bernardes Filho.

Le Temps

jornal francês; circulou de abril de 1861 até novembro de 1942.

constituição

refere-se à Constituição da República Federativa do Brasil, de 24 de Fevereiro de 1891.

venha tudo arranjar pacificamente, porque vencidos e vencedores tem ainda duras lembranças da última guerra.

Do Brasil nada tenho recebido de novo. As poucas, pouquíssimas notícias que mandam, vêm como boatos, aos quais não se pode dar inteiro crédito; mas o que se sabe, e o que se sente, é que tudo continua mal, política, financeira e economicamente.

Com a sua carta vieram exemplares impressos, em português, francês e inglês de telegrama que enviaram a Roosevelt, por ocasião da mensagem deste ao Congresso Americano. Por uma local do jornal *Le Temps*, que de Paris me chega mais ou menos regularmente com dois dias de atraso, eu já tinha aqui sabido do envio.

No Brasil, nos meios governamentais certamente vai ele ser explorado, sem base porém, porque é ele um documento apenas de informação, que nada sugere e que nada pede e, ao contrário, termina deixando bem claro quanto é ele cioso da autonomia brasileira nas relações internacionais. Relembrando doutrinas tradicionais, moderado na forma, indica fatos incontestáveis e não os indica todos, o que bem se compreende. Naturalmente o Roosevelt ainda não respondeu?

Nestes últimos tempos, nos Estados Unidos, muito se tem falado sobre uma terceira eleição depois de oito anos de governo, e isso contra a tradição americana, que lá vale também por lei. É verdade que a situação dos dois governantes não podem ser comparadas, porque são diametralmente opostas. Roosevelt, entretanto, não fez declarações que esclareçam os seus propósitos, ou para não enfraquecer a sua ação no atual momento tão melindroso da política internacional ou por julgar talvez necessária, nesse momento, a sua continuação no poder, mesmo quebrando a praxe centenária. Além disso, e por causa desse momento melindroso, está ele procurando fazer aliados em todas as Américas. Provavelmente só responderá após esses esclarecimentos.

Escrevo-lhe, hoje, no aniversário da nossa constituição, agora documento de consulta do saber jurídico da República.

Desejo que D. Ester e Édila, com vigorosa saúde, tenham atravessado bem o rigoroso inverno. Peço-lhe recomendar-me muito afetosamente a ambas.

Um grande abraço do amigo grato

Washington Luis

Washington Luís

Washington Luís Pereira de Sousa, ex-presidente da República (1926-1930), deposto pela Revolução de 1930, e exilado desde então.

BR BACMB OM TXT CP 12/243

LISBOA, 14 DE MARÇO DE 1939

Consulado do Brasil – Praça Luiz de Camões 22 -1°.

Caro Mangabeira,

Aqui estou, há quase um mês, à espera de minha filha, que deverá chegar ao fim deste ou princípio de abril. Em meados desse mês regressarei para aí, se a situação internacional não me impedir (ou antes, não nos impedir, a todos,) para o Prata.

Ainda a bordo li, em jornal do Porto, um despacho de Nova York com a notícia de uma conferência do O. Aranha exaltando a democracia. O cinismo daquela gente é imensurável. Hoje lhe envio recortes dos jornais daqui, por não ter visto essa notícia nos de Paris.

A operação lembra-me uma conversa com o Modesto Leal, em presença do Virgílio de Melo Franco. Nessa palestra disse-nos o Leal que o Luís Aranha lhe havia pedido por empréstimo 3.000 contos (três mil) para aplicar em títulos brasileiros do exterior, entregando-lhes em garantia; e como ele recusasse, alegando não dispor de dinheiro na ocasião, o Aranha dirigiu-se à Caixa Econômica, onde parece que obteve o dinheiro. O Leal estendeu-se a outras aparições sobre os irmãos Aranha e seus negócios, ante o silêncio constrangido do Virgílio. Haverá relação entre aquelas informações e a operação atual em Washington?

Meus respeitos a D. Ester, a quem Alice se recomenda, assim como a Édila.

Peço recomendar-me aos companheiros daí. Cordial abraço do,

Mário Brant.

O. Aranha

Oswaldo Euclides de Sousa Aranha, min. das Relações Exteriores (1938-1944).

Modesto Leal

João Leopoldo Modesto Leal, banqueiro, comerciante, empresário e político.

Virgílio de Melo Franco

Ex-dep. fed. e empresário brasileiro.

Luís Aranha

advogado e empresário. Irmão de Osvaldo Aranha. Poucos dias após a implantação do Estado Novo, em 1937, se disse favorável ao golpe e à nova Constituição.

Alice

refere-se a Alice Dayrell Brant, escritora, também conhecida como Helena Morley, esposa de Mário Brant.

Mário Brant

ex-presidente do Banco do Brasil (1930-31); ex-deputado federal (1934)

BR BACMB OM TXT CF 10.5/2541

PARIS, 15 DE MARÇO DE 1939

Euvaldo,

Sua carta de 8 chegou bem. Recebi os seis mil francos. Já providenciei para o Rio. Recebemos também carta de Edite. Não se tinha extraviado nenhuma correspondência. Até agora, ao que sei, só se perdeu a sua, a que aludi mais detalhada sobre os negócios da Una.

Vejo o que me diz sobre a carta de Boseret. Put, por seu turno, respondeu que, diante de oferta “si minime”, ele e outros acionistas tinham escrito para o Brasil, pedindo esclarecimentos. Estes, porém, não tinham vindo ainda. Confirmam-se, pois, as minhas previsões. Não confio é no informante a quem recorreu Boseret, de acordo, provavelmente, com Put. Que acha? A demora da reposta – tendo o informante viajado sem nada responder – acarreta, ao que parece, o retardamento da operação. Aliás, os representantes da firma no local entraram, ao que dizem, em ação mais direta. Como quer que seja, procure apressar a resposta, guardando acima de tudo, a sua posição, para evitar equívocos. São pontos, a meu ver, a assinalar: a hipoteca, a possível dificuldade das amortizações; a precariedade do conjunto, sobretudo sem a inversão de novo capital; a consequente dúvida de lucros.

Não se esqueça de considerar, sempre que escrever, que a censura, embora não apreenda as cartas, pode, todavia, lê-las, e daí recolher informações. Quanto a impressos, cuja distribuição no Rio está dando motivo a processo, enviamo-los daqui, diretamente, em cartas, jornais, etc., evitando incumbir amigos, que possam ser perseguidos...

A agência Havas, depois de ter recebido telegramas de Washington, sobre o “completo fracasso” da missão Osvaldo Aranha, recebeu outros, a última hora, em sentido diferente, mas evidentemente fornecidos pelo próprio Aranha. Aguardo, porém, informa-

Una

Refere-se a Agrícola de Una Sociedade Anônima, empresa de capital belga, com sede na Bahia.

Put

refere-se a Jean Van de Put, membro da Agrícola de Una S/A.

agência Havas

Agência francesa de notícias, criada em 1835.

missão Osvaldo Aranha

Embaixada brasileira enviada aos Estados Unidos entre fevereiro e março de 1939, visando fazer acordos econômicos, militares e políticos.

Roosevelt

refere-se a Franklin Delano Roosevelt, 32º presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Democrata.

Armando

refere-se a Armando de Sales Oliveira, candidato à Presidência da República em 1937, com o advento do golpe do Estado Novo foi preso e exilado.

ções fidedignas sobre o que realmente se passou. Aliás, a “hora do Brasil”, a famosa, que ouço aqui em casa pelo rádio quando tenho interesse em ver como estão divulgando alguma coisa, foi mais parcimoniosa que os ditos telegramas (por sinal não publicados, mas que a Havas me mostrou) e chegou a boicotar o nome Aranha. A verdade é que o Roosevelt, preocupado com a guerra, tem as vistas voltadas para a defesa do Atlântico, e precisa para isto, do Brasil, receando por outro lado, que a ditadura brasileira se alie aos totalitários.

Continuo a ter notícia de possíveis transformações.

A situação internacional, sempre sombria. É como já tenho dito. Logicamente, é a guerra, embora haja quem muito não creia nela.

A propósito de um discurso do Góes Monteiro, combinamos uma carta do Armando a ele, pondo pontos em todos os ii. A carta já seguiu, e será distribuída, devendo ser destinada a grande repercussão...

Casa-se hoje o Carlos, segundo escreveu a Ester. Telegrafamos.

Dê sempre minhas notícias aos amigos, dizendo que o que lhe mando é para todos, pois o avião é caríssimo, e o correio comum vagarosíssimo.

Abraços e saudades, para todos de

Otávio Mangabeira

TRECHO MANUSCRITO:

Grande mal estar por aqui, com a invasão da Tchecoslováquia.

BR BACMB OM TXT CF 11/ 2631

PARIS, 05 DE ABRIL DE 1939

João:

Como havia recebido a primeira, recebi a segunda carta datilografada. Cheguei a um tal estado de espírito, que nem tenho interesse em saber o que vai pelo Brasil. Compreendo que é um mal; todavia, é o que sinto dentro de mim: vou ficando inadaptável ao meio, em que, entretanto, serei forçado a viver. Estou como um Tcheco no protetorado, se é que não são mais humilhantes ainda as nossas condições.

Fixar-me no estrangeiro – coisa em que às vezes penso – é difícil. Mas, por outro lado, sem organizar a vida aqui, não poderei aqui permanecer indefinidamente. Penso, pois, em regressar, de um momento para outro, e escolherei algum ponto onde possa aí tchegar-me. Proibir-me o desembarque, não poderão. O que poderão, é prender-me, ao que não ligo, aliás, a mínima importância. Só por motivos muito especiais, cedi, com repugnância, à intimação, e vim para o estrangeiro...

Dois ou três amigos dedicados insistem por minha ida aos Estados Unidos, onde estão. Chegam mesmo a oferecer-me algumas facilidades. Volto, porém, ao ponto de partida. A não ser que me decida a fixar-me, de vez, no estrangeiro, não posso viver no ar por tempo indefinido. Os próprios azes da aviação nunca puderam fazê-lo. O Armando Sales, salvo nova resolução, vai para lá nestes dias. Os companheiros aqui não deixam de estar animados com as cartas que recebem. São neófitos no ofício... O “estado novo” está podre... A situação econômica é terrível... O Osvaldo sai... O Góes faz... O Dutra acontece, etc, etc, etc. Ouço isto há dez anos. Esquecem-se de que se trata do Brasil. Quando considero, de longe, certas personalidades, inclusive algumas muito nossas conhecidas, de todos os setores, e depois tomo a vista do conjunto, nem creio na saída do Getúlio, nem acho a saída lógica...

João

refere-se a João Mangabeira,
irmão de Otávio Mangabeira

Armando Sales

Armando de Sales Oliveira
desembarcou em Nova York
(EUA) em 4 de abril de 1939.



O estrangeiro, é o que se está vendo. Só agora, já tarde, a Inglaterra vem tomando seu lugar, até aqui, miseravelmente, deserto. Julgo a guerra inevitável, e até certo ponto imprescindível, a menos que a humanidade se tenha de reduzir à escravidão. Esse o terrível erro das esquerdas, que, aqui na França, perderam muito terreno. Pregar desarmamento e pacifismo, quando fascismo se armava até os dentes, e não intervenção na Espanha, quando forças regulares do fascismo lá estavam ostensivamente, a mais não pode chegar a imbecilidade humana. O resultado é que hoje há quem duvide do resultado da guerra, mesmo que todas as democracias se unam (o que ainda não fizeram convenientemente) tal o que representa em força armada o bloco totalitário. Pois não vemos os Estados Unidos negociando e tratando com um governo como o nosso? Puro medo de que este governo forme ao lado da Alemanha. A tal as coisas chegaram.

Simões

refere-se a Ernesto Simões Filho, advogado, jornalista e político.

Manifesto

Foram localizados no acervo privado Otávio Mangabeira, custodiado pelo Centro de Memória da Bahia-Fundação Pedro Calmon, dois textos datilografados de janeiro de 1939 e um impresso de fevereiro do mesmo ano

Sampaio

refere-se a José Matoso de Sampaio Correia, professor, engenheiro, jornalista, empresário e político. Fez oposição ao governo Vargas.

Chiquito

refere-se a Francisco Mangabeira, filho de João Mangabeira.

Iaiá

refere-se a Constança Mangabeira, esposa de João.

Aproveito, para mandar-lhe estas linhas, o Ricardo Seabra, que soube ser seu amigo. Eu não o conhecia, senão de nome. Fizemos agora boas relações. Foi muito gentil comigo.

Mostre esta ao Simões , qual se também a ele dirigida, e entregue-lhe um exemplar do impresso que aí vai. Seguiu, pelo mesmo navio, por via postal, para evitar perseguições estúpidas, uma larga distribuição. Nunca soube se o meu manifesto foi suficientemente divulgado. Afora o que mandei em maços, por mãos particulares, enviei, pelo correio, cerca de mil e quinhentos, para todo o país. Deste, que vai agora, mandei para a Bahia cerca de cem, endereçados aos principais amigos.

Faça, por mim, uma visita ao Sampaio. Mostre-lhe também esta. Mais a ninguém, exceto, é claro, aos de casa. Chiquito, como vai? Leram uma carta que escrevi ao Leme? Grandes pândegos...

Quanto à união das forças democráticas, os que aí estão, deviam promovê-la já que todos, presentes e ausentes, assim pensam.

Lembranças a Iaiá. Muitos abraços de

Otávio



TRECHO MANUSCRITO:

Depois de escrita esta, recebi carta do Rio, de certa autoridade, com algumas notícias animadoras. Fonte militar. Et si ette chanson vos embête...

Os impressos a que me refiro (carta do Armando ao Góes) seguiram pelo Correio. Mande entregar logo a carta que aí vai. É pedido de um companheiro aqui.

BR BACMB OM TXT CF 10.5/2543

PARIS, 15 DE ABRIL DE 1939

Euvaldo,

Recebi a última carta em que me diz ter chegado a madame Snoeck, mas ainda não teve ocasião de conversar com ela. E como lhe disse, na minha anterior, só daí pode vir, agora, alguma orientação. Não tive até ontem, 15, nenhum aviso do Banco sobre os novos seis mil francos. Será que o Banco do Brasil, aí mandou a ordem pelo correio comum, e não por avião? Não passei, aliás, pelo Banco, ficando à espera do aviso. Vou passar. Verifique, porém, pelo seu lado. O Armando Sales tem recebido de São Paulo a pouco menos de quinhentos reis cada franco. Renovo também a recomendação: enquanto não receber suprimento do Rio, não faça nova remessa.

O Armando seguiu ontem para os Estados Unidos. Há muito eu o aconselhava a que o fizesse. Ele também deseja muito que eu vá e ficou de escrever-me sobre o assunto. Unimo-nos muito aqui. Os demais exilados paulistas irão também para os Estados Unidos. Eu, embora a meu juízo, a guerra seja certa, se bem que ainda haja quem não creia, só agora começo a cogitar de novo rumo a seguir. Salvo ida para América, o mais seguro é o interior da França, fora das zonas em operações. Se estivesse sozinho, daqui não sairia, a não ser para a América. Mas pode a guerra explodir de um momento para o outro, com a violência que é de imaginar de modo que é imprudente permanecer com família. Pode mesmo o governo, em tais casos, determinar que se saia, e já há preparativos nesse sentido. O atropelo, então será terrível, nos primeiros momentos. A coisa, por outro lado, é interessante. Já se sente na cidade grande diminuição de movimento. Tudo não obstante, julgo a situação dos brasileiros mais humilhante que a dos próprios thecos...

Elementos do corpo consular e diplomático, sempre, por via de regra muito corretos comigo, acenam-me dos Estados Unidos

madame Snoeck

Refere-se a Marie Louise
Julienne Jenny Snoeck, esposa
de Gustavo Marie Chrétien
Snoeck, representante do
banco belga Credit Anversois.

Armando

Armando de Sales Oliveira
estava exilado na França
desde novembro de 1938.

com animações e convites. Combinei, porém, sobre o assunto alguma coisa com o Armando, e aguardo carta.

Lembranças sempre aos amigos, e abraços para todos de,

Otávio Mangabeira

Não recebi carta de Luís Viana. Um grande abraço para ele. Seguiu correspondência.

TRECHO MANUSCRITO:

O tempo aqui agora está lindíssimo. Tudo está verde e florido. Ainda há flores sobre a terra...

Luís Viana

Luís Viana Filho, advogado, biógrafo e integrante do grupo “autonomista”. Foi opositor do governo Vargas e colaborador da revista Seiva e do jornal A Tarde.

PARIS, 02 DE MAIO DE 1939

Meu muito prezado amigo:

Não lhe preciso dizer como tenho sentido a sua falta. Há tão pouco, afetivamente, com quem trocar impressões, em perfeita afinação de sentimentos, que a falta de que me queixo é compreensível.

Quanto ao Brasil, o Piza e o Paulo Nogueira lhe darão as notícias que tiveram, do setor paulista. Já tive, quer da Bahia, quer do Rio, cartas acusando o recebimento de “revistas” e “jornais”, de Paris, recheados de exemplares da sua ao Góes Monteiro. Não me dizem, porém, pelo correio – o seguro morreu de velho – a repercussão do documento, que não pode deixar de ser grande. E a outra, ao Eduardo Gomes? Qual o reflexo no destinatário? Não há de ser por falta de boas cartas que perderemos o jogo...

Remeto-lhe, junto a esta: uma carta datilografada, que recebi tal como a encontrará, e atribuo ao Maciel; outro datilografado, de um amigo, do Rio de Janeiro, com uma crítica interessante dos tais acordos americanos, sem aludir, todavia, à parte reservada, ou até verbal, que, certo, nos mesmos, deve ter havido; e uma cópia de um artigo que, para distrair as ideias – sem abandonar a ideia fixa – mandei para o Brasil, onde deve ter sido publicado, se a censura o permitiu. Há nele, de alguma forma, um desabafo contra essa política bifronte, que prega a democracia, e amima e favorece ditaduras, aliás, por motivos conhecidos.

A situação, quanto à guerra, continua de calmaria. Quase não se fala mais no assunto. Basta, porém, que, de um momento para outro, se ouça voar uma mosca, e o alarme voltará. Por outro lado, é verdade que, quanto mais as democracias se armem, tanto mais os ditadores se irão humanizando. É humano...

Prezado amigo

Armando de Sales Oliveira.

Piza

Luís de Toledo Piza Sobrinho,
bacharel em Ciências
Jurídicas e Sociais; ex-
presidente do Departamento
Nacional do Café (1936-
1937)

Paulo Nogueira

Paulo Nogueira Filho,
bacharel em Direito.

Exemplares da sua

Carta

enviada por Armando
Sales que teve repercussão
política e foi comentada
em várias correspondências
troçadas com Otávio
Mangabeira Eduardo Gomes

Eduardo Gomes,

militar. Nessa ocasião, possuía
a patente de coronel.

Artigo

Encontram-se no arquivo
Otávio Mangabeira do
Centro de Memória da Bahia,
três textos, dois datilografados
e um impresso, dos meses de
janeiro e fevereiro de 1949.

É possível que vá, sozinho, passar uns dias com o **Hélio Lobo** em Genebra. O prazo do contrato do meu apartamento termina a 15 de julho. Como o **Armando Rui Barbosa** não volta mais a Paris, não renovou o contrato, nem eu o transferi para o meu nome. Sairemos, no verão, de Paris, como, além do mais, é do bom tom, e, depois, tomaremos outro rumo.

Estou curioso de saber quais as impressões que mandaram o **Armandinho** e a **D. Marina**. Esses, que saem do “grupo”, e vão ao Brasil, podem melhor informar, pois conhecem, mais de perto, as nossas necessidades.

Vão-se dando bem por aí? Já tomaram pé no outro planeta? **D. Raquel** persevera no apego à velha Paris, ou já esqueceu as velharias de cá?

Dê-lhe, a ela as nossas lembranças, e, com as mesmas, receba um grande abraço do

Otávio Mangabeira

Está fazendo justamente um ano que o homem, a arrastar-se pelo chão, escapou de resvalar no chão definitivo...

Lembranças a **Júlio de Mesquita** e **Paulo Duarte**. As mesmas ao secretário.

TRECHO MANUSCRITO:

Rue de La Pompe, 179.

Hélio Lobo

diplomata e jornalista.
Representante do Brasil no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra, Suíça.

Armando Rui Barbosa

Armando Braga Rui Barbosa, filho de Alfredo Rui Barbosa e neto do jurista e político Rui Barbosa.

Armandinho

refere-se a Armando Rui Barbosa.

Marina

refere-se a Marina Braga, esposa de Alfredo Rui Barbosa, mãe de “Armandinho”.

Raquel

refere-se a Raquel de Mesquita, esposa de Armando Sales.

Júlio de Mesquita

Júlio de Mesquita Filho, advogado, proprietário e diretor do jornal O Estado de São Paulo.

Paulo Duarte

Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro Duarte, advogado e redator-chefe do jornal O Estado de São Paulo.

BR BACMB OM TXT CF 10.5/2545

PARIS, 10 DE MAIO DE 1939

Euvaldo,

Recebi e agradeço as duas últimas cartas, especialmente o interesse no que diz respeito a Maria. Quero tanto bem a ela, com o que, aliás, apenas retribui, não sei se completamente, o extremo dela por mim, que fiquei muito aflito com o caso. As últimas notícias, todavia, me deixaram mais tranquilo, se bem que preocupado com a natureza do mal.

Já você deve ter recebido os 9 contos do Rio. Retire os 6 e despesas, só remetendo o saldo, e daí por diante o de que for sendo suprido. Não vejo inconveniente quanto à iniciativa de que me fala, de alguns dos nossos amigos: sem intervenção da nossa parte, a não ser para evitar alguma colaboração imprópria.

As remessas mensais, de que não nos utilizarmos, no Banco do Brasil, devem ser consideradas para o fim de ficarmos com o direito a remessa maior posterior, se precisarmos fazê-la, na soma correspondente.

As ações aqui adquiridas, ao preço da proposta primitiva, foram: 137, da Itália; 4 de madame Hannot; 3 de madame veuve Deschamps; 2 de Auguste Schoenmaters (Credit Anversois.) Total, 146. Estão em meu poder 140, e mais uma carta de madame Hannot, mandando entregar as quatro, e as antigas, do Anversois, correspondentes às duas novas, a que me referi. Pagar-se-ão ao Antero as 94. Evidentemente, só interessa a maioria dos títulos. Mais, tanto mais se for adquirindo, tanto mais se irá reduzindo o número a adquirir, sendo por outro lado, conveniente, para a sua situação na companhia, contar com um bloco de ações, de certo vulto.

Não tendo surtido efeito a tentativa, para o lado de De Put, mesmo ao preço de 30 mil reis, procuramos formar outro grupo, ao mesmo preço, mas ainda aí foi inútil. Preferem guardar os títu-

Maria
refere-se a Maria da Glória
Mangabeira, irmã de Otávio
Mangabeira.

De Put
Jean Van de Put, membro da
S. A. Agrícola de Una.

los de que nunca se lembraram, nem sequer para tê-los em mãos. Tenho o dossiê respectivo.

Diante disto, e de certas explorações (despesas, etc.) da casa aqui resolvi encerrar o capítulo, para abriremos outro, em novas bases. A companhia pode pagar, este ano, os juros e amortização da hipoteca? Este é um ponto importante. Mas acredito que sim. É estranho que ao menos De Put, não tenha escrito à administração, e não hajam sequer pedido a remessa dos títulos. Até agora só apareceram no caso Raoul e a casa aqui. Mais ninguém. Qualquer nova proposta de compra irá evidentemente aguçar, mais ainda as ambições. As démarches, já agora devem vir da banda deles. Madame Sn. teve reposta do irmão? Reflita aí sobre o assunto, que aqui farei o que puder fazer, ou o que me for ocorrendo, estando ponto, se for preciso, a ir de novo do local.

Quanto à aposentadoria, penso também que o abono provisório só deve ser requerido, depois de contado o tempo de deputado e ministro: deputado de maio de 12 a 15 de novembro de 26 e depois, de maio de 35 a 9 de novembro de 37; e ministro de 15 de novembro de 26 a 24 de outubro de 30. O essencial é ver se, baseado nas várias leis de ensino, que mandavam contá-lo, se conta efetivamente o tempo do mandato legislativo. Mas, na pior das hipóteses, há sempre uma parte a contar. O Sampaio Correia contou todo. Além dos representantes do Costa Nunes, creio que deixei os endereços de Nestor Massena e Silveira Martins, especialmente o primeiro, para o processo no Rio.

Basta por hoje. Abraços e saudades, para todos.

Otávio Mangabeira

TRECHO MANUSCRITO:

Dinorá: Não sendo aqui informado do seu aniversário, não poderia também prever que o mesmo fosse em Abril, pois na Bahia

Madame Sn.

refere-se a Marie Louise Julienne Jenny Snoeck, esposa de Gustavo Marie Chrétien Snoeck, representante do banco belga Credit Anversois.

Sampaio Correia

José Matoso de Sampaio Correia, professor, engenheiro, jornalista, empresário e político brasileiro.

Nestor Massena

advogado e jornalista. Entre 1939 e 1942, integrou o conselho federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), como membro da seção do Distrito Federal.

Silveira Martins

José Júlio da Silveira Martins, advogado.

Dinorá

refere-se a Dinorá Diniz, filha de Euvaldo Pinho e Georgina Diniz

sempre ouvir dizer que o mês... das flores é maio. Estou, portanto, desculpado...

Além do que já tinha ido, remeti para você novo jornal francês.

BR BACMB OMTXT CP 14/289

RIO DE JANEIRO, 13 DE MAIO DE 1939

Meu caro Otávio,

Recebi com sincera alegria o seu bilhete de saudades.

Não lhe escrevo mais assiduamente porque nada agradável tenho para lhe narrar. Não desejo aumentar as suas penas dizendo-lhe, com pormenores, da vida que levo no jornal, trabalhando como um forçado, extenuado de cansaço, desenvolvendo atividade além das minhas forças normais, tudo com o objetivo de me defender e os meus, na hora da decrepitude total ou do desaparecimento final.

Tentei resistir durante quase oito anos. Deus é testemunha da minha sinceridade. Depois, o Altino Arantes e o PRP puseram-me a perder. Eles são temíveis desencaminhadores de maiores.

Por aqui vamos alegres e confrades na ventura do sol, dos banhos de Copacabana e do Carnaval.

Quase ninguém se impressiona com a tragédia que se desenrola na Europa. Por comodidade, 90% não acredita na guerra próxima. E o tempo é pouco, durante a semana, para se discutir a excelência dos teams do “América” ou do “Bangu Futebol Clube”.

Disse-me um íntimo do Osvaldo que ele, desgostoso, não regressaria ao Itamaraty. Mas, na Casa o esperam terça-feira, certos de que reassumirá as funções.

O César Vergueiro foi demitido de secretário de Justiça. E o P.R.P., o Altino etc., não se deram por achados.

Tenho para mim que o Ademar se crê o salvador de São Paulo. Salvo erro ou omissão.

É até a hora de um tenente não paulista.

Devo dizer-lhe que o meu jornal está mais ou menos se equi-

Altino Arantes

advogado e político, desde 1934, presidente do PRP.

P.R.P

refere-se ao Partido Republicano Paulista, fundado em 3 de julho de 1873, e organizado para disputar o poder.

Osvaldo

refere-se à Osvaldo Aranha, min. das Relações Exteriores (1938-1944.)

César Vergueiro

advogado e político brasileiro. Após 1930 exerceu atividades políticas ligadas ao Partido Republicano Paulista.

Ademar

refere-se a Ademar Pereira de Barros, médico e político. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932. Em 1938, foi escolhido por Vargas para ser interventor de São Paulo, onde permaneceu até 1941.

Joaquim de Sales
jornalista e político.

Cândido Campos
jornalista e proprietário do
jornal A Notícia. Em 1930
teve seu jornal fechado pela
revolução. Cassado seus
direitos civis, exilou-se na
França, onde permaneceu até
1932. No Brasil, em 1936,
reabriu seu jornal.

librando. Assim, todas as esperanças são justas, quanto a melhores dias.

Calcule que a despesa mensal é de 75 contos! E tudo feito com a máxima economia.

O Joaquim de Sales está patrioticamente orientando as massas... de leitores, no seu artigo diário.

Queira apresentar minhas homenagens à Senhora Dona Ester e transmitir muitas saudades à ilustre escritora sua filha, de quem sou leitor dominical. Abraços afetuosos do amigo verdadeiro e grande devedor,

Cândido Campos.

BR BACMB OM TXT CA 14/1888

PARIS, 23 DE MAIO DE 1939

Meu caro Dr. Armando:

Aproveito a primeira mala aérea, entre a Europa e os Estados Unidos, para enviar-lhe estas linhas, que assim, com pouca despesa, ficarão sendo históricas.

Recebi seu telegrama. A carta ainda não chegou. Deve estar a chegar.

Aquele amigo, cujas informações, dos Estados Unidos, aguardamos durante semanas, escreveu-me, afinal. Uma carta dele, anterior, se havia perdido, porque um chofer, desonesto, furtava o dinheiro dos selos, e não levava a correspondência ao Correio. Confia muito na ação, suscetível de ser desenvolvida aí, e põe-se inteiramente ao nosso lado. Atende ao seu nome com a maior simpatia e apreço, e diz ter relações pessoais com o Júlio de Mesquita. Escrevendo, pode dirigir-se a ele. Está prevenido.

A carta datilografada que lhe remeti, com a de que foi portador o Paulo Nogueira, não é do Maciel, como supus. É do Luís Viana, da Bahia. O meu artigo, sobre a situação internacional, só permitiram fosse publicado, mediante uma condição: a de ser omitido o nome do autor. Que tal? Não sei se publicaram.

Estou escrevendo outras notas: para manter o fogo sagrado, para “interromper a proscricção”; mas sobretudo, para desabafar: porque, se o não fizer, morro abafado.

Já tenho novas notícias da carta ao Góes Monteiro, e do interesse com que é procurado, em todos os círculos. Da Bahia, onde todos receberam, pedem-me novas remessas.

A desaprovação, por certos elementos, do que fez aí o Oswaldo Aranha; o desapontamento deste, que fala em deixar a pasta, causa em que ele mesmo não crê muito, etc., são fatos indiscutíveis. Fala-se na ida aí do Góes Monteiro. Como diplomacia é perfeito...

Artigo

refere-se provavelmente ao artigo, “UMA GRANDE HORA PARA O MUNDO: aspectos e perspectivas da situação internacional”, publicado no Diário de Notícias, em 14 de maio de 1939.

Quando esta aí chegar, já D. Raquel deve ter viajado para o Brasil. Ou não?

Muitas lembranças a todos, com as saudades do

Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CF 17/2801

PARIS, 27 DE MAIO DE 1939

Maria Helena:

Recebemos, aqui há tempos, uma carta sua meio maluca, pois trazia, em vários pedaços, datas diversas, e nem sequer muito próximas, uma das outras.

Compreende-se...

Já tomou pé na “importância” de quase... mãe de família? A casa tem estado em ordem? Há café, pela manhã, almoço, jantar, etc.?

Não me causa surpresa o que me diz, sobre aí só se tratar de PC e PRP. É uma triste realidade, que tanto mais deploro, quanto é muito vivo, dentro em mim, o sentimento paulista. Não houvesse São Paulo colocado, acima de tudo, já em 1930, já em 1937, as suas lutas e competições locais, e o Brasil não teria caído na situação em que se encontra. Longe de arrepende-me, felicito-me por ter contribuído, à custa de não poucos sacrifícios, para dar à Bahia, a verdadeira Bahia, um outro espírito – o da preocupação nacional, que, sobretudo nas fases como a que atravessa o país, deve ser preponderante. Não fora isto, e muito fácil nos teria sido recolher, transigindo com o Getúlio, a herança do Juraci.

Só o ambiente regionalista pode explicar que um moço, e moço inteligente, como o a quem você se refere, dê apoio ao “estado novo”, desatento aos infortúnios e à degradação de sua pátria, que aos moços, mais do que aos velhos, incumbe defender e preservar. Hei-de remeter-lhe alguma coisa, que você lhe dê a ler...

Agora mesmo, escrevi, para o Diário de Notícias, do Rio, e A Tarde, da Bahia, um artigo de impressões sobre a situação europeia. Pois só permitiram que fosse publicado, sob uma condição: a de ser omitido o nome do autor. Não sei afinal, até hoje, se, assim mesmo, publicaram. Eis o que é, no Brasil, o “estado novo”, ou antes, eis ao que o “estado novo” tem reduzido o Brasil.

Maria Helena

Maria Helena Pinho Gama,
filha de Euvaldo Pinho.

PC:

Partido Comunista.

PRP:

Partido Republicano Paulista, fundado em 3 de julho de 1873. Foi extinto por decreto de dezembro de 1937 junto com os demais partidos do país, logo após a decretação do Estado Novo.

Juraci

Juraci Montenegro
Magalhães, militar e político.

Diário de Notícias:

Jornal carioca, diário e matutino, fundado em 12 de junho de 1930 por Orlando Ribeiro Dantas.

A Tarde:

Jornal vespertino fundado por Ernesto Simões Filho, em Salvador, no dia 15 de outubro de 1912. Foi contrário ao golpe de Estado Novo. Para burlar a censura publicou artigos de Otávio Mangabeira utilizando o pseudônimo “Peregrino Audaz”.

Artigo:

Sugiro exclusão! Fato explicado na carta de nº 1888, de 23.05.1939.

amigo da “insolação”
refere-se a Euvaldo Pinho em razão de ter enviado carta manuscrita, conforme carta de n° 2548, onde Otávio diz para Euvaldo ter recebido sua carta escrita a lápis, “um pouco mais preto que os anteriores”.

Maria
refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

Ival
refere-se a Ival Távora Gama, médico, casado com Maria Helena Pinho Gama.

Quanto às nossas notícias particulares, acredito que da Bahia lhes transmitam. A correspondência, para lá, tem-se mantido frequente, posso dizer semanal. Há apenas a notar que o nosso amigo da “insolação”, à falta de datilógrafa (a outra, ao que parece, deu prego, ou o tempo é pouco para etc, etc, etc.) teve que cair no lápis, o que aumenta o trabalho aos leitores. Isso de escrever à maquina, mesmo que seja com um dedo, não é para todos.

Vamos passando, os três, sem novidade, como Deus quer e é servido, sem grande medo da guerra, na qual, se pudesse, entraria. Aliás, nestas últimas semanas, a atmosfera se acalmou um pouco; porque, à medida que as democracias se armam, os ditadores se vão humanizando. É... humano. Estive uns dias muito angustiado com uma operação que Maria teve de sofrer. Felizmente, a rajada passou. Mas, dado o caráter do caso, continuo apreensivo.

Até meados de julho, ficaremos em Paris. Por aquele tempo, que aqui é o rigor do verão, iremos aos veraneios, como toda a gente que se preza. Não será também impossível que, lá para as tantas, mudemos de acampamento, ou, quem sabe, até de continente. Judeus errantes, é possível que ainda, um dia, acabemos na Palestina.

Brincando, brincando, tenho-lhe escrito uma carta. Vê que não sou ingrato. É preciso, porém, deixar espaço às outras duas colaboradoras. O telegrama de vocês, da Bahia, pelo Natal, nós o recebemos.

Deus lhe abençoe. Juízo. Muito juízo. Um abraço para o Ival, outro para você, de

Mangabeira

TRECHO MANUSCRITO:

Maria Helena e Ival. Até hoje, não sei se receberam uma longa carta que lhes mandei pelo correio, assim como algumas revistas de modas. Sei que se tem queixado de que não lembro dos desgarrados de Vera Cruz, mas parece-me que estamos quites em matéria de cartas. 1 a 1; o que me lembrou que jogamos o campeo-

nato que teve lugar no 70 da rua Joaquim Nabuco. Por aqui vamos ainda como Deus quer: tremendo pernas, lendo, escrevendo e vendo. Lá me ia esquecendo de dar espaço a mamãe! Apertadíssimos abraços!

[Édila Mangabeira]

Cara Maria Helena: são ou não egoístas os dois que me precederam? Me consola a ideia de que os últimos são os primeiros... Temos sempre suas notícias nas cartas vindas da Bahia – que Deus lhe acompanhe sempre e lhe dê toda a felicidade de que é merecedora. Recebeu suas revistas que daqui lhe mandei? Se esta vida fosse de rosas lhe mandaria um pedacinho de Paris. Abraços para você e Ival.

Ester

NOVA IORQUE, 29 DE MAIO DE 1939

Lúcio Esteves

militar e político. Foi promovido a general-de-divisão em maio de 1939.

Milton de Almeida

Milton de Freitas Almeida, militar, foi promovido em maio de 1939 a general-de-brigada.

32

Refere-se a “Revolução Constitucionalista” que eclodiu em São Paulo, em 1932.

Mena Barreto

Sebastião Dalirio Menna Barreto

Ministro da guerra

Eurico Gaspar Dutra (1936-1945).

adesão de Plínio Salgado

É provável que esteja se referindo ao “Manifesto de maio”, lançado por Plínio Salgado, em 1939, no qual recomendou aos integralistas que não participassem de manifestações subversivas em respeito à ordem.

Cordeiro de Faria

Oswaldo Cordeiro de Farias, militar. Por ocasião do golpe do Estado Novo foi promovido a coronel. Em março de 1938, foi nomeado interventor do Rio Grande do Sul, em substituição a Daltro Filho.

Interventores de Minas e S. Paulo

Benedito Valadares e Ademar de Barros, respectivamente.

Meu caro amigo,

As notícias da sua carta e, sobretudo, as que estão implicitamente contidas no bilhete do Maciel não afinam com as que venho recebendo, por diversas vias. O Maciel, pessimista, põe as suas esperanças em nossa ação no exterior, isto é, nos Estados Unidos. Os nossos amigos de São Paulo, ao contrário, estão certos de que estamos no começo do fim e que, desta vez o Getúlio dificilmente conseguiria colar de novo os cacos a que se reduziu a sua autoridade. A luta entre ele e o Dutra é aberta e está em todas as bocas. Não há dia em que aquele não engula um novo sapo, de tamanho cada vez maior. Ainda agora as promoções de Lúcio Esteves a general da Divisão e do coronel Milton de Almeida - nosso companheiro em 32, meu amigo e amigo do Dutra – o general, assim como a nomeação do Mena Barreto para comandante do batalhão de Pirassununga, em São Paulo, são atos que o Getúlio deve ter assinado a contragosto e certamente porque não havia outro remédio.

O ministro da Guerra, segundo parece, longe de perder, ganha terreno dia a dia. A melhor indicação de que é esse o quadro real está nos esforços de que o Getúlio emprega para aliciar forças que possam contrabalançar e, depois, vencer o Exército. Essas forças seriam principalmente as polícias estaduais de Minas, S. Paulo e Rio Grande e os integralistas, de novo alvoroçados com a adesão de Plínio Salgado. Estes seriam convenientemente armados e aquelas bastante aumentadas e melhor aparelhadas. O Cordeiro de Faria, porém, se teria recusado a entrar no jogo estando, ao contrário, ao lado dos seus companheiros do Exército. Os interventores de Minas e S. Paulo entram no jogo de corpo e alma e o último, quando voltou há pouco do Rio, só falava em união dos brasileiros para impedir a ditadura militar. O apoio desse homem nada adiantará ao Getúlio. A sua desmoralização em S. Paulo é completa e não creio que ele arraste a Força Pública para uma eventual luta contra o Exército: os oficiais da Força que não têm medo de brigar

são inimigos inconciliáveis do Getúlio, e os outros jamais se meteriam numa aventura que seria apenas de riscos. Não há dúvida, entretanto, que os integralistas de S. Paulo têm recebido armas do Ademar.

A minha carta ao Góes chegou no momento oportuno. A sua repercussão foi muito maior do que eu podia imaginar, principalmente na classe a que se destinava. O comandante de um batalhão, no Rio, reuniu os oficiais e leu-lhes a carta. O Osvaldo, que passou algumas semanas em Poços de Caldas, tirou um exemplar dela do bolso, à hora do almoço no meio de uma grande roda, e leu-a em voz alta. O Eduardo, por seu lado, mandou-me dizer que achava a carta “felicíssima e oportuníssima”. A pedido dos nossos amigos do Exército, a carta foi reproduzida no Brasil e está sendo distribuída com largueza entre os oficiais. A despeito de tantas informações lisonjeiras, e ainda não disse que Getúlio ficou furioso quando teve conhecimento do escrito, qual será o efeito dele naquilo que é a única coisa interessante para nós - a ação? Terá de fato alguma influência, suscitando a revolta nos espíritos mais honestos e estimulando para a ação o passo dos mais vagarosos? É o que o futuro dirá. Em todo o caso, o fato de ainda estar o homem no poder, quando todos estão convencidos de que precisa sair e quando bastaria o simples gesto de um general para que a saída se desse no meio de uma calma geral, justifica o pessimismo daqueles que, como o Maciel, já não acreditam numa reação interna.

Uma grande lição se pode tirar do presente estado de coisas no Brasil. A permanência do Getúlio no poder, sem apoio efetivo de ninguém, constitui a mais convincente prova de que ninguém, no Exército, deseja a ditadura militar como forma de governo. Nós estamos, por isso, com razão, quando preconizamos a necessidade e a conveniência de entregar a restauração democrática do Brasil ao Exército. A verdade é que se o Getúlio está há nove anos no governo é porque não é um militar.

O Eduardo recebeu a carta de que o senhor teve conhecimento aí e desfez-se mais uma vez em afirmações de completa solidariedade com a nossa causa. Parece, por outro lado, que não está inativo. O amigo, que serve de intermediário entre eu e ele,

Ademar

Ademar Pereira de Barros,
médico e político

Góes

Pedro Aurélio de Góes
Monteiro, militar. Nesse
período, era chefe do Estado
Maior do Exército Brasileiro.

Osvaldo

Osvaldo Euclides de Sousa
Aranha, político e diplomata.
Nesse período, era Ministro
das Relações Exteriores.

Eduardo

Eduardo Gomes, militar.

Artigo
“UMA GRANDE HORA
PARA O MUNDO: aspectos
e perspectivas da situação
internacional”, publicado no
Diário de Notícias em 14 de
maio de 1939.

Raquel
refere-se a Raquel de
Mesquita, esposa de
Armando de Sales.

Armando Sales
Armando de Sales Oliveira.
Nesse período, estava exilado
em Nova York.

mandou-me dizer que ele está muito mais expansivo a respeito da situação e muito mais confiante no desfecho do movimento militar.

Gostei muito de seu artigo e vejo porque a censura não o deixaria passar. Se passar, como penso, seria muito útil que o senhor mandasse outros no mesmo gênero. As sementes não se perderão.

Raquel partiu no dia 19 deixando-me, como é natural, meio desarvorado. Tenho agora, porém, a perspectiva de alguns trabalhos sérios, que exigirão todas as minhas horas. Por isso não custará a passar o tempo da separação, se esta não se interromper antes com uma boa notícia do Brasil.

A respeito desses trabalhos e do ambiente que encontramos nos Estados Unidos escrevo-lhe outra carta. Basta que lhe diga por ora, em resumo, que a minha impressão é esta: acolhimento cordialíssimo, evidentes simpatias pela nossa causa, mas ao mesmo tempo o conselho amistoso de “avançarmos devagar”.

Muitas saudades a D. Ester, a D. Édila e aos outros exilados. Receba um grande e afetuoso abraço do seu sincero amigo.

Armando Sales

IMPRIMERIE
TOUTES LES
LANGUES
POLYGLOTE
EUROPÉENNES
& ORIENTALES
VUIBERT
PROV.
30-51

Paris (x), le 31 MAI 1939
 6, rue Martel

M Monsieur MANGABEIRA 179, rue de la Pompe PARIS.-

DOIT

N. RÉF.	QUANTITÉ	DÉSIGNATION	
	9442		
		Tract en Portugais - 4 pages 28 x 38 cm, Composition, corrections d'auteur et ajoutés.	
		Tirage à 3.000 exemplaires.	
		Composition de deux adresses et tirage de 50 enveloppes.....	2.690.--
			26.90
		Taxe d'Armement 1%	
			2.716.90

Taxe perçue pour le Trésor



Spécia & responsabilité limitée
 au capital de 200.000 francs
 Reg. du Com. Seine 292.675 B
 Prénoms: 28.633 Seine et A
 CHEQUES POST. : 1241-80



Comprovante de pagamento referente a reprodução de 3 mil cópias de texto com quatro páginas em português

PARIS, 03 DE JUNHO DE 1939

Euvaldo,

Recebi a sua carta de 28, escrita a lápis, um pouco mais preto do que os anteriores. Ciente do que me diz, quanto ao artigo. Dá tanto trabalho, que não vale a pena. Hei de ter, porém, como escrever, quando julgar necessário. Recebi carta do A. Sales, dando-me o orçamento, para nós, nos Estados Unidos. A vida, de qualquer modo, é sensivelmente mais cara. Haveria a hipótese de ir para lá e, se não aguentar o repuxo, transferir-me para outro país, de preços mais toleráveis. Quanto ao que lhe disse o Cantídio, nada de novo. Não se trata do Cantídio, seu “colega”, mas do outro. Você fala em “Miguel Alves”, quando suponho tratar-se de Henrique Alves; e dando o endereço de Maria Helena, escreve “Santa Cruz”. Estava eu bem servido, se tivesse seguido a sua indicação. Enderecei para “Cidade de Vera Cruz”. Não pus isso, isto é, não coloquei as letras C. P. Estou certo, não obstante, de que ela terá recebido. Vou quarta-feira à Suíça, sozinho, e por uns dias. As cartas, que chegarem, são mandadas para lá. É a algumas horas daqui, e há vários trens diários. Muitos abraços, para todos, de

Otávio Mangabeira

A. Sales

Armando de Sales Oliveira.
Nesse período estava exilado
nos Estados Unidos.

“colega”

refere-se a Cantídio Souza,
advogado, foi escrivão da
3ª Vara Crime de Salvador;
um dos fundadores (vice-
presidente) da ANL.

Henrique Alves

Henrique Alves dos Reis,
foi prefeito de Itabuna,
importante produtor de
cacau no sul da Bahia.

Maria Helena

Maria Helena Pinho Gama,
filha de Euvaldo de Pinho.

BR BACMB OM TXT CP 58.2/1380

RIO DE JANEIRO, 5 DE JUNHO DE 1939

Otávio.

Como você, tenho escrito pouco. Não será porque o esqueça. Esta inapetência epistolar vem do desalento em que vivo. Acresce não haver nada até então de concreto a contar. Por Edite, tenho todas as semanas as suas notícias, que são boas, tanto quanto possível, como desejo de coração.

Até há bem poucos dias, nem boatos mais havia. Era total a tranquilidade da senzala. Nestes últimos oito dias “há algo”, como dizem os portugueses.

Realmente, imprevista e inexplicavelmente apareceu em toda a imprensa um manifesto de Plínio Salgado, jurando fidelidade à ordem de coisas estabelecidas por amor à Pátria. Era o que aconselhava aos seus partidários.

A universalidade da divulgação que teve, mais o destaque, não deixava dúvidas da parceria do governo. Poucos dias depois, Plínio desce de avião aqui, com destino à fortaleza de S. João, onde, até agora, continua.

Sei de ciência certa que as coisas teriam se passado deste modo: o general Valentim Benício, ou Benício Valentim, dirigira uma carta ao ministro da Guerra vazando a sua indignação em face da ostentação de prestígio de Plínio, cujos ares de mentor, ainda, da opinião representaria um desafio ao Exército, cujos chefes em meio do ano passado, haviam sido agredidos em sua própria casa por bandos de sectários de Plínio. Muitas das suas famílias padeciam ainda consequências do traumatismo nervoso, como a mulher dele, Benício, e Plínio pode assumir livremente a atitude de chefe da opinião brasileira. Tal era o desgosto e revolta do misivista, que a continuar as coisas como vão, seria melhor despir a farda do “glorioso exército”.

manifesto de Plínio Salgado

“Manifesto de maio”, dirigido aos integralistas em maio de 1939, no qual o seu chefe, Plínio Salgado apela à “unidade nacional” e pelo respeito às autoridades. O manifesto foi distribuído à imprensa pela Agência Nacional e publicado nos grandes jornais no dia seguinte ao lançamento.

Fortaleza de S. João

O conjunto das correspondências e os vários estudos historiográficos do tema referem-se à prisão de Plínio Salgado na fortaleza de Santa Cruz, apesar desta menção à fortaleza de São João, o que se repete em outra carta de Armando Sales a Otávio Mangabeira.

Valentim Benício ou Benício Valentim

Valentim Benício da Silva, militar. Foi chefe de gabinete do ministro da guerra, general Eurico Gaspar Dutra e secretário-geral do Ministério de Guerra.

Benício

Valentim Benício teve a residência atacada durante o “levante integralista” de maio de 1938. Foi casado com Zilpa Viana da Silva.

Chefe da Casa Militar

refere-se ao general-de-brigada José Francisco Pinto (dez/1938 a set/1942)

Guanabara

refere-se ao Palácio Guanabara, utilizado por Getúlio Vargas como residência oficial, durante o Estado Novo (1937-1945).

Marques dos Reis

João Marques dos Reis, professor da Faculdade de Direito da Bahia, juiz substituto do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA), durante a interventoria de Juracy Magalhães.

Juarez

refere-se a Juarez Távora.

Eduardo

Eduardo Gomes, militar.

Cafajeste da Bahia

refere-se a Juraci Magalhães.

João

refere-se a João Mangabeira, irmão de Otávio Mangabeira.

O ministro imediatamente mandou levar a carta ao Getúlio, por intermédio do chefe da Casa Militar, que obtemperou ser a mesma quiçá descortês, ao que o ministro renovou a ordem de entrega, ajuntando a declaração de exprimir aquela também o seu modo de ver.

Os jornais, cada dia mais amordaçados, fizeram o que puderam para insinuar ao público a seriedade da crise. Mais ou menos, quase todos noticiaram “que há muito não tinha o Quartel General um dia tão movimentado”. Conferências no Quartel, conferências no Guanabara; Osvaldo indiscretamente a dizer à sua roda que a situação era mais “delicada do que nunca”; Marques dos Reis (vulgo Márquez dos réis) a prevenir a C. Pinto que andava correndo o risco de levar um ponta pé naquela parpae... Nos últimos dias, amortecimento do boato.

Tem aí você um breve esforço (como se diz na Academia) do presente do estado novo. (Para suavizar esse cheiro de lixo: o carioca diz que, enquanto o Brasil está em estado novo, o Rio de Janeiro está em “estado noivo”).

Minha desautorizada opinião: há sinais bem pronunciados de que começa a supurar na tropa como um estado d’alma a ambição de apossar-se da fazenda. Porém, como esta gente é capaz de todas as monstruosidades, saiba também, como coisa certa, que forte corrente desse mesmo Exército quer a modificação das coisas... com a conservação de Getúlio! Trata-se apenas de enxotar a canalha civil que não tem permitido a Getúlio realizar o saneamento moral do país. O pensamento é completar a lotação do ministério só com militares, e, do Amazonas ao Chuí, entregar tudo à tropa!

Há uma outra conspiração, que me dizem ser articulada por Juarez, o indefectível Eduardo e o cafajeste da Bahia. João, que tem estado comigo, diz-me estar a mesma ainda atrasada.

Não tenho esperanças senão remotas. Procuraria, porém meios e modo de dar-lhe aviso imediato, se houvesse coisa substancial.

Imagino que, entre todos os encantos dessa cidade única, terá você um lastro bem espesso de melancolia. Não fosse o terrível câmbio (libra a mais de 100\$0) eu iria até aí fazer-lhe um pouco

de companhia. Muitos amigos, diariamente, procuram suas notícias. Na Bahia, as coisas estão como você deixou, e os companheiros, fiéis.

Todas as vezes que tiver portador certo, mande umas linhas, como lhe faço agora, aproveitando veículo seguro para este relatório.

Estou sempre com Edite, que me põe a par de sua vida. Não é preciso repetir que em tudo você deve dispor do pouco que valho, com a confiança de uma estima que, vindo da mocidade na velhice se transforma em amizade verdadeira. As nossas vicissitudes são comuns. Você aí não sofre mais do que eu aqui, testemunha impotente de toda esta miséria.

Pedi ao Nilo Pedreira que, antes de partir, lhe procurasse para avisar ter à sua disposição no escritório dele, quaisquer recursos de que você careça. Não é simples oferecimento pro forma.

Nossas lembranças a D. Ester e Édila.

Saudades e abraços do

Simões

Nilo Pedreira

Nilo Machado Pedreira, comerciante em Paris. Portador das cartas enviadas ao Brasil e recebidas por Otávio Mangabeira no exílio à época.

Simões

refere-se a Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, advogado, jornalista e político. Proprietário do A Tarde

GENEBRA, 17 DE JUNHO DE 1939

Euvaldo,

Escrevo-lhe de Genebra, onde estou, faz hoje oito dias, e de onde, amanhã, domingo, regressarei a Paris. Passei aqui uns dias agradáveis, no meio de bons amigos, como são, para mim, por via de regra, a ponto de que eu mesmo me admiro, os diplomatas e cónsules.

Recebi o recorte do artigo. A revisão está perfeita. Saiu apenas um erro, reproduzido, pelo que vi depois, do Diário de Notícias, do Rio. Onde escrevi, referindo-me ao programa de Hitler – “Mas seria um despropósito que lhe não fizessem restrições”, etc. – publicaram – “Mas seria um despropósito que lhe fizessem restrições”, etc. Isto é: suprimiram o “não”. Todavia, quem lê, percebe logo, pois, sem o não, fica absurdo o conceito, dadas as expressões antecedentes. O artigo será transcrito, com a minha assinatura, em La Prensa, de Bueno Aires.

Recebi depois, aqui, a sua carta, que me foi remetida de Paris, datada de 10. Li as certidões que a acompanharam. Teria a notar o seguinte, na da Escola Politécnica: durante as férias parlamentares, eu não reassumia para não prejudicar, em vencimentos, o professor que me substituíra, dando aulas durante o ano. Mas sempre, lá para o fim das férias, ali por Março ou Abril, entrava um pouco em exercício, comparecendo nas reuniões de congregação, etc. Isto deverá representar, no curso de tantos anos, mais de um ano a ser computado, e que não consta de todo da respectiva certidão. Não sei, porém, se valerá a pena insistir sobre o assunto. Quanto a certidões no Rio, não há de faltar quem as tire: Fiel, José Rabelo, Nelson Carneiro, etc., não falando em Nestor Massena, para o que for dependente de tribunal de contas.

Enfim, vá tocando este barco, pois, vai agora completar-se um ano que fui aposentado.

Genebra, apesar de tudo, é ainda um grande ponto, quem sabe

artigo:

“UMA GRANDE HORA PARA O MUNDO: aspectos e perspectivas da situação internacional”, publicado no Diário de Notícias, em 14 de maio de 1939.

Diário de Notícias:

Em 1939, chegou a ocupar o primeiro lugar em circulação entre os jornais matutinos.

com a minha assinatura

Quando da publicação no Diário de Notícias, não foi permitido sair a assinatura de Otávio Mangabeira.

Escola Politécnica

Em 1906, Otávio Mangabeira foi nomeado professor da Escola Politécnica da Bahia, lecionando até 1938, quando foi aposentado, de acordo com o art. 177 da Constituição de 1937.

Fiel

Refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, político, filho de Paulo Martins Fontes, político e juiz federal.

José Rabelo

advogado e jornalista.

Nelson Carneiro:

advogado, jornalista e político. Nestor Massena: advogado, jornalista. Entre 1939 e 1942, integrou o conselho federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

até se o melhor, de observação internacional. A impressão, em geral, nos espíritos, não é otimista. Não se vê bem como sair, sem guerra da situação que se criou: e o mês de Julho a Agosto, é considerado perigoso. Tudo são, porém, conjecturas.

Em Julho, lá por meados, pretendendo deixar Paris, indo a alguma estação, possivelmente – Vichy. Depois, resolverei. Parece que o de que se trata de S. Paulo, é oferecimento de passagens. Há alguma coisa nesse sentido.

Tem tido notícias de Maria Helena? Teria ela recebido minha carta?

Abraços e saudades, para todos, de

Otávio Mangabeira

Maria Helena

filha de Georgina Diniz e
Euvaldo Soares de Pinho.

PARIS, 22 DE JUNHO DE 1939

Sr. Presidente da Academia Brasileira de Letras:

Lendo, no Jornal do Comércio, de 27 de maio último, o registro do que se passou na sessão Academia, 25 do referido mês, fiquei ciente de que a diretoria, cumprindo, aliás, um voto do plenário, foi agradecer pessoalmente ao Sr. Getúlio Vargas a dádiva, que este fizera à biblioteca da casa, de um exemplar do livro intitulado “A Nova Política do Brasil”.

Seria evidentemente impertinência, senão desprimor de minha parte, que, diante do simples ato de polidez com que a Academia retribuiu, como era do seu dever, uma distinção que recebeu, procurasse forçar a oportunidade para quaisquer comentários, a que porventura se preste, e sob vários aspectos, inclusive a sua auctoria, o livro de que se trata. Acresce que, em tal hipótese, dada a amplitude do assunto, me arriscaria a abusar da bondade de vossa excelência, pois o livro da plataforma da “Aliança Liberal” vem ter, por vias diversas e com diversos estilos, através de dois quadriênios, nada menos que a “constituição” do chamado “estado novo”, qual se, abalando do pólo sul, acabasse no pólo norte, descrevendo uma trajetória de tantos modos extraordinária, que hoje, sem dúvida, seria preso quem ousasse pregar o que se prega na primeira parte da obra. Teve ela, por sinal, o privilégio de ser vendida a funcionários públicos – assim se fez, pelo menos, no Estado da Bahia, onde me encontrava no momento – mediante desconto em folha...

Mas ocorre, sr. presidente, que, na dita sessão de Academia, considerada, à margem do episódio, a promessa, que fez na ocasião o chefe do governo, de dar o apoio governamental a um plano de assistência a homens de letras, não se conteve o nobre autor do plano que não manifestasse em termos amplos o seu reconhecimento, concluindo com estas palavras: “Enquanto as autocracias procuram suprimir

**Presidente da
Academia Brasileira
de Letras**

refere-se a Cláudio Justiniano de Souza, médico e escritor.

Jornal do Comércio

fundado em 1827, por Pierre François René Plancher, no Rio de Janeiro. Durante o Estado Novo foi censurado pelo Governo.

**A Nova Política do
Brasil**

consiste em onze volumes com discursos e mensagens de Vargas, publicados entre 1938 e 1947.

Aliança Liberal

coligação oposicionista de caráter nacional, formada em agosto de 1929 por políticos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, visando apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa nas eleições à presidência de 1º de Março de 1930.

Constituição

elaborada por Francisco Campos, que entrou em vigor logo após o golpe de novembro de 1937.

o pensamento, o presidente Vargas lhe dá assistência e amparo, num belo exemplo de respeito aos escritores”. Já anteriormente o secretário geral, no exercício da presidência, havia feito, amavelmente, alusão ao “apreço votado”, pelo chefe do governo “à casa de Machado de Assis e aos trabalhadores da cultura indígena”.

Longe de mim a intenção de faltar ao respeito que devo ao modo de pensar ou de sentir, seria de quem for, e muito menos de qualquer dos membros de uma corporação tão ilustre como a Academia Brasileira. Ouça-me, porém, vossa excelência.

Uma das fontes onde, por via de regra, vão procurar os historiadores elementos com que escrever a história de uma época, são os documentos idôneos, do tempo, da fase que se reconstrói, para juízo da posteridade. Já que, nos arquivos acadêmicos, figuram expressões como aquelas, quereria, sr. presidente – não sei se será demasiada ambição – por amor da verdade histórica, pudessem figurar, ao lado delas, estas, de menor autoridade, em que lavro aqui meu testemunho.

Justo, precisamente no momento em que, na Academia Brasileira, se fizeram ouvir tais expressões, a imprensa, em todo o Brasil, vive – e já há muito que assim vive, a ponto de parecer que é a sua vida normal – em regime de censura. De rigorosa censura. Mais ainda. É obrigada, por um suposto dispositivo legal, a publicar o que o governo lhe envia, para que seja inserido em suas colunas, coisas que nunca, jamais, em tempo algum, no Brasil, se ousara por em prática.

Livro algum pode ser publicado, se incorrer, de qualquer modo, na reprovação do governo. Sob a situação Getúlio Vargas, já livros houve queimados por determinação da autoridade; e consta de documento oficial, como justificativa da prisão de cidadãos brasileiros, na capital da República, isto é, na própria sede do governo – são palavras textuais – a das “ideias professadas” pelos referidos cidadãos. Quer dizer: prisão, não por ter cometido algum crime, nas leis penais, mas pelo “crime” de professar ou adotar determinadas ideias.

O Sr. Gustavo Barroso, escritor dos mais reputados, e membro da Academia, poderia referir, se não ficasse exposto, em consequência, a novas vicissitudes, as provações por que passou na prisão,

Gustavo Barroso
advogado e jornalista. Foi
membro da Ação Integralista
Brasileira (AIB).

**“Uma grande
hora para o
mundo – Aspectos
e perspectivas
da situação
internacional”**

publicado no jornal Diário
de Notícias, em 14 de maio
de 1939.

onde, seja dito, houve escritor, e escritor de boa nota, que teve raspada a cabeça.

Agora mesmo, há pouco mais de um mês, do estrangeiro onde me acho, escrevi para o Brasil, uma página de impressões, subordinada ao título – “Uma grande hora para o mundo – Aspectos e perspectivas da situação internacional”. Pois só pode ser publicada sob uma condição: a de ser omitido o nome do autor. Junto encontrará vossa excelência um exemplar de jornal, não de alguma cidade da roça, mas do Rio de Janeiro, com o artigo a que me refiro, sem a minha assinatura. Não sei de autocracia que descesse a uma violência tão ridícula.

Oponho às palavras os fatos. Nunca, jamais, em tempo algum no Brasil, se teve em tamanho desprezo, ou tão ostensivamente se afrontou, calcando tanto, e tão vilmente, aos pés a liberdade de opinião e, pois, a de pensamento.

Para tecer ditirambos à tirania reinante, há plena liberdade. Estes sim, podem ser publicados. Quanto mais, tanto melhor. Verdades, porém como as que estou a dizer, no uso do meu direito, ninguém as publicará. O simples fato de trazer no bolso um datilografado, que as contenha, leva o indivíduo à cadeia. Nem é por outro motivo senão porque não deserto ao meu dever de estigmatizar a traição de que está sendo vítima o Brasil, que vivi, também eu, pelas prisões, e delas para o exílio, sem que nunca me visse envolvido em inquéritos ou processos de nenhuma natureza, nem jamais autoridade me houvesse dirigido uma pergunta.

Assistência a escritores desamparados e respeito ao pensamento são duas coisas perfeitamente distintas; nada tem a ver uma com a outra: e é muito da índole das tiranias, principalmente, das tiranias viscosas, untar, sempre que podem, com pomadas, de alguma forma analgésica, que só enganam, contudo, aos que se querem enganar, a pele das suas vítimas.

Não sei, senhor presidente, se terá vossa excelência a liberdade que precisa para fazer ler no expediente de uma das sessões da Academia, como seria de obrigação rigorosa, o presente documento, que lhe dirige, não em caráter privado, alguém que se reconhe-

ce, legalmente, o menor dos seus confrades. Tampouco desejaria contribuir para que vossa excelência viesse acaso sofrer maiores constrangimentos. Basta-me pois que, registrado em ata – no caso que ainda assim não seja perigoso – faça guardar nos arquivos este meu depoimento, destinado, especialmente, como disse, aos que tiverem de fixar amanhã, de modo definitivo, os traços destes, período indiscutivelmente vergonhoso da história do Brasil. Todavia, já que a autocracia se permite proibir que venha à lume tudo o que não é do seu agrado, cumprirei ainda um dever cívico, dando, em tempo, a estas breves palavras, pelos meios de sua dispuser, a divulgação que for possível.

Aceite vossa excelência, e me faça o favor de transmitir aos membros da Academia, sem exceção de nenhum, com os votos da minha estima pessoal, as homenagens do meu grande apreço.

Otávio Mangabeira

BR BACMB OM TXT CP 21/426

MONTEVIDÉU, 23 DE JUNHO DE 1939

Prezado amigo Otávio Mangabeira.

Abraço-te com muita saudade e afeto. Hoje, com intensa alegria, recebi a sua carta, datada de Paris, a cinco deste mês. É a segunda que de ti recebo, depois da minha emigração. Não te respondi a primeira, porque vai para mais de um ano que ando adoentado, de tanta gravidade que já fui operado várias vezes e, nestes breves dias, terei de sofrer mais uma intervenção cirúrgica. Tenho esperança de que seja a última. O cirurgião, que me fez a ablação da próstata (em dois tempos), errou e deixou a bexiga aderida ao púbis. Torna-se, por isso necessária uma nova operação, menos grave, verdade é, porém, sempre melindrosa, visto ser indispensável a laparotomia para a sutura da bexiga. Só no meu péssimo estado de saúde é que se deve encontrar explicação para a quase inatividade em que, durante mais de um ano, tenho vivido.

As cartas que dirigiste ao opaco general Dutra, foram, por mim, em grande escala, distribuídas, tanto no Brasil como aqui. Além disso, o nosso jovem companheiro Dr. Heron Canabarro, que também se acha aqui internado, fê-las insertas na democracia, hebdomadário liberal, e impresso em português, que se publicava em Rivera, neste país, e que, vencendo inúmeras dificuldades, conseguimos fazer entrar no Brasil, inclusive no Rio e em São Paulo, onde, como deves saber, a censura postal e o rigor da vigilância policial impedem a divulgação de tudo quanto é infenso e desagradável ao tirano e ao chamado Estado Novo. A impressão que causaram as tuas cartas não podia ser melhor: na fronteira, durante os dias que ali passei, todos as comentavam com merecidos elogios a ti e tinham ainda palavras de admiração para a tua atitude altiva e desassombrada.

As últimas notícias que aqui chegaram da nossa infortunada terra mostram até que ponto extremo de degradação a querem levar os detentores do poder discricionário. Nunca viveu o Brasil

Hebdomadário liberal

Trata-se do jornal A Democracia, dirigido por Heron Canabarro e Tales Garcia, impresso em Rivera e circulava pelo Uruguai e pelo Brasil. Durante o Estado Novo fez oposição ao governo dentro e fora do Brasil.

hora mais nefasta e trevosa. Parece que, com engodos maquiavélicos e o clássico despistamento, conseguiram do Plínio Salgado a publicação de um manifesto de apoio ou acatamento à situação. Mas, não haviam decorrido duas semanas da vulgarização, pela imprensa oficial e oficiosa, do documento do chefe integralista, e já era ele preso, em São Paulo, e, depois, recolhido à Fortaleza de Santa Cruz. Hoje, pela rádio, ficamos sabendo que o mandaram para a Europa. Quero crer que o Plínio agira de boa fé e na melhor das intenções: salvar, pela promessa de anistia, aos companheiros que estão morrendo, uns, apodrecendo, outros, em Fernando Noronha e nos presídios e calabouços do Rio.

Do Rio nos dizem que o Getúlio estava propenso a dar a anistia, porém, que o Dutra e os militares vetaram a medida de clemência. Tenho para mim que o Getúlio já não manda nada e já não pode mais soffrear os militares. Está corrente a notícia de que o Ademar de Barros foi substituído, na interventoria paulista, pelo Tte. Cel. Pompílio da Rocha Moreira. O espantoso embaixador do Brasil, aqui, é que divulgou, há dois dias, essa sensacional informação. Ainda não a vi confirmada, mas de qualquer modo, se verdadeira, deve ter causado estupor e indignação em São Paulo, pela grande humilhação a que, de novo o submetem.

Atribui-se a prisão do Plínio ao próprio Dutra, que teria ido a São Paulo com esse exclusivo propósito.

Da gente do meu Estado tenho recebido constantes provas de lealdade e de adesão. As deserções, que foram insignificantes, eram inevitáveis. Sempre foi assim em toda a parte! Os meus companheiros do Rio Grande do Sul estão alertados e prontos para a reação. Espero restabelecer-me completamente para poder agir e... montar a cavalo.

Aguardarei, com sincera alegria, as tuas notícias. Muitas felicidades e um grande abraço do amigo certo.

Flores Cunha.

Plínio Salgado

Chefe da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Manifesto

"Manifesto de maio" dirigido aos integralistas, em 1939.

Fortaleza de Santa Cruz

Local onde Plínio Salgado ficou preso até partir para o exílio em Portugal

Ademar de Barros

médico e político. Foi interventor de São Paulo (1938- 1941).

Flores Cunha

José Antônio Flores da Cunha, advogado e político. Exilou-se no Uruguai após rompimento com Getúlio Vargas.

SALVADOR, 24 DE JUNHO DE 1939

Otávio

Recebemos a carta de Genebra e ontem o impresso “Pela honra do Brasil”.

Decisivo, claro, calmo, enérgico e brilhantíssimo.

G. recebeu alguns pelo meio que você sabe.

No dia 17 chegou a ordem do Rio para Augusta, mas como ela não saía há mais de um mês, por estar com a pele muito ruim, fomos ao Banco buscar o cheque para ela assinar, e Maria poder receber.

No Banco os empregados são muito atenciosos conosco, facilitando-nos tudo que é possível.

Augusta deve seguir para o Cipó no princípio de julho. Achávamos que você não deve se preocupar com as despesas do tratamento de Maria. Não precisa nos dar maiores provas de generosidade e de carinho, pois o conhecemos bem no fundo da alma. Basta que lhe diga: Maria diz sempre ser você a pessoa mais perfeita que ela conhece. Você atribulado por todos os lados, não deve procurar mais esta preocupação, tendo a certeza de que João está em boas condições financeiras, e tem conosco toda generosidade e carinho, dizendo que “Maria não hesite diante de despesa alguma”.

À casa de saúde ele pagou \$2:100, manda sempre extraordinários. Dr. Maltez ainda não mandou a conta, Portela ainda está no tratamento, que será demorado.

Recebemos carta de João. Foi para Petrópolis no dia 17 só voltando a 26. Nesta carta diz estar ansioso por terminar uma questão de vulto, na qual ele receberá uma grande quantia, “mandando para você um bom presente, com o qual você possa sair da Europa.”.

Pela honra do Brasil”

refere-se ao impresso “Pela honra, pelos direitos, pela soberania do Brasil: Palavras aos brasileiros, ao completar-se ano e meio sobre o ‘golpe’ de 10 de novembro.”, de 10 de maio de 1939.

G.

refere-se a Getúlio Vargas.

Augusta

refere-se a Maria Augusta Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

João

refere-se a João Mangabeira, irmão de Otávio Mangabeira.

Maltez

refere-se a Aristides Pereira Maltez, médico e professor. Planejou a criação do “Instituto do Câncer”, que deu origem à “Liga Bahiana Contra o Câncer”, em 1936.

Em casa está tudo encrencado, parece um hospital. Ceci é um fantasma de fraqueza. Maria sempre forte de espírito. Na zona operada sente grande repuxamento e não pode levantar os braços acima dos ombros. Só pode sair de automóvel.

Ontem, véspera de São João, noites tão alegres do nosso passado... Este ano foram proibidos os balões pela secção de reflorestamento do M. da Agricultura, para não incendiar as florestas. Talentos!

Os jornais dão que, depois de uns dias na prisão Plínio S. embarcou com a família para Portugal.

Adeus. Abraços para Ester e Édila. Saudades muitas da irmã amiga.

Lavínia

Iôô e Pepe escrevem sempre pedindo notícias e vexados pela sua estadia aí.

Ceci

refere-se a Cecília Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

Plínio S.

Plínio Salgado, após ser preso na Fortaleza de Santa Cruz, embarcou para o exílio em Portugal, em 22 de junho de 1939.

Iôô e Pepe

referem-se a Carlos Mangabeira e Maria Augusta Mangabeira, irmãos de Otávio Mangabeira.

MONTEVIDÉU, 24 DE JUNHO DE 1939

Meu prezado e distinto amigo Dr. Otávio

Recebi com muita satisfação sua estimada carta, sem data, chegada ontem à noite, pelo “Massilia”. Hoje, já recebi os dois pacotes de 100 exemplares do seu magnífico e oportuno documento aos brasileiros, onde retratou com fidelidade, elevação e serenidade a triste situação por que atravessa o nosso infeliz Brasil.

Gostei imensamente e estou certo que vai ter funda repercussão em nossa terra, onde no momento reina uma grande confusão, além de profundo desgosto por aquele estado de coisas. Tanto pelas verdades ali contidas, que precisam ser ditas, como um ferro em brasa, como pela autoridade incontestável e acatada do seu nome honrado, chega num momento necessário, para despertar a consciência do povo brasileiro, que não pode desejar nem concordar que refere-se a continue esta situação desgraçada.

Por isto, apresso-me em levar-lhe o meu abraço de solidariedade, com a reafirmação de minha admiração e simpatia.

Junto com o nosso General, com quem estou diariamente, na mais perfeita identificação de propósitos em relação à nossa Pátria, vamos enviar por portador e pelo correio todo este material para a nossa terra.

Como já deve saber, o meu Chefe Plínio Salgado embarcou a 21 deste para a Europa, constando que para Portugal.

Não tenho certeza, mas parece que, sob promessa de ser dada a anistia, preocupado que se achava com a situação do nosso querido Belmiro e dos demais, ele lançou aquele manifesto, com o conhecimento prévio do Getúlio, segundo me informou a Rosalina, e no entanto, paradoxalmente, inexplicavelmente, mandaram prendê-lo, internando-o na Santa Cruz, por ordem do Dutra, que, informou à esposa do Chefe que, além da descoberta de uma cons-

Documento aos brasileiros

Refere-se ao impresso “Pela honra, pelos direitos, pela soberania do Brasil: Palavras aos brasileiros, ao completar-se ano e meio do ‘golpe’ de 10 de novembro.”, de 10 de maio de 1939.

Belmiro

refere-se a Belmiro de Lima Valverde, médico e integrante da AIB.

Aquele manifesto

Refere-se ao “Manifesto de maio” dirigido aos integralistas, em 1939.

Rosalina

refere-se a Rosalina Coelho Lisboa, poetisa, jornalista e ativista política. Participou do movimento integralista.

Esposa do Chefe

refere-se a Carmela Patti Salgado.

piração, em São Paulo, na qual se supunha ele estivesse colaborando, também havia a razão humanitária de garantir a sua vida, ameaçada pelos próprios integralistas. Não é preciso fazer comentário, diante de tanto cinismo... O manifesto teve uma grande vantagem: mostrar que o nosso pessoal está desperto e alerta, aguardando tão somente a varinha de condão, para agir...

Fiquei satisfeito com o embarque dele, porque estava com receio de uma “ursada”, ou, de um “suicídio” ...!!!

Tenho trabalhado muito, mantendo-me em constante contato com minha gente, que aguarda com impaciência a hora da “virada” ... que se diz, à boca pequena, não está longe...

Tenho sabido sempre notícias do Euclides, do Cochrane, do Belmiro, e de quase todos os outros, que vão bem, esperançados. O General tem recebido notícias do nosso bravo amigo CJ.

Desejo saber se recebeu minha carta aérea de 18-III. Estamos ansiosos pela sua vinda para aqui, para conjugarmos os nossos esforços. Helena e minha filha muito se recomendam ao prezado amigo, à distinta D. Ester e à sua gentil filha. Aguardando as suas ordens, receba um cordial abraço do seu amigo e sincero admirador.

Barbosa Lima

Euclides

refere-se a Euclides de Oliveira Figueiredo, militar. Foi condenado a 4 anos de prisão por participar do atentado de maio de 1938 contra o palácio Guanabara.

Barbosa Lima

Raimundo de Oliveira Barbosa Lima, membro da AIB, que foi preso e processado por participar do levante de maio de 1938.

PARIS, 26 DE JUNHO DE 1939

Euvaldo,

Em envelopes de um suposto “Cercle des hautes études juridiques”, mandei para aí uma quantidade de exemplares do meu último “relatório”, endereçando, para combinar com aquele título, a mrs. le directeur de la Faculte de Droit, le président du Supérieur Tribunal de Justice, le président de l’ordre dès Avocats e le président de l’Institut des Avocats, pondo, porém, os nomes, Aloísio, Montenegro, Prisco e Rogério, com as respectivas residências, e colocando, dentro de cada envelope, outros tantos, para vários, e também para você. Remeti, além disto: exemplares da Gazette des Hopitiaux, recheados de “relatórios”, para diversos clínicos, da capital e do interior. Algumas cartas comuns, com um ou dois exemplares, inclusive para Adoue, monsenhor Ápio, etc; e cerca de 50 exemplares, dentro de um envelope fechado, endereçado ao Galo, mas colocado dentro de um outro dirigido “ao Sr. cônsul de Portugal”, com uma carta de seu compatriota, pedindo-lhe fazer chegar a correspondência junto ao respectivo destinatário, cujo endereço ignorava, mas sabia ser redator da “A Tarde”. Escolhi o Galo, porque o consulado português funciona precisamente no edifício da “A Tarde”. Pergunto: teria tudo chegado normalmente? Recomendo, especialmente a você, não ter exemplares em casa, ao menos em grande número, de modo a não dar qualquer prova de que esteja distribuindo, tanto mais que eu mesmo, daqui, distribuo pelo correio, para que se conheça a procedência, e assim poupar os amigos a possíveis explorações.

Remeto junto: as ações da Una, aqui adquiridas, entre elas algumas das velhas, correspondentes a uma nova, do Credit Anversois; uma carta, de Van de Put, outra, de madame Hannot, mandando entregar as ações dela, e uma terceira, humorística; e, dentro de tudo isto, uma nova dose de relatórios. Empreguei os mesmos métodos, para o Rio, S. Paulo, e outros estados. Mandei Gazettes des Hopitiaux, para médicos de toda parte, inclusive para Ival. Ma-

Aloísio

refere-se a Aloísio de Carvalho Filho, advogado, professor e político. Com o Estado Novo se afastou da política. Em 1939 foi nomeado diretor da Faculdade de Direito da Bahia.

Montenegro

refere-se a Tomás Gonzaga Paranhos Montenegro Júnior, desembargador, procurador do Tribunal

Prisco

refere-se a Francisco Prisco de Souza Paraíso Filho, advogado, professor da Faculdade de Direito da Bahia e político.

Rogério

refere-se a Rogério Gordilho de Faria, presidente do Instituto dos Advogados da Bahia.

Ápio

refere-se ao monsenhor Ápio Silva, professor Faculdade Católica de Filosofia.

Galo

refere-se a Venceslau Galo, advogado, jornalista e político.

A Tarde

jornal vespertino fundado por Ernesto Simões Filho, em Salvador, em 15 de outubro de 1912.

Ival

refere-se a Ival Tavares Gama, médico, casado com Maria Helena, filha de Euvaldo Soares de Pinho.

ria Helena dirá se receberam. Os amigos do interior, a começar por Alagoinhas, Ilhéus, Cachoeira, etc, devem conhecer o documento.

Aí vai também uma cópia de uma carta, que julguei necessário dirigir à Academia de Letras, onde Getúlio nunca havia entrado, mas agora, na minha ausência, vai entrando. Não sei até se se estará tramando a eleição dele para a primeira vaga... O que mata o Brasil é a falta de caráter. É esta a carta a que me referi, em carta a minhas irmãs. Faça tirar cópias, dê uma a elas, mostra aos amigos, e ponha uma cópia, bem como um exemplar do relatório, dentro de um envelope, com o cartão junto, e entregue ou mande entregar a Xavier Marques, S. José de Cima. Não sei aliás se ele conhece o outro relatório, o de Lisboa. É possível que faça um outro impresso, com a carta a Academia, uma nota sobre o livro, e o artigo que saiu sem a minha assinatura. O diabo é que custa dinheiro e a distribuição, despistando a censura, dá muito trabalho. Todavia, preciso saber, Luis Viana poderá verificar: abriu-se aí, efetivamente, um crédito para a compra do livro? Foram muitos os funcionários que pagaram, mediante desconto em folha? O saldo foi, com efeito, para o bolso do... autor? Estimaria poder fazer, a respeito, afirmações seguras.

Dou-lhe aqui o novo endereço, em Paris de que se pode servir, já que a destinatária, da Av. Paul Doumer, se ausentou: mademoiselle Broli – Rue Martel, 16. É a empregada do Nilo. Ponha, porém, depois do nome Broli, um M, entre parêntesis: (M). Convencionaremos com ela que a carta que assim vier é para nós. Minhas irmãs, ou algum dos amigos, poderão usar, em caso de necessidade, do mesmo endereço.

E nada mais disse, nem lhe foi perguntado.

Abraços e lembranças, para os quatro, de

Mangabeira

TRECHO MANUSCRITO:

Uma vez lida esta, inutiliza-a.

carta

carta de protesto que Otávio Mangabeira enviou a Cláudio Justiniano de Souza, presidente da ABL, contra o fato de a diretoria “cumprindo, aliás, um voto do plenário” ter ido agradecer pessoalmente a Getúlio Vargas por este ter doado à biblioteca da casa um exemplar do livro intitulado “A Nova Política do Brasil”.

Xavier Marques

Francisco Xavier Ferreira Marques, jornalista, escritor e político. Em 24 de julho de 1919 foi eleito para a Cadeira 28, na Academia Brasileira de Letras.

Luís Viana

advogado, jornalista e político. A partir de 1938, atuou, na Bahia, como professor e colaborador da revista Seiva. Foi opositor do governo Vargas, e permaneceu ligado a Otávio Mangabeira.

destinatária

por algum tempo, visando escapar da censura, Otávio Mangabeira usou o endereço Avenue Paul Doumer, n. 86 para receber cartas.

Nilo

refere-se a Nilo Machado Pedreira, comerciante. Um dos portadores das cartas enviadas e recebidas por Otávio Mangabeira.

Nilo

refere-se a Nilo Machado Pedreira, comerciante. Um dos portadores das cartas enviadas e recebidas por Otávio Mangabeira.

os quatro

refere-se a Euvaldo e Georgina Pinho e seus filhos Dinorá e Geovaldo.

NOVA YORK, 26 DE JUNHO DE 1939

Meu prezado amigo

Esta carta é escrita com alguma demora, sem dúvida, mas demora devido ao meu desejo de lhe dar uma informação fiel sobre o que se passa no Brasil. Junho foi um mês fértil de sensações, como o amigo deve ter sabido. As cartas do princípio do mês traziam tantos pormenores concretos a respeito do dissídio entre o Getúlio e o ministro da Guerra e davam uma impressão tão viva de que à última hora ia enfim soar para aquele, que o alvoroço aqui, entre os exilados, chegou à ebulição.

O episódio com o Plínio Salgado dava a medida do dissídio e justificava por si mesmo o otimismo dos nossos amigos de São Paulo. O manifesto de Plínio não só fora escrito de acordo com Getúlio, mas fora ao Rio e de lá voltara mais de uma vez. O efeito em certos meios militares foi, entretanto, o pior possível e o ministro da Guerra, passando por cima da autoridade ditatorial, mandou prender o chefe integralista. Preso algumas semanas na Fortaleza São João, foi mandado para a Europa, por tempo indeterminado.

Poucos dias depois, explode a crise da interventoria paulista. Parece que o Dutra teve denúncia de que o Ademar, a serviço de Getúlio aliciava elementos na guarnição federal de São Paulo, para resistir a uma implantação, já iminente a uma ditadura militar. Não se sabe ao certo o que se passou entre o presidente e o ministro, mas o mais possível é que este estivesse obtido promessa peremptória da substituição do interventor. Foi nessa ocasião que o ministro pediu demissão – pedido sobre o qual não há a menor dúvida. Recusada a demissão, o Dutra partiu para São Paulo onde fez uma inspeção em regra em todas as unidades da região e terminou por dirigir-lhes uma proclamação, da qual o amigo a esta hora já teve conhecimento, mas de que, entretanto, lhe mando uma cópia. Nesta proclamação, o Dutra mais uma vez se declara soldado do Estado Novo e servidor fiel de Getúlio. No entusiasmo, agora reaquecido, ele chega a falar no sau-

ministro da Guerra

refere-se a Eurico Gaspar Dutra, militar. Foi nomeado ministro da Guerra em 1936, permanecendo até 1945.

manifesto de Plínio:

refere-se ao "Manifesto de maio", dirigido aos integralistas em maio de 1939, onde apelava por uma "unidade nacional" e pelo respeito às autoridades. O manifesto foi distribuído à imprensa pela Agência Nacional e publicado nos grandes jornais no dia seguinte ao lançamento.

Ademar

refere-se a Ademar Pereira de Barros, médico e político. Participou da Rev. Constitucionalista de 1932. Em 1938, foi escolhido por Vargas para ser interventor de São Paulo, permanecendo até 1941.

dosismo dos que não aceitaram o 10 de novembro. O caso da interventoria paulista não teve solução até agora. O Ademar recolheu-se a um hospital e o Exército faz pressão para que ele seja substituído por um militar. Um telefonema do Rio a um nosso amigo, hoje, dizia que havia em perspectiva uma nova forma de apaziguamento da crise: o Ademar continuaria, mas cercado, em algumas posições, de militares da confiança do Dutra.

A crise deve ter sido, em todo o caso, muito grave porque duas vezes a “United Press” e a “Associated Press” receberam telegramas do Brasil informando que alguma coisa estava para acontecer lá. Em uma das vezes, os telegramas vieram mesmo da Rivera, via de que as agências somente se servem quando há dificuldades com a censura no Rio.

O pedido de demissão de Dutra, a sua proclamação, a espantosa retratação do general Benício e a substituição do general Meira Vasconcelos pelo Silva Junior dão, evidentemente, alguns largos pontos de vantagem ao Getúlio no embate com o ministro. Se não sobrevier um incidente que de novo o exaspere, obrigando-o a uma ação extrema, o Dutra estará perdido e receberá o seu número na sucessão dos ministros da Guerra, do Sr. Getúlio Vargas...

A despeito de ter descido, por esses motivos, o termômetro dos nossos amigos prevalece entre eles a impressão de que a inconsistência do governo brasileiro é cada vez maior. Há grande propaganda no Exército contra Getúlio. Dela dá testemunho o boletim incluso, que foi escrito por um do Exército oficial e está sendo largamente distribuído nas fileiras.

Outro assunto. A nossa ação nos Estados Unidos terá de ser conduzida com prudência se não quisermos que todas as portas se fechem para nós. Diversos fatores concorrem para isso. Em primeiro lugar, a consideração de que a política dos governos só com outros governos se faz. As alianças santas para a defesa de ideais comuns pertencem ao passado, não se vê agora a Inglaterra de chapéu na mão, bater à porta comunista, mendigando apoio? As considerações de defesa nacional, como é natural, têm precedência sobre todas as outras. Os Estados Unidos estão convencidos de que a Alemanha, ainda que pela simples influência no governo do Brasil, pode vir a ameaçar seriamente a sua segurança. Alguns campos de aviação no

United Press

agência de notícias internacional, fundada em 1907, com sede nos Estados Unidos.

Associated Press

agência de notícias criada em 1846, com sede nos Estados Unidos.

Benício

refere-se a Valentim Benício da Silva, militar. Foi chefe de gabinete do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra e secretário-geral do Ministério da Guerra.

Meira Vasconcelos

José Meira de Vasconcelos, militar. Em 15 de julho de 1938, assumiu o comando da 1ª RM, sediada no Rio de Janeiro, permanecendo até 12 de junho de 1939. Duas semanas mais tarde, no dia 26 de junho, tomou posse na presidência do Clube Militar.

Silva Júnior

Francisco José da Silva Júnior, militar. Em 12 de junho de 1939 assumiu o comando da 1ª RM, com sede no Rio de Janeiro, permanecendo até 1942.

**declarações
democráticas**
feitas por ocasião da Missão
Aranha, referenciada na carta
de 15 de março de 1939

Góes
refere-se a Pedro Aurélio de
Góes Monteiro, chefe do
Estado Maior do Exército
Brasileiro (1937-1943).

Marshall
refere-se a George Catlett
Marshall, general, chefe do
Estado-Maior do Exército
Americano (1939-1945).

Norte brasileiro, em mãos inimigas, poderiam por em risco o próprio canal do Panamá.

Em segundo lugar, o Osvaldo nos três anos de embaixada fez muitíssimos amigos e conquistou um grande prestígio em todos os setores da vida americana. E o fato que seria pueril procurar ocultar. Seja por extrema boa fé, seja por falta de visão crítica o americano acreditou piamente nas solenes declarações democráticas do Osvaldo, sabendo que o governo brasileiro é oposto de uma democracia, o americano tem, entretanto a segurança, pela boca do Osvaldo, de que a situação é transmitida e que o próprio, um dia, terá que desempenhar um grande papel....

Em terceiro lugar, os Estados Unidos estão cheios de exilados de todos os naipes – da Europa, da América Central e da América do Sul. É preciso muito cuidado para não nos confundirmos com a maior parte deles que pouco falta para serem considerados elementos de perturbação.

Por todos os motivos, fui aconselhado por alguns excelentes amigos americanos a avançar lentamente, procurando conquistar pouco a pouco a simpatia dos meios mais influentes e conseguir afinal – o que será uma vitória considerável – que o governo americano, conservando as relações com o nosso, não se preste a fazer o jogo dele, tomando iniciativas que são verdadeiros balões de oxigênio para o novo regime brasileiro.

A desmoralização desse regime é completa. O que se dá com o Góes é típico. Ele foi convidado a vir aos Estados Unidos porque Hitler, como o “New York Times” contou, o tinha convidado antes a visitar a Alemanha e a tomar parte em uma parada monstro, em honra ao Brasil, na qual ele Góes, comandaria uma coluna do Exército Alemão. Se isto se realizasse, os Estados Unidos sofreriam uma verdadeira derrota diplomática. Daí a viagem do Marshall e as honras que o Góes está recebendo do governo americano. Pois, a despeito dessas honras, o magazine “Time”, que tem uma enorme circulação, publicou uma notícia sobre a chegada do homem na qual dizia entre outras amenidades, que ele era um “antigo cow-boy, terrível bebedor, de dentes postiços e queixo batido”. Não imagina a sensação de mal estar que, como brasileiro, senti de ler a notícia. Há uma falta evi-

dente de respeito pelo nosso país, pois, Góes, é o chefe do Estado Maior do Exército e é hospede dos Estados Unidos. Se tratasse de um País que desfrutasse outra situação moral, é claro que nenhum jornal se lembraria de por a ridículo, por mais irreverente que fosse.

Sigo, no dia 2 de julho, para Charlettesville, sede da Universidade de Virgínia, onde se vai realizar uma série de conferências promovidas pelo “Institute of Public Affairs. Não farei nenhuma conferência porque seria obrigado a me ater a assuntos de ordem geral, mas tomarei parte nas discussões de “round-table”, que se farão todas as tardes e de que participarão os conferencistas, isto é, numerosas personalidades eminentes da política e do pensamento americanos. O amigo avaliará o interesse da minha viagem se eu lhe disser que aquele instituto formulou o programa das conferências deste ano tendo em vista especialmente a política exterior dos Estados Unidos.

Voltarei no dia 9, indo diretamente para Cambridge, junto a Boston. Lá acompanharei alguns cursos de verão da Universidade de Harvard, que durarão até quinze de agosto. Estou contente com este meu programa de vida. Além do mais, se Cambridge é quente, é o muito menos que New-York, que todos dizem ser intolerável em julho e agosto.

Julinho e o Piza já nos deixaram. Partiram para Buenos Aires, no dia 24, pelo Pacífico. O Paulo Nogueira segue com o mesmo destino a 7 de julho. O Carlos continuará em New York. Por isso as minhas cartas, até indicação em contrário, podem continuar a ser dirigidas para o San-Carlos.

O seu manifesto está excelente: simples, direto, claro e muito bem impresso. Recebi dois pacotes deles. Os exemplares do primeiro pacote, já no correio no ponto mais conveniente da rota para o Pacífico. Os do segundo pacote, o Carlos os remeterá daqui.

Muitas e muitas saudades a D. Ester e a D. Édila. Receba um afetuoso abraço do amigo.

Armando Sales.

Julinho

refere-se a Júlio de Mesquita Filho, jornalista. Proprietário do jornal O Estado de São Paulo.

Piza

refere-se a Luís de Toledo Piza Sobrinho, ex-deputado federal e ex-presidente do Departamento Nacional do Café.

Paulo Nogueira

ex-deputado federal (1935-1937).

manifesto

refere-se ao “Pela Honra, Pelos Direitos, Pela Soberania do Brasil: Palavras aos brasileiros, ao completar-se ano e meio sobre o ‘golpe’ de 10 de Novembro”, de 10 de maio de 1939.

Armando Sales e

x-governador de São Paulo, presidente da UDB e candidato à presidência da república.

ROMA, 5 DE JULHO DE 1939

Meu caro Sr. Ministro,

Desculpe-me V. Ex. escrever-lhe à máquina. Não é muito respeitoso. Mas V. Ex. lucra, poupando o trabalho de decifrar a minha letra, cada dia mais impossível.

Tive o imenso prazer de receber sua boa carta de 30 do mês findo. Pena é que V. Ex. não me possa escrever mais frequentemente.

Dias antes de receber sua carta, chegou-me às mãos o seu último manifesto político. Não preciso dizer o interesse com que li e o reli. Achei-o perfeito sob todos os pontos de vista, inclusive o da forma, de uma simplicidade a que os escritores só atingem depois de verdadeiramente muito maduros. Mas...

Desculpe V. Ex. esse “mas”. O Getúlio está, afinal, no seu papel. A culpa é somente do Brasil. E V. Ex. é deveras admirável no seu firme propósito de sacrificar-se para que não se possa dizer, no futuro, que não houve quem não se levantasse para defender as nossas tradições.

Confesso, aliás, que não sou, no momento presente, nacional e internacional, contra a forma autoritária de governo para o Brasil. V. Ex. não pode deixar de reconhecer que, em nossa terra, tudo, por assim dizer, precisa ainda ser tutelado, sem o que os desmandos não terão limites. É muito difícil (vejo isso no meu serviço, por exemplo) encontrar pessoas que tenham uma consciência perfeita dos seus deveres. A questão é a idoneidade do tutor.

Quando Sun Ya-tsen traçou o plano da revolução que deveria regenerar a China, estabeleceu três fases para o complemento do seu programa: fase da ação militar, fase da tutela da nação, a fim de prepará-la e governar-se e, finalmente, a fase definitiva da instituição verdadeiramente do Governo republicano. Não pense V. Ex.

manifesto
refere-se ao “Pela Honra,
Pelos Direitos, Pela
Soberania do Brasil: Palavras
aos brasileiros, ao completar-
se ano e meio sobre o ‘golpe’
de 10 de Novembro”, de 10
de maio de 1939.

Sun Ya-tsen
político e líder revolucionário
chinês. Ajudou a derrubar a
Dinastia Qing e a fundar a
República da China, sendo
seu primeiro presidente, em
1912.

que o povo brasileiro está muito mais apto do que o chinês a ser governado segundo os princípios democráticos.

Tenho estado aqui com o Monsenhor Lari, que parte proximo para a Bolívia, como Núncio. Jantou conosco e nos tem feito várias visitas. É nosso vizinho. Conversa sempre comigo sobre as coisas do Brasil, cuja vida política acompanha, e sobre V. Ex., de quem é grande admirador. Comenta tudo com muita inteligência e a sabedoria própria do pessoal da cúria romana. E, às vezes, não sem uma pontinha de maldade.

V. Ex. tem razão em ser pessimista quanto à situação internacional. É muito difícil, com efeito, não o ser. Entretanto o ambiente aqui, pelo menos até ao fim da semana passada, era de uma calma de deixar a gente perplexo. Não estou longe de crer, aliás, que, passado o alarme de sábado último a respeito de Dantzig, não se volte novamente à mesma calma. Perguntei ao Embaixador de França como ele interpretava tamanha tranquilidade. Respondeu que isso era devido, primeiramente, à estação: não chove e o povo quer passear. Em seguida, se houver guerra, o povo acredita que os combates terão lugar em torno de Paris e não de Roma. Com efeito, não se tomou aqui uma só precaução contra os bombardeios aéreos, salvo algumas Missões diplomáticas, que estão construindo nas suas sedes abrigos especiais.

A minha impressão é que os Italianos não se convenceram ainda da solidez do bloco formado pela França e a Inglaterra e ainda pensam que ao “eixo”, como até agora, tudo é permitido. Claro é que não penso assim. O bloco democrático não pode deixar de reagir de verdade desta vez. A França, ainda mais do que a Inglaterra, está convencida da força do seu exército. Como no fundo a Itália e a Alemanha não querem a guerra, pode ser que, por mais difícil que isso pareça, ainda se encontre, no último momento, uma fórmula para evitá-la.

Não preciso dizer que não penso absolutamente em sair da Itália agora. Irei simplesmente, em Agosto, a Monte Catini, que fica a três horas de Roma, para uma cura. Depois, se continuar o calor, irei a uma montanha qualquer aqui nas vizinhanças da capital. Em Novembro, porém, salvo a guerra propriamente dita, darei um pulo de uma semana a Paris.

Lari

Egídio Lari, Arcebispo titular de Tyrus (1931-1965) e representante do Núncio Apostólico para a Bolívia (1939-1945).

Dantzig

cidade portuária estabelecida em 1920, sob os termos do Tratado de Versalhes e protegida pela Liga das Nações. Em 1939 foi ocupada e anexada à Alemanha Nazista.

Ciro
refere-se a **Ciro de Freiras Vale**, diplomata. Entre os anos de 1938 e 1939 foi secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, quando assumiu interinamente, de janeiro a março de 1939, a pasta das Relações Exteriores na ausência de **Oswaldo Aranha** (seu primo). Ainda em 1939 foi embaixador do Brasil na Alemanha, onde permaneceu até 1942.

Aragão
José Joaquim de Lima e Silva Muniz de Aragão, diplomata brasileiro na Alemanha de 1935 até 1938, quando **Getúlio Vargas** o removeu para a Secretaria de Estado. Em 1940 foi nomeado embaixador na Inglaterra onde ficou até 1952.

Maurício Nabuco
Maurício Hilário Barreto Nabuco de Araújo, diplomata. Durante o governo de **Washington Luís** (1926-1930), serviu como oficial-de-gabinete do ministro **Otávio Mangabeira**. A partir de junho de 1937, chefiou a embaixada brasileira no Chile, deixando o posto em agosto de 1939, quando passou à condição de secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores.

P. Leão Veloso
Pedro Leão Veloso Neto, advogado e diplomata. Em 1931, foi enviado a **Pequim** como ministro plenipotenciário, e atuou em vários países como **Japão** (1935-1939) e **Itália** (1939-1941).

O **Ciro**, como **V. Ex.** já sabe, foi nomeado Embaixador em **Berlim**. Que carreirão! Não se sabe ainda quem será o novo **Secretário Geral**. Falou-se no **Aragão**, o que, se fosse verdade, esclareceria muito as razões da promoção do **Ciro**, dando à mesma o caráter de um enterro de primeira classe para um alto funcionário inconveniente. A última notícia, contudo, que recebi, fala no **Maurício Nabuco**.

Minha mulher muito se recomenda à **V. Ex.**, à **Dona Ester**, a quem apresento minhas homenagens respeitadas, e à **Édila**, a quem envio muitas lembranças. Queira aceitar, com os protestos do meu profundo respeito, um grande abraço do

seu amigo sempre grato

e muito dedicado

P. Leão Veloso

BR BACMB OM TXT CF 10.6/2518

PARIS, 8 DE JULHO DE 1939

Euvaldo,

Recebi, do Bank of London, o aviso sobre a remessa dos 6.300 francos. Veio, provavelmente, carta sua. Mas, até agora, sábado à tarde, não a tenho ainda em mãos, pois, tendo o destinatário viajado, se bem que para perto, foi ter primeiro a ele. Devo, porém, receber, de um momento para outro.

Ao chegar esta aí, já você terá recebido as ações da companhia aqui adquiridas, etc. Soube, por Maria, que as certidões do Rio vieram defeituosas, por não terem levado em conta as férias parlamentares. Houve, na República Velha, alguns anos, em que o Congresso funcionou sem férias. Assim também, na nova, entre 1936 e 1937. Aliás, em rigor, mesmo durante as férias, corre o exercício do mandato.

O termômetro da situação europeia, que voltara a subir muito uns oito dias atrás, tornou a descer agora. Vou manobrando com ele, sem maiores açosamentos, antes com uma certa dose de fatalismo. Assim, salvo fatos novos, dividirei o verão entre uma estação de águas, alguns dias em Lourdes, e umas semanas de praia, voltando a Paris em Setembro, quando então resolverei se tomo, ou não, outro rumo.

A parada de 14 de Julho deve ser, este ano, interessante. Deixaremos Paris, logo depois de 15. Já lhe dei instruções quanto a endereço.

O presidente de S. Paulo consistiu na abertura de um crédito que me permitirá transportar-me para os Estados Unidos, e lá passar normalmente as duas primeiras semanas. Já é, em todo caso, alguma coisa. Só pretendo, porém, utilizar-me, se efetivamente viajar. Salvo melhores esclarecimentos. Teve, entretanto, um caráter todo particular e reservado, ao passo que, tanto aí como no Rio, se soube antes que eu aqui soubesse...

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

parada de 14 de Julho

refere-se à comemoração, na França, da queda da Bastilha, em 14 de julho de 1789.

presidente de São Paulo

refere-se a Ademar Pereira de Barros, interventor de São Paulo (1938-1941).

Simões

refere-se a Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, advogado, jornalista e político. Proprietário do jornal A Tarde.

Ed.

refere-se a Edite Soares de Pinho, irmã de Euvaldo Soares de Pinho e Ester Mangabeira, cunhada de Otávio Mangabeira.

Nilo

refere-se a Nilo Machado Pedreira, comerciante. Um dos principais portadores das cartas de Otávio Mangabeira no período.

Academia

refere-se a Academia Brasileira de Letras (ABL)

Dinorá

filho de Georgina Diniz e Euvaldo Soares de Pinho.

Dê minhas notícias ao Simões. Pergunte-lhe se recebeu uma cartinha que lhe mandei para o Rio, por intermédio de Ed., e que lá deve ter chegado justamente quando ele partiu. Acusava o recebimento da carta, por via postal, com os meus agradecimentos, inclusive por motivo dos recados do Nilo.

O telegrama sobre o centenário de Machado de Assis passou de oportunidade. Foi lido, aliás, na sessão solene da Academia, no Rio, e publicado no Jornal do Comércio. Aí, pelo que vejo, estão mais realistas que o rei...

Você, na carta, que ainda não recebi, deve ter explicado a procedência dos francos agora enviados. Caso tenha em seu poder as notas respectivas, peço, mandar-me uma relação das remessas que já fez, datas, quantias, despesas. Tratarei de ter em ordem, daqui por diante.

Abraços e saudades, para todos. Recebemos, pelo correio comum, carta de Maria Helena, acusando o recebimento da nossa, de avião, e, agora, uma, de Dinorá, com os retratos.

Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CA 17/1965

PARIS, 17 DE JULHO DE 1939

José:

Recebi oportunamente sua carta, narrando-me o que se passou na eleição da Academia. A luta era tão desigual, que você pode orgulhar-se de ter tido 12 votos, naquelas condições. A época é pouco própria para homens da sua ordem; por isso mesmo, está a calhar, para outros... Julgo, porém, que a votação obtida lhe dá direito a persistir no campo, em outra ocasião que se apresenta. A sua interpretação, quanto à atitude do Hélio é verdadeira: simpático à sua causa, mas estando em dificuldades, por motivos especiais, para faltar ao seu competidor, preferiu abster-se. Será, entretanto, voto seu, em alguma nova oportunidade. Pensa, como eu, que a Academia, sob pena de ir caindo na desestima pública, precisa de candidatos que reúnam as qualidades intelectuais, a idoneidade moral, apropriada a tais investidas. Leu a carta que dirigi, recentemente, ao seu presidente? Senti-me na rigorosa obrigação de fazê-lo.

Vou seguindo o meu caminho. Quanto menos esperançado de ver o Brasil erguer-se do atoleiro em que se afunda, para gáudio dos que vivem à tripa forra, à custa da sua desgraça, tanto mais persevero no propósito de não sair, um milímetro, do rumo em que venho vindo, sem indagar se, ainda que morra de velho, nele terei de morrer...

Dadas as naturais dificuldades de manutenção no estrangeiro, e considerando, por outro lado, a situação europeia, sempre de apreensões e sobressaltos, começo a examinar qual o país, da superfície da terra, onde se possa viver, com despesas reduzidas. Por agora, vou a Vichy, a ver se curo do fígado, e em seguida a alguma praia, a ver se curo da nostalgia do mar. Hei de receber, neste ínterim, algumas informações que tenho solicitado, para poder resolver sobre nova direção.

Muitas visitas nossas a D. Estela, e, com todo o grande apreço em que sabe que o considero, um abraço afetuoso,

do

Otávio Mangabeira.

José

refere-se a José Wanderley de Araújo Pinho, historiador e político, chefe político do município de Santo Amaro.

o que se passou na eleição da Academia

José Wanderley de Araújo Pinho concorreu à Cadeira 36 da Academia Brasileira de Letras, em novembro de 1938, contra Clementino Fraga, José Maria Belo, Basílio de Magalhães, Batista Pereira, Martins de Oliveira e Nilo Bruzzi. Nenhum deles foi eleito, entretanto. Depois de quatro escrutínios, ninguém recebeu votos suficientes para atingir a margem necessária, permanecendo vaga a Cadeira que pertencia a Afonso Celso. Em nova eleição ocorrida em 23 de março de 1939, Wanderley Pinho foi derrotado por Clementino Fraga, que obteve 22 votos.

Hélio

refere-se a Hélio Lobo Leite Pereira, diplomata e jornalista. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1918. Em 1938, foi nomeado representante do Brasil no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde permaneceu até agosto de 1941, quando foi afastado por haver criticado a admissão de Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras.

Estela

Estela Calmon Wanderley de Araújo Pinho, filha do ex-governador Francisco Marques de Góes Calmon e esposa de José Wanderley de Araújo Pinho.

PARIS, 22 DE JULHO DE 1939

Euvaldo,

A última carta sua é a que veio endereçada a Paul Doumer, com a cópia das certidões vindas do Rio. Soube, entretanto, pela carta de minhas irmãs, que as encomendas, que seguiram por portador, inclusive as destinadas a Maria e a Dinorá, chegaram a seu destino.

O mais importante, porém, é que a carta de Edite, anteontem recebida, alude a uma operação, a que Georgina, aí, se teria submetido. Que é que houve? Foi alguma coisa inesperada? Não sabemos, nem sabemos de nada, e a própria carta de minhas irmãs não se refere ao assunto. Espero, entretanto, que tudo já tenha passado, estando ela inteiramente bem, como Edite faz supor. Mais está. Precisamos nos benzer... Fiquei a considerar que nada quiseram dizer-nos, senão depois de atravessada a crise. Como quer que seja, não precisamos acentuar que estamos ansiosos por notícias, certas e diretas.

Partiremos para Vichy a 31. Foi para quando nos reservaram aposentos no Hotel de l'Amirauté. Feita ali a estação, de três semanas, seguiremos, a 22 de agosto, para Lourdes, onde pretendo passar o meu aniversário; é a época, justamente, das maiores peregrinações. Passaremos depois alguns dias em algumas das praias, dali próximas. Deixamos definitivamente o apartamento da rue de la Pompe, onde passamos precisamente seis meses: de 1 de Fevereiro a 31 de Julho. É que o Armando Rui Barbosa não volta mais a Paris, e eu, mesmo que não emigre para a América, preferirei, terminada a estação do verão, fixar-me em outro ponto.

Recebi a remessa, do Bank of London. Simões deu ordem a Nilo para pôr aqui a minha disposição o de que eu precisasse. Agradei. Não usei. Tenho outros oferecimentos do mesmo gênero, de que não tenho usado.

minhas irmãs

refere-se, provavelmente, a Cecília Mangabeira, Lavinia Mangabeira, Maria Augusta e Maria da Glória Mangabeira, correspondentes de Octávio Mangabeira durante os anos do segundo exílio.

Georgina

refere-se a Georgina Diniz, esposa de Euvaldo Pinho.

**Armando Rui
Barbosa**

diplomata; neto de Rui
Barbosa.

Endereço, agora: ou Hotel de l'Amiralté-Vichy-France, até 22 de Agosto, ou Paris, o que já sabe.

Muitos abraços a todos.

Paris, 22-7-39.

M.

Georgina: Uma visita, muito afetuosa. Que tenha tirado, da operação que sofreu, os melhores resultados, e já se encontre, ao receber estas linhas, inteiramente boa, como todos desejamos. São os votos, de todo o coração, que lhe manda, com um grande abraço,

Mangabeira

PARIS, 25 DE JULHO DE 1939

Armando

refere-se a Armando de Sales Oliveira, ex-governador de São Paulo (1935-1936), presidente da UDB e candidato à presidência da República, em 1938.

Hélio

refere-se a Hélio Lobo Leite Pereira, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1938, foi nomeado representante do Brasil no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde permaneceu até agosto de 1941, quando foi afastado por haver criticado a admissão de Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras.

Dantas

refere-se a Luiz Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

carta

trata-se da carta que Otávio Mangabeira enviou a Cláudio Justiniano de Souza, presidente da ABL, protestando contra o fato de a diretoria “cumprindo, aliás, um voto do plenário” ter ido agradecer pessoalmente a Getúlio Vargas por este ter doado à biblioteca da casa um exemplar do livro intitulado “A Nova Política do Brasil”.

Collor

refere-se a Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, ex-dep. federal, ex-min. do Trabalho da Indústria e Comércio (1930-32). Foi preso em 1938 acusado de articular com a Ação Integralista Brasileira contra o governo.

Meu caro Dr. Armando:

Recebi suas duas cartas, em resposta às que lhe escrevera, e a última contendo informações que lhe solicitara, sobre o verão na América do Norte. Sempre muito agradecido. Tinha-lhe escrito uma outra, que certo lhe há de ter chegado às mãos. Vejo que está satisfeito com a vida que pode organizar aí, embora tão reduzidas, por força das circunstâncias, as possibilidades políticas.

Tendo voltado a baixar o termômetro da guerra, vou ficando ainda pela Europa. Segunda-feira próxima, 31 do corrente, irei para Vichy, deixando, definitivamente, o apartamento da rue de la Pompe. Decorridas, ali, as clássicas três semanas dos aquáticos, passarei uns dias em Lourdes, acampando, em seguida, em alguma praia, daquelas redondezas. Encherei assim um a dois meses, durante os quais pensarei sobre a etapa seguinte.

Se for aos Estados Unidos (tenho perdido um pouco o entusiasmo...) será, talvez, a caminho de algum dos países da América, onde a vida seja, de fato, mais ou menos igual, em custo, à do Brasil. Escrevi, por exemplo, ao Maurício Nabuco, meu antigo oficial de gabinete, e hoje embaixador em Santiago, pedindo certos esclarecimentos. Aliás, ele, Nabuco, vai ser mudado de posto. Os amigos aqui, Hélio, Dantas, etc, desaconselham, fazendo outras sugestões. Estou, entretanto, inclinado a procurar um canto, e abarracar, indiferente às notícias que venham do Brasil. Se mudarem a situação, tanto melhor. Em hipótese contrária, bom proveito. Só não abrirei mão é do direito de fazer imprimir, de quando em quando, uma das minhas arengas, ainda que elas acabem não tendo mais que um leitor, e este leitor seja eu. Acabo, por sinal, de saber que a carta que dirigi à Academia Brasileira de Letras foi lida, em sessão, pelo seu presidente.

Apesar dos boatos constantes – ainda ontem os tivemos – so-

bre as profundas transformações a pingar, prefiro crer que o Getúlio, prendendo e deportando os mais tenazes, não terá muito que arreçar, quanto ao resto. Em tal estado de espírito, só hei de ter surpresas agradáveis; porque o mais... Não será surpresa. O Collor, muito animado. Sobretudo, depois de uns recados, que teve do Antônio Carlos. Pensa que o “estado novo” está no fim; mas este fim, acrescenta, é que pode demorar. Essa história de fim que demora, digo-lhe eu ter muito de germânica.

Deve estar aí, recém-chegado, com a família, um meu compadre e amigo, Mateus Martins Noronha, que certamente irá ao seu encontro. Se o vir, dê-lhe as minhas lembranças. É possível também que vá até aí, em princípio de Setembro, no caráter de membro, que é, da comissão de colocação dos judeus, o Hélio Lobo.

O Bernardes e o Mário Brant continuam em Portugal. O Cônsul Saint-Brisson, chamado a servir no Rio, parte para lá a 2 de Agosto, ficando o Pires do Rio à frente do consulado até que venha o novo titular, ainda não designado.

Em Paris, até agora, não temos tido verão. Temperaturas suaves. Antes inverno, que estio.

Imagino que D. Raquel já deva estar de volta do Brasil.

Recomendações de Ester e Édila. Creio só estarão agora aí o Mendonça e o Paulo Duarte. Muitas lembranças a ambos. Um grande e saudoso abraço do

Otávio Mangabeira

Paris, 25-7-39

Endereço, em Vichy, de 1 a 22 de Agosto: HOTEL DE L'AMIRAUTÉ. Endereço em Paris, de onde me remeterão a correspondência, desde já, para onde eu estiver: Chez mr. N. Pedreira – Rue Martel, 16.

Antônio Carlos

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada descendente de família tradicional na política em Minas Gerais e Nacional. Foi presidente da ANC (1934) e presidente da Câmara do Deputados (1935-1937).

Mateus Martins Noronha

empreiteiro e banqueiro no Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1938, constituiu sociedade anônima denominada “Empresa Construtora Brasil”.

Bernardes

Refere-se a Artur da Silva Bernardes Filho, ex-dep. fed. (1935-1937), filho de Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República (1922-1926).

Mário Brant

ex-deputado federal e ex-presidente do Banco do Brasil.

Cônsul Saint-Brisson

refere-se a Mário Savard de Saint-Brisson Marques, diplomata. Serviu em Paris durante três anos, quando regressou ao Brasil em agosto de 1939. No mês seguinte foi destacado para constituir a Seção de Segurança Nacional do Ministério das Relações Exteriores e assumir a chefia da Divisão de Pessoal do Itamarati.

Pires do Rio

Oscar Pires do Rio, diplomata, cônsul em Paris (1939-1942).

Raquel

Raquel de Mesquita, filha do proprietário do jornal “O Estado de S. Paulo” e esposa de Armando de Sales Oliveira.

Paulo Duarte a

advogado, jornalista e político brasileiro. Após 1937, combateu o regime e foi preso várias vezes. Exilou-se na França e nos Estados Unidos, regressando ao Brasil em 1945.

BR BACMB OM TXT CF 10.6/2524

PARIS, 29 DE JULHO DE 1939

Euvaldo,

Recebemos sua carta, você bancando, um pouco demais, a nota do bom humor, para dar-nos uma prova de que Georgina está bem, e sem nada demais. Antes assim. Confio que ao chegar esta, já ela estará restabelecida de todo.

Será melhor ir fazendo, mensalmente, as remessas que puder, pelo Banco do Brasil, de preferência para o Bank of London, em Paris, onde já será conhecido. Não serão grandes remessas. Dê como meu endereço, para estas escritas, o consulado do Brasil aqui. Este me remeterá o aviso do banco para onde eu estiver. Conserve, então, o saldo, como lembra, em caderneta em seu nome. Confesso que tenho escrúpulo em receber contribuições dos amigos de Alagoinhas (D. Raquel deve ter concorrido). Diga isto mesmo ao Carlos. Irei, pois, retendo-as aí, só me utilizando delas se for estritamente necessário. Só H. Alves não tinha remetido 5? Como o saldo que lhe entregaram foi de 4.500?

Quanto à aposentadoria, será conveniente fazer seguir o processo imediatamente para o Rio, avisando a Ed. o respectivo número. A ela darei instrução, quanto ao que houver a fazer. Devemos ficar prevenidos para uma hipótese de restituição se o Tesouro adotar outro cálculo. Seria o caso de receber depois de tudo julgado? Evidentemente, com o corrupto que fizeram, seria inconveniente ou inoportuno levantar a questão do período de 30 a 34.

Vi as nomeações do Ernesto e do Almirante. Não me surpreenderei se um dia destes você for também nomeado, para a comissão super-interventorial...

Como as arrumações e entregas do apartamento coincidiram para mim, outras ocupações, de modo que, a muito custo, vão, em todo o caso, estas linhas. Ciente do que me diz quanto as ações de todos.

Raquel

refere-se a Raquel Valverde Martins, esposa de Joaquim Climério Dantas Bião, chefe do autonomismo em Alagoinhas.

Carlos

refere-se a Carlos Olímpio Pinto de Azevedo, diretor do semanário Correio de Alagoinhas, que apoiou a campanha da Concentração Autonomista, em 1934.

H. Alves

refere-se a Henrique Alves dos Reis, importante personalidade na vida política na cidade de Alagoinhas-BA.

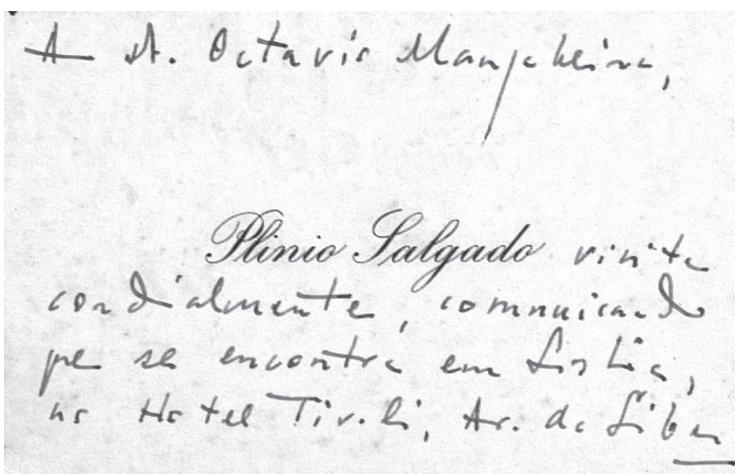
Ed.

refere-se a Edite Soares de Pinho, irmã de Euvaldo Soares de Pinho, cunhada de Otávio Mangabeira.

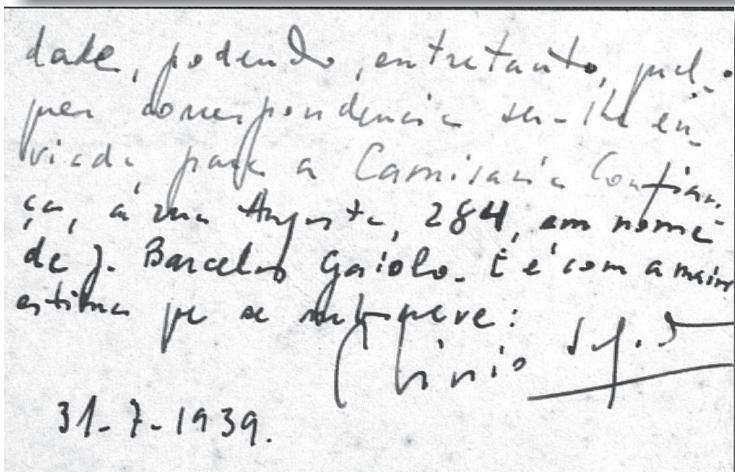
Seguimos efetivamente depois de uma manhã para Vichy.
Hotel l'Amirauté, como já avisei.

Saudades para todos,

O resto do pessoal está pensando que talvez eu não possa escrever.



A Dr. Octavio Mangabeira,
Plínio Salgado visita
cordialmente, comunicando
que se encontra em Lisboa,
no Hotel Tivoli, Av. de Liberdade



podendo, entretanto, qualquer
correspondência ser-lhe enviada
para a Camisaria Confiança,
à rua Augusta, 284, em nome
de J. Barcelos Gaiolo. É com a mais
estima que se subscreve:
Plínio Salgado
31-7-1939.

A Dr. Octavio Mangabeira,
Plínio Salgado visita cordialmente, comunicando que se encontra em Lisboa,
no Hotel Tivoli, Av. Liberdade, podendo, entretanto, qualquer correspondên-
cia ser-lhe enviada para a Camisaria Confiança, à rua Augusta, 284, em nome
de J. Barcelos Gaiolo. E é com a mais estima que se subscreve

Plínio Salgado

VICHY, 05 DE AGOSTO DE 1939

Euvaldo,

Partimos de Paris segunda-feira, 31 de julho, às 11 e dez da manhã, e chegamos a Vichy às três e quarenta da tarde. Quatro horas e meia de viagem. Ao chegarmos ao hotel, já aí encontramos, chegada naquela manhã, a sua carta aérea, endereçada para Édila. Em Vichy, um tempo excelente: sol, sem calor; e isso é o rigor do verão. O hotel Amirauté em que estamos hospedados, é um hotel razoável e os quartos dão sobre o parque, onde se acham as fontes. Desta vez, é Edila, dos três, quem mais terá, ao que parece, a lucrar, visto como o seu médico, no Rio, lhe havia já indicado o uso de tais águas. Depois, eu, que, sempre que me faço examinar, só revelo anormalidade para o lado do fígado. Ester, se não com o uso das águas, é quem mais lucrará com o repouso, pois, de fato, o apartamento, com o eterno problema dos criados, a fatigou um pouco, e ela tem a tensão arterial anormalmente baixa.

Ciente do que me diz sobre as finanças. Se precisar de qualquer importância, disponha do meu como seu, até porque, bem o sabe, só irei precisando por parcelas.

Quanto à contribuição para o Instituto de Previdência, só terei interesse em fazê-la. Será um pecúlio a mais, que assim constituirei, para consolação dos que... ficarem. Mas, ao tempo de ministro, fiz, e já paguei integralmente, um, de cinquenta contos. Pergunto: posso ter dois?

Sampaio Correia disse ter-lhe sido computado o tempo mandato. Agora, aqui, me disseram, que o mesmo sucedeu em relação a Nabuco de Gouveia. Acrescente estes informes ao meu bilhete para o Rio. Agradecerei oportunamente a quem de direito.

Vou ver se agora, daqui, faço algumas cartas aos amigos. Mas é muito difícil escrever, nas atuais circunstâncias...

Sampaio Correia

José Matoso de Sampaio Correia, professor, engenheiro, jornalista, empresário e político brasileiro. Dep. federal (1934-1937), foi deposto com a instalação do Estado Novo.

Nabuco de Gouveia

José Tomás Nabuco de Gouveia, médico e político brasileiro, foi diplomata e embaixador do Brasil no Uruguai (1924-1926) e no Peru (1937).

Li a circular. Dá vontade de responder.

Regozijo-me com o fato de já se achar Georgina inteiramente bem. Muitos abraços para ela, Dinorá, e Geovaldo, saudades de

Mangabeira.

TRECHO MANUSCRITO:

Vichy repleto. A cidade cheia de hotéis, e estes sem um quarto disponível. Aliás o mês de agosto marca o auge da estação.

Chegou ontem, pelo correio comum, uma carta de Dinorá, para Édila. Maria Helena não tem escrito. Preocupações...

Geovaldo

refere-se a Geovaldo Soares de Pinho, filho de Euvaldo Pinho e Georgina Diniz.

PARIS, 06 DE AGOSTO DE 1939

Mangabeira,

Apresso-me em responder a sua carta de ontem. Todos nós nos alegramos em saber que você e os seus estão satisfeitos com o sol de Vichy, e esperamos que ele se digne estender os seus raios também para Chatel-Cuyon e Royat, para onde seguimos amanhã. O meu endereço em Royat será Hotel Regina. Escreva-me para lá.

Você não me disse quem era o signatário da sua carta. Suponho que seja o General Castro Júnior. Neste gênero de informações, mais do que em qualquer outro, o padre Vieira teria razão. Não basta que se diga: preciso é saber quem diz. Afinal, a informação é boa, porque confirma que a reação se está produzindo. Isto é o essencial. Tudo o mais se cifra a uma questão de tempo. E que o tempo, no caso, não se soma por anos, mas por meses no máximo, é para mim questão fora de dúvida. Outro sintoma concordante com as suas informações: o Góes Monteiro achou conveniente não vir à Europa. Chegou ao Rio há dois dias. Tenho notícia de que os Estados Unidos o modificaram muito e que ele voltou ao Brasil com outros pontos de vista que não os que o animavam antes. O mesmo informante acrescenta que a pressão dos Estados Unidos é enorme no sentido de modificar-se a situação brasileira. O Departamento de Estado tem tido longas conversas telefônicas com o Embaixador americano no Rio a respeito do andamento das coisas no Brasil e dando-lhe instruções para agir junto ao desgoverno do dr. Vargas. Acrescente a isto que a libra está a 110 mil-réis e o dólar a 23! É possível que isso continue?

Todos da minha casa agradecem as suas lembranças e lhe desejam e aos seus uma ótima estada em Vichy. Receba um apertado abraço, do seu muito amigo

Lindolfo Collor.

Castro Júnior

refere-se a João Cândido Pereira de Castro Júnior, militar. Apesar de não pertencer aos quadros da AIB, apoiou a tentativa golpista dos integralistas contra o governo, em maio de 1938, no Rio de Janeiro. Foi processado pelo Tribunal de Segurança Nacional e, mesmo absolvido em primeira instância, foi condenado a um ano e nove meses de reclusão ao ser julgado em segunda instância.

Góes Monteiro

Pedro Aurélio de Góes Monteiro, militar. Foi nomeado ministro da Guerra (1934-1935) e chefe do Estado Maior do Exército Brasileiro (1937-1943).

Embaixador Americano no Rio

refere-se a Jefferson Caffery, diplomata norte-americano. Embaixador dos EUA no Brasil (1937-1945).

Lindolfo Collor

Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, jornalista e político. Fez oposição ao Estado Novo, e entre os anos de 1938 e 1941, exilou-se na França e em Portugal, retornando ao Brasil em fins de 1941.

TRECHO MANUSCRITO:

P.S. Chegou aqui D. Rosalina Coelho Lisboa. Na chegada, demonstrou vivo empenho em encontrar-se comigo. Conversamos ontem, longamente. Não falei; ouvi. O que ouvi confirma o que sabemos e o confirma acentuadamente. Diz ela que o governo está em estado de caos. Todos os ministros conspiram contra o ditador (textual!). O Brasil retrogradou de um século. A situação é de decomposição. Não sabe como isso acabará...

Collor.

Rosalina Coelho Lisboa

poetisa, jornalista e ativista política, participou do movimento integralista.

REPUBLICQUE FRANÇAISE

Schauss 0003

de RÉCÉPISSÉ de Vichy
DE DEMANDE DE CARTE D'IDENTITÉ
ou de renouvellement de la carte N°

Delivré à M. *Mangabeira Otávio*
né le *27/8/86* à *Bahia*
de nationalité *Parésienne*
résidant à *Parariz* Valable jusqu'au *20-1-40*
rue *20 rue de France* N°
Profession: *peintre*

Le présent récépissé, tenant lieu de permis de séjour, sera valable jusqu'au *20-1-40* (un mois au maximum),
A *Parariz*, le _____ 193

Taxe versée: _____
N° du reçu: _____
Date de la poste: _____
Pénalité versée: _____
Nombre de mois: _____
Numéro du reçu: _____
Date de la poste: _____

Tout étranger changeant de domicile sans esprit de retour (ou quittant la France dans les mêmes conditions) devra, avant son départ, faire viser son récépissé par le Commissaire de police (ou, à son défaut, par le Maire).
Dans les 48 heures de son arrivée au lieu de son nouveau domicile (ou de son retour éventuel en France), l'étranger devra également faire viser son récépissé par le Commissaire de police (ou, à défaut, par le Maire).
L'étranger qui négligera de se conformer à ces prescriptions sera passible des peines prévues par l'article 471, § 15, du Code pénal.
(1) Nom et prénoms. Pour les femmes mariées, mentionner le nom de jeune fille après celui du mari.

Stamp: Timbre de la Mairie ou du Commissariat

Stamp: Valable jusqu'au 20-1-40

Vertical text on the left: Ce récépissé ne se prait, en aucun cas, tenir lieu de pièce d'identité.

Visto de entrada na cidade de Vichy (França), em 18 de agosto de 1939.

VICHY, 12 DE AGOSTO DE 1939

Euvaldo,

Sua carta, de 5, chegou sem novidade. Pelos meus cálculos sendo eu mais moço que você uns cinco a seis anos, e tendo-me batizado já taludo, pois o doutor Júlio Adolfo, que seria meu padrinho, se lembrou de ficar maluco, e, só depois que se perdeu a esperança de que ele ficasse bom, (como aliás ficou, para o bem de muita gente) resolveram batizar-me—o batismo deveria ter sido em 95 ou 96. Mas Vina insiste sempre nessa história de que foi em 90 ou 91, e, das outras vezes, em que precisei de certidão, tem dado certo. Custam sempre a encontrar, não sei porque; porém acabam encontrando. São sempre assim as coisas preciosas. Se se encontrassem com facilidade, não seriam preciosas. Há uma certa confusão de livros. O Ápio, entretanto, que tenha paciência, como é dever dos padres. Não de encontrar, em um daqueles anos. Aliás, quando me casei, tirei, no arcebispado, a certidão. Lembro-me de que houve a mesma dúvida. Mas o batizado apareceu. O casamento foi a 22 de dezembro de 1909, e os papéis estão no fórum. 1909! Quase trinta anos! Quando morrer vou para o céu direitinho...

Não recebi nenhum questionário, nem de Ana Maria, nem de ninguém; a não ser o do chefe da polícia, sobre o que, no estado novo, tem despertado maior entusiasmo. Quanto a isto, ando a ver se descubro, aqui na França, algum dos descendentes de Cambronne, para inspirar-me nele, e responder.

Porque não vem a Vichy? Mais vale um gosto do que quatro vinténs, e isto aqui é fato agradável. Assim, em lugar de 22, é possível que só partamos a 25 ou 26, de modo que a correspondência aérea do próximo sábado, 19, pode vir ainda para aqui.

Passem todos muito bem. Saudades do

Mangabeira.

O processo da aposentadoria, quando segue para o Rio?

Vina

refere-se a Lavinia Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

Cambrone

refere-se a Pierre Cambronne (1770-1842), general do Império Francês.

BR BACMB OM TXT CP 49/1156

[ALAGOINHAS], 18 DE AGOSTO DE 1939

Dr. Otávio

Recebi sua carta de 22 do corrente e, como sempre, tive satisfação em ter suas notícias.

Faço votos para que em companhia de D. Ester e Édila continuem com saúde e que brevemente possam regressar à nossa terra.

Eu todos os dias me lembro com gratidão do grande conforto que o Senhor prestou a seu amigo, o meu querido Joaquim, nos últimos dias de sua existência; peço sempre a Deus que lhe recompense de tudo quanto fez por ele.

Mário vai bem e também Dr. Carlos e o João Dourado. Este está no Rio, voltará para aqui em Setembro.

Eu, há muitos meses tenho estado com reumatismo, apesar de estar sempre em uso de remédio.

Os mais sem alteração.

Peço aceitar com D. Ester e Édila nossas visitas e mandar suas ordens a

Amiga que muito lhe presa

Raquel.

Joaquim

refere-se a Joaquim Climério Dantas Bião (1857-1936), chefe do autonomismo em Alagoinhas nos anos de 1930.

Carlos

refere-se a Carlos Olímpio Pinto de Azevedo, advogado, correligionário de Dantas Bião.

Raquel

refere-se a Raquel Valverde Martins, esposa de Joaquim Climério Dantas Bião.

BR BACMB OM TXT CF 10.6/2530

VICHY, 19 DE AGOSTO DE 1939

Euvaldo,

Não veio carta sua esta semana. Nem há também necessidade, sendo você, como é, tão ocupado de escrever semanalmente, com absoluta pontualidade.

- Ao examinar, mais de perto, a viagem para Lourdes, verifiquei ser um tanto fatigante, pois se sai daqui às dez da manhã, para lá chegar à meia-noite. Vou então fazer o seguinte: partiremos quinta-feira, 24, às 10 da manhã, para Bourdeaux, onde chegaremos às sete da tarde. Digo da tarde, porque aqui, atualmente, só anoitece quase às nove horas. Passaremos em Bordeaux o dia 25 (o cônsul é meu amigo, e há muito insiste comigo para que vá até lá) prosseguindo para Lourdes a 26, às oito da manhã, para lá chegar à uma da tarde. Ficarei no Hotel Moderne. Em Lourdes, não me esquecerei dos seus pecados.

A 31 ou 1º, seguiremos para Biarritz (duas horas de trem). A correspondência daí, de avião, de quarta-feira, 23, ou quinta, 24, poderá ser endereçada para – Hotel Moderne – Lourdes – France. Mas a de sábado, 26, que será distribuída na França a 31, convirá endereçar para – Poste Restante – Biarritz – France, onde irei, logo ali chegue. É que, embora seja quase certo que vá para o Plaza Hotel, não é, contudo, ainda certo. Pela próxima carta, avisarei. Permanece, todavia, o endereço em Paris, de onde tudo me é remetido prontamente, pois sabem sempre onde estou.

- Mande-me, quando puder, uma cópia da carta do Coll (não sei bem se é este o nome) a que se referiu você em uma das últimas cartas, e na qual se faz alusão ao nome de Boseret.

- Entregue a Vina três contos (um semestre de mesadas) logo receba esta.

O câmbio tem piorado? É o que consta por aqui.

Cônsul
refere-se a Mário de Lima
Barbosa, secretário da
Embaixada do Brasil em
Bordeaux.

- Maria Helena não tem escrito mais. Transmita-lhe a queixa, no que me diz respeito.

- Perdemos, como você sabe, um sobrinho, filho de Carlos. Não foi surpresa. Em todo o caso, sentimos. Era um rapaz muito bom, e que muito se fez estimar, pelo carinho com que nos tratava. A serenidade e o bom humor, com que aceitava o destino, tornavam-no, a todos, extremamente simpático. Descansou.

Estamos agora preocupados com Edite. Não creio que haja gravidade alguma. Sofrer, porém, mais uma vez, aquilo, e sem anestesia, nos deixa, é claro, ansiosos, por sabê-la já livre da tortura, sem maiores consequências, e tendo-a bem suportado. Coitada... É, suponho, a oitava vez, e, desta, o que agrava o caso, não quer mais receber os anestésicos. Há de passar. Tem ela, felizmente, muito ânimo.

- A estação em Vichy, esplêndida este ano, vai nos fazendo bem, a todos três. Perdi já quatro quilos, o que creio ser bom sinal, pois me sinto otimamente; não falando da parte elegância, que naturalmente melhorou. Se Deus não mandar o contrário, vou fazer os cinquenta em Lourdes, remoçado e lampeiro.

Georgina, boa de todo? O capanga? A ingrátissima sobrinha?

Passem os quatro muito bem. Abraços muitos de Mangabeira.

sobrinho

refere-se a Rui Vinhas Mangabeira, filho de Carlos Mangabeira e Maria Vinhas.

capanga

refere-se a Geovaldo Soares Pinho, filho de Euvaldo Soares de Pinho e Georgina Diniz.

sobrinha

refere-se a Dinorá Diniz de Pinho, filha de Euvaldo Soares de Pinho e Georgina Diniz.

BR BACMB OM TXT CP 37/764

PARIS, 20 DE AGOSTO DE 1939

Le Reynolds

G. Avenue du Parc Monceau

Prezado Amigo e Senhor Ministro,

Sua carta me preocupou tanto que me pus logo em campo, para saber o que havia ocorrido.

Achei melhor saber do próprio Embaixador, pois o conheço há mais de trinta anos e nunca lhe achei ato sem bondade ou nobreza.

De fato, ele telegrafou perguntando se poderia dar-lhe um passaporte diplomático, pelas facilidades, inclusive materiais, que traz. Mas o fez como coisa dele, tendo acrescentado que inquereria de V. Ex. se estaria disposto a fazer o requerimento.

A resposta não correspondeu à intenção. Não por se tratar de V. Ex., mas porque o regulamento atual não cita os ministros de estado. Nela o Itamaraty lamentou que, tal sendo o texto, se houvesse feito a consulta.

Não há pois razão para V. Ex. amofinar-se, pois tudo correu à revelia sua. Quem se mortificou, e muito, com isso tudo, foi o intermediário.

Não preciso dizer das vezes, tantas e tão repetidas, em que o Embaixador se mostrou a mim preocupado com sua pessoa, sua saúde e dos seus, um melhor bem estar para todos. Tem-lhe a maior admiração e respeito. E sua iniciativa não se inspirou senão nesses sentimentos.

Aqui chegamos depois de uma linda viagem pela Touraine. Nunca pensei, apesar de tanto gabada, que fosse tão bela. Lem-

bra, a certos respeitos, Florença. Compreendo que seja a terra de Rabelais, mas não a de Balzac.

E achei resposta do Ministério, reconsiderando a decisão anterior e autorizando-me a ir a Washington. Isso me transtorna todos os planos, mesmo os de Haia e Bruxelas. Como tenho que fazer muita coisa, inclusive obter a ida do Dusendchson a Oslo, penso voltar para Genebra no fim da semana. Caso tenha que ir aos Estados Unidos, será no dia 4. E aqui nos veremos no fim de setembro.

Vale a pena uma ida a Biarritz, nem que por breves dias. Insisti ainda com a gerente, reduz 5 francos. O hotel é melhor do que o Lefevre, mas V. Ex. deve escrever com antecipação.

Quando passar por Lourdes, desejaria que me obtivesse umas três pequenas medalhas da santa, bentas ali mesmo. Os pedidos do Brasil foram além de minha provisão.

Soube que o Nabuco esteve aqui e parte hoje para o Brasil, onde vai ser Secretário Geral. Chegou também o Osório de Almeida, que almoçou conosco e muito pergunta por V. Ex. com real amizade e apreço. Como ficará em Paris até o dia 30 de setembro, espera visitar-se com V. Ex. antes de voltar para o Brasil. Conta da Academia o que sabemos. Se encontrar o livro de Boissier, mandarei a V. Ex., para que se reconcilie um pouco com ela, como aconteceu comigo, - a filha sai muito à mãe, guardadas naturalmente as proporções.

Pergunta V. Ex. por nossa saúde. Os meninos estão esplendidamente, a praia lhes fez grande bem. Viola continua porém com o reumatismo, a esperança de que ia ficar em Lourdes desapareceu; e quanto a mim, creio que devido à praia, arrasto uma grande insônia. Mas deve ser da idade.

Vi em Bordéus o Mario de Lima Barbosa, que muito falou em V. Ex., Curioso, um homem que nunca foi Cônsul, num Consulado por onde passaram figuras da carreira, fez da sua repartição um primor. Muita Legação não lhe chega aos pés. Vale a pena visitá-la, se por ali passar.

Nabuco

refere-se a Maurício Hilário Barreto Nabuco de Araújo, diplomata.

Osório de Almeida

Miguel Osório de Almeida, médico fisiologista, cientista e professor. Eleito para a cadeira 22 da ABL em 5 de setembro de 1935.

Academia

refere-se a Academia Brasileira de Letras.

Viola

refere-se a Viola Leckie Lobo, esposa de Hélio Lobo.

Mário de Lima Barbosa

secretário da Embaixada do Brasil em Bordeaux, França.

Quanto à carta inclusa, V. Ex. há de pasmar. Victor Cunha passou pelo Rio, apresentou-se a S. Ex. e foi menos gentilmente tratado. Suspendeu as relações. No Chile, mandou-lhe o ofício de praxe. E o resultado aí está. Eu não acreditaria, se não lesse. E fico com muita pena do Brasil, pois se as elites são dessa marca, que será do resto?

Nossas homenagens a D. Ester e visitas afetuosas a Édila e V. Ex. Respeitos a V. Ex. Um abraço de seu amigo,

H

refere-se a Hélio Lobo Leite
Pereira, diplomata e jornalista.

H.

BR BACMB OM TXT CP 43/942

RIO DE JANEIRO, 10 DE SETEMBRO DE 1939

Meu caro Sr. Ministro

Ao chegar aqui recebi a sua carta, reexpedida de Santiago. Conquanto o Chile me pareça dos lugares mais agradáveis para viver-se, neste momento, o custo de vida ali subiu muito em relação às informações que lhe prestaram, continuando, porém em muita coisa, inferior ao do Rio.

Com as atuais dificuldades nas comunicações não sei se o lugar ainda o interessará, senão para acompanhar a evolução social que ali se processa dentro de um regime político que só pode inspirar respeito. Após curta estada aqui espero voltar para Santiago, onde tenho sido tratado com imensa generosidade. Não é difícil afeiçoar-se àquela gente, e o clima é muito bom, como só o pode ser em zona temperada.

Estive oito dias em Paris e aí o procurei, mas não tive a sorte de encontrá-lo.

Disse-me o Concierge que estava em Vichy.

Com afetuosas lembranças para D. Ester e Édila creiam sempre de v.ex. amigo e admirador.

Muito Obrigado

M. Nabuco

M. Nabuco
Maurício Hilário Barreto
Nabuco de Araújo, diplomata.

<p align="center"><u>OBSERVATIONS IMPORTANTES</u></p> <p>Le titulaire devra se conformer aux itinéraires fixés et aux ordres donnés par le G.Q.G., ou les Généraux Commandant les Régions traversées.</p> <p>Cette carte ne donne pas droit à l'accès dans la zone avancée.</p> <p>En cas de perte, le titulaire devra faire la déclaration immédiate au B.C.M.C., 1^{re} section, 14, rue Cambacérès, Paris-8e, ou à la Gendarmerie la plus voisine qui avisera le B.C.M.C.</p> <p>Ce titre n'est valable qu'accompagné de la carte d'identité indiquée d'autre part. En cas de non concordance, le titre sera retiré, le porteur refoulé, sans préjudice de poursuites judiciaires.</p> <p align="center">C - B.C.M.C. 3298 1</p>	<p>MODÈLE N° 20-1</p> <p>RÉPUBLIQUE FRANÇAISE</p> <hr/> <p>MINISTÈRE DE LA DÉFENSE NATIONALE</p> <hr/> <p>18^{me} RÉGION</p> <hr/> <p>Carte de circulation temporaire (à l'exclusion de la zone avancée)</p> <p>Valable du 25/5/1940 au 25/8/1940</p> <p>prorogée du au</p> <p>prorogée du au</p> <p>prorogée du au</p>
---	--

<p>Numéro de la carte : <i>8113</i></p> <p>(1) Monsieur MANGABEIRA</p> <p>Prénoms Otavio</p> <p>Profession : Sans</p> <p>Né le 27 Août 1886</p> <p>(1) a Bahia</p> <p>domicilié a Biarritz Hotel Lefebvre</p> <p>Pièce d'identité n° 0003 Récépissé</p> <p>Nature : de demande de carte délivrée le 20 Septembre 1939 par Commissaire de Biarritz</p>	<p>NATIONALITÉ Brésilienne</p> <p>Est autorisé à se rendre a : Bayonne Saint Jean de Luz et Vice versa</p> <p>Mode de locomotion autorisé : transports publics ou auto non conduite par lui même.</p> <p>Motif du déplacement A Achats divers voir des amis et connaissances</p>
 <p align="center">Signature du titulaire <i>Otavio Mangabeira</i></p>	<p>Bayonne, le VINGT QUATRE Mai 1934</p> <p>P. Le Général, chef du B.C.M.C.</p> <p>Le Capitaine BOULENARS Commandant la Section de Gendarmerie</p> <p align="center">Voir au dos : « OBSERVATIONS »</p>

Visto temporário para circulação na cidade de Bayonne.

BIARRITZ, 21 DE SETEMBRO DE 1939

Euvaldo,

Sua última carta é de 26 de agosto, recebida já aqui, em Biarritz. Quanto aos 6.612 francos, que vieram para o Banco Francez-Italiano, escrevi a este banco em Paris, e ele mandou pagar-me aqui. Recebi hoje. Como o franco e a libra desceram um pouco nestes últimos dias, o mil reis deve ter melhorado. Só assim; e para as ditas moedas; não para o dólar e outras, que não tiverem baixado. Felizmente, um pouco de dinheiro, que eu tinha, converti-o, já há meses, em dólares.

Minha última carta aérea foi ainda de Vichy, de onde partimos, como avisei, a 24 de agosto, passando em Bordeaux o dia 25, e prosseguindo, a 26, para Lourdes, e dali a 31, para Biarritz. Aqui chegando, tratamos de escrever, e realmente escrevemos, para o avião de sábado, 2 de setembro, mas este já não partiu, por ter irrompido a guerra. A carta seguiu pelo correio comum, dias depois. Nela referimos a ótima estação que fizéramos em Vichy, os dias muito agradáveis, que passamos em Lourdes, inclusive o do meu aniversário, e a vinda, sem novidade, para Biarritz. De Lourdes, mandamos postais, e Édila algumas cartas, pelo correio marítimo, e que certo receberão, se é que já não receberam.

A guerra, é claro, não nos colheu de surpresa. Pareceu-me, todavia, que se iria protelando, isto é, que o Hitler, tendo sempre contado com a certeza de que a Inglaterra e a França não iriam nunca até a guerra, haveria de refletir, diante da atitude decidida, que estas passaram a mostrar. Parece, entretanto, que o homem já se achava em condições de não poder recuar. É uma calamidade; porém maior calamidade seria se as nações e territórios continuassem a ser conquistados, “sem um tiro”.

O espetáculo na França – e o mesmo se vai passando na Inglaterra – é dos mais interessantes. Todo o mundo, que era apaixonadamente contra a guerra, a ponto de animar o adversário, é hoje a favor da mesma, e dure o que dure, e custe o que custar. Tudo, porém, se passa, sem o menor estrépito. Não fossem a escuridão, à noite, nas cidades, mesmo aqui, e certas perturbações em alguns serviços públicos, ninguém saberia que se está em guerra. Milhões de homens

Banco Francez-Italiano

O Banco Francês e Italiano para a América do Sul foi criado em Paris em 1910, resultado de uma sociedade entre o Banque de Paris et des Pays Bas e a Banca Commerciale Italiana. Neste mesmo ano, teve autorização para funcionar no Brasil, mas durante a Segunda Guerra Mundial, por decreto do governo brasileiro, foi liquidado e seus bens incorporados ao patrimônio nacional.

pacto germano-soviético
assinado em 1939, garantia a não agressão entre a URSS e o III Reich.

foram tomando os seus trens, para os efeitos da mobilização, sem que ninguém percebesse, a não ser nas próprias gares, onde, aí mesmo, o embarque se fazia, como se se tratasse, mais ou menos de uma viagem normal, em dias de movimento. Nada de passeatas, nem de vivas, nem de expansões de natureza alguma. Estou satisfeito com a prova que os regimes livres estão dando da sua capacidade para funcionar nas horas graves, ao passo que as ditaduras conduzem o mundo à catástrofe, fazem o que estão fazendo na Polônia, e se degradam até a ignomínia de atitudes ou de fatos como o pacto germano-soviético, etc. Na Inglaterra e na França, é o povo quem exige agora a guerra; enquanto que na Rússia, na Alemanha, etc...

Quanto ao que se vai passando, vocês aí saberão quase tanto quanto nós, pois, tudo o que é publicável, as agências, telegráficas se incumbem de transmitir.

Biarritz, onde estamos, é a vinte minutos da fronteira espanhola, por enquanto muito calma, e com fácil saída, portanto, para Espanha ou Portugal; perto, por outro lado, de Bordeaux, de onde partem muitos navios, para as várias direções. Muita gente está vindo para aqui, inclusive brasileiros, e não nos faltam contatos. O Hotel Lefevre, onde nos hospedamos, fica à beira do mar. Dos nossos quartos, vemos, vemos e ouvimos, quase junto, a praia, uma das mais belas da Europa. Tranquilidade, completa, se não fosse a preocupação com o que vai correndo por aí. Preços, módicos. Estamos – como em geral os estrangeiros, atualmente em França – um tanto no ar, a ver se devemos, ou não, atravessar os mares. Fiquem, porém, tranquilos, quanto a nós. Havemos de resolver pelo melhor. Infelizmente o Brasil continua insensível a tudo, como uma terra morta. Estados Unidos? Outros países da América? Veremos.

Pensei em telegrafar dando notícias. Preferi aguardar tranquilamente o restabelecimento do correio aéreo, que não poderia tardar. Nada de afobações.

Grande abraço, para todos.

Mangabeira

Afora o outro endereço, as cartas podem vir para aqui (Hotel Lefevre – Biarritz – France). Mesmo que aconteça ausentar-me, deixarei as instruções para remessa da correspondência.

BR BACMB OM TXT CF 09/2383

[SALVADOR], 23 DE SETEMBRO DE 1939.

Otávio

Já um mês, hoje, que estamos sem a menor notícia de vocês, o que tem dado grande preocupação a nós e aos seus amigos. Esperávamos que passageiros do Siqueira de Campos, aqui chegado anteontem, pudessem dizer alguma coisa, mas o Lauro Farani nada sabia a seu respeito e um outro passageiro do Rio, apenas disse que estivera, antes de embarcar com o Carvalho Azevedo, sabendo por este, que você no dia 2 estava em Biarritz, concluindo o passageiro que você a esta hora, provavelmente se encontra em Portugal, para onde seguiriam todos os brasileiros que se achavam na França. Como vê a informação foi tão vaga que não satisfaz aos que estavam aflitos por uma notícia. De João, tivemos carta, anteontem, preocupadíssimo com você. Temos certeza de que se você não manda notícias é porque isso lhe é, materialmente, impossível, e esta certeza ainda torna maior a preocupação. A Air France só tem trazido da Europa, jornais, nenhuma outra correspondência. Daqui, porém, recebe cartas e nós temos escrito todos os sábados, falhando somente um, em que o avião não seguiu.

Simões esteve aqui conversando bastante a seu respeito, sem compreender como você não saiu daí antes de estalar a guerra. Tenho a certeza, porém, de que se você assim procedeu foi por lhe ser isso mais conveniente. Temos ouvido pelo rádio, o que de horrível vai se passando na Europa.

Irundi e Glorinha, que foram ao Rio por oito dias, tiveram de se demorar muito mais por falta de vapores. Você, que sabe a dificuldade que existia para se conseguir passagens do Rio para a Bahia, imagine agora que os navios alemães, ingleses e franceses suspenderam suas viagens!

Em casa, vamos passando regularmente. Tivemos carta de

Lauro Farani

Lauro Farani Pedreira de Freitas, engenheiro. Dedicou-se a atividades relacionadas com o setor de transportes ferroviários. De 1931 a 1943 foi presidente da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Bahia e de Sergipe.

João

refere-se a João Mangabeira, advogado e político, irmão de Otávio Mangabeira.

Irundi

refere-se a Irundi Mangabeira Albernaz, filho de Cecília Mangabeira Albernaz e José Garcia Albernaz, casado com Glorinha (Goga).

Pepe
refere-se a Maria Augusta,
irmã de Otávio Mangabeira.

Iôio
refere-se a Carlos
Mangabeira, irmão de Otávio
Mangabeira.

Maria
refere-se a Maria da Glória
Mangabeira, irmã de Otávio
Mangabeira.

Pepe e Ioiô, ambos bem de saúde e preocupados com a sua permanência aí.

Diga a Édila que temos sentido falta de suas cartas alegres. Abraços para ela, Ester e você com saudades da irmã muito amiga,

Maria

Nº 7072 *Prorogation accordée jusqu'au vingt quatre Août 1940* 4526
Bayonne le 24 mai 1940
Le Capitaine Bouillar, C. & la Section **MODELE N° 20**

CARTE DE CIRCULATION TEMPORAIRE
valable jusqu'au *cinquième janvier cent quatre-vingt quarante.*

Nº 995 Titre prorogé jusqu'au premier avril mil neuf cent quarante.
Bayonne le 18 Janvier 1940
Le Capitaine Bouillar C. & la Section de Gendarmerie de Bayonne.

Nom et prénoms : *Mangabeira, née Tinho, Esther*
né le *6 décembre 1882* à *Bahia*
Nationalité : *Brazilienne*
Titulaire de la carte d'identité nº *000* délivrée le *20 septembre 1939*
par le *préfet* de *folie de Brianté*
Le titulaire est autorisé à circuler sur l'itinéraire *Brianté, Bayonne, St Jean d'Arzy*
Mode de locomotion *chemin de fer, autobus, et automobile non expédite par elle*

Motifs : *achats divers et voir des amis*

Observations : *Révisé à Brianté, Hôtel Lefevre*

Délivrée à *Bayonne*, le *29 novembre 1939*
Le Capitaine Bouillar, C. & la Section de Jours

(Cachet.)
[Stamp: GENDARMERIE NATIONALE, SECTION DE BAYONNE]

La prorogation doit être demandée (avec envoi de la carte d'identité) au moins huit jours avant la date d'expiration
(Voir, sur le récépissé, le sauf-conduit provisoire.)

Visto temporário para circulação na cidade de Bayonne.

BR BACMB OM TXT CP 38/781

LISBOA, 9 DE JANEIRO DE 1940

Exmo. Sr.

Dr. Otávio Mangabeira

BIARRITZ

Exmo. Senhor, da minha maior consideração:

Diz o nosso povo que “nunca é tarde para cumprir um dever”

Por isso, e confiado na generosidade de V. Exa., aqui me tem hoje para lhe pedir mil perdões do meu silêncio. Isto não significa esquecimento, e tanto assim que eu, através de meu primo Sr. Dr. Washington Luiz, fui sempre indagando da saúde e bem-estar de V. Exa. e de sua Exma. Família.

De resto, é profunda a minha admiração por V. Exa., cuja inteireza de caráter e talento privilegiado o colocam, justamente, como um dos políticos internacionais de maior renome e que mais simpatias tem conquistado em todos os setores de relevo intelectual.

Além disso, nós, portugueses, veneramos o nome de V. Exa., cuja passagem notabilíssima pela pasta dos Estrangeiros do Brasil jamais poderemos esquecer.

Por tudo isto, venho mais uma vez repetir o que afirmei a V. Exa. quando, com grande pesar nosso, abandonou o meu País: aqui e em toda parte estou inteira e lealmente ao dispor de V. Exa., que encontrará sempre em mim a maior dedicação e sinceridade. Disponha, pois, do meu fraco préstimo.

E, para terminar, agradeço penhoradíssimo e retribuo os votos de felicidade d’um Novo Ano cheio de prosperidades.

Álvaro de Magalhães
advogado português.

Com os meus respeitosos cumprimentos, creia-me com a maior admiração

De V. Exa.

amg°.at°.e muit°.obgd°.

Álvaro de Magalhães

N.B. Como a minha caligrafia é péssima, resolvi escrever à máquina: perdoará a falta.

BR BACMB OM TXT CA 15/1914

BIARRITZ, 11 DE JANEIRO DE 1940

Simões:

Recebi sua carta, de bordo do Netúnia, e, pensando na sua ida para o Natal na Bahia, não deixei de invejar-lhe a sorte, embora lastime a vida no Brasil, para os que se sentem exilados na sua própria pátria, e há de ser bem o seu caso. Já não será o mesmo, por exemplo, para o Pedro Calmon, de quem estou vendo, agora mesmo, a fotografia, fazendo discurso, ao lado do Getúlio, provavelmente para melhor ... comovê-lo.

O que você me refere, coincide com as minhas impressões, não obstante aconteça receber, de vez em quando, algumas informações em sentido diferente, as quais não dou grande crédito. Receio, contudo, às vezes, a presença de certos elementos enquanto me acho tão longe.

Vejo diante de mim o indefinido; nenhuma luz no horizonte; preocupações de toda sorte, inclusive no que se refere à permanência na Europa, onde é evidente que as coisas vão ainda crescer de gravidade; mas aceito as circunstâncias com a serenidade precisa, e, no que toca ao Brasil, encontro no pântano em que apodrece o país motivo para insistir na minha perseverança, sem procurar saber dos resultados, nem calcular consequências. Morra nisto, dar-me-ei por feliz. Ainda há pouco, não me contive que não extravazasse, ainda uma vez, e não sem dificuldades. Fio-me em quê? Em Deus, que não me abandona; e, se me abandonar, não me revolto. Pois não chega a ser extraordinário que me vá mantendo por aqui, através de tanto obstáculo – vai já terminar o primeiro trimestre do segundo ano – e ainda me sobra o fôlego? Só não tive coragem, até agora, é de abalar para a América, onde, lógica e politicamente, há muito devia estar. Mas, além das despesas de viagem, não conheço a vida por lá, ao passo que, na daqui, sou veterano, e sei, portanto, como levar as coisas.

Netúnia

navio de bandeira italiana, que fazia rota para a América do Sul.

Pedro Calmon

advogado, professor, escritor, historiador e político. Membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1938 tornou-se catedrático de direito público constitucional e diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil (UB).

abalar para a América

Otávio Mangabeira e família partiriam para os Estados Unidos apenas em 03 de novembro de 1940

Armando

refere-se a Armando de Sales Oliveira, ex-governador de São Paulo, presidente da UDB e candidato à presidência da República, em 1938.

Washington

refere-se a Washington Luís Pereira de Sousa, ex-presidente da República (1926-1930).

Helena

refere-se a Helena Vitória Cerne Simões, esposa de Ernesto Simões Filho.

Regina

refere-se a Regina Simões, filha de Ernesto Simões Filho e Helena Vitória Cerne Simões.

O Armando que sempre me escreve, e dois outros amigos, por sinal muito dedicados, que tenho nos Estados Unidos, insistem muito pela minha ida, porém vou sempre adiando. Aliás há ordens do Rio para dificultar-me o passe no que diz respeito a passaporte.

Pergunta-me você se confio na repercussão, no Brasil, da vitória das democracias. O Armando e o Washington confiam muito. Quanto a mim, causa-me tamanha tristeza ver um país aceitar, resignado e tranquilo, quem sabe até satisfeito, a sua ignomínia, e esperar um remédio do estrangeiro, que não sei o que lhe diga. Depois, não parece claro que, vitoriosas as democracias, todos os Góes Monteiros do Brasil embandeirarão em arco, para festejar-lhes a vitória? Como quer que seja, e ainda aí, tenho procurado fazer o que está ao meu alcance. Você me entenderá. Elementos tivesse, mais faria.

Abrace, por mim, a todos os amigos, que tenho presentes sempre na memória, dê muitas lembranças nossas a d. Helena, a Regina, e assim aos dois amiguinhos e receba, com as saudades, um grande abraço do

Otávio Mangabeira

BR BACMB OM TXT CA 17/1961

BIARRITZ, 11 DE JANEIRO DE 1940

Luís Viana:

Tive o prazer de receber sua carta.

Não preciso retribuir-lhe os votos de bons anos, porque já lhes tinha mandado. Repito o que lhe disse, de outra vez: não são diversas das suas as minhas impressões. A corrupção e o cinismo, de um lado; do outro, o pavor e a apatia. É entre tais alas que vai passando o esquite...

O seu conceito sobre a “falta de imaginação” é também verdadeiro. Passam-se no Brasil coisas incríveis, sem que haja, para divulgá-lo e comentá-lo, a distribuição, sequer, de um datilografado anônimo. Absoluto marasmo. É uma crise, meu caro amigo, a mais profunda e complexa que o país terá sofrido – crise que atinge inclusive a inteligência e a vontade.

Há de passar. Confiemos. O que lhe afirmo é que insisto, e hei de insistir jusqu’au bout. Nada valho, é bem verdade. Mas, entre os que, mais do que eu, podem realizar alguma coisa, há ainda alguns insistentes, posso igualmente afirmar-lhe. Ainda bem que assim é.

A Bahia, que lhe parece “uma lástima”, salva-se, em parte, pela compostura de quase todos os seus homens públicos, o que, nos tempos que correm, já é alguma coisa.

Não me esqueci das notas sobre o Rui.

Visitas nossas aos seus, e o grande abraço de sempre do

Otávio Mangabeira

Estou lendo, por acaso, um discurso, do famoso Góes Mon-

Luis Viana

Luís Viana Filho, advogado. Em 1940, conquistou por concurso as cátedras de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito, e História do Brasil da Faculdade de Filosofia, ambas da Universidade da Bahia.

Notas sobre o Rui

refere-se às informações solicitadas a Otávio Mangabeira por Luis Viana Filho, em carta de 20 de outubro de 1939, na ocasião em que reunia material para produzir o livro *A vida de Rui Barbosa* (1941).

teiro, em que alude ao que era, em outros tempos, a “comédia constitucional”. Pudera! Fez ele duas viagens, uma à América do Sul, outra à do Norte, com gordas ajudas de custo; e, quando explodiu a guerra, que é coisa de que não gosta, estava de partida para a Europa. Nomeou, fora dos quadros diplomáticos, um irmão ministro plenipotenciário, um primo embaixador, etc., etc., etc. Eu fui ministro do Exterior quatro anos, não nomeei um parente servente do ministério, nem fiz nenhuma viagem, nem mesmo... à Bahia. Assim também o Washington, que era presidente da República.

BR BACMB OM TXT CP 37/765

GENEBRA, 14 DE JANEIRO DE 1940

Prezado Amigo e Senhor Ministro,

Tive o prazer de receber sua carta e os exemplares de seu manifesto.

Li este de novo com grande emoção e prazer. Pois há uma voz altíssima, que se eleva contra o que ocorre no Brasil, com intrepidez e serenidade. Enviei um exemplar ao Cárcano, em Buenos Aires, e outro a um grande e fino amigo, também, em Montevidéu. Os demais só distribuirei com a restrição de tempo, que recomenda.

Afinal, respondeu o Brasil ao telegrama da S.d.N. sobre o auxílio à Finlândia, - mas desapontou-me, pois só fala na iniciativa privada. Zelo de não ferir suscetibilidades nazistas no Governo? Sabe-se aqui que cerca de 16 navios franceses e ingleses já partiram com auxílios e que só de voluntários suecos há mais de 10.000 na Carélia.

Mandei-lhe o meu Pan-Americanismo e o Brasil, atrasado na publicação pela Editora. É a ampliação da memória ao Instituto Histórico e por isso não saiu como seria de desejar. Verá que transpus nomes e acontecimentos, - os de Lima sobretudo, - sem maior tropeço, e sem faltar à verdade. V. Ex. tem nesse volume a homenagem que se impõe, pelo seu trabalho pan-americano, quando no Itamaraty. Fiz questão de testemunhá-la, neste momento. Poucas, mas expressivas palavras.

Não sei se aí tem o livro amarelo francês, que se vende em edição de biblioteca. Vale a pena a leitura. Se não o tem, mandarei com prazer. E Édila já leu o Tableau da literatura francesa, que acaba de sair, por indicação de Gide? Também enviarei com prazer no caso negativo. De Paris pedi ao Levi lhe enviasse o Rauchsning, Révolution du nihilisme.

manifesto

refere-se, provavelmente, ao "À NAÇÃO BRASILEIRA - UM PROTESTO: a propósito da comemoração, no Brasil, do cinquentenário da República, pelos que destruíram no país as instituições republicanas", de 2 de dezembro de 1939.

Cárcano

refere-se a Ramón José Cárcano, historiador, advogado, professor, jornalista e político argentino. Embaixador da Argentina no Brasil entre os anos de 1933 e 1937.

Pan-Americanismo e o Brasil

publicado em 1939, pela editora Nacional.

livro amarelo francês

"Amarelo-Francês: documentos diplomáticos, 1938-1939", lançado em 1940.

Tableau da literatura francesa

"Tableau de la littérature française: XVII-XVIII siècles", publicado pela editora Gallimard e com prefácio do escrito francês André Gide (1869-1951).

Levi

refere-se a Levi Fernandes Carneiro, advogado, professor e político brasileiro. Em 1936, assumiu a cadeira n° 27 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Rauschning

refere-se a Hermann Rauschning (1887-1982), ensaísta e político alemão, membro do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Fez oposição ao regime nazista. Em 1939, pela ed. Gallimard, publicou "La révolution du Nihilisme".

Castro Junior
refere-se a João Cândido
Pereira de Castro Júnior,
militar. Apoiou iniciativa
integralista contra o governo,
apesar de não pertencer aos
quadros da AIB, em maio de
1938. Foi condenado pelo
TSN, em segunda instância,
há 1 ano e 9 meses de prisão.

Enviei ao Brasil mais de 20 exemplares do referido livro amarelo francês. Inclusive ao Castro Júnior.

Nossas homenagens a V. Ex., D. Ester e Édila. Um abraço de seu amigo,

Hélio Lobo.

BR BACMB OM TXT CA 03/1620

BIARRITZ, 16 DE JANEIRO DE 1940

Amigo e senhor doutor Elmano Cardim, muito digno diretor do Jornal do Comércio.

Rio de Janeiro.

É tão raro, nos tristes dias que vai vivendo o Brasil, encontrar, no registro da imprensa, alguma coisa que mereça aplauso, que não sei como lhe agradeça o ensejo que me oferece de aplaudir.

Sua conferência, que só agora vim a ler na íntegra, sob o título de “Rui Barbosa, o jornalista da República”, é uma peça que lhe faz honra, por todos os motivos, sobretudo, porém, pelo momento em que foi proferida.

O local em que a proferiu não podia ter mais próprio.

Uma vez que o sr. Getúlio Vargas, o homem do “estado novo”, se permitiu fazer uma visita à casa de Rui Barbosa – qual se Stálin amanhã fosse visitar o Vaticano – era preciso que aquela casa sofresse uma desinfecção em regra; e palavras e conceitos, como os da sua bela conferência, devem ter saneado aqueles ares, enxotando dali os miasmas, que ali acaso conseguiram entrar.

Amigo de Rui Barbosa, que tive a fortuna de ser, bendigo os que têm olhos para vê-lo, no ponto culminante que ele ocupa – grande, luminoso, incomparável na história da nossa pátria. Mas é principalmente no caráter de brasileiro que sofre, com as atuais desgraças do Brasil, que o felicita pela conferência, cuja leitura tanto o consolou, o compatriota, servo e amigo.

Otávio Mangabeira

Elmano Cardim

jornalista e advogado. Ocupou a direção do Jornal do Comércio em abril de 1936, tornando-se co-proprietário deste jornal em 1941.

Jornal do Comércio

Durante o Estado Novo, sofreu com a censura. Seu diretor, Elmano Cardim, foi um dos signatários da carta coletiva enviada a Vargas pelos diretores dos jornais cariocas.

BR BACMB OM TXT CR 15/1909

BIARRITZ, 22 DE JANEIRO DE 1940

Meus caros amigos drs. Altino Serbeto e Reinaldo Sepúlveda:

Ao ter notícia da morte do coronel Henrique Alves dos Reis, apresso-me em transmitir-lhes, para que os façam chegar a todos os que o pranteiam, nesse município de Itabuna, que ele tanto amou e serviu, os sentimentos da solidariedade, com que tomo parte em seu pesar.

Das relações que mantive, através de muitos anos, com o amigo que acabamos de perder, guardo uma grata lembrança.

Homem de origens humildes, e sem instrução de espécie alguma, era de ver o seu cavalheirismo, a sua discrição e compostura; como ninguém o excedeu na fidelidade aos compromissos, na firmeza das atitudes, no capricho, digamos assim, com que tomava a sério os seus deveres, em suma, nessa espécie de virtude que, parecendo tão simples, é, contudo, bem mais rara do que, à primeira vista, se suponha a virtude de dar-se ao respeito.

Muito há, sem dúvida, aí, quem possa dar testemunho das suas qualidades de energia, do seu destemor pessoal, toda vez que, nas lutas em que entrou, sem exclusão das mais ásperas, foi compelido pelas circunstâncias a fazer face ao perigo. Conheci-lhe, porém, melhor, a vivacidade, a inteligência, que nele tinha o caráter das manifestações nativas. Pouco importa que os proferisse, muitas vezes, com incorreções na linguagem: há frases suas, há comentários seus, que, se eu tivesse de escrever a crônica da nossa vida pública, especialmente a da Bahia, não me esqueceria, provavelmente, de deixar consignados, tais a propriedade do conceito, a finura da expressão, e sobretudo o humorismo, com que marcam, ou definem, homens, ou fatos.

Serei talvez suspeito para julgá-lo, principalmente ao lhe tratar da morte. É que, tendo contado com o seu apoio, em horas, para

Henrique Alves dos Reis
importante produtor de cacau no sul da Bahia, falecido em 08 de janeiro de 1940.

mim inesquecíveis, da política baiana, por ele, entretanto, pelos seus amigos, e, antes e acima de tudo, pelo progresso do seu município, nada fiz, ou pude fazer, já que, por prêmio de esforços, empregados com boa intenção – e nos quais, mercê de Deus, insisto e persevero – me tem cabido o ostracismo. Não se me há de recusar, todavia, o direito de ser grato.

Se, deste recanto do estrangeiro, onde estou por amor do Brasil, me é lícito pedir-lhes um favor, pedir-lhes-ia o seguinte: façam, por mim, uma visita de amigo, a visita da minha amizade, ao túmulo do coronel Henrique Alves, e nele, por mim, deponham algumas flores. Hão de ser das mais sinceras que ele terá recebido.

Muito afetuosamente.

Otávio Mangabeira

NOVA YORK, 30 DE JANEIRO DE 1940

Meu prezado amigo,

Recebi, afinal, no dia 10, a sua carta aérea de 12 de Dezembro. Contrastando com essa morosidade, recebi alguns dias depois a sua carta de 3 deste, em resposta ao meu telegrama de Ano Bom. Não lhe respondi logo porque estive doente, com uma daquelas renitentes traqueítes, de que fui vítima em Paris. Desta vez, porém, não se tratava de uma manifestação gripal e por isso fiquei bom mais depressa.

A sua carta anterior às duas últimas tinha-me dado uma impressão tão nítida de que era resolução assentada a sua vinda para os States, que passei dois meses a esperar, dia pós dia, o aviso da sua partida. Não lhe mandei com mais detalhes as informações sobre o custo da vida aqui porque estava certo de que o Falcão se tinha incumbido disso.

Vejo agora, com tristeza, que vamos ficar ainda mais separados. Menos para atender ao chamado dos amigos do que para matar as saudades dos meus, parto com Raquel para a Argentina, via Pacífico, a 23 de Fevereiro. Penso chegar a Buenos Aires a 14 de Março. A minha filha, por sua vez, deverá chegar lá alguns dias depois. Vou assim ver o neto, que ainda não conheço.

Dos exilados, que lá estão, tenho boas notícias. O Paulo Duarte, num daqueles repentinos que são bem dele, partiu com a mulher para a França, como correspondente de guerra do *Estado* e de um jornal argentino. Foram num vapor francês, de que eram os únicos passageiros. O Paulito Nogueira escreveu em Outubro mais uma carta impressa, aos amigos de São Paulo, a propósito da situação brasileira. Salvo algumas restrições, que sobre essa manifestação fiz ao nosso amigo, acho que ela foi útil, porque ajuda a manter coesas as hostes antigetulistas de São Paulo.

Recebi, há dias, o seu novo brado cívico, a propósito das festas

Falcão

refere-se a Ildefonso Falcão,
cônsul do Brasil em Colônia,
Alemanha.

Raquel

refere-se a Raquel de
Mesquita, esposa de
Armando de Sales.

Paulo Duarte

Paulo Alfeu Junqueira de
Monteiro Duarte exilou-se na
França e nos Estados Unidos,
durante o Estado Novo.

Estado

trata-se do jornal O Estado
de São Paulo, do qual era
redator-chefe.

Paulito Nogueira

Paulo Nogueira Filho foi
contra o Estado Novo,
manteve-se exilado nesse
período.

oficiais de 15 de Novembro. Está magnífico. É pena que me tivesse enviado tão poucos exemplares. Mandei-os todos para São Paulo, onde o estado de espírito, ao que parece, está em efervescência.

A visita do “homem” à minha cidade, em princípios deste mês, depois de ter ele concedido a moratória à lavoura, foi um completo fiasco. Ele fez a viagem certo de que seria recebido em Triunfo, mas encontrou, pior do que gelo, uma repulsa geral. Voltou furioso para o Rio e o quadro da sua partida, no campo de aviação, dá ideia de como foi completa a tosquia por que passou. Chegou ao campo muito antes da hora marcada, recusou o avião oficial, pediu um avião da “Vasp”, que não tinha nenhum disponível, e acabou entrando para um aparelho da “Condor”, onde esperou sentado mais de uma hora, lendo um jornal, sem olhar para os lados e sem gratificar com um gesto as poucas dezenas de pessoas do governo e polícia – que assistiam ao humilhante bota-fora. Isto é a autêntica expressão da verdade.

Não sei se as últimas notícias que tem recebido do Brasil concordam com as minhas. Depois de uma longa hibernação, aparecem sintomas de uma atividade inteligente e firme nos setores militares. Um dos nossos melhores informantes, que durante meses não dera sinal de vida, e que é político sagaz, escreveu para Buenos Aires a carta que aqui incluo. A carta é de 12 de Dezembro. Dali para cá, recebo de todos os lados notícias no mesmo sentido. O Júnior está de novo exercendo uma ação vigorosa, secundada pelos nossos outros amigos do Exército. A desmoralização do regime (?) e dos seus homens é total. Por outro lado, a guerra criou no Brasil, onde as simpatias gerais são pelos aliados, uma atmosfera péssima para a força autoritária. Estou começando a crer que este ano verá o fim daquele governo imoral e criminoso.

O ambiente para esse governo torna-se dia a dia pior nos Estados Unidos, senão nas rodas oficiais, ao menos nos meios financeiros e comerciais. O negócio com a U.S Steel Corporation, para a instalação de uma grande fábrica de aço no Brasil, e que o G. anunciou como fato consumado – acaba de se malograr em definitivo. Muitos outros negócios, em que os governos não tinham parte, também foram suspensos. De todos os lados aparecem restrições à

homem

refere-se a Getúlio Dorneles Vargas.

Júnior

refere-se ao gal. João Cândido Pereira de Castro Júnior.

U. S Steel Corporation

Empresa norte-americana que enviou ao Brasil um grupo de técnicos para avaliar a viabilidade de construção de uma usina siderúrgica. Apesar da confirmação de viabilidade feita pela Comissão Preparatória do Plano Siderúrgico Nacional, a empresa abandonou o empreendimento, em razão do avanço da Segunda Guerra Mundial.

G.
refere-se a Getúlio Vargas.
Diante das dificuldades,
Vargas desistiu de associar-
se a empresas estrangeiras.
Apesar disso, assinou o
Decreto-Lei nº 2.054
de criação da Comissão
Executiva do Plano
Siderúrgico Nacional, que
viabilizaria a constituição de
uma empresa nacional com a
entrada de capital estrangeiro,
através de empréstimos.

Conferência do Panamá

Ocorreu em 1939, logo após
a deflagração da Segunda
Guerra Mundial. Consistiu
em uma das reuniões que
ocorreriam com o objetivo de
traçar estratégias continentais.
Nessa conferência foi
delimitada uma área oceânica
em torno do continente
americano contra atos hostis
de qualquer beligerante não-
americano.

ideia de empregar capitais no nosso país, enquanto persistir a atual situação. Tenho informações muito interessantes a esse respeito, tanto de Wall Street como dos próprios meios brasileiros. Entre os atos do G., o que lhe está fazendo maior mal é a revogação, que ele simplesmente decretou, de uma decisão em que o Supremo Tribunal declarava inconstitucional certa medida do governo federal. Para os americanos, isso define melhor do que qualquer palavra o caráter arbitrário do regime e a ausência de garantias no Brasil.

Acabei, afinal, escrevendo o trabalho a que me referi em uma das minhas cartas. A guerra, a conferência do Panamá, as celebrações de 10 a 15 de Novembro – estavam pedindo um retrospecto do que se fez no Brasil nos dois últimos anos. A análise saiu longa e por isso não se há de popularizar. Eu não podia, entretanto, tomar a atitude que tomei – pondo-me abertamente ao lado da causa dos aliados e mostrando que a única saída para a situação brasileira é a ditadura militar – sem dar as minhas razões. E estas não podiam caber em alguns períodos. Acabei o trabalho a 8 de Dezembro, remeti uma cópia para S. Paulo e outra para Buenos Aires no dia 19 daquele mês, e tive notícias de que ele agradou e estava sendo impresso na capital argentina. Até agora, porém, não recebi nenhum exemplar dos folhetos. Assim que estes chegarem, mandar-lhe-ei um pela via aérea. É uma “carta aos brasileiros”, mas sob o título de “Diagrama de uma situação política”. Há nele uma referência ao seu nome.

Indagando do preço do franco, como me pediu, fui hoje informado de que a taxa em vigor para a aquisição de francos é de \$2,27 para 100 francos, isto é, 44 francos por dólar. Fiquei admirado, pois não supunha que o franco estivesse tão alto e tão firme. Já que entrei de novo na ordem financeira, talvez seja conveniente dizer-lhe, depois da minha experiência americana, que acho possível a sua vida aqui, com a sua família, com a despesa diária de \$10, para casa, alimentação e serviço. Abaixo disso – só com o sacrifício de todos os seus hábitos. Quanto à Argentina, sei que os nossos amigos vivem lá com aquilo que gastavam na França.

E agora, onde e quando nos encontraremos? Onde e quando retomaremos o fio das nossas conversações – no correr das quais

adquiriu raízes a minha amizade pelo senhor, hoje tão viva e tão profunda? Deus queira que seja logo e que seja no Brasil.

Se quiser escrever para Buenos Aires antes de saber do meu endereço – e é o que lhe peço – mande a carta ao cuidado de Paulo Nogueira Filho, que mora em: Arenales, 843. Completando o meu pensamento a respeito da viagem à Argentina, expresso no começo desta carta, devo esclarecer que, ao lado de vantagens grandes e visíveis, a proximidade da nossa terra terá para mim alguns graves inconvenientes, decorrentes sobretudo do meu temperamento. É por esse motivo que não pus nenhum aqodamento em atender ao chamado dos amigos.

Muitas e muitas saudades a D. Ester e D. Édila – minhas e de Raquel. Aceite muitas outras, da minha mulher, e mais um grande e saudoso abraço do

Armando Sales.

P.S.: A cópia da carta a que me referi não ficou pronta. Seguirá pelo próximo avião.

BR BACMB OM TXT CP 65/1782

RECIFE, 2 DE FEVEREIRO DE 1940

Ilm^o Sr.

Dr. Otávio Mangabeira.

Biarritz. França.

Meu eminente compatriótico.

A tão brilhante compatriota, que sabe manter viva a força de brasilidade, e para quem o exílio é um estimulante de energias cívicas, eu saúdo efusivamente.

Tenho recebido os seus ardorosos manifestos, que leio e faço ler. São páginas ardentes de patriotismo, que alentarão, amanhã, os tomos da História do Brasil.

No artigo que o Assis Chateaubriand ontem publicou sob o título “a bacia de Pôncio Pilatos”, usou ele de uma frase para definir a paz teutônica, e que serve para conceito da paz brasileira: -“paz dos cemitérios e das catacumbas, a paz dos que não falam, porque não podem ousar a ter uma opinião e dizê-la”. Nossa paz é que vivemos, quebrando apenas a nostalgia dos mortos a voz que vem do estrangeiro, cheia de saudade da Pátria e do desejo de vê-la livre e feliz.

Para o eminente amigo ler e recordar, envio os dois recortes do Diário de Pernambuco, com os discursos proferidos pelo Sr. Interventor no Estado e o Sr. Ministro da Guerra. Eles se vangloriam da proeza com que asfixiaram a democracia, esquecido o mais graduado de suas famosas entrevistas publicadas nos jornais, tranquilizando a Nação quanto ao caso da sucessão presidencial!

Mas, a Nação está tranquila, porque ainda está viva enquanto viverem os homens de sua têmpera. Deus, por fim, se

Assis Chateaubriand

bacharel em Direito e jornalista. Ainda como estudante da Faculdade de Direito do Recife (1908-1913), trabalhou como redator auxiliar no Diário de Pernambuco, órgão do Partido Republicano Conservador (PRC).

Ministro da guerra

refere-se a Eurico Gaspar Dutra, nomeado Ministro da Guerra entre 1936 e 1945.

Interventor no Estado

refere-se a Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, interventor do estado de Pernambuco (1937-1945).

apiedará do Brasil, despertando a Nação da catalepsia em que enferma. Os próprios homens do Governo corrigirão os seus erros!

Meus respeitosos cumprimentos a Exma. Senhora e filha.

Toda a admiração e o respeito do

Amigo

Domingos Vieira

Domingos Vieira
Domingos Marques Vieira,
advogado, deputado federal
(1935-1937) pelo PSD -
Pernambuco.

OBSERVATIONS IMPORTANTES

Le titulaire devra se conformer aux itinéraires fixés et aux ordres donnés par le G. Q. G., ou les Généraux Commandant les Régions traversées.

Cette carte ne donne pas droit à l'accès dans la zone interdite des Armées.

En cas de perte, le titulaire devra faire la déclaration immédiate au B. C. M. G., Direction, 11, rue Cambacérès, Paris-8^e, ou à la Gendarmerie la plus voisine qui avisera le B. C. M. G.

Ce titre n'est valable qu'accompagné de la carte d'identité indiquée d'autre part. En cas de non-concordance, le titre sera retiré, le porteur reboulé, sans préjudice de poursuites judiciaires.

U. - M. 3297 I

MODÈLE N° 20

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

MINISTÈRE DE LA DÉFENSE NATIONALE

BUREAU CENTRAL MILITAIRE DE LA CIRCULATION

Carte de circulation temporaire
(à l'exclusion de la zone interdite)

Valable du 3 FEV 1940 au 3 MAJ 1940

prorogée du au

prorogée du au

prorogée du au

Numéro de la carte : 2501E 4726

(1) M^r MANGABEIRA
Prénoms : Celso
Profession : Ingénieur Civil
Né le 27.8.1886
(2) à Bahia (Brasil)
domicilié à Biarritz - Hôtel Lefevre.

Pièce d'identité n° 64 - 0003 -
Nature : Carte d'identité
délivrée le 18.8.1933
par Commissariat de Police

Signature du titulaire :

NATIONALITÉ : Brésilienne

Est autorisé à se rendre de Paris aux départements de : Gironde - Basses Pyrénées et Hauts Pyrénées.

Mode de locomotion autorisé :
Voie Ferrée
Transports Publics

Motif du déplacement :

Paris le 3 FEV 1940
Le Général, chef du B. C. M. G.
P. O. : Le Chef de Section,

Voir au dos « OBSERVATIONS »

(1) A indiquer en majuscules d'imprimerie.

Autorização para circular na região dos Pirinéus, cordilheira que forma a fronteira natural entre França e Espanha.

BIARRITZ, 06 DE FEVEREIRO DE 1940

Júlio de Mesquita

Júlio de Mesquita Filho, durante o Estado Novo foi preso várias vezes e exilado.

Meu caro Júlio Mesquita:

Acuso recebida sua carta, e muito lhe agradeço o que me informa. No estado de espírito em que você se sentia, ainda me sinto eu. Apesar dos pesares... Encontro, porém, no pântano em que apodrece (será que devo dizer apodrecia?) o país, motivo para insistir na minha perseverança, sem procurar saber dos resultados, nem calcular consequências. Oxalá que as novas luzes não sejam de fogo-fátuo, iluminação de cemitério.

Aguardo, ansioso, o manifesto do Armando. Sabe quanto sou partidário da distribuição de tais documentos. Não concebo campanhas... no silêncio. Realmente, os escritos longos oferecem dificuldades à sua divulgação. Mas, às vezes se tornam indispensáveis. Remeterei daqui, para o Brasil, os exemplares de que dispuser. Já tenho alguma prática em remessas. Não sei se viu por aí algum impresso do meu protesto sobre o cinquentenário da República. Junto lhe remeto um exemplar, devidamente corrigido. A impressão se fez em Lisboa, e boa parte se despachou de lá mesmo, inclusive para aí e Montevideu (Flores). Ignorando o seu endereço, e o dos companheiros aí, ensaiei a remessa de 50 exemplares para o endereço de E. Magalhães, na presunção de que estariam em contato.

Vou ficando por Biarritz. O preço das passagens, agora muito aumentado, e o custo da vida na América me têm feito ban-car o herói, arrostando os possíveis incômodos, alguns já em pleno vigor, da permanência na Europa.

O meu serviço de informações do Brasil anda um pouco deficiente, devido, em parte, ao coração ao largo, em que me tenho posto na matéria. Peço-lhe, pois, me transmita o que for transmissível, sem inconveniente. Saberei ler nas entrelinhas.

Armando

refere-se a Armando de Sales Oliveira, ex-governador de São Paulo (1935-1936).

protesto sobre o cinquentenário da República

trata-se do manifesto intitulado "À nação brasileira um protesto: a propósito da comemoração, no Brasil, do cinquentenário da República, pelos que destruíram no país as instituições republicanas", de 02 de dezembro de 1939.

E. Magalhães

Eliezer Montenegro Magalhães, médico e irmão de Juraci Magalhães. Foi membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e acusado pelo Tribunal de Segurança Nacional, em julho de 1937. Exilou-se em Paris até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a partir desse momento foi para Argentina, exilando-se em Buenos Aires.

refere-se a José Antônio

Flores da Cunha, advogado, exilou-se no Uruguai.

Procurarei ver o Paulo Duarte. Muitas lembranças ao Paulo Nogueira e ao Piza. E, transmitindo a d. Marina as nossas melhores visitas, receba um grande e afetuoso abraço do

Otávio Mangabeira

Paulo Nogueira

Paulo Nogueira Filho, advogado. Contrário ao regime de Estado Novo foi preso e exilado.

Piza

refere-se a Luís de Toledo Piza Sobrinho, opositor ao Estado Novo exilou-se na França, de onde seguiu para os Estados Unidos.

Marina

refere-se a Marina Vieira de Carvalho Mesquita, esposa de Júlio de Mesquita Filho.

BR BACMB OM TXT CP 43/946

RIO DE JANEIRO, 7 DE MARÇO DE 1940

Prezado Snr.,

Cordiais saudações.

Tenho a honra de acusar o recebimento de seu prezado favor de 29 de Fevereiro pp. no qual V. Excia. me expõe de uma obra em dois volumes que tem em vista realizar em homenagem à Machado de Assis, cuja cadeira na Academia de Letras é atualmente V. Excia. o digno ocupante.

Conforme deve ter-lhe informado o nosso prezado amigo Dr. Fernando Néri, trata-se de um assunto que só se pode ser resolvido pela nossa Diretoria com sede em Nova Iorque, e, portanto, no momento, só posso agradecer a V. Excia. a gentileza de ter submetido seu plano à nossa apreciação e as explicações que nos dá a respeito do mesmo e comunicar-lhe que cópia de sua carta está sendo remetida a Nova Iorque pela mala aérea desta semana, para que a Diretoria tome conhecimento da mesma.

Assim que tiver uma solução da Diretoria, ser-me-á muito grato voltar à presença de V. Excia.

Com alta estima e distinto apreço, subscrevo-me

de V. Excia.
Atencioso, Obrigado.
Jackson, Inc.

A. C. Newman

**cadeira na Academia
de Letras**

Otávio Mangabeira foi o quarto ocupante da Cadeira 23, eleito em 25 de setembro de 1930, na sucessão de Alfredo Pujol.

Fernando Néri

diretor da secretária da ABL. Em 1932, coligiu e anotou a Correspondência de Machado de Assis, obra que em 1937 foi reeditada pela W. M. Jackson.

A. C. Newman

Alberto C. Newman, gerente da editora W. M. Jackson Inc. no Rio de Janeiro.

BR BACB OM TXT CA 15/1915

BIARRITZ, 14 DE MARÇO DE 1940

Simões:

Após sua carta, de bordo do Netúnia, não tive notícias suas. Como encontrou a nossa cara terra? E os amigos, que bem pensando, os temos aí, tão bons? Vi que vão fazer melhoramentos na freguesia da Sé. Já me puseram abaixo a velha matriz em que me batizei. Não vão destruir o resto, que é talvez o que há, na cidade, de mais característico.

Tenho tido, do Rio, novas cartas. Algumas expressivas. Insisto nas minhas recomendações. O Armando, ao partir de Nova Iorque para Buenos Aires, onde deve estar chagando, deu-me conhecimento do fracasso, total e definitivo, em que haviam resultado, nos Estados Unidos, os negócios brasileiros, ali em perspectiva (inclusive o da siderurgia, que o “estado novo” tinha anunciado como uma de suas realizações) pela convicção generalizada de que nada há a fazer, enquanto persistir no país uma situação como a atual. Ele, Armando, escreveu um longo trabalho, ao que parece muito interessante, sobre a atualidade brasileira. A reimpressão, em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, do meu último protesto, que mandei a vários dos seus íntimos, para que lhe chegasse às mãos, não deixa de ser um sinal de vitalidade e interesse pelas coisas do país.

Por outro lado, como se anda falando em “viagem ao norte”, naturalmente à procura de algum banho de sol, útil, às vezes, aos organismos anêmicos, aqui lhe reproduzo o que me escreveu um dos nossos amigos paulistas, de maior autoridade: “A visita do ‘homem’ à nossa cidade, em princípios deste mês (fevereiro) depois de ter ele concedido a moratória à lavoura, foi um completo fiasco. Ele fez a viagem certo de que seria recebido em triunfo, mas encontrou, pior do que gelo, numa repulsa geral. Voltou furioso para o Rio, e o quadro de sua partida, no campo de aviação, dá ideia de como foi completa a tosquia por que passou. Chegou ao campo muito antes da hora marcada, recusou o avião oficial, pediu um

velha matriz

refere-se à Catedral da Sé, criada em 1522, e demolida em 1933, em virtude de melhoramentos urbanos na cidade.

longo trabalho

refere-se, provavelmente, ao “Diagrama de uma situação política: cartas aos brasileiros”, escrito por Armando de Sales em 8 de dezembro de 1939.

meu último protesto

refere-se ao “À Nação Brasileira: um protesto a propósito da comemoração, no Brasil, do cinquentenário da República, pelos que destruíram no país as instituições republicanas”, escrito em 2 de dezembro de 1939.

um dos nossos amigos paulistas

refere-se a trecho de carta escrita por Armando de Sales, datada de 30 de janeiro de 1940, comentando sobre visita de Getúlio Vargas.

dois amiguinhos
refere-se a Renato e Vera
Simões, filhos de Ernesto
Simões Filho e Helena Vitória
Cerne Simões.

avião da Vasp, que não tinha nenhum disponível, e acabou entrando para um aparelho da Condor, onde esperou sentado mais de uma hora, lendo um jornal, sem olhar para os lados, e sem gratificar com um gesto as poucas dezenas de pessoas – governo e polícia – que assistiam ao humilhante bota-fora. Isto é a autêntica expressão da verdade”.

Vamos continuando em Biarritz, mas admitindo sempre a hipótese de mudar de acampamento. É aliás um lugar muito agradável, sobretudo se outras fossem as circunstâncias, hoje tão desfavoráveis.

Lembranças nossas a d. Helena e a Regina, bem como aos dois amiguinhos, votos de boa Páscoa para todos, e um grande abraço

Do Otávio Mangabeira

Biarritz – Hotel Lefèvre

BR BACMB OM TXT CA 10/1790

BIARRITZ, 25 DE MARÇO DE 1940

Meu caro dr. Hélio:

Recebi sua carta de 19, e, com ela, a tradução, realmente muito boa. Agradecido. Verei que melhor fazer. Tenho receio de parecer ridículo, tratando com tal rigor as ditaduras, quando as vejo tão temidas, a ponto de ser difícil combatê-las, mesmo nos países democráticos.

Muito bom, também, o “retrato da situação”, aliás tanto menos fácil de definir nos seus traços, quanto as coisas mudam, de hora em hora. Remetê-lo-ei ao nosso amigo, que está, como já lhe disse, restituído à família, desde 2 de fevereiro.

Tive ontem, domingo de Páscoa, um longo telegrama do Falcão, anunciando carta.

O Dantas e o Pires do Rio estão aqui. Voltam amanhã a Paris.

Que lhes tenham corrido agradáveis as férias em Florença. Como encontrou o Veloso? Acredito que os últimos fatos devem ter contribuído para que se acentue em seu espírito o pendor totalitário. Ou não? Eu, apesar dos pesares, não creio que a Providência tenha abandonado a humanidade, a ponto de permitir que os Hitlers, os Stálines, etc, levem a melhor na partida. Atravessamos, é certo, neste momento, uma crise. Mas o que é fundamental, no bloco franco-britânico, se mantém inalterado.

Lembranças nossas aos quatro, abraços do

Mangabeira

Hélio

refere-se a Hélio Lobo Leite Pereira, diplomata e jornalista. Representante do Brasil no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Falcão

refere-se a Ildefonso Falcão, “jornalista aposentado” e cônsul do Brasil em Colônia, Alemanha.

Dantas

refere-se a Luiz Martins de Souza Dantas, advogado e diplomata. Foi embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Pires do Rio

Oscar Pires do Rio, diplomata brasileiro. Foi Cônsul em Paris (1938-1942).

Veloso

refere-se a Pedro Leão Veloso Neto, advogado e diplomata. Em 1926, assumiu a chefia do gabinete do ministro Otávio Mangabeira. Atou como ministro plenipotenciário na Itália entre os anos de 1939 e 1941.

BUENOS AIRES, 06 DE ABRIL DE 1940

Meu caro dr. Mangabeira,

Vejo diante de mim três cartas suas: uma, mandada ainda para os States e que recebi justo ao atravessar o Canal do Panamá; a segunda de 19 de Março, recebida aqui há alguns dias; e a última, de 28 de Março, chegada anteontem, o que indica que a mala aérea francesa está funcionando agora com a presteza e a regularidade dos tempos normais.

Encontrei aqui os nossos companheiros de exílio em grande animação com as notícias do Brasil. Pondo de lado quaisquer tendências de me enganar a mim mesmo, estou na convicção de que são fundadas aquelas esperanças. Parece que o movimento militar caminha mesmo, e com segurança. Não há perigo de nenhuma precipitação e o ambiente, tanto civil como militar, é o mais propício possível. Todas as notícias que recebi aqui, das mais variadas fontes, ferem a mesma nota de confiança. Por outro lado, os nossos amigos militares estão dando os seus passos o mais possível fora da cooperação e até do conhecimento dos elementos civis – medida de cautela compreensível e acertada.

A reação contra o meu diagrama não se fez esperar: veio, e da forma mais violenta possível, como a esta hora já deve ter sabido. Forjaram uma conspiração, em que envolveram os homens mais pacíficos e conservadores do círculo de meus amigos paulistas e até mesmo homens como o dr. Benedito Montenegro, completamente afastado da política há vários anos, desde que saiu, com grandes ressentimentos, do meu partido. Foram presas cerca de 70 pessoas, em São Paulo, quase todas da alta expressão social. Estão neste número o Morato, Waldemar, Sodré, Bayma, Eusébio Matoso e um irmão, Cantídio Moura Campos, Elias Machado, Eugênio Artigas; os meus cunhados Chiquinho Mesquita, Antônio Mendonça e Carolino Mota; o Ibanez Sales, meu procurador geral e gerente do “Estado”; o Plínio Barreto, Hermann de Moraes Barros, Rui Prado

Benedito Montenegro
Benedito Augusto de Freitas Montenegro, médico e político. Diretor da Faculdade de Medicina da USP, a partir de 1941, e reitor (1941-1947).

Morato
refere-se a Francisco Antônio de Almeida Morato, advogado.

Waldemar
refere-se a Waldemar Martins Ferreira, advogado e professor.

Sodré
refere-se a Antonio Carlos de Abreu Sodré, advogado.

Bayma
refere-se a Henrique Smith Bayma, advogado.

Chiquinho Mesquita
Francisco Mesquita, irmão de Júlio de Mesquita Filho.

Ibanez Sales
Ibanez Moraes Sales, banqueiro, irmão de Armando de Sales Oliveira e seu representante durante o exílio.

Hermann de Moraes Barros
advogado e político.

de Mendonça, o velho e grande cirurgião Aires Neto, os dois ex-secretários de governo Adalberto Bueno e Aristides Machado, o Cesário Coimbra, o Pereira Lima, o Aureliano Leite, vários membros da família Ottoni de Rezende etc. etc. Esta última família está envolvida num caso de armas, que teriam sido descobertas pela polícia, exatamente agora, e que estariam enterradas numa chácara de propriedade desses amigos. É mais provável que se trate de uma mistificação, tramada para castigar o Nelson Rezende, impenitente e fraquíssimo adversário do getulismo e meu dedicado amigo. Se, porém, existem de fato algumas armas no caso, ou bem se tratará de peças inúteis, oriundas ainda da revolução de 32, ou bem de certas (e muito poucas) armas de polícia, adquiridas secretamente por ocasião de levante de Novembro de 1935, de pleno acordo com o Getúlio, para armar eventualmente os civis, na defesa do meu governo. Tinha a impressão de que todas essas armas já tinham sido entregues à polícia, no correr de 38. Se algumas ficaram de lado e foram conservadas em poder de civis, terá sido pelo receio de provocar complicações com o Estado Novo. Estou, em todo caso, à espera de informações positivas sobre isto para, no momento oportuno, mandar daqui um depoimento completo, que tornarei público de qualquer maneira – se se verificar a última das hipóteses que avengei. Imagine se seria lá possível que passasse pela cabeça dos nossos amigos fazer uma revolução contando com algumas dúzias de armas e sem munição...

Tudo isso não passa de cortina de fumaça, para encobrir a cena principal – o drama do Estado. Vingando-se de mim e dos Mesquistas, o governo brasileiro resolveu apoderar-se do jornal, não recuando diante do crime. Retiraram, alguns dias antes da suspensão do jornal, os dois censores que lá trabalhavam, para poder depois afirmar que havia reuniões conspiratórias numa das salas da redação. Afirmaram ter encontrado nos bolsos dos diretores exemplares do meu “diagrama” – o que, a ser verdadeiro, importaria apenas um crime individual. Seja como for, prenderam o Chiquinho Mesquita, o Mendonça e o Ibanez no dia 25 de Março e no mesmo dia, fecharam o jornal. Ficaram senhores completos do terreno, pois não permitiram que ninguém mais se aproximasse de qualquer dos edifícios, tanto das oficinas como a redação e administração.

Pereira Lima

Antônio Pereira Lima, advogado, dep. fed. por São Paulo (1935-1937).

Aureliano Leite

advogado, jornalista e político.

Caso de armas

Supostamente foram encontradas armas e munições de guerra na chácara de Nelson Rezende, fato usado como argumento para intervenção do governo no jornal O Estado de São Paulo.

Mesquistas

refere-se à família de Júlio de Mesquita Filho, diretor e proprietário do jornal O Estado de São Paulo.

Quatro dias mais tarde, o governo mandou convidar o Carolino Mota e o Carlos Vieira de Carvalho, diretores da Sociedade e o Plínio Barreto, redator-chefe e advogado da empresa, para assistirem a vistoria e receberem as chaves, para que o jornal reaparecesse. Feita rapidamente a inspeção dos oficiais, passaram as autoridades para a redação e o delegado, no meio do maior pasmo das testemunhas e especialmente dos três membros do “Estado”, mandou que subisse ao sótão um soldado, que de lá retirou duas metralhadoras da polícia e cinco fuzis – novos em folha, sem um grãozinho de poeira e sem munição. É o método hitlerista em ação. A despeito dos protestos indignados dos três representantes, a ata da vistoria foi lavrada e, como é de ver, o jornal continuou suspenso. No dia seguinte, foram presos o Carolino e o Plínio. O Carlos V. de Carvalho, a quem a polícia procurou em casa, está escondido. O jornal ficou, por conseguinte acéfalo – com todos os seus diretores, gerentes, advogados e empregados superiores na prisão. É evidente o plano: o governo brasileiro tem a convicção de que a Sociedade, que vive em parte do seu crédito, não poderá resistir à interrupção do jornal, pois este não tem ninguém, absolutamente ninguém, que possa providenciar sobre os seus negócios e, para [começar], os livros da empresa estão em poder do bando de assaltantes. Consta, agora, que o governo Federal nomeará um diretor e eu estou na curiosidade de ver como se fará funcionar a parte administrativa, sem a prévia derrogação da lei das Sociedades Anônimas.

Todos os meus – homens e mulheres – receberam o golpe de ânimo firme – quando um [verme] envereda para violências e assaltos desse porte, desafiando os mais respeitáveis sentimentos populares – é que se sente perdido.

A nota mais monstruosa do caso é a que se refere ao meu filho Armandinho: não obstante ser notório o seu delicado estado de saúde, que requer um cuidado assíduo, e ser também notório o seu alinhamento à política, foi também preso. Sei que isto levantou uma revolta geral, mas não me espantou. O “corretivo”, que se apoderou do Brasil, é capaz de tudo.

Felizmente, o Júlio, o meu genro e a minha filha já estavam

em Buenos Aires por ocasião desse golpe e nada sofreram, além de uma revista geral, ao sair de Santos.

Muitas e muitas saudades a D. Ester e D. Édila. Receba mais um grande abraço de seu amigo.

Armando Sales.

Avenida Alvear, 1598
Buenos Aires

P.S. – O “diagrama” está penetrando aos milhares no Brasil. Estamos fazendo o impossível para ver se conseguimos infiltrar os 15.000 da tiragem.

PORTO, 09 DE ABRIL DE 1940

Mangabeira

Fui em meado da semana passada a Lisboa, a fim de encontrar-me com Larraigotti, que passou algumas horas no porto da capital, embarcado no Conte grande. Nas vésperas da viagem, recebi a sua carta; e agora, no regresso, chega-me o *post-scriptum* dela, em forma de cartão. Como você não me fala nos últimos acontecimentos, admito que os ignore. Dir-lhe-ei, pois, em resumo, o que me veio ao conhecimento. Informações de Buenos Aires me haviam comunicado que se preparava – não sei rigorosamente o que – no correr deste mês de abril. Mas antes mesmo de terminados os idos de março, começaram os jornais portugueses a publicar os lacônicos relatos de uma conspiração descoberta em São Paulo. Fechou-se o Estado, quartel-general, ao que se diz, dos conspirados. Ao que soube em Lisboa, por carta recebida pelo Otávio Paranaguá, o jornal foi mesmo confiscado pelo governo, que lá pôs um interventor: Alves Moura, de [ferida] memória [perpétua]. O número dos presos, quase todas pessoas de destaque, ultrapassa de meia centena. Entre eles, Vicente Rao, Valdemar Ferreira, Morato, Pereira Lima, Bayma, os dois banqueiros Queiroz Walton e Ibanez Salles (irmão de Armando, Armandinho (filho dele) Francisco Mesquita, irmão de Julinho, etc, etc.

De madrugada, em um trem especial, foram removidos para o Rio. Consta que Rao conseguiu fugir. Numéricas prisões também no Rio e no Rio grande. Telegrama de Montevideu informa que de lá desapareceu o Flores da Cunha, que se supõe entrado no Rio grande. Ordens foram dadas para a sua captura. Os presos são julgados pelo Tribunal Especial, já nomeados os formadores da culpa e juizes. O ministro da quem publicou um boletim, da causa que o valha, dizendo o que é de costume: conspiração contra a ordem legal, tranquilidade em todo o país, e que o governo está pronto a reprimir qualquer desordem. As

Larraigotti

refere-se a Rosalina Coelho Lisboa Larraigotti, poetisa, jornalista, ativista política.

Estado

refere-se ao jornal O Estado de São Paulo foi invadido, em março de 1940, pela policia e fechado sob a acusação de que conspirava contra o regime.

Vicente Rao

Vicente Paulo Francisco Rao, advogado, professor e político.

Julinho

refere-se a Júlio de Mesquita Filho, jornalista, exilado pela ditadura.

Flores da Cunha

José Antônio Flores da Cunha, advogado e político.

palavras juízes é que são muito curiosas: nenhum militar, de nenhuma patente, estaria implicado em conjura. Pus logo, nisto, as minhas dúvidas. E hoje sei por informação do Rio que o trabalho militar é intenso, chefiado por quem você facilmente imagina. Receio, porém, que a esta hora Castro Jr., talvez também já esteja preso. Em todo caso, aguardemos os acontecimentos, ou, pelo menos, as notícias.

Em Lisboa, encontrei-me com um cavalheiro de nome Dantas Coelho, funcionário do Tesouro, que ali estava em viagem para Londres, onde vai servir na Delegacia. É amigo do Aranha e [profitem] da situação. Sempre pessoalmente muito simpático a mim. Dizei-me cobras e lagartos da situação, do desprestígio do Getúlio e da certeza em que toda gente está de que aquilo não dura. Contradisse-o eu, como convinha, para forçá-lo a maiores explicações. Afirmou que o descontentamento público chega ao auge; e, que os mesmos que há meses defendiam o Dr. Getúlio são hoje os primeiros a mostrar o seu desapontamento. Como aranhista que é, nada espera de bom por parte do ministro da Guerra, a quem chama inicialmente de burro. Mas está certo de que coisas piores se perpassam entre militares. Isto me dizia ele em tom de polêmica, quando eu lhe mostrava a minha convicção de que daqui a dez anos ainda por lá teremos no governo o ditador de hoje, transformado em constitucional, em comunista, no que mais conveniente lhe parecer. As minhas informações do Rio dizem que a descoberta de parte do plano, ou a simples desconfiança desfechada em prisões civis não alterou a ruptura do trabalho militar, qual mais? Veremos.

Vi aqui, em substância, o que eu sei. Por certo que, a esta hora você já recebeu notícias do Rio. Se as tem, compare-as com as que aqui lhe mando e diga-me a sua opinião. Acordei satisfeito, hoje, com as notícias da guerra. Até que, afinal, Paris e Londres se resolvem a uma atitude enérgica vis-a-vis dos neutros, que só o são contra os aliados, mas são a favor dos nazis! Tenho confiança plena e absoluta na próxima vitória da democracia. Uma carta do Moraes Barros, de Haia, me diz que, baseado sobre o que lá observa, em contato com pessoas chegadas da Alemanha, pode afirmar que a Alemanha já perdeu a guerra. O

Castro Jr.

refere-se ao gal. João Cândido de Castro Júnior.

Aranha

refere-se a Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, ministro das Relações Exteriores (1938-1944).

ministro da Guerra

refere-se ao gal. Eurico Gaspar Dutra.

que me parece imprescindível é que por esta medida de energia dos aliados se intensifiquem. Se assim for, a guerra poderá acabar terminando antes do fim do ano, com o esmagamento imprescindível dos regimes de força bruta.

Mande-me logo as suas notícias e impressões com nossas lembranças a D. Ester e Édila, receba um afetuoso abraço de seu

Lindolfo Collor

BAHIA, 11 DE ABRIL DE 1940

Otávio.

As notícias alarmantes dos jornais sobre a situação europeia tem nos trazido uma constante preocupação a respeito de vocês. Estávamos certas que, tão longe do Brasil, ao menos a sua tranquilidade pessoal estaria garantida. Surgem, porém, essas complicações e já não há segurança para ninguém, pois, bombas de avião nada respeitam. Será possível que vocês não achem sossego em parte alguma? Agora é que você deve fazer todo esforço de passar para a América. Nada há de ser mais desagradável do que estar num país em guerra, sem ter nada com isso e, entretanto, sujeito a todos os perigos. De desordens, bastam as que você tem assistido e sofrido cá. Anteontem, 9, fez um ano que está você a lutar com uma das séries de perseguições que o têm atingido e, tanto o têm amargurado.

Por cá, há mais um pouquinho de calor na política. Fala-se há dias, com muita insistência, que o Landulfo não continuará, como interventor e parece que existe princípio de verdade, porque ontem, os jornais deram uma nota “que o interventor irá ao Rio no dia 21 deste, lá permanecendo até Maio, época em que haverá uma reunião de todos os interventores”.

Dizem também que esta reunião será para marcarem a data das eleições e apresentarem o G. como candidato a presidência!!! Não parece pilhéria?

Já decidido que a Escola Agrícola será instalada em Cruz das Almas, sendo adquirida pelo governo para esse fim, a fazenda de Lauro Passos! O Lúcio Esteves foi nomeado para comandar a região, em São Paulo e C. Barcelos para a do Paraná, donde foi destituído o M. Rabelo, sendo este nomeado Inspetor da Engenharia do Exército. Este movimento de generais dá sempre o que pensar.

De saúde vamos indo mais ou menos. Abraços para Ester e Édila e você com muitas saudades da irmã muito amiga.

Maria

Landulfo

refere-se a Landulfo Alves de Almeida, interventor federal na Bahia de 28 de março de 1938 até 23 de novembro de 1942.

G.

refere-se a Getúlio Vargas.

Lauro Passos

medico, fazendeiro e político. Em 1938, tornou-se presidente da Caixa Econômica da Bahia, função que exerceu até 1941.

Lúcio Esteves

militar. Em maio de 1939 foi promovido a general-de-divisão e em julho seguinte assumiu o comando cumulativo da 5ª RM e da 5ª DI, ambas sediadas em Curitiba.

C. Barcelos

Cristóvão de Castro Barcelos, militar. A partir de janeiro de 1939, comandou, até 1942, a 4ª Região Militar e a 4ª Divisão de Infantaria, em Minas Gerais

M. Rabelo

Manuel Mendes Rabelo, militar. Promovido a general-de-divisão em junho de 1938. Em agosto, assumiu o comando da 5ª Região Militar e da 5ª Divisão de Infantaria, sediada em Curitiba. Em agosto de 1939, foi nomeado inspetor de arma e dos serviços de engenharia do Exército.

Maria

refere-se a Maria da Glória, irmã de Otávio Mangabeira.

LAUSANNE, 17 DE ABRIL DE 1940

Meu caro Ministro e amigo,

Acabo de receber sua carta de 7 do corrente, devidamente censurada, e por ela vejo que a minha de 30 de Março ainda lá não chegou; mas sem dúvida ela irá às suas mãos. O correio atualmente é como a justiça divina, que tarda mas não falha. Nessa enviava-lhe um recorte da Gazette de Lausanne sobre particularidades da economia alemã e outro da Suisse, de Genève, contando telegraficamente os acontecimentos de S. Paulo. Junto encontrará um outro retalho da Gazette de Lausanne, cuja leitura é muito útil aos que são vítimas da Ditadura. Não contém novidades, mas o mérito de reunir clara e minuciosamente coisas que já se sabem.

Sobre os acontecimentos de S. Paulo, recebi de lá e do Rio, diversas notícias oficiais em recortes de jornais. Pelo que nelas se lê, nada se acha que possa caracterizar um crime ou mesmo uma tentativa. Dado de barato que fossem encontradas na redação do “O Estado” proclamações contra a situação atual do Brasil, numa chácara armas enterradas e em outra uma lista de nomes – santa ingenuidade! – nada disso constitui uma figura delituosa contra os poderes legais. Não sei em que termos estariam escritas as proclamações e a lista; quaisquer que fossem, porém, poderiam, no máximo, mostrar a deliberação, em que estiveram alguns autores, bem capazes todos de conspiração, mas que não haviam começado a executá-la e que impedidos fossem por atos estranhos à sua vontade.

Não estou mais em dia com o direito no Brasil; mas me parece que, neste caso, nem mesmo contravenção existe por uso de arma proibida. Armas enterradas, destinadas principalmente à ferrugem, não estão em condições de serem usadas. Contra a situação atual do Brasil está a maior parte dos brasileiros. Uma lista de nomes de compradores só poderia ser feita por um im-

**acontecimentos
de S. Paulo**

Em março de 1940 o jornal O Estado de São Paulo foi invadido pela polícia e fechado sob a acusação de que nele se conspirava contra o regime. Voltou a circular em 7 de abril, tutelado por uma nova diretoria articulada com os interesses da situação.

O jornal permaneceu sob a intervenção do DIP até o final do Estado Novo, quando foi devolvido à família Mesquita.

becil ou por agente de polícia. Entretanto, a supressão do “O Estado” é um rude golpe, porque suprime a principal força dos antigos Democráticos e os meios materiais de, no exterior, se manterem os seus chefes. A prisão de numerosas pessoas socialmente qualificadas, em outros tempos, seria uma violência. Mas violência só engendra a violência e obriga à reação.

Do Rio me mandam a notícia, não sei com que fundamento, que “a conspirata abortou, o que não é acreditável, pois que ela tinha ramificações em outros lugares, mesmo em altos lugares”. Os governantes andam preocupados.

Conheço bem o Ibanez Sales, desde os remotos tempos, em que ele era emérito jogador de *football*. É de ânimo decidido e de espírito mui leal. Pertence a um ramo colateral da família Campos Sales.

Estou já a pensar onde devo passar o próximo inverno, para fugir do de Lausanne, que tem sido muito penoso. Sudeste ou Sudoeste da França? Hoje não se pode subordinar a permanência, em qualquer lugar, à preocupação da guerra; não há mesmo, na Europa, lugar mais ou menos exposto às consequências da guerra, porque os mais abrigados, dum momento a outro, pagam duramente a sua confiança ou a sua fraqueza. Só há olhar a clemência ou a amenidade do clima, nas minhas condições.

Muitas e afetuosas recomendações a D. Ester e Édila.

Aqui fica, como sempre, o amigo muito grato.

Washington Luís

Ibanez Sales

banqueiro, irmão de Armando Salles. Foi gerente do O Estado de São Paulo e preso por ocasião da intervenção estatal no dito jornal.

BIARRITZ, 29 DE ABRIL DE 1940

**Elvira; morte do meu
amigo**

refere-se a Elvira Fiel de
Carvalho, viúva de Paulo
Martins Fontes, juiz federal,
candidato ao governo
do Estado da Bahia, pela
oposição, na campanha
sucessória de 1919, apoiado
pela Convenção Estadual
do Povo Baiano, da qual era
presidente Rui Barbosa, e
tinha como membros João e
Otávio Mangabeira.

D. Elvira

Com que mágoa lhe escrevo estas linhas!

Desde que tive a notícia da morte do meu amigo, sinto que me dói o coração, e tenho, de vez em quando, lágrimas nos olhos.

Como não ser assim?

São mais de trinta anos seguidos de uma boa e sincera amizade, que nunca se interrompeu, que nunca foi perturbada pela mais leve sombra; e, durante estes trinta e tantos anos – que compreendem a maior parte da minha existência, e abrangem toda a minha vida pública – quantos fatos e episódios, em que os dois tomamos parte, sempre em perfeita harmonia de vistas e sentimentos! Quanta recordação! Quanta saudade!

Dadas às minhas ausências, às vezes dolorosas, da Bahia, e mesmo do Brasil, passávamos, não raro, longo tempo, sem nos avistarmos um ao outro, e sem que um ao outro escrevêssemos. Quando, entretanto, nos reencontrávamos, que contentamento para ambos! Abríamos então a alma em longas palestras íntimas, e estas dificilmente se acabavam, tanto havia a dizer, a pôr em dia, a recapitular, a recordar... Austero por natureza, a vida de juiz contribuiu para reforçar-lhe a austeridade. Naquele homem, entretanto, aparentemente fechado, havia reservas de amenidade e doçura, verdadeiramente encantadoras. Eu me sentia, a seu lado, como um filho mais velho, ou um irmão mais moço.

Bendigo a feliz inspiração que tive de escrever-lhe em princípios deste mês. Parece que adivinhava. Já que o destino me não permitiu que lhe assistisse aos últimos momentos, ou que pudesse dar a minha guarda junto ao seu leito de morte, coube-me contudo este consolo: o de ter-lhe mandado de longe, às vésperas da sua partida para sempre, um abraço de despedida, uma expressão carinhosa da minha fidelidade até ao fim.

Esta fidelidade permanece, e há de subsistir, no culto com que, já agora, posso a pregar-lhe a memória, ao lado da das pessoas mais queridas que a morte me tem levado, e que guardo na minha lembrança, e nas minhas orações, enquanto espero tranquilo que chegue a minha vez.

Deus o acompanhe.

Ao abraçar, comovido, a minha querida amiga, tenho um favor a pedir-lhe: dê conhecimento desta carta a Paulito, Antônio, Maria, e respectivas famílias, e também a Vivi e a Franklin, como se a todos eles dirigida. Eu a transmitirei a Fiel. Em nada lhe posso ser útil. Mas conte sempre com a dedicada amizade do

Otávio Mangabeira

Biarritz – Hotel Lefèvre

Fiel: Mando-lhe junto cópia de carta, que escrevi, do meu punho, a D. Elvira. Recebam-na, você e os seus, como se lhes fosse dirigida. Para que juntar novas palavras? É remexer na ferida que me está a doer no coração, já de já tão magoado.

Tenho passado aqui horas inteiras, a recordar o nosso morto querido; toda a maravilhosa convivência de tantos e tantos anos, a casa do Largo da graça; as lutas, os incidentes, as caminhadas, que nos aproximaram, mais e mais, na vida política da nossa terra... São amigos que acabam por ser parte da nossa própria pessoa; e assim, quando a morte os leva, é como se com eles se cotizasse um pouco de nós mesmos, se quisto: deus o acompanhe.

Saudades, a todos, em casa, e aceite, com um grande abraço, os sentimentos fraternos do

Otávio

Elvira; Franklin

refere-se a Elvira Fiel Fontes, filha de Paulo Martins Fontes e Elvira Fiel de Carvalho, casada com Franklin de Oliveira Ribeiro.

Fiel

refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, político, filho de Paulo Martins Fontes e Elvira Fiel de Carvalho.

BR BACMB OM TXT CF 10.6/2569
BIARRITZ (MAN.)

BIARRITZ, 16 DE MAIO DE 1940

Euv.

refere-se a Euvaldo Soares
de Pinho.

Euv:

Antes de tudo, um grande abraço pelo seu 15 de maio. Que esta data se reproduza, etc.

Sua carta, de 4, chegou regularmente. De Edite, entretanto, é já a quarta semana que não recebemos carta, que aliás, cada semana, é posta invariavelmente no correio, conforme apurei por telegrama.

Não ligo a menor importância ao processo de que me fala, qualquer que possa ser o resultado. Como digo a minhas irmãs, que ficaram logo vexadas, só não escrevo ao tal procurador, agradecendo a denúncia, por que podia parecer chalaça, e não posso ter contato com semelhantes personalidades. Porém o caso é para agradecer: é o próprio governo quem se incumbem de divulgar no país, pela hostilidade que me move, que eu estou vivo, bem vivo, e no meu posto. Trata-se, na espécie, ao que suponho, das minhas publicações, reportadas “subversivas”. Quanto à tranquilidade que nos falta, e a que você se refere, não nos preocupemos tanto em tê-la, durante a vida que passa; tê-la-emos, depois da morte, por toda a eternidade, que é longuíssima... Processem-me, pois, à vontade, e, se quiserem, depois, podem ir a certas partes, sem ofensa aos respectivos progenitores.

Como deve ter visto pelos jornais, e naturalmente pelo rádio, a guerra entrou afinal, conforme se queria, na sua grande fase. O ambiente, por aqui, é de serenidade e confiança. Biarritz, como já lhes tenho dito, fica a uma boa distância das zonas consideradas perigosas, e com saída, relativamente fácil, para diferentes rumos. Não há motivos, portanto, para maiores preocupações. Quanto aos fatos, o que se sabe é o que consta dos jornais e das informações invadidas, recomendando o governo a maior discricção nos comuni-

processo; procurador

pelo procurador-adjunto
Joaquim Azevedo foi
apresentada denúncia ao
Tribunal de Segurança contra
Otávio Mangabeira, como
incurso no inciso 9 do artigo
3º do decreto-lei número
418, de 18 de maio de 1938
(última Lei de Segurança).
Foram denunciados, ainda
Armando de Sales Oliveira,
Paulo Nogueira Filho, Ibanez
de Moraes Sales, Aureliano
Leite, entre outros.

minhas publicações

durante o exílio, Otávio
Mangabeira escreveu
manifestos abertos aos
brasileiros, outras vezes
notícias publicadas em
jornais, assinadas ou não,
combatendo Vargas e o
Estado Novo

sua grande fase

refere-se à movimentação
e avanço do Eixo, ocorrida
em 1940. Nesse momento,
Otávio Mangabeira deixa a
França e parte para Portugal.

cados e nas correspondências em geral. Vai-se vivendo, a bem dizer, normalmente, com uma ou outra restrição.

Ainda ontem, houve concerto, de um pianista polaco, e a Gaby Morlay, vinda de Paris, levou uma peça de atualidade, no teatro do Cassino. Salas repletas. Seria, em todo o caso, interessante que, depois de tanta luta à brasileira, acabasse eu tomando parte em uma guerra mundial, ao menos em ação contra os “paraquedistas”... Como quer que seja, vivemos todos, de manhã à noite, a acompanhar, pelo rádio, a evolução da batalha, que tanto nos interessa, a todos nós. Que seria do mundo e do Brasil, se o nazismo alemão e os seus comparsas vencessem em uma guerra como esta? Não quero admitir, nem por hipótese, semelhante calamidade. O grande erro, antes da guerra, foi se haver consentido que a Alemanha se armasse de tal maneira; e, declarada a luta, o grande erro tem sido a neutralidade, que já tão caro custou a alguns dos neutros. A civilização cristã, todos os povos livres deviam ter-se levantado há um tempo contra o flagelo, com pretensões a Anticristo, que ameaça a humanidade, levando-a, por agora, a ferro e fogo, e depois, se vencesse, a chicote, que outra mão é a sorte dos escravos, ou dos que se deixarem escravizar.

O rádio, ontem e hoje, divulgou a repercussão, em vários países da América, das monstruosidades hitlerianas. Falaram os governos do Uruguai, da Argentina, do Chile, da Colômbia. Do Brasil, entretanto, a ditadura não articula palavras, e as suas figuras de maior relevo são condecoradas pelo Reich. Triste condecoração!

A sucursal do Bank of London, aqui, já me avisou da última remessa. Abraços e saudades, para todos.

Otávio Mangabeira

Gaby Morlay

Blanche Pauline Fumoleau,
atriz francesa, conhecida pelo
pseudônimo “Gaby Morlay”
(1893-1964).

BR BACMB OM TXT CP 41/896

PARIS, 16 DE MAIO DE 1940

Caro Senhor Ministro,

Eu estou triste de ser obrigado a vos retornar vossas cartas de circulação.

Depois de me ter feito esperar um tempo assustadoramente longo, o Ministro do Interior me disse que ele não podia os renovar sem ver sua carteira de identidade sob suas vistas, e que ele seria mais fácil para você de renová-las em Biarritz ou em Bayonne.

Eu estou inconsolável com esse contratempo, mas atualmente as autoridades francesas tornaram-se muito estritas do ponto de vista da circulação dos estrangeiros, e você, que é um amigo da França a toda prova, deve compreender que eles tem um pouco de razão.

Creia, meu querido Senhor Ministro, nos meus sentimentos mais devotados.

Lt. Combescot

Senhor Otávio Mangabeira
Hotel Lefèvre
BIARRITZ

BR BACMB OM TXT CA 05/1668

BIARRITZ, 25 DE MAIO DE 1940

Caro Senhor Combescot,

Eu tenho o prazer de receber sua carta de 16 do corrente.

Eu compreendo perfeitamente a impossibilidade, nesse momento, de renovar as cartas de circulação. De resto, eu não penso em ir a Paris. Para tanto, eu pedi uma permissão para os arredores de Biarritz, que me suprirá para o momento.

É necessário dizer-lhe a emoção que eu estou com o decorrer dos acontecimentos? Lamento muitíssimo não estar sendo útil à França e aos Aliados, que se doam em sacrifício por suas pátrias, assim como pela minha e pela de outras pessoas, contudo...neutras.

Se eu tivesse qualquer outra autoridade, se eu tivesse no Brasil uma outra situação política, eu poderia me dispor a ir à América, pelo menos na América Latina, para reportar a todos a verdade, da Alemanha e dos Aliados, mas, sobretudo de uma guerra entre o nazismo, ou a Alemanha, e o gênero humano.

Do Brasil, todas as cartas me dizem que todo mundo está com os Aliados, salvo um número muito reduzido de pessoas, entre aqueles, infelizmente, se encontra os que estão no poder.

Muito cordialmente, e obrigado mais uma vez.

Otávio Mangabeira

PARIS, 27 DE MAIO DE 1940

Meu caro e eminente amigo,

É mais uma prova de sua amizade, que muito me honra, e de sua delicadeza de sentimentos, o fato de ter Vossa Excelência em mim pensado neste momento. Os Estados Nacionais estão dando a maior prova de que o maior defeito da alma humana é o egoísmo. Este chega até cegar os homens. Assim, a nação mais forte do mundo não vê, ou não quer ver o que é pior, que a civilização está às portas da morte e que o mundo se vencerem os alemães, acabará de certo modo. Não se queiram conhecer de que não só de pão vive o homem! De que servirá, amanhã, o ouro acumulado? Será como naquela história das meninas que jogavam com bolinhas de vidro. No começo, todas tinham o mesmo número de bolas. No fim, a maioria perdeu tudo. Foi preciso que os ricos fizessem empréstimos aos pobres para que o jogo não morresse.

Há também a história do Rei Midas e, ainda, a fábula da Cigarra e da Formiga. Os vencedores de amanhã, quaisquer que sejam, perguntarão aos americanos: “Que faziam vocês durante a guerra”. Os americanos terão de responder: “nous gardians de l’or”... Os vencedores responderão: Regarder-le maintenant (no sentido de olhar). Minha mulher está em Vichy. Estaria, eu, mais tranquilo se ela tivesse partido para os Estados Unidos. Peço a Vossa Excelência que apresente-me lembranças à Excelentíssima Senhora D. Ester e que me lembre a D. Édila.

Sempre de Vossa Excelência grande e sincero admirador.

[...][...] agradecido.

L. Dantas.

P.S.: Se o Brasil tivesse a desgraça de uma guerra, o Leite de Castro seria, notavelmente – o nosso generalíssimo. A estas horas já deve ele ter uma grande cruz alemã...!

Leite de Castro

José Fernandes Leite de Castro, militar. Participou da Revolução de 1930. Com a instalação do Governo Provisório, tornou-se ministro da Guerra entre os anos 1930 e 1932. Em 21 de outubro de 1937, foi transferido para a reserva.

L. Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas, advogado e diplomata. Embaixador do Brasil, na França (1922-1943).

BR BACMB OM TXT CF 10/2421

ESTORIL, 29 DE JUNHO DE 1940

Euv:

Tirei cópias do que aí vai, e mandei para a Bahia e para o Rio. A máquina está com um defeito, e daí as ligações que fiz à mão. Vai para você a cópia que saiu mais apagada, porque desejo que tire cópias, uma para Maria Helena, outra para d. Raquel, dizendo-lhes que assim recomendei.

A especulação, por aqui, em matéria de câmbio, está terrível. Felizmente, de francos, só me sobraram mil e quinhentos. Imagine que a libra, pela qual se davam, quando aqui estive em 1938, 110 escudos, se está comprando agora por oitenta e cinco, e menos. Até com o dólar – a única moeda verdadeiramente forte – se tomam liberdades. Desceu de 32 a 25 e tanto, isto é: 25 escudos e quarenta centavos por um dólar. Foi a quanto converteram os 700, que havia guardado aqui. Ora, como o escudo está a menos de 750 réis brasileiros, quer dizer que, fazendo o cálculo, mesmo a 750, fica o dólar a dezenove mil e tanto, líquido. Pergunto: vende-se o dólar aí a este preço? Se não se vende, é preferível remeter escudos, caso se vendam a setecentos e cinquenta, ou menos. Não, porém, para grandes quantias, que aliás não possuímos; pois só o dólar, apesar de tudo, oferece garantias de estabilidade. A quanto se esta vendendo aí o dólar? Baixou um pouco, em consequência dos créditos abertos ao Brasil pelos Estados Unidos? No caso afirmativo, valerá a pena comprar, pois depois tenderá a subir. Enfim, está você habilitado com os preços que há por aqui, em matéria de câmbio.

[Otávio Mangabeira]

TRECHO MANUSCRITO:

Bank of London

dólar – 23,200 daria 23x

escudos – 920[n] daria 880

HARBY

Ins.

Brown

Maria Helena

filha de Georgina Diniz e
Euvaldo Soares de Pinho.

Raquel

refere-se a Raquel Bião,
viúva de Joaquim Climério
Dantas Bião, chefe político de
Alagoinhas.

ESTORIL, 29 DE JUNHO DE 1940

[Euvaldo]

Minha última carta é de quinta-feira, 13. Não sei se a terão recebido, pois as coisas em Biarritz, aquela data, já começavam a desorganizar-se. Na quinta-feira seguinte, nem cogitei de escrever. Toda a minha preocupação era arrumar os papéis, para a saída. Apesar de contar com elementos que me facilitavam o caminho, a luta não foi pequena. Havia que conseguir: o visto do consulado português nos passaportes, o mesmo visto do cônsul espanhol e, finalmente, o das autoridades francesas, civil e militar. Dada à rigorosa vigilância, que passou a ser exercida, no tocante aos que dependiam de cada um de tais vistos, enquanto, por outro lado, crescia, dia a dia, a multidão, de gente de toda espécie e procedência, a procurar sair de qualquer forma, já em pleno ambiente de pânico – tive que tomar a coisa a sério, para transpor a fronteira, e já o fizemos a forçar o passo, atravessando a onda.

Às portas das repartições, onde eram dados os vistos, mediante formalidades, às vezes absurdas ou excessivas, a cena tornou-se dramática, havendo até acessos de loucura. Gente houve que pagou fortes somas – é o que sempre acontece em tais ocasiões – para obter solução. Pessoas, sobretudo judeus, de Antuérpia e Amsterdam, traziam consigo fortunas, em barras de ouro e pedras preciosas. Alguns, revistados na fronteira, perderam tudo, e ainda foram presos. Não se contam os casos de famílias que, tendo abandonado as suas casas, tiveram depois que abandonar nas estradas os automóveis em que viajavam, à falta de gasolina, prosseguindo, às vezes, a pé. Outras, ainda pior: deixaram no caminho, mortos ou extraviados, alguns dos seus.

A burocracia francesa – uma das graves moléstias que levaram a França à ruína – mostrou-se em toda a linha, até o fim. Imagine-se que, não obstante visados os passaportes pelas autoridades competentes, tivemos ainda que percorrer na fronteira nada menos de quatro escritórios, cada um com uma multidão, para receber, em cada um, mais uma firma ou um carimbo. Dizíamos então, por pilhéria, que as coisas teriam sido diferentes, se os franceses houvessem criado aos alemães,

para entrar, as mesmas dificuldades que criavam a nós outros para sair...

Biarritz, nos últimos dias, vinha-se tornando irrespirável. Todo o mundo afluía para aquela zona. Nos hotéis, dormia gente em toda a parte, e as restrições alimentares caminhavam para a fome.

Porque não saímos mais cedo? É fácil de responder. Ninguém, mas absolutamente ninguém, podia jamais supor que a França não resistisse a um mês de guerra!

Trata-se da maior decepção da história universal.

A censura postal vigente não me permitiu escrever, fazendo referência a certos fatos. As causas, é claro, são várias, algumas já conhecidas, outras que é preciso pesquisar.

Previ que, feito o armistício, a Alemanha exigiria naturalmente a ocupação da costa, Biarritz inclusive, e lá não queria ficar sob ocupação alemã; além do que, continuando a guerra entre a Alemanha e a Inglaterra, ninguém sabe a que sofrimentos continua a França exposta, sem falar nos desgostos internos, evidentemente profundíssimos, malgrado a serenidade, verdadeiramente extraordinária, que a nação, por enquanto, vem mantendo, como se por enquanto atordoada pelo inesperado golpe.

Também, até certo ponto, não queríamos ser dos primeiros a abandonar o navio, ameaçado pelo temporal, havendo ainda interesse em ver um pouco o desfecho. São coisas que só se veem raramente...

Acompanhamos a derrocada francesa com o coração em frangalhos: tinha nítida a impressão de que estava à cabeceira de um doente querido, e o via extinguir-se aos poucos, ou antes, rapidamente, vítima da própria imprevidência, direi melhor, displicência.

Deixamos Biarritz sexta-feira, 21, em automóveis diplomáticos, únicos que podiam circular. Cerca de meia hora depois (três e meia da tarde) estávamos na fronteira. Pois até nove da noite, ao fechar-se a fronteira espanhola, estivemos às voltas com os carimbos das autoridades francesas. Nos hotéis de Hendaia (cidade francesa da fronteira) não havia sequer um canto livre. Tivemos que arranjar um quarto, por favor, em casa particular, onde Ester, a senhora do Cônsul Pires do Rio, de Paris, e três filhos pequenos, puderam descansar um pouco,

Cônsul Pires do Rio
refere-se a Oscar Pires do Rio,
diplomata. Cônsul em Paris
(1938-1942).

enquanto eu, Édila e um casal de brasileiros, que vinha também conosco, passamos a noite na ponte franco-espanhola, coalhada de gente e automóveis, e com a agravante da chuva que, a partir de certa hora, caiu rijo sobre o pessoal. Um americano caridoso hospedou-me no seu automóvel, onde consegui dormir umas duas horas. Podia ter sido pior.

Pela manhã, através de outras tantas formalidades, em todo o caso mais rápidas, do lado espanhol, entramos na Espanha, mais ou menos às dez horas. Ambiente incomparavelmente mais tranquilo. A cidade espanhola da fronteira é Irun. Como achamos acomodações em um hotel razoável, na própria gare, e vínhamos naturalmente fatigados, inclusive de emoções, julguei conveniente pararmos um pouco, tanto mais que a chegada à fronteira dos destacamentos alemães – a única cena que preferiria não assistir – dependia ainda de alguns dias. Por outro lado, havia que providenciar sobre dinheiro, espanhol e português, pois os francos – única moeda com que saía da França – não eram, entretanto trocados, não só na Espanha, como em Portugal (tive portanto, que recorrer a amigos), e também sobre hospedagem em Portugal, que sabíamos repleto. Eis porque, chegando sábado, marquei partida para terça-feira, e assim, no meu telegrama para aí, fiz saber que na quarta-feira estaríamos em Lisboa. Foi efetivamente o que se deu. Com uma diferença, apenas: o wagon-lit, onde partimos de Irun terça-feira à noite, em vez de chegar a Lisboa à tarde de quarta, só veio a chegar pela madrugada (quatro horas) de quinta, devido ao acúmulo de gente na fronteira.

Felizmente nos esperavam com automóvel, de modo que viemos imediatamente para Estoril, onde estamos, no Hotel da Itália (ao menos neste momento preferiria outro nome...).

A Espanha, não só vive muito sob influência germânica, mas também apresenta um aspecto de ruína e de miséria (consequência das lutas recentes) que realmente faz pena. De modo que Portugal é um oásis. Até quando?

O Estoril, que é um lugar, por si mesmo, dos mais belos, está agora coberto de flores. Nem no Brasil há, em comida e frutas, a abundância dos hotéis de Portugal. Para quem vem da França, e sobretudo da França destes últimos dias, tem-se aqui a impressão do desperdício.

Preferíamos, de qualquer maneira, vir para o Estoril, ligado a Lisboa por quarenta minutos de um ótimo caminho de ferro, com viagens de vinte em vinte minutos, durante todo o dia. Mas acresce, no momento, a circunstância de que se festeja em Lisboa o atual centenário português, com uma delegação do governo brasileiro, necessariamente copiosa, etc, etc, etc.

Estamos aqui muito bem. O tratamento no Hotel é excelente. Os quartos, porém, abaixo de sofríveis. Mas teremos, com o curso dos dias, melhor acomodação.

E assim vai seguindo a vida.

Uma coisa não faço mais: é prognóstico. Até votos evito fazer. Porque Deus ou o Diabo, de certo tempo a esta parte, capricha em contrariá-los. Mais vale, pois, não fazê-los. Vou limitar-me a acompanhar os fatos.

A Inglaterra ainda está de pé...

Além do Hotel da Itália – Estoril, a Embaixada e o Consulado em Lisboa (são todos do meu tempo, e meus amigos) podem servir de endereço. A correção dessa gente para comigo é, por via de regra, modelar. Um deles – o mais dedicado – não tendo notícias minhas, telegrafou para a Embaixada aqui, perguntando se eu tinha chegado, e ordenando fornecer-me, por sua conta, os recursos de que necessitasse. Felizmente, prevendo o que ocorreu, eu tinha, já desde meses, algum dinheiro em Lisboa.

Ontem lemos nos jornais a chegada dos alemães a Hendaia e Irun.

Agora, após a necessária pausa, veremos que rumo tomar: se permanecer por aqui, se transpor os mares.

Aqui, não nos faltam amigos e fontes de informação.

Resolveremos... em tempo.

Abraços e saudades, para todos.

Otávio

meus amigos

Em carta de 17 de novembro de 1940, Otávio Mangabeira agradece a Roberto Mendes Gonçalves, primeiro secretário da Embaixada Brasileira em Lisboa, por tê-lo ajudado.

Paulo Filho
Paulo Nogueira Filho,
advogado e político.

Costa Rego
Pedro da Costa Rego,
jornalista e político. Em 1923
tornou-se redator-chefe do
Correio da Manhã – função
que exerceu pelo resto de
sua vida.

BR BACMB OM TXT CP 20/395

RIO DE JANEIRO, 19 DE SETEMBRO DE 1940

Meu caro Otávio,

O Paulo Filho, agora chegado de Lisboa, trouxe-me com suas lembranças seu endereço. Das lembranças guardo o perfume, como se dizia no tempo dos poetas; do endereço guardo o nome do hotel, pois só por não tê-lo deixei de mandar-lhe meu abraço telegráfico, no dia de seu aniversário.

Sei que padeceu penas variadas, quando a capitulação da França o obrigou a retirar-se para Portugal. Nós aqui as sofremos também, sem dúvida menos angustiosas, porém tão profundas quanto as de todos por haver a França caído.

Com muitos e sinceros votos por sua saúde – de corpo e espírito – mando-lhe um abraço o sempre seu afetuosamente

Costa Rego

BR BACMB OM TXT CP 52/1212

BUENOS AIRES, 05 DE NOVEMBRO DE 1940

Meu caro dr. Mangabeira,

Com esta, lhe mando a cópia das cartas que escrevi ao E. e ao Flores. Cumpro assim a promessa que lhe fiz, na primeira carta escrita para os Estados Unidos e que espero lhe tenha sido entregue pelo Falcão. – A primeira daquelas cartas, como verá, é uma interpelação pura e simples, concebida talvez em termos excessivamente vivazes, mas que as circunstâncias do momento tornavam imperativa. Levado, ou antes, solicitado, em fins do ano passado, a dirigir mais um apelo aos homens do nosso país, eu aproveitava o momento que todos os amigos indicavam como o mais favorável – tal era o otimismo inspirado pelos esforços dos militares na sua ação contra o Getúlio. A atividade era tamanha, a coordenação tão perfeita e a prudência tão completa, que o êxito parecia próximo e infalível. O entusiasmo e a confiança eram tais, que, ao partir em 23 de fevereiro, de Nova Iorque, recebi uma carta aérea do Paulito, prevenindo-me que talvez tivesse eu de saltar em algum porto do meu itinerário e tomar um avião para o Brasil... Não se tratava de meras impressões pessoais, mas de conclusões lícitamente tiradas das informações que aqui chegaram do Brasil para os nossos companheiros. O meu trabalho, através de imensas dificuldades, entrou aos milhares no nosso país; cheguei a Buenos Aires a 17 de Março; a 25, o “Estado” foi confiscado e os nossos melhores amigos de São Paulo, presos; estes foram otimamente hospedados nos quartéis do exército a que foram recolhidos; mas, quanto ao anunciado movimento, nada. As notícias secaram, desapareceram até mesmo os boatos, até que se deu a invasão da Holanda e da Bélgica. Aqueceu-se de novo a atmosfera no Brasil; multiplicaram-se, com as manifestações de simpatia à Inglaterra e à França, os pretextos de aplaudir a causa democrática – enquanto a polícia permitiu. Sobreveio, porém, o desastre da França, fez o Getúlio o seu discurso de 11 de junho, e de novo sentimos o vácuo. Não lhe parece que se impunha uma interpelação, a quem

Flores

refere-se a José Antônio Flores da Cunha, advogado e político. Partidário da Revolução de 1930, rompeu com Getúlio Vargas em 1937, exilando-se no Uruguai.

Falcão

refere-se a Ildelfonso Falcão, diplomata.

Paulito

refere-se a Paulo Nogueira Filho, advogado e político. Com a instalação do Estado Novo, foi preso e exilado, retornando ao Brasil em 1945.

“Estado”

Em março de 1940, o jornal O Estado de São Paulo foi tomado pela polícia e acusado de conspirar contra o regime. O jornal voltou a circular tutelado por uma nova diretoria, articulada com os interesses da situação e permaneceu sob a intervenção do DIP até o final do Estado Novo, quando foi devolvido à família Mesquita.

11 de junho

Getúlio Vargas pronunciou discurso no navio-chefe das forças navais, o encouraçado Minas-Gerais, por ocasião do aniversário da Marinha de Guerra brasileira. Em 13/06/1940 o Diário de Notícias publicou o referido discurso na íntegra, registrando a repercussão positiva na imprensa alemã. No mesmo dia 13/06, Vargas enviou às agências de notícias e ao governo dos EUA declaração negando que estaria apoiando o fascismo e se opondo ao discurso proferido pelo presidente Roosevelt em 10/06/1940.

Luzardo

refere-se a João Batista Luzardo, médico, político e diplomata. Foi Embaixador do Brasil no Uruguai (1937-1945).

de direito? O nosso amigo, felizmente, não demorou em alcançar o verdadeiro espírito da minha carta e em justificar os motivos que me levaram a escrevê-la. E respondeu-me, verbalmente, por intermédio de um amigo, dizendo que não escrevia para não se dar ares de querer fazer o elogio próprio. Mas que a verdade era que continuava a trabalhar pela causa com o mesmo ardor, com o mesmo grupo de companheiros, e que tinham todos resistido às mais tentadoras ofertas, que seguidamente lhes faziam do governo. Não podia, entretanto, fazer nenhum prognóstico quanto ao possível desenlace de uma ação. Estava cada vez mais revoltado com as indignidades do governo e prometia, numa palavra, intensificar os seus esforços. – Quanto ao Flores, esse, desesperado com a situação que lhe cria o governo uruguaio, servilmente obediente às ordens de Luzardo, comunicou-me que ia escolher entre dois caminhos. Estava disposto a iniciar o movimento no R.G., sem esperar pelos companheiros do Rio, e contando com os elementos já aliciados na guarnição federal e na brigada estadual. O cansaço geral, que se sente daquele estado de coisas, e a adesão em massa dos elementos civis, dariam asas ao movimento e o tornariam vitorioso. Se fosse desaconselhado desse propósito pelos companheiros, tomaria o segundo caminho: iria entregar-se no Rio para cumprir a sua pena. Não me era possível deixar de manifestar o meu ponto de vista, contrário a qualquer dessas decisões. O trabalho desenvolvido no Rio Grande parecia-me demasiado verde para o salto projetado. Havia, quando muito, um início promissor, que autorizava todas as esperanças para o futuro, mas desautorizava qualquer veleidade de ação imediata. Esta era, aliás, a opinião dos irmãos do general, que nos tinham enviado um relatório minucioso sobre a situação no Estado, situação que eles conhecem melhor do que ninguém, pois vivem dentro dele e na fronteira, onde se encontram os mais fortes elementos do Flores. Um golpe desses, malgrado, representaria talvez a consolidação do Getúlio no poder. Quanto à ideia de entregar-se no Rio, também me pareceu que, a ser realizada, significaria uma vitória para o adversário. A minha carta foi muito bem acolhida pelo Flores. As nuvens, desse lado, passaram. A minha opinião não tardou a ser justificada. Mal chegava ao destino a minha carta e já eu recebia aqui uma exposição do oficial encarregado das ligações militares no Rio Grande, na qual ele mostrava

a desesperadora lentidão com que caminhavam os trabalhos de aliciamento, não obstante a geral indignação contra o governo e o descrédito em que caiu o Getúlio. Na realidade, o terror da delação é o principal agente de paralisação das energias. – Agora, há quinze dias, recebi uma carta do nosso M., o seu melhor informante do Rio. Diz ele que pela primeira vez está otimista e vendo as coisas se coordenarem com mais método. Os homens do Rio, reconhecendo que pouco andavam os trabalhos iniciados nos Estados, tinham resolvido prescindir deles e preparar um movimento no Rio, onde se acham os únicos defensores do regime. Esta foi sempre a minha opinião, desde 10 de Novembro. Vitorioso no Rio, o movimento se estenderia automaticamente, sem um só tiro, a todo o país. Estou, neste momento, à espera de novas notícias e de resposta a várias outras cartas, que escrevi a amigos do Rio e de São Paulo. – Talvez as traga minha mulher, que aqui chega amanhã, de volta do Brasil. – Em todo o caso, logo lhe escreverei de novo para completar o que nesta carta lhe digo e dar-lhe a minha impressão sobre a atualidade – brasileira e universal. – Peço-lhe que me escreva logo.

Um grande abraço do

Armando Sales

BR BACMB OM TXT CA 06/1691

NOVA IORQUE, 17 DE NOVEMBRO DE 1940

Pinto Dias

Joaquim de Pinto Dias,
diplomata classe M do
quadro permanente do MRE,
Cônsul Geral do Brasil em
Lisboa (1939-1944).

Prezado amigo cônsul Pinto Dias:

Eis-me finalmente em Nova Iorque, a aguardar suas ordens no Hotel Great Northern, 118 West 57th street.

A viagem correu tranquilamente. Quem viveu, como nós, na França, durante a Guerra e a debacle, e, em seguida, em Portugal e a bordo do Exeter, a ver e a ouvir tragédias e tristezas, tem realmente a impressão de que passou a viver em outro planeta: a cidade, sem aquele primor de Paris, mas efetivamente formidável, a tal ponto que Paris toma, em face delas, as proporções de uma cidade pequena; e tudo, apesar de tudo, em movimento e alegria.

Transmiti seu recado ao Hélio Lobo, que já regressou a Montreal. Dei também suas lembranças ao Ildefonso Falcão, de quem tive a ocasião de ouvir, a seu respeito, palavras de estima e apreço.

Aceite, mais uma vez, e me faça o favor de transmitir à sua senhora, cujas atenções não esquecemos, os nossos melhores agradecimentos pela bondade com que nos trataram; e, com as nossas lembranças para ambos, receba o sincero abraço, que aqui lhe manda afetuosamente,

O Otávio Mangabeira,

Hotel Great Northern, 118 West 57th street.

BR BACMB OM TXT CA 8/1731

NOVA IORQUE, 19 DE NOVEMBRO DE 1940

Meu caro Mendes Gonçalves:

Ao chegar a Nova Iorque – e escusado será dizer-lhe a curiosidade, o interesse com que estou a contemplar, neste novo mundo a que cheguei, a formidável cidade, tão sua conhecida – quero manifestar-lhe, ainda uma vez, e igualmente a D. Elza, os nossos vivos agradecimentos, pelas atenções e bondades que tiveram para conosco, durante a nossa estada em Portugal. Ainda à última hora, houve aquele “serviço diplomático”, de resultados prontos e eficazes. Deus lhe pague.

Estamos no Hotel Great Northern, 118 West 50th street; e já vi que, realmente, embora alto o dólar, para o nosso baixíssimo mil réis, há como viver aqui, dentro de orçamentos moderados, iguais, mais ou menos, aos da Europa. Há de tudo, e para todos; e a cidade, por si só, é um divertimento gratuito.

A opinião, a bem dizer unânime, é pela Inglaterra, apaixonadamente. Nada, porém, faz prever, ao menos por estas próximas semanas, a não ser que aconteça um fato novo, participação direta no conflito.

O Hélio Lobo, que está bem, regressou a Montreal.

Aceite, com D. Elza, nossas melhores lembranças, e receba um grande abraço muito afetuoso do

Otávio Mangabeira

Mendes Gonçalves

Roberto Mendes Gonçalves, diplomata. Em 30 de janeiro de 1939, foi removido para a Embaixada em Lisboa, onde exerceu as funções de primeiro secretário. Em 17 de dezembro de 1943 seria nomeado Cônsul Geral do Brasil em Barcelona.

FERNANDO DE NORONHA, 18 DE DEZEMBRO
DE 1940

Meu caro Otávio

Felicidades.

Esta é a terceira vez que tento comunicar-me com você; as duas primeiras, apesar de nas melhores condições aparentes, não o consegui. Com ambas, disseram-me, você não estava em Lisboa. Desisti do mais próximo caminho e hoje tento por via diversa: os homens, meu caro, são vis ou sublimes e na estrada que vou percorrendo agora os primeiros além *vão* ... C'est la vie...

Entremos, porém no nosso assunto. Continuo a pensar como pensávamos em julho de 1938 na correção: temos que agir no sentido de libertar o Brasil da, cada vez mais nefasta, politicagem que o domina. Estou hoje em boa situação para reavivar esse objetivo, pois tenho magnífico material humano. Estes 2 anos e meio de prisão valeram-me tudo: conhecimentos, estudos, dedicação, saúde e fé, extraordinária no futuro, amparado por Deus e pela minha consciência e energia. Não é o momento para divagações entre nós, você já deve conhecer as minhas ideias, pois sempre trazemos, lealmente os nossos pensamentos.

Falta-me, porém, para realizar um elemento indispensável: recursos pecuniários e materiais. É nesse sentido que me dirijo a você para saber se você e os seus amigos estão dispostos a uma cooperação comigo e os meus amigos para realizarmos a nobre e duríssima empresa, necessária à felicidade de nossa pátria.

Caso seja essa a situação sua e da corrente a que você, com tanta elevação, nobreza e patriotismo, pertence, peço que me indique o nome de uma pessoa, no Rio ou em S. Paulo, que possa atender, positivamente e de forma precisa, às necessida-

correção
refere-se à Casa de Correção,
onde Otávio Mangabeira
permaneceu preso.

des do movimento. Bastará que você mande dizer um nome e com ele se comunique diretamente.

- Não se preocupe com a minha posição de ilhado: ela é magnífica! Adeus – muitas saudades e um abraço do

Belmiro.

Belmiro

refere-se a Belmiro de Lima Valverde, membro da Ação Integralista Brasileira (AIB). Durante o Estado Novo conspirou contra o regime e Getúlio Vargas. Foi preso e condenado a 16 anos e meio de prisão pelo TSN. Foi posto em liberdade em 19 de abril de 1945, quando foi decretado anistia política no país.

NOVA IORQUE, 25 DE DEZEMBRO DE 1940

Euvaldo:

Reitero os votos da minha carta de há dias, que espero terá recebido. Nela acusada o recebimento da sua, do Rio, de 4. Reproduzo aqui textualmente o que escrevo hoje a minhas irmãs:

Maria
refere-se a Maria da Glória,
irmã de Otávio Mangabeira.

“A carta de Maria, de sábado, 14, que eu disse no sábado seguinte, 21, não havia sido ainda recebida, chegou no domingo, 22, isto é, com mais de uma semana. Entretanto, como também assinala, já havia recebido, se me não engano, sexta-feira, senão quinta, uma, da mesma data, de Buenos Aires.

Eulina
refere-se a Eulina Soares de
Pinho, irmã de Euvaldo de
Pinho.

Ontem, por exemplo, 24, recebi algumas cartas, de diferentes fontes do país, todas datadas de 19 ou 20, e com carimbo de 20. Chegou uma, também, de Eulina (sem dar notícia de nada, senão de coisas domésticas) da mesma data. Todas, portanto, de quatro dias atrás. A última, entretanto, de Edite, continua a ser de 19 de novembro, apesar de ela dispor de vários endereços. Sou levado a concluir que as dela não vêm e as de vocês estão vindo... demoradas. Carta do Brasil para os Estados Unidos não pode gastar no percurso uma semana, e mais, senão muito normalmente, de longe em longe.

Edite
refere-se a Edite Soares de
Pinho, irmã de Euvaldo de
Pinho.

Agora, o principal. Duas das cartas ontem recebidas trouxeram-me a notícia da reforma da decisão, que eu previra teria sido de primeira instância, como previra seria reformada. Como sei quanto essas coisas incomodam e aborrecem a vocês, apreso-me em dizer-lhes que o único resultado, quanto a mim, que podem conseguir, é justamente esse, o de causar algum desgosto aos meus, o que evidentemente me contraria; pois, no que toca diretamente a mim mesmo, sou em absoluto indiferente, e até admito que, sob estes aspectos, e para o meu ponto de vista, mais vale a condenação.

Já sair, com o programa de jantar, e ir depois a um cinema, fazer hora para a missa do galo (a cidade animadíssima com a comemoração do Natal) quando recebi as cartas, e com elas a notícia, que foi o meu presente da grande noite... (Aliás, momentos antes, recebera outro presente, trezentos dólares, que me mandaram por telegrama, do Rio). “Cumpri de fato o programa; e, comungando, com o coração em paz, embora cheio de mágoas pelo que se passa no mundo, particularmente no Brasil, e, por outro lado, de saudades – quem é que as não tem, depois de certa idade, na véspera de Natal? – não me queixei, no meu íntimo, dos que, pensando ferir-me, senão talvez instrumentos inconscientes de algum benefício que recebo. Que tivessem eles com os seus, um bom Natal...

Volto, porém, ao ponto principal: não tenham, pelo que se passa, o menor aborrecimento. Por que o terem, se eu não tenho? O que escrevo do estrangeiro, escrevi-o, mais ou menos, do Hospital da Polícia Militar. Não de dizer, talvez, que foi o meu último escrito, que determinou a reforma. Pode ser. Inclino-me, porém, mais, a acreditar que o mesmo seria sem ele. De qualquer modo, entretanto, necessário como foi, nunca deixaria de fazê-lo. Não de ter muito por que condenar-me... Assim os ensejos se me afigurem presentes, e as circunstâncias me imponham.

Com a falta das cartas de Ed, não tenho notícias de O, e isso, às vezes, me incomoda mais do que o resto. Édila, também, coitada, com a vida incerta que leva, por força da minha vida e de outros constante preocupação”.

Estendo a todos o que aí se lê.

Terá E recebido minhas cartas semanais? Ot.? São essas coisas que me interessa saber. Entretanto, telegrafei a Edgar, pedindo notícias, mas ele respondeu apenas – todas bem – e uma carta de Eulina, a que me refiro acima, de 5 páginas, nada diz sobre tais assuntos.

Escrevo, esta na sala do meu apartamento, ao lado de um pre-sépio, que é um mimo, arranjado por Ester, com figuras, etc, adquiridas, ora aqui, ora ali, em cada ano de... Natal no exílio.

Hospital da Polícia Militar

local onde Otávio Mangabeira ficou preso até partir para o exílio na França, em 29 de outubro de 1938.

meu último escrito

registra-se no Acervo Otávio Mangabeira a publicação “1930-1940: Um decênio, no Brasil, de degradação nacional – Em nome e por desagravo da atual geração brasileira”, de 3 de novembro de 1940.

Ed

refere-se a Edite Soares de Pinho.

O

refere-se ao seu filho, Otávio Mangabeira Filho.

E

refere-se a Edite Soares de Pinho.

Ot.

refere-se ao seu filho, Otávio Mangabeira Filho

Edgar

refere-se a Edgar Soares de Pinho.

Abraços e saudades, para todos de,

Otávio Mangabeira

Alguns amigos virão dar-nos a sua comp., pelo Ano Bom.

P.S.: Ia escrever a Ed. mas ocorre-me o seguinte: tire uma cópia desta carta, e mande daí para ela, pelo correio aéreo, pelo melhor meio que tiver. Mas é imediatamente. É que não sei até hoje se ela está recebendo as nossas cartas.

BR BACMB OM TXT CA 05/1651

NOVA IORQUE, JANEIRO DE 1941

Exmo. Sr. Dr. Levi Carneiro

M. D. Presidente da Academia Brasileira de Letras.

Senhor Presidente,

Acusando recebida a carta em que Vossa Excelência teve a bondade de comunicar-me haver assumido o exercício da presidência da Academia Brasileira de Letras, peço permissão para declarar-lhe que, se presente à sessão em que Vossa Excelência foi eleito para a referida presidência, lhe teria dado o meu voto.

Declaro, outrossim – e agradecerei constem de ata as duas declarações – que, se tivesse votação, seria contra a reforma, que a Academia adotou, quanto às eleições acadêmicas. Além do mais, pela seguinte razão, que não há porque não decline, com a devida clareza:

a de não dar azo à maledicência, que atribui à reforma o propósito de, pondo abaixo uma regra, que vinha da fundação da Academia, para a admissão de seus membros, facilitar o acesso, a uma de suas cadeiras, a determinado pretendente, ultrapoderoso; o que, não sendo verdade, tem, entretanto, o inconveniente de, se seguir amanhã, por uma dessas coincidências em que o destino é tão fértil, a dita candidatura, descobrirem, no caso concreto, a confirmação das suspeitas, hipóteses na qual, em última análise, teria sido a reforma – o tempo se incumbiria de prová-lo – um ato de suicídio, porque, de fato, uma instituição da ordem da Academia, com a sua significação nacional, que alterasse ou derogasse, em um dos seus pontos substanciais, a sua lei interna, para torná-la mais cômoda a um candidato de luxo, ou aos luxos de um candidato, sobretudo se fosse este uma expressão do poder, e, ainda mais, do poder ilimitado, não sei o que dela seria quando, cessada a atmosfera de ópio, que tem propiciado tanto caso de embriaguês ou delírio – eu, de fora, vejo melhor a fumaçada e os cachimbos, alguns aliás belíssimos, pelas in-

Levi Carneiro

advogado e político, membro da ABL desde 1936 e eleito presidente para o ano de 1941.

candidato de luxo
refere-se a Getúlio Vargas.

crustações que os ornamentam – se restabelecesse algum dia, já que Deus afinal terá pena de tanta infelicidade, o bom senso, o juízo, a saúde, em suma, em última análise, a normalidade no país.

Queira receber Vossa Excelência minhas atenciosas homenagens.

Otávio Mangabeira.

NOVA IORQUE, 04 DE JANEIRO DE 1941

Euvaldo:

Recebemos sua primeira carta, depois de chegada à Bahia, e com boas notícias de todos; e, a 1º de Janeiro, seu telegrama, tanto mais agradável para nós, quanto por ele soubemos achar-se Ot. no Rio. Só mais tarde nos veio as mãos telegrama, dele e de Edite. As cartas desta, retidas, recebemo-las, todas juntas, inclusive uma, do Asdrúbal; e outra, de 29, mandada diretamente para o nosso hotel, foi-nos entregues pela manhã de 2! Quis dizer que as cartas do Rio, que andaram tão perturbadas, estão agora em dia.

Por esse e outros motivos, o Ano Bom correu, para nós, melhor do que o Natal. O tempo, que, pelo Natal, esteve enevoadado, apresentou-se tão belo como há muito não se registra por estas paragens, na atual fase do ano: os dois melhores amigos, que temos por estas bandas, vieram, com as famílias, para Nova Iorque, e assim nos fizeram boa companhia. Édila foi, com os mais moços, a um réveillon, em um dos grandes hotéis. Os que não estavam para festas, jantaram discretamente – aliás, foi difícil encontrar uma boa sala de restaurante que não estivesse embandeirada em arco – e saímos, em seguida, para receber o 1941, em Times Square que é como se fosse aí a rua Chile, era um verdadeiro carnaval; o povo, aqui, tem o hábito de esperar na rua o ano novo, a cantar e tocar cornetas; e, devido ao tempo excepcional que reinou, a multidão, este ano, assumiu proporções desusadas. Toda alegria, aliás, por estes dias que correu, dá a impressão de forçada...

Houve outra coisa que me agradou no Ano Bom: o discurso do Roosevelt. Foi sem dúvida o reflexo dos sentimentos gerais do povo americano, salvo a quinta coluna e pouco mais. O que é preciso é que os fatos correspondam fielmente às palavras: como as democracias em geral, também a daqui tem cochilado, e não pouco.

Ot.
refere-se a Otávio
Mangabeira Filho.

Asdrúbal
refere-se a Asdrúbal da Franca
Rocha, médico.

M.
refere-se a Otávio
Mangabeira

Mas vai despertando, permita Deus que ainda em tempo.

Sobretudo depois que li, publicado em resumo nos jornais, certo discurso pronunciado no Rio a 1º de janeiro, dirigi a ele, Roosevelt, um telegrama nos “devidos termos”, assinando com a minha qualidade de antigo Ministro do Exterior do Brasil.

Como vai Maria Helena? O Nestor que já dizia o que sabemos, deve estar agora um número... E Dinorá? Certo, cada vez mais respeitável.

Abraços e saudades, para todos, inclusive para os amigos, de

M.

Ciente do preço dos dólares. Mandarei, depois, instruções. A julgar pelos telegramas daí, o Brasil está abarrotado de dinheiro estrangeiro, que lhe entra por todos os poros, e de todas as procedências. Entretanto, o câmbio não melhora.

BR BACMB OM TXT CP 24/465

RIO DE JANEIRO, 07 DE JANEIRO DE 1941

Meu caro Dr. Otávio,

Recebi com imenso prazer a sua carta de 28 de Dezembro. Retribuo os votos de Ano Novo. Que o senhor, D. Ester e a Édila gozem boa saúde e sintam sempre, no ar de liberdade que aí respiram a plenos pulmões, um conforto e um lenitivo para a nostalgia e as durezas do exílio.

Uma carta minha ao senhor só poderá ser muito longa ou muito curta. Há tanto assunto! Serei breve, hoje, mas prometo não tardar em reaparecer-lhe com notícias mais abundantes...

Pelo próximo vapor enviarei cartas de apresentação para dois bons amigos que tenho em Nova Iorque e aos quais escreverei diretamente sobre a sua personalidade. São eles: – Chas. B. Williams, meu velho amigo de quando aí estive, em 1919, diretor para a América do Sul da Underwood Elliot Fisher Co., fabricante das máquinas de escrever Underwood. Estava na carreira diplomática, servindo no México, quando a abandonou, há cerca de 30 anos, ou mais, para entrar naquela Companhia. Hoje é um velhinho milionário, com um vasto círculo de relações em Nova Iorque e em Washington. Vem todos os anos à América do Sul e quase sempre me chama ao Hotel, aqui, para conversarmos. É casado com uma senhora moça e muito inteligente que consagra todo o seu tempo a obras de benefício social. É conhecimento que lhe poderá ser muito útil.

O outro amigo é o Sr. Joshua B. Powers, 220 East 42nd. St; Nova Iorque. Era diretor da United Press em Bueno Aires, há 15 ou 20 anos, quando “La Prensa” o contratou para seu representante aí, fornecendo-lhe, mais tarde, recursos para estabelecer escritórios na Europa e aceitar a representação de jornais dos demais países sul-americanos. É hoje uma poderosa empresa. O Sr. Powers, além de representante do “Diário de Notícias” nos Estados Unidos, é

Diário de Notícias

jornal fundado em 1930, por Orlando Ribeiro Dantas, em 1939, ocupou o primeiro lugar em circulação entre os matutinos.

diretas
registra-se no Acervo Otávio Mangabeira correspondência de Orlando Dantas dirigida a Chas. B. Williams datada de 14/01/1941 apresentando o ex-ministro das Relações Exteriores e exilado político Otávio Mangabeira.

“fans”
refere-se ao fato de Édila Mangabeira escrever para o Diário de Notícias (RJ), poesias, literatura e sobre cultura.

E. Pinho
refere-se à Ester Mangabeira, esposa de Otávio Mangabeira.

meu amigo e talvez lhe possa prestar serviços. Quem sabe se, por intermédio dele, não poderá o senhor obter com o Ledger Syndicate, Editors Press Co, ou outro sindicato qualquer, um contrato para escrever meia coluna diária sobre assuntos brasileiros, sul-americanos e internacionais? A Édila, no campo literário, poderia arranjar coisa parecida.

Enviarei as apresentações e as cartas diretas pelo próximo vapor. Pelo aéreo, remeto hoje um exemplar da edição que traz o seu excelente e oportuniíssimo artigo sobre as relações do Brasil com os Estados Unidos. Segue pelo portador uma coleção completa dos suplementos diários que consagramos ao assunto em 1938 e dois exemplares do livro em que reuni os principais trabalhos publicados naqueles suplementos. Creio que lhe mandei um desses livros para a Europa. A pedido de D. Edite, envio três ou quatro livros apanhados aqui no meu gabinete entre os que encontrei, remetidos pelos editores. Destinam-se a D. Édila, cujos “fans”, leitores do “Diário”, andam desapontados! De outra vez irá coisa melhor. Se ela se interessar especialmente por qualquer livro ultimamente publicado aqui, poderá pedir-me, pois arranjarei gratuitamente com os editores.

Mandei registrar hoje uma assinatura do nosso “Diário” para E. Pinho, Hotel Great Northern, Nova Iorque.

Deus o apoie e fortaleça cada vez mais no grande exemplo de resistência moral e cívica que há tantos anos vem oferecendo aos seus concidadãos. Esse exemplo, desgraçadamente, – parece incrível! – não medra. Mas fica.

Recomende-me a D. Ester e à nossa “antiga” colaboradora e receba um abraço, de solidariedade e de admiração, do seu amigo.

Orlando Dantas.

NOVA IORQUE, 21 DE JANEIRO DE 1941

Euvaldo:

Sua carta de 10 de janeiro foi aqui recebida a 18. Já havíamos sabido, por Maria, do modo agradável como correu a comemoração das bodas de prata. Só sentimos não estar presentes. Vejo que comungou. Muito bem. Mas a confissão é que é o caso. Confessou tudo? Inclusive aquela história, lembra-se?... (Vamos deixar de conversas, que deem margem ou pretexto a falsas suposições). Eu, meu velho, já comungo, sem precisar confessar-me. Confessar, o quê? Entretanto, há meninas por aí, de vinte e um e vinte e dois anos, às vezes bem bonitinhas, que preparam, para os pais, festas de bodas de prata, com sinceridade, não há dúvida, porém, no fundo, com o pensamento, igualmente, de, atraindo alguém às festas, habilitar-se a festejar algum dia as suas (delas) bodas de prata. É assim que as que já casaram não têm o mesmo gosto pelas festas, segundo comenta Nestor, em carta que me escreveu, pelo avião da semana. Aliás, a propósito de bodas de prata, você bem sabe que, no nosso tempo, só algum sujeito muito infame seria capaz de enganar a mulher. Hoje, dizem que as coisas são outras. Casam-se, e, daí a um ou dois anos, começam a tapear as pobrezinhas. Não eu que acredite nisto. Passemos, todavia, a outros assuntos, pois tenho horror a maledicência e intrigas.

Mandei cartões, pelo correio comum, a Eudoro Tude, e filhos, e a Severo e Jaime e respectivas senhoras; se bem que só o primeiro me agradeceu, da outra vez. Quanto ao seu amigo Otaviano, seguiram também, pelo correio marítimo, umas palavras de Ester a d. Sinhazinha, para todos, e em nome de todos. Quanto ao velho Ponciano, aí vai um bilhete para Valdemiro. Quanto ao Maltes Souza, vou escrever ao Simões, e envio, por este, umas linhas. Penso, entretanto, que, em regra – salvo, é claro, os dedicados – ninguém tem interesse em receber comunicações... do outro mundo. Alguns até se assustam. Você me entenderá; e eu tenho, bem mais que você, experiência dos homens, vale dizer da fraca humanidade.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

Sinhazinha:

refere-se a irmã de Raquel Martins Valverde, esposa de Dantas Bião.

Ponciano; Valdemiro

refere-se a Ponciano Ferreira de Oliveira, professor da Faculdade de Direito e desembargador do Tribunal da Justiça da Bahia, pai de Valdemiro Montenegro de Oliveira, engenheiro civil e advogado.

Faz muito bem em ir deixando de parte obrigações outras, para melhor aproveitar o tempo em que aí estão, todos juntos. Não são, em geral, frequentes, a não ser para os filhos da fortuna (e esta senhora não gosta de ter filhos) os quadros de inteira paz e felicidade, na vida. Eu hoje estou meio sentencioso. Desculpe. Você conhece bem isto. É a velhice que vai chegando; e a velhice, quando começa, tem também suas faceirices. Nova sentença!

O discurso de ontem, do Roosevelt, ao tomar posse, pela 3ª vez, do governo, foi uma cajadada tremenda, aplicada, de mão firme, no “alto da sinagoga” dos que apregoam, pelo mundo afora, a falência das democracias. Oxalá que os atos e fatos fiquem à altura das palavras. Publicou-se aí, na íntegra, o referido discurso? A nada estou desatento...

No que diz respeito à Clip, preciso saber de uma coisa: já recebeu ela alguma coisa, a título de amortização? Porque, como tenho dito, o que interessa fundamentalmente é a manutenção do capital.

Quanto a novas remessas, começo a considerar que, dando tudo a entender que a situação na América, e, portanto, através da América, se agravará por estes próximos tempos, será talvez conveniente fazê-las. Vá preparando nesse sentido o terreno, mas aguardo a próxima carta, pois quero ainda refletir um pouco, embora de pensar tenha morrido um dos nossos melhores amigos, nosso e do gênero humano, em cujo seio tantos colegas contavam.

E, com esta, aqui fico, por hoje. Está fazendo, por sinal, um dia claro de sol, e daí, quem sabe, o humor, com que vou espancando as mágoas.

Para os quatro, e os caros hóspedes, e mais para os bons amigos, abraços e saudades de

Otávio Mangabeira.

SÃO PAULO, 21 DE JANEIRO DE 1941

Meu caro dr. Mangabeira,

Esta carta devia ter sido escrita já há muitos dias, mas estive atrapalhado com a instalação em um novo apartamento e não queria escrever-lhe às pressas. Não me arrependo, pois nos últimos dias chegaram do Brasil notícias mais auspiciosas para nós.

O caso do “*Estado*”, pelo qual se interessa, não teve até agora a solução, que o governo fez espalhar por todos os cantos como fato consumado. Confiscando a nossa empresa em 25 de Março, o governo não podia, a menos de derrogar completamente a lei das Sociedades Anônimas, investir os seus agentes com os poderes de administração, uma vez que os administradores só podem ser nomeados pelos acionistas. Tirando partido dessa circunstância para apurar os requintes da sua vingança, o governo criou esta situação monstruosa: apoderou-se do jornal, recebe as suas rendas e usa delas, mas deixou aos acionistas o encargo de atender a todos os compromissos. Avalie a tortura, os sobressaltos, os riscos, para os diretores que tinham de enfrentar as obrigações decorrentes de um passivo de cerca de 19.000 contos. Dos nove acionistas do jornal, seis não são políticos. Além disso, um sem número de pessoas possuía dinheiro na empresa, em conta corrente. Quando, depois de alguns meses de luta para impedir que a empresa fosse à falência, o governo, premido pelos seus próprios representantes, falou em pagar o valor do jornal, eu e o Julinho, como é natural, deixamos que a decisão fosse tomada pelos que tinham nos ombros a responsabilidade efetiva da situação. Estes, ouvidos os amigos de maior autoridade moral, resolveram-se pela transferência. Os peritos nomeados pelo governo, pertencentes aos bancos de São Paulo, avaliaram em 41.000 contos a empresa. O governo fixou em 30.000 o preço, e os nossos aceitaram. Até hoje, porém, as coisas continuam a rolar como dantes. Seja como for, nada poderá alterar ou atenuar o caráter de espoliação, de esbulho, de pressão invencível, com que ficará marcada a transferência, se ela vier a ser feita.

Não recebi nenhuma informação sobre a mudança de orientação

caso do “Estado”:

refere-se à invasão sofrida pelo jornal O Estado de São Paulo, em março de 1940, pela polícia, sob a acusação de que nele se conspirava contra o regime.

Julinho

refere-se a Júlio de Mesquita Filho, jornalista e proprietário do jornal O Estado de São Paulo.

nos condenar

Otávio Mangabeira foi denunciado ao Tribunal de Segurança pelo procurador-adjunto Joaquim Azevedo, como incurso no inciso 9 do artigo 3º do decreto-lei número 418, de 18 de maio de 1938 (última Lei de Segurança).

“Itapé”

refere-se à interceptação realizada por embarcação inglesa ao navio brasileiro Itapé em 01/12/1940 que retirou de bordo 22 passageiros alemães. Em 04/12/1940 o jornal Diário da Bahia publicou entrevista com um passageiro após o Itapé ter aportado em Salvador.

Siqueira Campos

“Em 11 de outubro de 1940, os britânicos apreenderam no porto de Gibraltar o Siqueira Campos, sob pretexto de ter a bordo mercadorias de procedência alemã.

“Francisco Campos

considerado o mentor da Constituição de 1937, foi ministro da Justiça de 1937 até 1942. Dutra refere-se a Eurico Gaspar Dutra, militar. Nomeado ministro da Guerra em 1936, permaneceu no cargo até 1945.

embaixador inglês

refere-se a Noel Havelock Charles, diplomata inglês; embaixador da Inglaterra no Brasil (1941-1943).

representante americano

refere-se a Jefferson Caffery, diplomata norte-americano e embaixador dos EUA no Brasil (1937-1945).

Felinto

refere-se à Felinto Müller, chefe de polícia do Distrito Federal (1933-1942).

que levou o governo a nos condenar, depois de nos ter absolvido. As causas dessa mudança não me interessam. A condenação tem o mérito de deixar mais nítida a nossa posição, dando-lhe a tonalidade irredutível que ela, de fato, tem. De resto, já o sr. Getúlio Vargas não tem o poder de dizer que aquela sentença há de ser cumprida...

É uma grande pena que os nossos amigos do Exército não tenham tido o ânimo, ou pelo menos o espírito de decisão, necessário para repor o Brasil nos eixos, sem esperar pela grande decisão democrática, que a Inglaterra, com o seu sangue, está escrevendo para todos os povos. Uma vez, porém, que a realidade é essa, não nos cabe senão aceitar o irremediável, trabalhando e agindo nos setores externos. O trabalho é delicado, tem de ser conduzido discretamente, mas não nos será difícil evitar as cascas de banana, uma vez que se trata essencialmente de esclarecer, de catequizar, de curar cegueiras, e jamais de compromissos, que não sejam os do nosso credo democrático. Sei que a situação do governo brasileiro é cada vez pior, em face não só da Inglaterra, como dos próprios Estados Unidos, cuja política exterior é agora muito mais inglesa do que panamericana. O cruzador inglês, que deteve o “Itapé”, levava a bordo um funcionário americano, para testemunhar o transbordo dos marinheiros alemães e verificar a parcialidade com que o nosso governo cumpre sua neutralidade, parcialidade pró-nazi a todas as luzes. No “Siqueira Campos”, foi encontrado um número considerável de armas que se destinavam ao Japão. Tratava-se, portanto, de um puro contrabando. Os jornais entraram a descompor a Inglaterra, isolando do caso e castigando ao mesmo tempo os Estados Unidos. O Francisco Campos preparou, de acordo com o Dutra, dois decretos, encampando a *São Paulo Railway* e a *Light*, que é formada, sobretudo, de capitais canadenses. Antecipando-se, o embaixador inglês, apoiado pelo representante americano fez uma “*démarche*” tão enérgica que a campanha da imprensa cessou da noite para o dia e aquela emancipação ficou no projeto. O nosso governo tem sofrido humilhação sobre humilhação, parecendo certo que os Estados Unidos, afinal, começam a ver claro no panorama brasileiro. Tenho motivos muitos sérios para pensar que, de fato, alguma coisa se está passando nas relações entre os States e o Brasil.

O Getúlio continua a fazer o seu infame jogo habitual. Serve de coração o nazismo, cumpre as ordens da trindade hitlerista do Exército – Dutra, Góes e Felinto – mas emprega ao mesmo tempo o Osvaldo para salvar a face perante os Estados Unidos. A trindade continua con-

vencida de que a vitória da Alemanha são favas contadas, sobretudo o Góes, que é agora espiritista e obteve essa certeza invocando o espírito do filho. Mais um traço para a horrível história brasileira destes dias. O Osvaldo, por seu lado, proclama-se anglófilo e gaba-se de ter impedido diversas insânias premeditadas contra a Inglaterra. Na realidade, serve com devoção ao Getúlio.

O ambiente geral, no Brasil, começa de novo a se aquecer, em favor da democracia, nas águas das vitórias inglesas e gregas, e dos discursos e atitudes do Roosevelt. A Marinha, com exceção de dois ou três cretinos, é anglófila. Na Escola Militar, o ambiente é tal que, tendo havido lá a exibição de uma fita espanhola da propaganda do franquismo, na presença dos embaixadores da Itália e da Alemanha, a rapaziada, logo de início, irrompeu numa vaia, ficando a exibição no [inteiro]. Ao ser passada a mesma fita na Escola de Estado-Maior, grande número de oficiais levantou-se e retirou-se da sala. Por outro lado, sei que os principais oficiais do movimento de 30, excetuando naturalmente os que estão em empregos civis, estão, cada vez mais, contra o Estado Novo e contra o Getúlio.

Há, evidentemente, muita coisa a fazer aí, na imprensa e no setor político. Quando lhe escrevi sobre o meu projeto de viagem para os States, pensava numa viagem de três meses – e exclusivamente para agir. Não é impossível que eu antecipe a data primitiva e saia daqui em meados de Março. Até lá, empregarei o tempo agindo por aqui mesmo.

Os seus telegramas ao Roosevelt, pelo que está vendo, foram muito oportunos. Gostaria de saber se conta com alguns elementos aí para iniciar a sua ação. É essencial que nos coordenemos. Não sei como foi noticiada aí nossa condenação, mas, levado pelo meu conhecimento do meio americano, animo-me a sugerir que esclareça sempre a sua posição: fomos condenados por causa dos nossos escritos e não como revolucionários. Os americanos têm uma terrível desconfiança dos “revolucionários” da América do Sul.

Muitas saudades a D. Ester e a D. Édila, e mais um abraço do seu amigo

Armando Sales.

NOTA MARGINAL:

N.B. – Esta carta é confidencial e exclusiva.

franquismo

regime político espanhol que vigorou durante os anos da ditadura do General Francisco Franco (1939-1976) que morreu em 1975.

embaixadores da Itália e da Alemanha

refere-se a Ugo Sola, diplomata italiano e embaixador da Itália no Brasil (1939-1942); e a Kurt Prüfer, diplomata alemão e embaixador da Alemanha no Brasil (1939-1942).

Vina

refere-se a Lavínia Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

Paulo; Francisquinho

refere-se a Paulo Mangabeira Albernaz e Francisco Mangabeira Albernaz, filhos de Cecília Mangabeira, sobrinhos de Otávio Mangabeira.

discurso do R

refere-se ao discurso proferido pelo presidente norte-americano Franklin Roosevelt no final de 1940.

H.

refere-se a Adolf Hitler.

Diário Carioca

depois da captura dos navios Siqueira Campos e Itapé, o Diário Carioca (D. C.) apoiou Góes Monteiro em campanha contra a Inglaterra. Nesse contexto, O. Aranha pediu a Lourival Fontes, diretor do DIP, que recomendasse ao jornal uma diminuição da ênfase com que vinha tratando o assunto.

O D. C. publicou, então, sobre a necessidade das forças civis se aliarem a Vargas, o que foi entendido como um aviso aos militares para que não se envolvessem em assuntos civis. Foi suspenso, temporariamente, por isso.

G.

refere-se a Getúlio Dorneles Vargas, presidente do Brasil.

Jota Jota

refere-se a José Joaquim Seabra, ex-governador da Bahia (1912-1916; 1920-1924).

Biãozinho

refere-se a João Bião de Cerqueira e Souza, médico.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CF 09/2391

BAHIA, 08 DE FEVEREIRO DE 1941

Um grande dia!

Otávio,

Recebemos ontem sua carta de 1º deste. A anterior chegou um tanto atrasada, motivo pelo qual não pôde Vina acusar o seu recebimento, na carta da semana passada. Juntamente com a de 25 veio uma para Paulo e Francisquinho, a qual já seguiu para Campinas, donde será encaminhada para Santos.

O discurso do R. não foi publicado na íntegra, cortaram-lhe vários trechos, entre os quais, o que lamenta haver na América um Estado totalitário. O de H., porém, foi publicado inteirinho, sem faltar uma vírgula.

O que se passou com os jornais do Rio, foi isso mesmo que diz o jornal americano, no recorte que você enviou. O Diário Carioca foi obrigado a fechar, porque publicou um artigo em que, em meio a muitos elogios, dizia que o Brasil tinha um governo civil. Foi o bastante para um grupo de militares invadir o jornal e suspender-lhe a publicação. O G. não tomou conhecimento e o Diário só voltou a circular, obedecendo à disciplina imposta.

Essas informações foram dadas pelo Jota Jota, que chegou há poucos dias do Rio. E é só o que lhe posso dizer, pois, os brasileiros estão completamente alheios ao que se passa por cá, presos inteiramente à guerra. Dizem-nos, alguns mais apaixonados, que só o resultado da guerra poderá resolver o nosso caso. E aproveitando essa ausência, os que estão presentes vão fazendo os maiores absurdos.

Biãozinho tem vindo aqui e temos dado a ele suas lembranças. Para a vaga do M. Barbosa, dizem, vai ser nomeado Urbano, continuando em comissão como chefe de polícia. Isso é que é vantagem!

Ceci, sem alteração, pensando tão sossegada que dá impressão de nada sentir, mas... que tristeza! Aqui fico, enviando abraços para Ester e você com saudades da irmã muito amiga.

Maria

Édila

Aproxima-se o seu querido carnaval que, por sinal, está este ano, gelado, apesar do calor todo que está fazendo. A guerra é a responsável por essa frieza. Aos americanos, porém, creio, não há nada que os deixe tristes, é que dão a entender as centenas de turistas que vão passando por aqui este mês – no dia 2, o “Dorleans” com 450, ontem o “Argentina” com 700 e tantos, no dia 20 o “Brasil” com outros tantos. Nesses dias lindos de sol, as americanas com suas vestes berrantes dão uma nota alegre na cidade. Beija-a com carinho, a tia amiga.

Maria

TEXTO MARGINAL:

Simões recebeu sua carta. Se for possível, mande uns números da revista, para Amanda. Vina recebeu as mesadas.

BR BACMB OM TXT CP 39.2/836

LISBOA, 12 DE FEVEREIRO DE 1941

Meu caro Ministro e amigo,

Foi com verdadeira satisfação que recebi hoje sua carta de 26 de Janeiro, com minuciosas, úteis e documentadas informações sobre a vida na grande cidade da democracia americana. Com elas já poderia eu partir e, quase sem perguntar, instalar-me no apartamento em frente ao seu, que a sua providência amiga já me guarda, sabendo como conduzir-me, como viver e o que despende. Entretanto não partirei sem avisá-lo, porque estou inteiramente de acordo com o seu pensar “de que a experiência dos que aí vivem é, para os que chegam, indispensável.”

A minha partida será talvez na próxima primavera; e cada vez mais se torna ela mais provável em vista das cartas dos filhos e de alguns bons amigos, que insistem para que eu vá “mais para perto”, fazendo-me sentir que será essa talvez a única forma de ainda nos revermos. O isolamento talvez, a idade sem dúvida, com certeza as saudades legítimas e infinitas fazem-me receber essa insistência com ligeiro aperto de coração, olhar para as malas e desejar seguir “para mais perto”, já que não poso ir revê-los no Brasil.

A lentidão da correspondência é deveras desesperadora, mas não a atribuo só à censura das Bermudas. Sua carta, datada de 26 de Janeiro e daí saída a 28 desse mês, conforme o timbre do correio, aqui chegou pelo Clipper a 7 de Fevereiro, gastando dez dias na viagem. Com ela, pelo mesmo Clipper vieram-me cartas de São Paulo e do Rio, timbradas a 13 de Janeiro, gastando, pois, 25 dias do Rio até aqui, dos quais os dez de Nova Iorque até Lisboa e os restantes quinze do Rio à Nova Iorque. Parece que há também Bermudas nessa parte sul da América, onde, segundo informam, os aviões são trissemanais. Não é só pela lentidão dos aéreos civis, que se perde o gosto de escrever é também pelo receio de colaboração na leitura das nossas cartas. Não se pode responder como outrora, não pelo risco que se corra, mas pelo risco que podem correr os destinatários. O Paulo Duarte, de quem também hoje recebi carta e que hoje mesmo respondo, pode

dizer alguma coisa sobre os elementos de que ele se encarregou para o A. Peixoto.

Aqui continua tudo no mesmo, exatamente como quando daqui partiu. A mesma abundância e fartura, a mesma ordem e tranquilidade.

Do Brasil não tenho tido notícias diretas. Telegramas confusos do Rio, aqui publicados pela imprensa, falaram do término do processo da conspiração de São Paulo. Li no “Figaro” que os processados haviam sido absolvidos (acquitté) em segunda instância. Há uns seis dias, um amigo informado fez-me saber que era exatamente o contrário o que havia sucedido, o que vejo confirmado por sua carta. Moralmente essa sentença tem o valor que sua carta lhe dá; praticamente, porém, por ser ela imprescritível e conter ameaça de prisão, priva-o de possível volta já ao Brasil, que é afinal o único intuito dela. O discurso de Roosevelt, às vésperas do Ano Novo, foi aqui conhecido pela publicação em resumos e transcrição de alguns trechos, igualmente por todos os jornais.

Maior impressão causam as longas e estranhas discussões parlamentares sobre o projeto de “auxílio e arrendamento” à Inglaterra. Os povos coletivamente sofrem e resgatam as faltas e incoerências que os seus regimes facultam. Felizes os que resgatam!

Por sua carta vejo que o inverno e a alimentação têm feito estranhar a terra. Já se resfriou, o que em toda a parte acontece a todo o mundo, e esteve às voltas com “coceiras”. Estas devem correr por conta do fígado e eu já as tive em França e mesmo no Brasil. Explicou-me então um médico, que o fígado é o encarregado de queimar, eliminar e transformar o que a nutrição lhe entrega para ir pelo sangue sustentar o organismo. Às vezes, por cansaço, preguiça ou inexperiência, ele cumpre mal a sua obrigação, e lá deixa passar e circular no sangue o que deveria ser queimado, eliminado ou transformado, o que, quando não se acumula no organismo, procura saída pela pele, que se irrita com os insólitos passageiros. Daí as coceiras. Se o diagnóstico é verdadeiro, ajude o fígado, pelo menos nos primeiros tempos.

Vejo também pela sua carta que Édila se submeteu a exame de radioscopia, nada sendo encontrado de maior novidade. Quando daqui partiram, estava ela ainda apreensiva pela fratura de seu antebraço. Se nada há de maior novidade, Édila que se tranquilize, pois que nas fra-

conspiração de São Paulo

refere-se aos acontecimentos de março de 1940, em São Paulo, quando o jornal O Estado de São Paulo foi acusado de conspirar contra o regime. O jornal só voltou a circular tutelado por uma nova diretoria, articulada com os interesses da situação. Foram processados, entre outros, Otávio Mangabeira e Armando de Sales.

Figaro

refere-se ao jornal francês Le Figaro, fundado em 1826 por Maurice Alhoy e Étienne Arago.

Mirkin
refere-se a Boris Mirkin-Guetzevitch, jurista russo e professor. Fez oposição ao regime instalado em seu país, por isso, lançou-se ao exílio na França.

Rao
refere-se a Vicente Paulo Francisco Rao, advogado, professor e político. Publicou em 1932 o "Direito de Família dos Soviéticos".

Roberto
refere-se a Roberto dos Santos Moreira, advogado, político e jornalista. Correspondente regular, sempre lembrado nas cartas entre Washington Luís e Octavio Mangabeira, das quais, algumas vezes, serviu como portador.

Álvaro de Magalhães
advogado português, primo de Washington Luís.

turas, e nas fraturas caras, os pontos consolidados são os que se tornam mais fortes. Que assim seja, são os meus votos. E D. Ester como vai ela se dando aí? Ela que sabe e conhece a boa mesa, e é natural de uma terra quituteira, como vai se dando aí, onde "dir-se-ia que o caldo é um só, fabricado para todos", onde muitos dos restaurantes são anexos de farmácias e de drogarias?

Entretanto, muitos são os banquetes nos quais, o que é natural e lógico, mais se fala do que se come. Parece que aí a vida política, pública, domina e absorve o lar, a vida privada.

Nos primeiros tempos a observação da diversidade de costumes é bem agradável. É preciso aproveitar os primeiros tempos.

Já está aqui em Lisboa, e para lá se esforça em seguir, o Professor Mirkin, que vai fazer um curso de direito comparado. Deve conhecê-lo, pois que foi muito citado, na última constituinte brasileira, tendo sido traduzido pelo Rao um dos seus livros. Ele o conhece, e vou-lhe dar uma carta de apresentação.

O Roberto recebeu sua carta. O Álvaro de Magalhães muito agradece e retribui as lembranças.

Poucos, pouquíssimos são os brasileiros atualmente em Lisboa.

Aproveito o resto de espaço para enviar a D. Ester e a Édila os meus votos de feliz estadia e de muita saúde.

Abraços saudosos do amigo muito grato

Washington Luís

TEXTO MARGINAL:

Esta carta só a 12 ficou pronta, por diversas razões sem importância.

BR BACMB OM TXT CF 10.6/2591

NOVA IORQUE, 27 DE FEVEREIRO DE 1941

Euvaldo:

Após uma ausência anormal de cartas suas, chegou-nos às mãos a de 14 deste, com a qual voltamos à normalidade. Você há de ser procurado pelos viajantes, nossos amigos, que passarem na Bahia, e que lhes darão notícias nossas. É o que, no momento, não falta. Quantas vezes, entretanto, em oportunidades outras, precisei de portadores, sem os ter! Um deles, ainda recentemente, deixou de entregar, no Rio, um pacote de estatutos.

Na minha última carta, falava-lhe em remessa de recursos. Carta de d. Helena, para Ester, ontem recebida, alude a uma versão, corrente aí, de que se cogita de estabelecer um dólar para turistas, a preço mais reduzido. Seria, é claro, medida, do governo americano. Mas aqui não ouvi falar muito.

Recebi anteontem o demonstrativo. Dele deduzo que o capital da companhia continua íntegro, pois nenhuma amortização foi feita, só figurando juros, e de 1939. Realmente, quanto aos novos, não há inconveniente para os acionistas em que vão ficando por lá, enquanto não se tornem necessários, pois rendem mais que no banco. Mas, pelo contrato de empréstimo, não era obrigatória a amortização, após o decurso de cinco anos? Não é que julgue a amortização indispensável, uma vez que existe a garantia, e tudo se acha em ordem. A devedora fica, porém, em situação de faltosa, em face do credor, e passível, portanto, se fosse o caso, de ação, por parte deste. Ou não é assim? Por outro lado: caso não haja conveniência, por certos motivos, em manter tal situação, não seria preferível para o credor receber as amortizações, convertendo o seu produto em Títulos (apólices federais, por exemplo) que rendem, ao que suponho, os mesmos juros, às cotações vigentes, podendo, entretanto, ser mobilizadas? Vendo de longe, e sem interesse direto no caso, é o que me ocorre dizer, como simples sugestões. Você e os interessados mais próximos poderão melhor julgar se vale me-

lhor a pena ir desembaraçando o capital, ou deixá-lo envolvido no empréstimo, sob a garantia da hipoteca, e para melhor preservação do futuro. Falei acima em apólices federais. Pode, contudo, ocorrer melhor aplicação, se chegar o momento de aplicar. Também é fácil de compreender o que quero dizer quando falo em “preservação do futuro”, contra qualquer eventualidade.

Vamos indo, como sempre, sem maior novidade. Édila, mais satisfeita, com alguns trabalhos que lhe apareceram, bem remunerados, seguiu, segunda-feira, com duas amigas, uma americana e uma inglesa, para esportes de inverno, por duas semanas. Ester, em paz, a fazer uns tratamentos, de dentes e nariz, de que necessitava.

Mobilizam-se, afinal, os Estados Unidos (já o deviam ter feito desde muito) para prestar à Inglaterra um concurso mais compatível com a natureza da situação.

Uma revista americana – “Friday” – de orientação esquerdista, mas de grande circulação, publicou uma tremenda reportagem, com fotografias, etc, sobre a situação no Brasil, inclusive um quadro de presos políticos, em trabalhos forçados, em Fernando de Noronha.

Abraços e saudades, para todos de

Otávio Mangabeira

Faz amanhã dois anos e quatro meses que deixei o Brasil, a Bahia, no General San Martin; e faz, amanhã também, trinta e quatro anos que faleceu seu pai, mais moço do que somos nós hoje, mas parecendo, ao que me lembro, mais velho.

seu pai

refere-se a Quintino Soares de Pinho, casado com Maria Carolina Viana de Pinho, pais de Eivaldo Soares de Pinho e Ester Pinho Mangabeira.

NOVA IORQUE, 02 DE MARÇO DE 1941

DUAS BREVES MENSAGENS

Exmo. General Eurico Dutra,
Ministério da Guerra, Rio de Janeiro.

De Nova Iorque, a 02 de março de 1941.

Ao ler, nos jornais de hoje, que se realizaram no Chile, em plena ordem, as eleições gerais, e que o próprio ditador de Bucarest, embora saibamos todos o que tais plebiscitos representam, se julgou, em todo o caso, no dever de consultar os seus compatriotas, sobre a sua permanência no poder, protesto, mais uma vez, perante as forças armadas do Brasil, na pessoa de Vossa Excelência, contra a espoliação inominável, em que vive, através do tempo, e pela primeira vez na sua história, o povo brasileiro, quanto ao exercício do direito, que se confunde com a sua própria honra, de escolher ou legitimar, por meio de voto, suas instituições e seu governo.

Otávio Mangabeira

Exmo. General Eurico Dutra,
Ministério da Guerra, Rio de Janeiro.

De Nova Iorque, a 29 de março de 1941, em aditamento ao expedido no dia 2 do mesmo ano e mês:

Depois do Chile, a Colômbia, onde floresce uma democracia, que faz honra ao continente. Sem embargo das lutas internas e da situação no exterior, o povo colombiano acaba de eleger a representação nacional e as assembleias legislativas locais, tendo ficado em minoria nas urnas a ala do Partido Liberal, de que é chefe ou a que pertence o presi-

ditador de Bucarest
refere-se a Miguel de
Hohensollern-Sigmaringen,
último rei da Romênia
(1940-1947).

dente da República. Na Venezuela, estando a terminar o seu quadriênio o atual chefe de Estado, anuncia-se a eleição do novo presidente a 19 de abril.

Daqui, entretanto, dos Estados Unidos – onde, ainda agora, o presidente Roosevelt repetiu, como ponto de dogma da civilização americana, que “aqueles que abrirem mão da sua liberdade, para comprar, a este preço, uma segurança temporária, não merecem, nem liberdade, nem segurança”, vejo reduzido à condição de cativo político, última expressão de nulidade, cívica e moral, o Brasil de D. Pedro II e dos estadistas da República, isso justo no momento em que perigos tão grandes aí estão a exigir de cada povo a obrigação de elevar-se à altura dos seus destinos; e aqui leio, em revistas e livros, de comentário internacional, o doloroso registro da calamidade brasileira, que uma obra das mais recentes, sobre política americana, consubstanciou nestes termos: “Hoje Vargas, administrando por decretos-leis, decididos em conferências íntimas de seu gabinete e círculos privados de conselheiros políticos, governa o Brasil com um poder tão autocrático, quanto era o dos Romanovs, na Rússia antes da guerra”. (“The All American Front”, de Dunkan Aikman, página 191. O texto em inglês é este: “Today Vargas, ruling by decree-laws, decided upon in intimate conferences of his cabinet and inner circles of political advisers, governs Brazil with a power as autocratic as that of the Romanovs over pre-war Russia.”)

Não procuro indagar se os Romanovs teriam acaso feito condenar, a anos de prisão, alguém que, do seu exílio, se houvesse limitado a protestar, em termos altos e próprios, contra a impropriedade do regime vigente em São Petersburgo, aliás, menos espúrio, e sobretudo mais compreensível, na Rússia de antes da guerra, do que uma autocracia decorrente das origens que são conhecidas, no Brasil do nosso tempo: como fui condenado, não há muito, no Rio de Janeiro, pela “justiça” da usurpação do poder, que teve a grande bondade de conferir-me essa honra. O que sei, de ciência certa, é que podiam ter-me condenado, de preferência, a um século; porque, se um século ainda tivesse de vida, e um século perdurasse a ignomínia, um século bradaria, diante de Deus e dos homens, contra a degradação da nossa pátria.

Otávio Mangabeira

BUENOS AIRES, 08 DE MARÇO DE 1941

Meu caro dr. Mangabeira,

Esta carta vai com um mês de atraso, mas há uma explicação para isso. Tivemos de novo graves preocupações com o Armandinho, que, depois de um longo período de normalidade na sua saúde, teve agora uma nova depressão. Esta não se apresentou como a gravidade da de 1937, pode-se dizer que está dominada, mas me obrigou à revisão em todos os meus projetos. Sou, como é natural, forçado a modificar, entre outras coisas, o plano de viagem aos States. Já agora, não sei quando poderei ir, se puder ir... Do Brasil, entretanto, recebo constantes sugestões sobre a conveniência de se fazer um esforço em Washington, onde a atmosfera é agora, segundo dizem, muito mais propícia para a nossa causa do que quando por lá andei. O governo americano sabe muito bem os riscos que representa para a segurança do seu país a permanência, no governo do Brasil, de uma situação francamente nazista. Multiplicam-se, aliás, no Congresso americano, os sinais da inquietação, segundo as notícias – quase sempre veladas – que leio nos jornais daqui. A entrevista dada pelo Caffery, ao chegar ao Rio, me desconcertou um pouco, parecendo um desmentido a tudo aquilo: o homem, um mau homem por sinal, entoou hinos à amizade legendária dos dois países, mais cordial agora do que nunca; afirmou que os States estavam dispostos a dar tudo quanto o Brasil necessitasse para se armar; e disse que o G. e o Aranha eram estimadíssimos no outro hemisfério, tanto que trazia para o primeiro mais um convite do Roosevelt para a famosa visita. Um americano de grande representação, que acaba de chegar daí, disse-me que tudo isso é pura obra do Caffery, que está fazendo da visita do G. uma questão de prestígio pessoal. O próprio Caffery declarou, em Washington, ao meu amigo que não teria nenhuma surpresa se o G., tomando os freios nos dentes, desse um golpe definitivamente nazista, no Rio. No mais, confirmou esse amigo o que me haviam informado sobre a atmosfera nos meios oficiais americanos, em relação ao nosso

Armandinho

refere-se ao filho de Armando de Sales Oliveira e Raquel de Mesquita, filha do fundador do jornal O Estado de São Paulo.

Caffery

refere-se a Jefferson Caffery, diplomata norte-americano, embaixador dos EUA no Brasil (1937-1945).

G

refere-se a Getúlio Dorneles Vargas.

Aranha

refere-se a Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores (1938-1944).

os nazistas do Estado

Novo

Armando de Sales, em carta de 21 de janeiro de 1941, refere-se a Eurico Dutra, Góes Monteiro e Felinto Müller, como a trindade hitlerista do governo brasileiro.

Góes

refere-se a Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Chefe do Estado Maior do Exército

“Correio da Manhã”

no contexto dos aprisionamentos de navios brasileiros, publicou matéria reproduzindo um comentário favorável à Inglaterra feito por Osvaldo Aranha em novembro de 1940. Góes Monteiro e Eurico Dutra decidiram fechar indefinidamente o jornal. No entanto, Vargas recomendou que nada se fizesse.

Salgado

refere-se a Joaquim Pedro Salgado Filho, advogado. Foi nomeado por Vargas em 20 de janeiro de 1941 ministro da Aeronáutica, sendo o primeiro titular da pasta (1941-1945).

país. Ele conversou com alguns dos mais importantes membros do governo, lá, e ouviu assim, de fonte limpa, o pensamento dos homens de Washington sobre as tendências alarmantes da situação brasileira. Mais: falou-se em “providências enérgicas” para combater e destruir o novo estado de causas, se aquela loucura viesse a se consumir. Sinto não lhe poder dizer, pois carta é sempre carta, em que consistiriam as providências. – Fico desesperado de não poder fazer coisa nenhuma, diante do novo crime que aqueles horríveis “gangsters” estão preparando contra o Brasil. A verdade é que os nazistas do Estado Novo contam como infalível a vitória da Alemanha. Nesse sentido recebi uma carta de um oficial brasileiro, que se conserva meu amigo, *Grand Mème*, e é amicíssimo do Góes: a carta é a demonstração minuciosa, por a+b, de que Hitler sairá triunfante, ainda este ano, e que daí só bem virá para a nossa terra... Se essa é a opinião entre os todopoderosos, nada haveria de estranho que eles, sem esperar pelo desfecho da guerra, tomassem a decisão de dar o passo definitivo, certos de que maiores seriam as recompensas se se alinhassem com Hitler enquanto ele ainda estivesse no fogo. Além disso, o G. teria, na América, a auréola de um precursor. – O que aí lhe transmito não há de ser inútil para a sua ação, na qual confio. Quanto aos correspondentes do *Herald Tribune* e do *New York Times*, em Buenos Aires, são nossos amigos e estão em contato conosco. Não é difícil ver que essa amizade tem dado alguns frutos. – De um setor muito diferente, em que estão agindo com muita eficiência e notável discrição, é que partiu o telegrama, publicado aí, a respeito do incidente do “*Diário Carioca*”, a 20 de janeiro. – Já lhe devem ter chegado notícias pormenorizadas desse incidente, que hoje é história velha. O G. passou um mau quarto de hora e só com grandes dificuldades impediu que a ocupação militar fosse estendida ao “Correio da Manhã”. Para vingar-se da humilhação por que passou, nomeou o Salgado para a Aviação, deixando de cumprir a promessa feita ao Dutra de nomear um militar. Os oficiais da Aviação Militar estão indignados, ao que parece, com a sua subordinação ao Salgado, cuja reputação não está por fazer. Mas tudo se resumirá em indignação – recôndita e inexplosiva. – Os discursos do Roosevelt têm sido publicados integralmente na nossa imprensa, às vezes até com comentários de caloroso elogio. A Inglaterra é que, oficialmente, está no Index. Ro-

sas para os Estados Unidos, pedras para a Inglaterra, pensamentos para Hitler... Os ingleses, porém, não se dão por achados: *ils ont d'autres chats à fouetter*, e hão de dar conta do recado.

Esta carta, não seria preciso dizer, é exclusiva. Peço-lhe que, escrevendo-me, não se refira no corpo da carta à doença do meu filho.

Muitas saudades nossas a D. Ester e a D. Édila. Mais um grande abraço do

Armando Sales.

Onde anda o Paulo Duarte?

eles têm outros peixes
para fritar

BR BACMB OM TXT CP 43/944

RIO DE JANEIRO, 10 DE MARÇO DE 1941

Exmo. amigo dr. Otávio Mangabeira,

Cordiais saudações. Respondo à sua estimada carta de 28 de janeiro. A resposta vai demorada, porque aguardei o aparecimento da Revista (n.º. 60), no qual vem reunido tudo quanto se escreveu e leu na Academia acerca do novo processo eleitoral de membro efetivo. O presidente Sr. Levi Carneiro recebeu também a que V. Ex. lhe escreveu sobre o assunto, a qual será lida na primeira sessão de abril, após os dois meses de férias acadêmicas. Tenho igualmente recebido as “suas cartas abertas”, nas quais analisa e comenta certos fatos que se vão passando por aqui, e dirige aos futuros historiadores os seus patrióticos protestos. Infelizmente, meu excelente amigo, parece-me que a humanidade chegou a uma encruzilhada de sua evolução política, onde, por uma fatalidade histórica, terá de optar por um dos dois caminhos que se lhe separam, ambos muito diferentes dos por ela percorridos até então. Temos de submeter-nos a essa fatalidade ou sermos esmagados pelos vencedores. Eu, que sempre me revoltei, e ainda me revolto, contra essa fatalidade entro a convencer-me *qu'il n'y a rien à faire*. O que nos cumpre é prepararmo-nos para a adaptação ao que há de vir e reservar nosso esforço para entravar os excessos que fatalmente surgirão desenfreados. A própria Inglaterra, pátria da liberdade e da democracia, reconhece, pela voz de Churchill, que “a sociedade do pós-guerra será muito diferente da atual”. Desse futuro novo estado de coisas já se vão se sentindo todos os países, inclusive o Brasil. Na melhor das hipóteses (que acredito vencedora) as coisas fatalmente por este lado do Atlântico se modificarão, mas não regredirão *Le monde marche...* Não quero profetizar, para não ser depois desmentido. Aliás, com a liberdade parece que soçobrou também a lógica, pois nunca os fatos desmentiram tanto o mísero raciocínio humano. Até parece que o único meio de acertar, em sociologia, é concluir de modo inteiramente inverso à lógica dos fatos.

Continue a mandar sempre as suas ordens, que serão escrupulosamente cumpridas. Se estiver com o nosso bom amigo Hélio, dê-lhe as minhas lembranças. Para V. Ex. aqui lhe deixo um abraço e as minhas saudades, fazendo votos pela sua saúde e tranquilidade espiritual.

Do amigo e admirador

Fernando Neri

PS: Escrevi um livro interessante sobre a Academia. Esta, porém, resolveu sustar, até segunda ordem, a sua divulgação, motivo por que não lhe envio agora um exemplar. O fá-lo-ei depois, talvez em abril.

Hélio

refere-se a Hélio Lobo Leite Pereira, diplomata e jornalista, membro da ABL.

Fernando Neri

Diretor da Secretaria da Academia Brasileira de Letras.

livro

de título "A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para a sua história: (1896-1940)".

NOVA IORQUE, 27 DE MARÇO DE 1941

Euvaldo:

Recebi ontem sua carta de 20. Trouxe-me ela suas notícias, tristes, com efeito, para mim. O Sá Menezes era um velho amigo, que vinha dos meus tempos de estudante, e o bom conceito em que o tinha só fez crescer com o tempo: era um dos melhores caracteres que tenho conhecido. Sinto sinceramente sua morte e dele guardo saudades. Peço entregar as suas cartas juntos aos seus destinatários – o filho dele e o Albano.

A outra notícia que me entristece, é a do estado lastimável, a que chegou o Eutíquio. Tem-se, às vezes, na vida, a impressão de que o Demônio se encosta a uma pessoa, e a reduz a um autômato nas suas mãos. Como é que um homem tão bom, que fez bem a tanta gente, e com qualidades morais, tão preciosas – leal ao extremo e caridoso sem afetação, porém que bem fez sua caridade, como tantas vezes testemunhei, exemplos admiráveis – é condenado pelo destino a uma velhice nestas condições! Quando vejo uma coisa desta, volvo-me para Deus, e lhe agradeço não me ter sucedido o mesmo, e peço que não suceda, pois só me parece haver no caso um gênero de doença ou de loucura, a que todos estamos expostos, tão pouco valem todos... Que posso eu fazer? Pensei em escrever a ele uma longa carta, em termos, já se vê, apropriados; e nada pouparia, ao meu alcance, para fazê-lo voltar à vida anterior. Mas reconheço difícil, para não dizer impossível, principalmente de longe. Como quer que seja, considero que é nas horas de decadência ou desgraça que mais devemos acompanhar as pessoas que nos foram dedicadas, e tanto mais quanto o gênero da fatalidade que as atinja nos aborreça ou incomode; porque é a hora em que todos abandonam. Demais, a vida é curta; mais um pouco, e, nós e outros, estaremos na outra margem. Peço-lhe, pois, vá tendo paciência com o nosso pobre amigo; preste-lhe a assistência que puder, principalmente a moral, pois, homem, no fundo, de bons sentimentos, é possível de correção. O que exijo é que as des-

Sá Menezes

Artur de Sá Menezes, engenheiro e professor. Foi um dos fundadores da Escola Politécnica da Bahia. Faleceu em 18 de março de 1941.

o filho dele

refere-se à Jaime de Sá Menezes, médico, fundou a Academia de Medicina da Bahia.

Albano

refere-se a Albano da Franca Rocha, engenheiro e professor.

Eutíquio

refere-se a Eutíquio da Paz Bahia, médico, político e jornalista.

pesas, que com ele tiver, ou tenha tido, corram por minha conta, pois o que gaste com ele não paga, ainda assim, o que lhe devo, em tantos anos de dedicação, que só se resgata com a reciprocidade.

Vamos indo bem, por aqui. É este, não há dúvida, o país, onde mais nos convém permanecer, por diferentes razões. Tenho mesmo esperança de, com o tempo, ir aumentando a receita, aqui adquirida, como vislumbro a possibilidade da vinda de Otávio, de quem sinto muito a longa ausência.

Tive carta do Collor, de Lisboa, sobre a ida para o Brasil. Tive também algumas notícias do Rio... Quanto ao telegrama ao D, só enviei três cópias para aí, uma das quais ao L. V., a outra para Massaranduba, e a terceira para a Barra. Meu fim exclusivo foi o de reiterar, mais uma vez, no mesmo tom incisivo, o mesmo ponto de vista, para que se não suponha que fatos novos (indenização, regresso de exilados ao Brasil, etc.) tenham tido no meu ânimo quaisquer repercussões. Diga isso aos nossos amigos.

Quanto à Clip, não vejo necessidade de maiores demonstrativos.

Abraço e saudades, para todos, de

Mangabeira

Dê conhecimento à Barra, desta e dos que a acompanham.

Não conheço, aliás, nem de vista, o filho do Sá Menezes. Dê também conhecimento ao Albano da carta que a este escrevo.

Otávio

refere-se a Otávio Mangabeira Filho, médico, foi para os EUA em julho, para curso de aperfeiçoamento.

Collor

refere-se a Lindolfo Collor, jornalista e político.

D

conforme acordado em carta de Otávio Mangabeira a "Vina, Maria, Euvaldo" datada de 01/02/1939, refere-se a Ernesto Simões Filho.

L. V.

refere-se a Luis Viana Filho, advogado e jornalista.

Massaranduba

possível referência a Serraria Massaranduba, pertencente a Agrícola de Una S/A., localizada à rua Santo Titara, n. 186.

Barra

bairro em Salvador onde se localizava, na Rua César Zama, n.º 01, a residência que viviam as irmãs de Otávio Mangabeira, Cecília, Lavínia e Maria da Glória

NOVA IORQUE, 8 DE ABRIL DE 1941

Que tenham tido, todos, feliz Páscoa.

D. Raquel:

Recebi oportunamente sua resposta à minha última carta.

Minha vida não tem tido alteração. Continuo em Nova Iorque; e, longe de me achar arrependido de ter vindo aos Estados Unidos, sinto-me aqui muito bem. É um país cujo ambiente combina muito comigo: um povo livre, ciente e consciente dos seus direitos, e em admiráveis condições de bem-estar e progresso. Por outro lado, encontro certos meios de exercer atividades que produzem alguma renda – e assim também Édila – o que me torna mais fáceis as condições de vida. Assim, salvo extraordinário, só pretendo sair daqui, se tiver de ir para o Brasil, o que – escusado é dizê-lo – coloco acima de tudo, pois, apesar dos pesares, gosto, cada vez mais, da minha terra, e sinto muito estar longe dos que nela me são caros. Não perco o Brasil de vista, e procuro ser-lhe útil, pelos meios que estão ao meu alcance...

A participação, mais direta, dos Estados Unidos na guerra, parece que, já agora, é questão de pouco tempo. O povo, aqui, se é muito amigo da paz, não o é menos da liberdade; de modo que não pode conformar-se com a escravização do mundo, e se está preparando, em grande escala, para fazer frente ao temporal.

Peço dizer ao Carlos que me tenho correspondido com o Josafá, e espero ter o prazer de vê-lo em próximos dias. Como vai indo o Mário? Tem feito progredir o Coité?

Muitas lembranças a todos, os de casa e os amigos. Abraços de Ester e Édila. Saudades do velho amigo, sempre grato,

Otávio Mangabeira

Hotel Great Northern.

Raquel

refere-se a Raquel Valverde
Martins, viúva de Joaquim
Climério Dantas Bião,
Alagoinhas-BA.

Carlos

refere-se a Carlos Olímpio
Pinto de Azevedo, advogado,
correligionário de Joaquim
Climério Dantas Bião.

BR BACMB OM TXT CP 28/553

RIO DE JANEIRO, 08 DE ABRIL DE 1941
FORTALEZA DE SANTA CRUZ

Meu grande amigo:

Não sei a que devo atribuir o extravio das minhas cartas. Elas não foram muitas, como é fácil imaginar, dadas as condições sob as quais eu vivia e as dificuldades de emissários seguros; mas nunca deixei sem resposta qualquer missiva do meu bom amigo. Foram poucas, mas um tanto substanciosas e, pela confiança mútua entre nós, extravasara francamente nelas os meus sentimentos, as minhas esperanças e... os meus desejos. Não teriam caído em mãos adversárias, estou certo, pois que, do contrário, eu mesmo haveria de sofrer as consequências. Enfim, foram-se, e não me é possível rememorar nem mesmo o que havia de essencial dentro delas, que sempre versaram sobre a triste situação do nosso caro Brasil, pontilhados aqui e ali de reafirmação da minha vontade de ainda um dia poder conjugar esforços com qualquer punhado de bons brasileiros no sentido de melhores dias para a nossa Pátria.

Ao trabalho de Guilherme, juntando à sua pertinácia certa habilidade, no confrontar a minha situação na Casa de Correção como a de alguns ex-militares, peculatórios confessos, que cumpriam as suas sentenças, com as melhores regalias, nas fortalezas e nos quartéis de tropa, foi que devi a ter visto cessar aquele tratamento vexatório que sofremos e que, para mim, tanto se agravou e tanto se prolongou. É assim que me encontro agora nesta fortaleza de Santa Cruz da Barra, cercado das maiores atenções que se pode dispensar a um homem que já foi despojado de todas as honrarias. Se não há simpatia de alguns oficiais e das suas famílias, percebe-se pelo menos o respeito – e digamos mesmo certa admiração – por um ex-camarada de firmeza de convicções e de brio, que não quis transigir com sua consciência e há onze anos paga por este crime. Não converso sobre assuntos estritamente políticos com eles; não comento o que se passou comigo, nem a violência que sofri; não me lamento, não procuro saber o que

Guilherme

refere-se a Guilherme de Oliveira Figueiredo, filho de Euclides Figueiredo, advogado, jornalista e escritor. Serviu como advogado de seu pai, Euclides Figueiredo, enquanto esteve preso.

pensam. Conduzo as palestras para teses gerais, resvalando, sempre que há propósito, para os descabros do Brasil atual, ora os das finanças e economia, ora os do ensino, os da administração em geral. E vejo que não sou contraditado; que sou até apreciado. Noto que em sua maioria estão descontentes; mas descontentes e descrentes. Há uma evidente apatia e não percebo como tirá-los desse estado. Estão como náufragos que se agarram a uma qualquer tábua de salvação e se contentam em poder respirar, porque ela ainda não foi ao fundo. É lastimável!

Isto nas camadas inferiores da hierarquia: os tenentes, capitães, os maiores. Os de postos mais elevados, não; são reservados. Reservados por prudência, por defesa, por vergonha. Atenciosos também o são, até mesmo amáveis, mas sempre colocados à distância. Dir-se-ia, dadas as suas responsabilidades, que se fecham nos seus pensamentos, mas o que em verdade procuram é ocultar a sua ignorância, o seu descaso pela situação do país. Infelizes!

Contudo consegue-se formar um juízo e tirar consequências. Uma delas – e é segura – não se encontram facilmente adeptos deste estado de coisas, a não ser entre os que cercam os chefões, e estes, principalmente os que esperam promoções. Com relação aos acontecimentos mundiais, são germanófilos, entusiastas pelo exército alemão. Deixam-se arrastar, no entusiasmo pelas operações militares, do terreno propriamente dos sucessos na guerra, para o da política internacional em geral. E concluem: a máquina de guerra alemã é a mais poderosa de todo o mundo, logo o regime político alemão é o melhor para formar bons Exércitos. E o governo espreita isto; espreita, e parece, alimenta. E mantém-se dúbio em frente à questão: oficialmente acompanha as democracias, lideradas nas Américas pelos Estados Unidos, mas ocultamente, e às vezes bem ostensivamente, é pela Alemanha.

Com respeito a esta grande questão, colhi e transmito com segurança ao amigo o seguinte: “No momento preciso – na hora H, como se diz no meio militar - , quando os Estados Unidos tiverem que praticar atos de guerra contra a Alemanha, o Getúlio desligará o Brasil da corrente das democracias, formando o bloco do sul da América do Sul com a Argentina e o Chile. Será aprovado pelos generais, que o mani-

festarão em profusão de telegramas. Logo em seguida, em manifesto, em que mostrará – agir por injunções do Exército e para salvaguardar os brios e interesses nacionais, etc., etc. Os militares acreditam, não haverá luta, nem interna, nem externa. Não haverá interna, simplesmente porque não há contra quem lutar; não haverá luta externa, porque, por seu lado, os Estados Unidos terão que se haver com o Japão pelo pacífico e não poderão distrair forças para cá, e a Inglaterra, a braços com as suas dificuldades atuais, nada poderá fazer contra nós”. Assim, acrescentam, a partida será fácil, mais fácil do que a de 10 de novembro de 37, com a vantagem de afastar o Brasil da guerra. Compreende-se que não se pode conceber “golpe” melhor para os dirigentes do “Estado Novo”: consolidam as suas posições no governo, dando logo francamente a forma totalitária à sua organização e ganham do público as maiores simpatias por evitarem a entrada do Brasil na guerra.

É fácil perceber o perigo que isto envolve, pois, se a Alemanha tiver que dar apoio ao Brasil em tais circunstâncias, só o fará em benefício das “minorias” teutobrasileiras do sul, que certamente serão (se já não o estão sendo) armadas. Por seu lado, a Inglaterra e os Estados Unidos tem interesses, a defender no sul da América, especialmente no norte do Brasil. Vejo, então, para não muito longe, o seguinte: ou o Brasil se reparte em concessões entre as grandes potências em luta (do que julgo capaz o seu atual governo, cujo fim exclusivo é manter-se no poder), ou o seu território e as suas águas marítimas serão teatro de grandes lutas, isto é, a guerra da América será aqui, dentro das nossas fronteiras.

Este o mal, o grande perigo. Remédio para evitá-lo, só um e é aquele mesmo, talvez agora já um tanto tardiamente aplicado. Pense o amigo sobre isto. Pode ser que com a sua inteligência, o seu patriotismo, a sua tenacidade, encontre por aí algum caminho que nos evite tanto desastre...

Tenho lido tudo quanto da sua lavra vem ao Brasil. A última coisa foi o manifesto a propósito do decênio getuliano. São essas as leituras que me confortam, dão-me esperança, porque nada estará completamente perdido, enquanto houver homens que pensem e falem assim. Ânimo, pois; prossiga. A condenação, que importa? Ainda

manifesto

trata-se do “1930-1940: um decênio, no Brasil, de degradação nacional”, publicado em 3 de novembro de 1940.

**“chefe” do
integralismo**

refere-se a Plínio Salgado. Embarcou para o exílio em Portugal, em 22 de junho de 1939, onde permaneceu até 1946.

manifesto

trata-se do “Manifesto de maio” dirigido aos integralistas, em 1939.

Gustavo Barroso

Gustavo Dodt Barroso, advogado, jornalista e político, membro da Ação Integralista Brasileira. Após discurso de Vargas, em junho de 1940, simpático aos países do Eixo, aproximou-se do governo.

Os dois militares

refere-se a Kido, Euclides de Oliveira Figueiredo Filho, que serviu na guarnição de Uruguaiana até 1942, e à João Batista de Oliveira Figueiredo que, promovido à primeiro-tenente em dezembro de 1940, foi enviado para o 8º Regimento de Cavalaria, também em Uruguaiana.

Valentina

refere-se a Valentina Silva de Oliveira Figueiredo, esposa de Euclides Figueiredo.

D. Edite

refere-se a Edite Soares de Pinho, irmã de Estêvo e cunhada de Otávio Mangabeira.

se há de escrever, com isenção de espírito, a história desses tempos e tais condenações por “crimes políticos” aparecerão nela com o estigma da dignidade.

Em contraposição, veja o “chefe” do integralismo. Um tímido, que só se viu solto, graças à generosidade nossa, deixando-o esquivar-se a toda responsabilidade, e que se devia voltar a todo momento e a todo propósito contra o governo, mas que abandona a causa, faz um manifesto, ao partir daqui, que é uma vergonha, e de lá, longe dos seus companheiros que sofrem ainda, aceita uma aproximação que o degrada... Breve estará no Brasil e, se tiver posição importante junto ao governo (o que não será de admirar) certo encontrará quem o cerque.

Gustavo Barroso. Deste nem é bom falar. Sofreu, ao ser preso, as maiores humilhações, que só elas seriam bastantes para o incompatibilizar com o governo. Mas, não perde a vaga, embarca na primeira canoa que o pode aproximar dos mandões e vai à Europa em missão oficial!

Dos nossos amigos que estão em Buenos Aires, tenho tido notícias. Não me tem esquecido! Ainda este mês, estive em nossa casa um emissário... São corretos até neste ponto.

Dos meus, graças a Deus, só posso dar boas notícias. Quando digo dos “meus”, refiro-me a mulher e filhos, porque, neste interregno, perdi meu irmão Leopoldo (de São Paulo), a minha irmã Edite e a minha sogra. Guilherme casou no dia 19 deste mês, dia de São José, protetor das famílias. Ele já era noivo, havia 5 anos. Está trabalhando, encarando a vida, e ainda ajuda a mãe. Os dois militares (porque o Kido saiu aspirante em dezembro) foram para o Rio Grande do Sul, para Uruguaiana. Doliza continua estudando piano e trabalhando nas suas costuras; também dá aulas particulares. Os menores, Diogo e Luís Filipe, fazem o último ano ginásial e querem ingressar na Escola Militar. Todos, a não ser os dois que estão fora, seguidamente aqui comigo, pois tenho casa onde os posso acomodar. Valentina visitou D. Edite na Casa de Saúde, quando ela foi operada; soube depois que ela teria ido para Petrópolis, ou para Teresópolis. Daí para cá ficamos sem notícias.

Sua carta de 7-2-41 tenho feito mostrar a vários amigos comuns. Recebi até pedidos a respeito. Respondo-a por portador seguro, que

não procuro saber quem é, um amigo, que é seu grande admirador, ofereceu-se para servir de intermediário. Confio nele. Se possível, sirva-se do mesmo conduto para acusar o recebimento desta, pois além de gostar de ter as suas notícias, quero a segurança quanto a extravios.

Aqui faço o ponto final nesta carta.

Que já vai grande demais, mas nem por isso contém tudo. As tristezas, as decepções, etc., ficam comigo. Vão as minhas saudades ao meu querido amigo, a D. Ester e a Édila, a quem felicito pelas suas apreciadas crônicas publicadas no “Diário de Notícias”.

Abrços do Euclides Figueiredo

Euclides Figueiredo

Euclides de Oliveira Figueiredo, militar. Foi condenado a 4 anos de prisão por participar do atentado de maio de 1938 contra o palácio Guanabara.

RIO DE JANEIRO, 9 DE ABRIL DE 1941

Otávio.

Há muito que penso em lhe escrever. O portador, porém, não aparecia, ou eu dele não tinha conhecimento. Até que agora se me ofereceu um, através de João.

Acredite que muitas e muitas vezes ponho a cabeça e o coração para as bandas aonde você tem estado, conjecturando sobre você e a sua situação. Mas não pense que a sua condição é pior do que a nossa, condenados a viver aqui, nestes restos de uma nacionalidade que apodrece.

Vivo no meu canto, mas ainda assim, na Casa Rui onde me arrebataram a Diretoria, já por duas vezes me feriram, com uma suspensão e uma interrupção de vencimentos não pagos. Mas vou vivendo, certo, certíssimo que o nosso dia chegará.

Isto que aqui está nunca se salvou nem vingou em parte nenhuma do mundo, nem mesmo quando o gênio coroava esses golpes da audácia e da fortuna. Não será agora que iremos ter a exceção. É bem verdade que vivemos no Brasil, terra boa para o negro, a vegetação tropical e os animais do mesmo meridiano. Não sei por que o camelo não se adaptou aqui. Mas temos em abundância anfíbios, onças e gatos do mato. Basta, porém, de fauna brasileira.

Leio sempre o que a sua filha publica no Diário de Notícias. Os Mangabeiras continuam.

Escrevo-lhe na semana santa, – o que me faz lembrar a Bahia e a minha mãe, que só nesta época punha em vigor a religião... na cozinha.

E por falar na Bahia: tive anteontem, na casa do Juraci, por gente chegada de lá, notícia de que vai haver ali o maior e mais descomunal déficit que nunca se viu em nossa terra. É uma soma,

Casa Rui

Fundação Casa de Rui
Barbosa, no Rio de Janeiro.
Teve sua origem no museu-
biblioteca instituído em
1928, pelo presidente
Washington Luís.

Juraci

refere-se a Juraci Montenegro
Magalhães, militar e político.

para a Bahia, astronômica. E assim caminham todos alegre e alarvemente para a ruína.

Adeus, Otávio. Os meus, comigo, se recomendam a D. Ester, à sua filha, e receba você, com aqueles antigos sentimentos de mil novecentos e pouco, as saudades e os abraços do amigo ex-corde

Homero.

ex-corde
do coração

Homero
refere-se a Homero Pires, advogado e jornalista e político. Foi presidente da Casa de Rui Barbosa no ano de 1933.

SALVADOR, 23 DE ABRIL DE 1941

Meu caro Dr. Otávio,

Pelo Euvaldo, que é o fiel transmissor das suas notícias, recebi um recado de caráter mais ou menos geral, mas em que tenho parte – “Esqueceram-me os amigos da Bahia?”. Creio que não. Mas todos devem ter o coração tão triste e amargurado, que, por certo, não se sentem com ânimo para juntarem novas nuvens aos horizontes atribulados do amigo. Este, pelo menos, o meu caso. Não imagina quanto sinto abatido e desenganado. É tão triste ver-se o Brasil mediando entre a inconveniência e a indiferença total dos brasileiros, que não há lugar para qualquer réstia de luz, por enquanto. Fique certo – e isso é o que eu não lhe desejava dizer – que o Brasil desgraçadamente está conformado ou satisfeito. Os conformados são os escravos, os satisfeitos são os senhores, feitores, e capitães do mato dessa imensa fazenda.

A nossa luta se decidirá no Atlântico, ou não se decidirá. Aliás, é estranho que os Estados Unidos não compreendam o perigo que representa para a sua segurança a existência desses jovens fascistas – cujos ministros, na sua maioria, desejam a vitória alemã.

A América não será atacada da Europa ou da África, mas, de nações sul-americanas. É a lei da menor distância. Infelizmente – Deus cega os homens quando os deseja perder – os crimes mais evidentes parecem não ser vistos pelos que os deviam ver.

De referência à Bahia estamos entregues a um governo medíocre e pecuário. Transformaram-me assim numa vaca. E como estão felizes os que puxam no cocho!

Tenho atravessado alguns momentos bem duros, pois apenas crescem as dívidas. Contudo espero em Deus, suportar a tempestade. Isso não tem mérito, mas dá-me uma gostosa tran-

quilidade, por não cavar a cova do nosso pobre país. Enfim, tudo tem o seu momento crítico. Quando chegará o Ditador?

Mande suas ordens e recomende-nos a D. Ester e Édila. Do seu muito afetuoso e saudoso amigo

Luís

Luís

refere-se a Luís Viana Filho, advogado, jornalista, político e professor de Direito Internacional e de História do Brasil.

BAHIA, 31 DE ABRIL DE 1941

Otavio,

Esta semana ficamos sem carta daí, a última que chegou foi a de 17, cujo recebimento já foi acusado por Vina, na carta passada. O acontecimento de maior interesse nestes últimos dias, foi sem dúvida, o discurso de Roosevelt, publicado aqui, na íntegra, em todos os jornais. Penso que foi na íntegra porque há referências ao Brasil, alertando-o para prevenir-se contra o perigo fascista, isto é, nazista, dizendo que se os alemães invadiram a Espanha e Portugal, virão logo e logo sobre o Brasil e, em vista de semelhante ameaça é necessário toda a América estar unida, pois, é “suicídio esperar que o inimigo ataque”.

Quando se pensa nos dias terríveis que podem vir, fica-se atordoado, parecendo insignificante o sofrimento pessoal de cada um de nós. Entretanto, deixa-se muitas vezes de parte o geral e nos detemos no nosso interesse particular e, é isso, o que vou fazer agora.

Francisquinho esteve aqui 79 dias, sem que Ceci tivesse o menor conhecimento, nem da sua presença, nem da sua ausência. Seguiu ele no dia 25, muito triste, tendo deixado a nossa querida Ceci no mesmo estado em que a encontrou! Sentimos muito não poder ele demorar um pouco mais, há já oito anos não vinha “ao ninho antigo”... Augusta vai passando um pouco melhor.

Você recebeu uma carta de Homero? A nós, escreveu ele, no dia do aniversário de Ormindá, uma carta tão afetuosa e tão triste, que nos causou muita emoção.

Lemos nos jornais que o Coronel Euclides F. teve livramento condicional, fato que, de certo, já chegou a seu conhecimento. Aqui fico enviando abraços para Ester e você com as saudades da irmã muito amiga.

Maria

Édila

Francisquinho

refere-se a Francisco Mangabeira Albernaz, filho de Cecília Mangabeira (Ceci), sobrinho de Otávio Mangabeira.

Augusta

refere-se a Maria Augusta Mangabeira, irmã de Otávio Mangabeira.

Homero

refere-se a Homero Pires de Oliveira Silva, advogado, jornalista e político.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

O casamento de Diva foi um acontecimento social, o mais chique da temporada. Há muito não havia um tão elegante, os atos em casa de D. Porcina, com recepção em seguida. Disseram-me que a *toilette* dela (de renda) de Lícia, Palmira e Regina estavam lindas. Tive convite, mas (mesmo se não houvesse impedimento) não poderia ir – com que roupa? Estive com Regina e agora está bonitinha, como sempre muito arranjada.

Sílvia lhe escreveu? Muitas lembranças de Olga e Gaspar. Saudades muitas de todas, com beijos de

Maria.

BR BACMB OM TXT CP 46/1076

PENSILVÂNIA, 11 DE MAIO DE 1941

BOX 299. FORT. WASHINGTON

Prezado Dr. Mangabeira,

Sendo uma estudante brasileira na Universidade de Pensilvânia, em Filadélfia, acho-me encarregada de convidá-lo, em nome do P^{or} Woody, a tomar parte na Conferência anual “*School men’s week*” realizada por essa universidade. Seu nome foi sugerido como um dos brasileiros ilustres, ora em terra americana. P^{or} Woody “*chairman*” da comissão organizadora pede-me que ao transmitir-lhe o convite diga-lhe que essa reunião anual não remunera os “*speakers*” por ser um movimento baseado na cooperação de educadores, estadistas, etc... em prol da difusão cultural.

“*Social-political setting of Education in Brazil*” é o tema que gostariam de reservar ao seu talento, certos de que ninguém poderia tratá-lo com maior acerto e brilho do que aquele que, como Ministro do Exterior, tamanho lustre deu à pasta de que era encarregado.

A conferência deve realizar-se no dia 20 de Março de 1942 entre 2 e 4 horas da tarde. P^{or} Woody entrará em comunicação pessoal com o senhor quanto aos demais pormenores, caso, como tanto o desejamos o senhor aceite. A conferência é assistida em geral por todos os grandes educadores americanos.

Esperando uma resposta favorável agradeço-lhe a atenção que dispensar ao convite.

Maria de Lourdes Sá Pereira

NOVA IORQUE, 29 DE MAIO DE 1941

Meu caro dr. Armando:

Recebi em tempo sua carta, em resposta à minha última. Se não voltei a escrever-lhe, foi porque tenho vivido, nestas derradeiras semanas, muito absorvido, nos dois campos: o da vida particular e o da ação pública.

Parece que, quanto ao primeiro, chegarei ao resultado, que é o que me preocupa, de tirar, daqui mesmo, os recursos – ou, quando nada, a maior parte dos mesmos – de que precise para me ir mantendo, por prazo indefinido.

A segunda parte, contudo, é a mais importante. Porém, também sobre isso, não quero ainda escrever, senão por alto. Assinalarei, todavia, que o jogo da ditadura brasileira – sustentando, no país, o nazismo, e iludindo os Estados Unidos, para melhor explorá-los, com o risco de, na hora grave, colocar-se do lado da Alemanha, se assim as circunstâncias permitirem – esse jogo, aliás tão claro, não deve mais ser permitido por nós, a menos que faltemos ao dever de defender, no Brasil, a causa democrática. O meu pobre *english speaking* já vai bastando para pequenos *meetings*, em círculos restritos. Porque a boa vontade é como a fé: realiza milagres.

Há base para um trabalho de esclarecimento dos fatos, em defesa do nosso país, tão evidentemente ameaçado, e à serviço da grande causa das instituições livres, tão profundamente combalidas. Mas a primeira coisa a investigar é se temos, com efeito, no Brasil, núcleos dispostos à ação, articulados conosco, sob pena de ser estéril o que porventura fizermos. Apanhar água em cestos...

As últimas notícias diretas, que tive no Rio, por um portador que de lá veio, não eram de todo desanimadoras. Mas as recebi por acaso; porque a pessoa que as trouxe teve de vir para aqui.

Se houvesse de fato o que me dizem haver, uma coisa se im-

Departamento de Propaganda

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi criado em dezembro de 1939 com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo.

Goebbels

refere-se a Paul Joseph Goebbels, político alemão, foi ministro da Propaganda do Reich na Alemanha nazista (1933-1945).

punha desde logo: um serviço, organizado e permanente, de informações verdadeiras, sobre o que vá ocorrendo. O ideal seria – pelo menos no decurso do período agudo – um emissário que fizesse, de avião, uma, e, conforme o seguimento, duas vezes por mês, o circuito Rio da Prata, São Paulo, Rio, Nova Iorque, levando e trazendo informações e instruções. Se todas as vistas se voltam para aqui, como compreender o isolamento, em relação a este centro? Não pode haver maior prova de que nada existe de orgânico, ou mesmo... de inorgânico. Na impossibilidade de emissário, e dada a censura vigente no Brasil, só de Rio da Prata podem vir as ditas informações: pelo correio aéreo, hoje aliás incerto ou retardado, por motivos de censura, ou, se é quando fosse o caso, por boletim telegráfico. Só o que não compreendendo é a inação – tão própria dos democratas, de todos os países e matizes, e daí as façanhas do nazismo, diante dos perigos que ameaçam a própria subsistência da nossa pátria.

Por outro lado, embora, de qualquer modo, se possa fazer alguma coisa de útil, como terei ensejo de mostrar-lhe, seria, em todo o caso, indispensável, para os primeiros meses do serviço – porque, depois, viriam, dele próprio, as contribuições necessárias (não posso descer a detalhes...) – uma despesa, digamos, de mil dólares mensais. Não deixarei de concorrer, por mim, com a pequena parcela que me tocasse. Tudo está, entretanto, em saber se os nossos elementos – civis e militares – no Brasil, estão vendo a situação com a clareza de vistas, e sobretudo com o ânimo, à altura das circunstâncias.

Leia o interessante documento, de que junto mando cópia: são as instruções expedidas às companhias de cinema dos Estados Unidos, pelo Departamento de Propaganda da ditadura brasileira. Não parece de fato incrível? Dir-se-ia que as redigira o próprio dr. Goebbels.

A menos que lhe pareça preferível permanecer em Buenos Aires, para daí orientar, de mais perto, incentivando as atividades locais contra o domínio nazista, penso que o seu lugar seria aqui. Venha, nesse caso, de avião, pois não há tempo a perder, se é que nos dispomos a agir.

Transmita aos nossos amigos, inclusive ao Flores, com as devidas reservas, já se vê, minhas impressões notícias.

O episódio do Bismark e o discurso do Roosevelt vieram bem a tempo, pois a nossa magnífica Inglaterra estava a precisar de tais estímulos. Os telegramas de hoje, sobre a repercussão do discurso na América Latina, obscurecem, de alguma sorte, a frieza do governo brasileiro, com uma correspondência daí, assinada por Arnaldo Cortesí, para o Times, registrando frieza, não menor, do governo argentino. É a eterna história de sempre. Nos regimes totalitários ou ditatoriais, os correspondentes estrangeiros se tornam mais amenos, *et pour cause*, em relação aos governos, e daí uma falsa impressão da realidade dos fatos, que só por processos outros pode ser trazida à luz.

- Paulo Duarte reside, já há muitos meses, em Greenwich, a pouca distância de Nova York, em uma casa posta à sua disposição por um amigo, mr. Robinson. Mas está sempre comigo, e pensa em transferir-se para cá. Vai bem.

- O Washington Luís, segundo telegrama que dele recebi, deve partir de Lisboa, no Serpa Pinto, em princípios de Junho, chegando aqui em meados do mês.

Muitas e muitas lembranças nossas a d. Raquel. Abraços afetuosos para os amigos. Saudade do

[Otávio Mangabeira]

29-5-41

Para que possa ter pronta resposta, dada a atual vagareza da correspondência aérea, peço-lhe que, ao receber esta, me telegrafe, conforme o código abaixo:

1 – Recebi. Aguardo carta: Abraços.

2 – Recebi. Amigos no Brasil em atividade e animados. Escreverei: Ciente.

3 – Recebi. Amigos no Brasil em atividade, mas sem grande animação. Escreverei: Inteirado.

Flores

refere-se a José Antônio Flores da Cunha, advogado e político. Em 1937, rompeu com Getúlio Vargas e exilou-se em Montevidéu, Uruguai, onde permaneceria por cinco anos, retornando ao Brasil apenas em 1942.

Arnaldo Cortesí

jornalista. Foi correspondente estrangeiro do jornal New York Times, primeiro na Itália fascista, depois na Argentina peronista.

- 4 – Recebi. Convêm prosseguir continuar trabalho. Escreverei: Sim.
5 – Recebi. Vou conversar amigos. Responderei: Felicitações.
6 – Recebi. Será melhor nada fazer por enquanto: Parabéns.
7 – Recebi. Disposto seguir próximo avião. Conversaremos: Agradeci-
do.

Cada palavra grifada corresponde à frase à esquerda. Pode, se quiser, usar duas palavras, para duas frases, ou acrescentar o que entender, separando a palavra grifada por um stop.

P. S. Meu endereço, a partir de 1º de Junho, ou, no máximo, 5 de Junho, passa a ser: Hotel Weylin, 40 East 54 Street. É Madison Avenue, esquina de 54. Para telegrama, bastará: Hotel Weylin.

Imagine que uma empresa de publicidade das nossas relações (dar-lhe-ei detalhes, oportunamente) e à qual prestarei alguns serviços, obteve do Weylin, que é um hotel de classe, um ótimo apartamento para mim, com uma sala e dois quartos, geladeira, etc., mediante o pagamento de... 50 dólares por mês. Não parece pilhéria? Pois é sério. A troca de anúncio. O gerente do hotel desejava, não só anúncio, mas que fosse lá residir alguma personalidade brasileira. O agente da dita empresa convenceu-o de que eu o era... E nada me cobrou pelo serviço. Tudo coisas do espírito americano. O fato é que foi para mim uma grande providência. Aliás, por minha causa, tem vindo hospedar-se aqui, no Great Northern, que vou agora deixar, diversos brasileiros.

(Só para seu uso.).

Não lhe preciso dizer quanto me preocupa a razão que determinou o adiamento de sua vinda, e quanto desejo que ela desapareça.

Paulo Duarte pergunta-me sempre se tenho carta sua.

Quando escrever, ponha à parte o que for reservado, de modo que a carta possa ser mostrada aos que se interessam por suas notícias.

O Micou, igualmente quando o vejo, aliás, raramente, pergunta se tenho carta.

Otávio Mangabeira

Micou
refere-se a Creswell
MacMurray Micou, advogado
americano. Por algum tempo
serviu como intermediário
das cartas de Armando de
Sales Oliveira e Otávio
Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CA 14/1892

NOVA IORQUE, 17 DE JUNHO DE 1941

Meu caro dr. Armando:

Recebi domingo, 8, seu telegrama anunciando carta. Mas até hoje, terça-feira, 17, nada ainda recebi. A própria correspondência aérea está sujeita, no momento, a incertezas e demoras, que tornam as comunicações muito precárias.

Devem regressar sexta-feira para o Brasil alguns amigos nossos, entre os quais o Pacheco e Silva, e portadores assim nem sempre se encontram.

Escrevo-lhe hoje principalmente para enviar-lhe o recorte junto. Aliás, esse novo correspondente do New York Times, Harold Sallender, é o que tem mandado daí melhores informações. Todavia, põe em foco, dando-lhe todo o relevo, o nazismo na Argentina; ao passo que, do Brasil, onde sabemos estar o nazismo instalado no próprio governo, e, daí ser maior o perigo, não há meio de virem notícias; senão destinadas a mistificar o público americano. Espero que, nestes dias, surgirá aqui, na imprensa, a exposição, completa e documentada, das tristes realidades brasileiras, para que se não confunda a nossa pátria com a ditadura que a infelicitou, e que só esta é nazista. Mas escusado é considerar o valor de que se revestem, para o julgamento da opinião, as informações enviadas, da América do Sul, para os grandes jornais, pelos seus correspondentes: como por exemplo as do recorte, que junto lhe remeto, e que fazem, indiretamente, certa sombra, sobre o quadro brasileiro.

Imagine que, ainda agora, dois escritores como John Gunther e Stephan Zweig chegam do Brasil a dizer mentiras de toda sorte, a favor da ditadura – sobre o que, aliás, também, espero, se ponham pontos nos ii.

A luta é desigualíssima... E a displicência das democracias faz-me andar muito alarmado quanto à sorte do mundo. Abraços e saudações do

O. M

Estou em plena atividade...

Pacheco e Silva

Antônio Carlos Pacheco e Silva, médico e professor de clínica psiquiátrica da USP. Algumas vezes, serviu como portador das cartas de Otávio Mangabeira.

John Gunther

escritor e jornalista estadunidense.

Stepah Zweig

escritor e jornalista austríaco.

BR BACMB OM TXT CP 25/506

NOVA YORK, 27 DE JUNHO DE 1941

Caro Sr. Mangabeira:

Temos analisado cuidadosamente o vosso projeto para a edição das obras de Machado de Assis em um volume, e embora achemos uma ideia muito interessante, não acreditamos que seríamos capazes de vendê-lo com êxito nos Estados Unidos. Penso que seria melhor apresentar Machado de Assis aos leitores estadunidenses ao publicar uma tradução de um de seus romances completos. Isto é um projeto que cogitaremos mais tarde. Peço desculpas por não vermos nenhum modo de comercialização de sua edição das obras de Machado de Assis, e por essa razão retorno a vós em separado o material que nos submeteu.

Agradeço muito por nos oferecer esta ideia.

Sinceramente seu,

Donald B. Elder
reitor da Doubleday, Doran
and Company inc. Publishers.

Donald B. Elder
Mr. Otávio Mangabeira,
Hotel Weylin,
40 E. 54TH Street,
New York, N. Y.

DBE: FB
Donald B. Elder

BR BACMB OM TXT CF 09.1/2401

[SALVADOR], 28 DE JUNHO DE 1941

Otávio,

Recebemos a 26, sua carta de 21. Publicaram aqui os jornais notícias da chegada de Dr. Washington, a Nova Iorque, “A Tarde”, num lacônico telegrama “O Estado da Bahia”, porém, abriu colunas, com título em letras grandes, bem pretas, retrato e entrevista a jornais daí, entrevista esta certamente escrita no Rio, pelo próprio Chateaubriand, em termos que não possam dar lugar a protestos. Só essa notícia, da forma que foi publicada, dá a entender que as coisas vão melhorando. O A. C. é tão bom termômetro...

Ontem e hoje trazem os jornais entrevistas concedidas pelo G. a La Nation e La Prensa.

Na primeira afirma ele entre outras verdades que “o Brasil nunca deixou de ser uma democracia, agora mais econômica do que política, não tendo assembleias numerosas, onde seja possível, a custa do dinheiro público (este vai todo na propaganda), desperdiçar o tempo em arroubos oratórios e debates estéreis.”. À La Prensa, diz ele, que “a Constituição de 37 será submetida oportunamente a um plebiscito”. Com essas notícias o nosso amigo está ficando um pouco mais animado. Diz ele que vai escrever, por esses dias, mas, penso que só o fará quando a animação chegar ao auge.

Aqui defronte, onde morava o pai de Elísio Lisboa, está agora Sr. Caetano Seabra. Ele se interessa muito por tudo que escreve, é seu fã! Aqui está um livro de versos do pai dele para você, mas, ainda não tivemos ocasião para lhe mandar. Escreva, porém, umas palavras a ele, com os parabéns pelo filho, que acaba de fazer um concurso notável, na Escola de Medicina, tirando nota 10, em todas as provas, o que há muitos anos nenhum concorrente conseguia, recebendo entusiásticas orações ao terminar as provas. Disse-nos o pai que, Jones se mostrava indiferente, modesto como é, porém, a ele, as lágrimas corriam quatro a quatro. Nem Amélia quando viu Alfredo com a bolsa...

Washington

refere-se a chegada de Washington Luís a Nova York em 23 de junho de 1941, vindo da Europa.

Chateaubriand; A. C.

refere-se a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, advogado, jornalista, empresário e político.

G.

refere-se a Getúlio Vargas.

Maria
refere-se a Maria da Glória
Mangabeira.

Procurei sair da Rua César Zama 1, mas tenho que voltar a ela. Referir, com minúcias o que por cá se passa, é triste, tanto para quem lê como para quem escreve e que procura distrair um pouco! Ceci cada dia mais enfraquecida, um dos quadros mais tristes que já tenho assistido; as três, que a cercam, todas com pouca saúde. Deus nos ajude a todos. Abraços para Ester e Édila, bem como para você, com saudades da irmã muito amiga.

Maria

TRECHO MARGINAL: escrito na parte superior da primeira página do documento:

Fala-se em anistia para os presos políticos. Que boa notícia!

TEXTO MARGINAL: escrito na parte superior da segunda página do documento:

Faleceu uma irmã de D. Anita Gonçalves, Mercedes, casada com um filho do Alexandre Cerqueira. Faleceu em Santos depois de uma operação (para onde fora há 2 meses), 32 anos, deixando um filho de 7. Fez muita pena!

BR BACMB OM TXT CA 14/1893

NOVA IORQUE, 30 DE JUNHO DE 1941

Meu caro dr. Armando:

Sua carta de 9, anunciada pelos “abraços” do telegrama, foi aqui recebida a 18. passei estes últimos dias, de novo, muito ocupado: partida de alguns amigos, entre os quais o Pacheco e Silva, e de que me utilizei para escrever, e mandar impressões de viva voz; e chegada do Washington, a quem tive e tenho de prestar, principalmente nestas primeiras semanas, a assistência do “siceronismo”. Os jornais publicaram, dele, algumas palavras, apropriadas às circunstâncias.

Os pontos de vista da sua carta afinam com os meus em gênero, número e caso, inclusive nos comentários, relativamente a Osvaldo Aranha, mais um entre os pontos fracos da política americana, no tocante ao Brasil. Sua carta é uma bela síntese da situação tão complexa, e, a certos aspectos, tão delicada e incômoda, a que temos de fazer face. Imagino o que deve ter sido, para o meu querido amigo e para o Julinho, o caso, digamos a infâmia do confisco do “O Estado de S. Paulo”, e tenho em devida conta o que tem feito, sem espalhafatos, nobremente, em prol da nossa causa, sob tantos pontos de vista.

Todas as considerações que lhe ocorreram, quanto ao momento político, interno e internacional, a mim me têm ocorrido. Mas há no prisma outras faces. Os Estados Unidos são, com efeito, o país – bem mais do que qualquer outro, da publicidade e do debate. O próprio governo só age, depois que os assuntos em causa são convenientemente esclarecidos perante a opinião, e esta se pronuncia sobre os mesmos. Haverá naturalmente os bastidores, o conciliábulo, o cochicho; mas o que resolve é a discussão, na imprensa e nas inúmeras tribunas. Ora, o que apuro, depois de sete meses de permanência, é que aqui não se sabe ao certo, se é que não se ignora “largamente” o que houve, e o que há, no Brasil. Sobre o caso brasileiro, só tem havido, em geral, a publicidade oficiosa: agora

Armando

refere-se a Armando de Sales Oliveira.

Pacheco e Silva

Antônio Carlos Pacheco e Silva, médico e professor.

Julinho

refere-se a Júlio de Mesquita Filho, jornalista e proprietário do jornal O Estado de São Paulo.

John Gunther
escritor e jornalista
estadunidense.

Stephan Zweig
escritor e jornalista
austriaco.

mesmo, John Gunther e Stephan Zweig, sem dúvida dois nomes de relevo, fazem lisonjeiras referências à ditadura Vargas, quando é fato notório que o nazismo, impopular no Brasil, se acha ali instalado justamente nos postos oficiais. De qualquer modo, é verdade que nunca promovemos, direta ou indiretamente, a exposição dos fatos. Somente a nós, entretanto, é que incumbiria, em boa lógica, se não fazê-la em pessoas, ao menos, como disse, promovê-la, pelos vários meios e modos que estiveram, e estão, ao nosso alcance – não uma simples exposição esporádica, mas a manutenção, quanto possível, da monstruosidade no tablado. Esse seria, e ainda é, o ponto de partida, de tudo o que possamos pretender a serviço do nosso país, e para pô-lo ao serviço da causa democrática. Somos, portanto, em parte, responsável pelos erros da política americana, principalmente se considerarmos a ausência, por outro lado, no Brasil, de qualquer organização, o que autoriza a conclusão errônea, que diversos tem tirado, de que lá só há Vargas, e mais nada. Só vem do Rio e de Buenos Aires notícias favoráveis ao governo. Leia o recorte junto. Estamos, contudo, fartos de saber que a realidade é muito outra. Simplesmente... não há quem a divulgue, e, se nós mesmos evitamos fazê-lo, pergunto: quem o fará?

Pelos portadores que seguiram, falei, em termos claros e incisivos, a vários elementos, inclusive o que aí estive. Nem tudo posso aqui reproduzir. Mas lhes disse, entre outras coisas quicá mais positivas, o seguinte: “O Brasil, rodeado, como vemos, de perigos externos, precisa de pôr-se à altura da gravidade da situação, sob pena de dever periclitante, de um momento para outro, a sua soberania. Será que no Brasil não se percebe a realidade evidente?” “A tragédia brasileira é esta: justo, precisamente no momento em que necessitamos de um governo de indiscutível autoridade moral, que reúna, em torno a si o que a nação possa ter de mais idôneo e capaz, pois só assim estaremos em condições de tratar, em bons termos, com o estrangeiro, temos, ao contrário, um governo que, inteiramente desmoralizado, dentro e fora do país, incompatibilizado internamente com todos os elementos, da direita, da esquerda e do centro, e desacreditado externamente sob todos os pontos de vista, arrastará necessariamente o país às piores consequências.” “Nunca se impôs tanto como hoje uma “união sagrada”, uma ação

de defesa nacional, a menos que nos entreguemos, de olhos vendados, às fatalidades do destino.” “Apesar da precariedade da minha situação, tenho aqui elementos para agir pela causa brasileira, e estou disposto a fazê-lo. Mas tudo será estéril, se não houver no Brasil interesse correspondente”. Etc., etc., etc.

Como vê, uma injeção. Aliás recebi ontem, por portador, umas cartas atrasadas, que confirmam, de mais de um quadrante, as suas impressões sobre a existência de mais um pouco de animação, no momento; e assim é possível que o organismo reaja bem ao receber o tônico... Vamos a ver.

Não se preocupe com a parte financeira, já que as dificuldades são patentes. Agirei por outros caminhos. Não inclui, é claro, na estimativa, as possíveis viagens de avião, que admiti por hipótese, visto, de fato, a impossibilidade de informações seguras, através de serviços demorados de comunicações postais, sujeitas estas a diferentes censuras. Não deixa de ser, até certo ponto, ridículo, tratar aqui de uma causa de tal envergadura, em tal situação. Outros porém o fizeram – e a história está cheia de exemplos – em situação ainda pior...

Pedi que ao menos me informem, por todos os meios possíveis, sobre o que for ocorrendo.

Nossas visitas, muito afetuosas, a d. Raquel. Lembranças aos companheiros, e o grande abraço de sempre do

[Otávio Mangabeira]

P. S.

Li com atenção o seu post-scriptum reservado.

Sua atitude tem sido de tal maneira exemplar, que lhe dá pleno direito a não se preocupar com quaisquer críticas. Estas serão sempre, em qualquer caso, inteiramente ridículas, e, por conseguinte, inoperantes. Não me limito a aguardar que alguma se manifeste: dir-se-ia lhes vou ao encontro, tanto não me farto de fazer o elogio do seu exemplo, na campanha e no ostracismo.

Raquel

refere-se a Raquel de Mesquita, esposa de Armando de Sales Oliveira.

NOVA IORQUE, 9 DE JULHO DE 1941

Meu caro dr. Armando:

Espero tenha recebido minha última carta. Depois que a escrevi, chegaram-me às mãos os recortes de La Prensa e La Nación, de que guardei, desta última, para os devidos efeitos, o tópico essencial.

Seja porque o governo americano lhe esteja falando claro, seja porque soube ou sentiu que alguma coisa se estava aqui preparando no sentido de protestar contra a sua ação nazista, o fato é que o governo brasileiro vem timbrando, estes últimos dias, em dar [armas] ao seu apoio à orientação americana. Cada dia, aparece nos jornais telegramas, do Rio ou daí, trazendo novos indícios dessa atitude, posta em confronto ou contraste com as eternas reservas argentinas a tudo que não se origina da sua iniciativa. Ontem, o Sumner Welles, é possível com alguma intenção, disse aos jornalistas o que consta do recorte que aí vai.

Aliás, também do Brasil, tenho cartas aludindo à reviravolta em marcha, que atribuem a vários motivos; e o Moraes Barros, de passagem aqui para Lima, disse-me que o Aranha lhe informara estar o seu ponto de vista absolutamente vitorioso, e que o Dutra, se não se conformasse, como já fizera o Góes Monteiro, seria posto na rua.

Tudo isso – escusado é acentuá-lo – cria uma atmosfera, já diversa, para o que eu tinha em mente. Mas pergunto: que há de verdade, que há sobretudo de sinceridade, na contramarcha que se anuncia? Será efetivamente contramarcha, ou mero expediente do momento, enquanto a Alemanha está ocupada com a Rússia? Porque, se houver de fato contramarcha, haverá conseqüente divergência com os elementos nazistas montados no governo, e afastamento destes. Se estes ficarem, ter-se-á a prova de que, no fundo, há mistificação, caso em que será grande o perigo, pois os Estados

Sumner Welles

Benjamin Sumner Welles,
diplomata estadunidense,
subsecretário de Estado.

Moraes Barros
Hermann de Moraes Barros,
advogado e político.

Aranha

refere-se a Osvaldo Euclides
de Sousa Aranha, Ministro
das Relações Exteriores
(1938-1944).

Unidos, com a sua costumada inadvertência, no tocante à política brasileira, poderão fornecer recursos, destinados, quem sabe, a servir, mais dia menos dias, à causa do inimigo. Se os nazistas, porém, se retirarem, em quem então vai apoiar-se o Getúlio, depois de trair mais estes?

Como vê, por várias razões, impõe-se, no momento, no Brasil, uma grande atenção e vigilância, uma grande atividade; e é motivo de angústia, para mim, não poder estar informado, com a necessária presteza, da realidade dos fatos, de maneira a poder esclarecer os que precisam de esclarecimento.

Transmita daí, se puder, aos amigos de São Paulo, estas minhas novas impressões, em aditamento mas que mandei, pelo Pacheco e Silva. As restrições de toda natureza, teria de comunicações, a começar pelo retardamento, às vezes exagerado, das próprias cartas aéreas, representam para nós, um não pequeno obstáculo.

Com as nossas melhores visitas para d. Raquel, e lembranças aos companheiros, um grande e saudoso abraço do

Otávio Mangabeira

RIO DE JANEIRO, 14 DE JULHO DE 1941

Prezado amigo Dr. Otávio,

Recebi sua carta de 19 de Junho, que me deu muito prazer. Vou escrever hoje mesmo ao Powers agradecendo o interesse que tomou. O anúncio já saiu 3 vezes e continuará saindo duas vezes por semana, de acordo com as instruções recebidas. Deus queira não precise o senhor renovar a combinação por mais 4 meses... Se esse, porém, for o caso, não necessitará consultar-me. E vai aqui, desde logo, uma sugestão: – na hipótese de não querer, o atual, fazer a renovação, poderá o Powers arranjar outro.

Peço-lhe que não se preocupe com a forma de retribuição, pois, além de nenhum ônus trazer o negócio para o jornal, eu ainda tenho que agradecer-lhe a oportunidade que me proporciona de testemunhar-lhe, embora modestamente, a minha solidariedade, cada vez mais irrestrita e mais entusiasta. Quanto às colaborações da Édila, não posso concordar com a sua proposta. Aliás, informado da alta remuneração que ela aí vai obtendo pelas suas atividades intelectuais e envergonhado de a vir explorando há tanto tempo, mandei fazer um pequeno aumento. Ela que não o converta em dólares, pois seria extremamente ridículo...

Não estive ainda com o Sr. Williams?

As coisas por aqui não têm sofrido modificações senão para pior. Interpelado, há dias, por Ortiz [Echagne], redator de “La Nacion”, sobre quando seria realizado o plebiscito, o homem respondeu com a maior serenidade: – “Oportunamente”. Não resume, isto, a situação? Estamos com dois ministérios vagos (Agricultura e Trabalho) e ninguém consegue explicar os motivos da demora na nomeação dos novos ministros. Admite-se que outras vagas se abram. Mas isso, por acaso, interessará ao Brasil? Que nos interessaria, por exemplo, uma remodelação completa do ministério? Nada, evidentemente.

Powers

refere-se a Joshua B. Powers, jornalista e representante do Diário de Notícias nos Estados Unidos. Ajudou a Otávio Mangabeira durante a sua estada neste país.

Jornal

refere-se ao Diário de Notícias do Rio de Janeiro.

Williams

refere-se a Chas. B. Williams, diretor encarregado para a América do Sul da Underwood Eliot Fisher Co, fabricante das máquinas de escrever Underwood.

O famigerado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), depois de fazer as suas conhecidas combinações com a imprensa local, passou a agir no estrangeiro. Até certos jornalistas americanos se têm deixado seduzir pelo mil réis desvalorizado! Parece incrível. Estou ansioso para ver o que dirá o John Gunther. Dirá a verdade? O senhor não pode fazer uma ideia aproximada de como me tem custado atravessar, com o “Diário”, esta fase dolorosa da vida brasileira. Quase todo dia tenho que ceder aqui e ali, para não ver o jornal fechado. E os diretores de outros jornais, irritados com a atitude do “Diário” não se cansam de intrigá-lo junto ao Lourival Fontes. Nunca desceu tanto o nível moral da imprensa do Rio! É uma lástima. Mas fique tranquilo: o nosso “Diário” não entrará na chafurda!

Recomende-me à D. Ester e à Édila e conte sempre com a amizade e a admiração cada vez maior do

Orlando Dantas.

TEXTO MARGINAL: No cabeçalho da segunda página:

É com isto que eles se danam...

John Gunther
escritor e jornalista
estadunidense.

Diário
trata-se do jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro, do qual Orlando Dantas era o proprietário.

Lourival Fontes
Lourival Fontes, primeiro diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP (1939- 1942).

Orlando Dantas
Orlando Ribeiro Dantas resistiu a várias tentativas do DIP de levá-lo a apoiar o regime Vargas.

BAHIA, 27 DE JULHO DE 1941

Prezado amigo Dr. Otávio Mangabeira.

Desejo-lhe que esteja gozando da melhor saúde, em companhia de toda a Exma. Família.

Possivelmente deve estar a par de que, apesar de ter sido a minha candidatura apoiada por informações as mais lisonjeiras tanto mais valiosas a meu ver quando de uma generosa unanimidade, já por dois anos consecutivos fui preterido pela Guggenheim Foundation, para seu fellow nos Estados Unidos.

Tenho vivíssimo interesse em poder realizar um curso universitário na América, pois sei quanto de deficiências em nossa formação intelectual deixa o autodidatismo. Pretendo com isto estar apto a melhor servir o meu país, a causa do espírito, da humanidade. Infelizmente, porém, não tenho tido chance até agora e não sei que mais possa fazer no sentido de obter o que julgo seria capital para mim.

Lembrei-me de lhe escrever, sabendo de antemão da solicitude com que me acolheria, para recorrer ao seu prestígio nos meios americanos, a fim de que me fossem proporcionadas informações e indicações a respeito, ou mesmo caminhos seguros para a conquista de uma bolsa, isto é que sirva para um casal. Desejaria fazer um curso completo de um ano no mínimo, e era o que me seria facilitado com as bolsas da Guggenheim ou da Rockefeller ambas superiores a 2.000 dólares anuais. Pretendo renovar, embora sem esperanças, a minha candidatura a Guggenheim em Dezembro próximo, e vou tentar uma consulta a Rockefeller. Parece que, no entanto ambas limitam as suas concessões para estudos de ciências biológicas e médicas e investigações laboratoriais, talvez no intuito de não fugir de um terreno mais facilmente neutro, portanto sem perigo de uma tomada de atitude no campo social ou político.

Quanto a mim, todavia, o meu plano é um curso de história

e sociologia e creio que o Senhor o conhece pela cópia que lhe foi enviada da secretaria da Guggenheim. Quero aperfeiçoar-me nos conceitos e métodos modernos daquelas disciplinas, tendo como objetivo geral o meu próprio aprofundamento e o preparo de um livro que tenho em germe sobre o Brasil.

Por aqui tudo no mesmo. Continuo trabalhando bastante e escrevendo muito nos jornais. Mantenho, além de outras, a minha colaboração semanal da tarde e uma secção diária de política-internacional no *Estado da Bahia*, onde martelo todo dia pela causa democrática, em cuja vitória deposito as minhas esperanças de uma melhoria do mundo de amanhã. As próprias provações que sofrem as grandes democracias serão o crivo que as aperfeiçoará e lhes dará um melhor feitio político, social e econômico, isto é, lhes curará das mazelas que tanto as desfiguravam ao passado próximo.

Com as recomendações de Vanda e minhas para a sua Exma. família, aceite o abraço amigo do seu admirador.

Afrânio Coutinho

Rua 08 de dezembro 02 (Graça)

TRECHO MANUSCRITO:

P.S.: Publiquei o ano passado um livro sobre Machado de Assis. Teria visto? Lembro-me agora que poderia talvez ser contratado para algum curso de literatura, história ou língua brasileira, no intervalo do qual penso poderia acompanhar qualquer outro que me interessasse. Tudo porém não passa de devaneios.

Afrânio Coutinho

Vanda

refere-se a Vanda Sena de Faria, esposa de Afrânio Coutinho.

Afrânio Coutinho

Afrânio dos Santos Coutinho, professor, crítico literário e ensaísta.

Livro

trata-se do livro *A filosofia de Machado de Assis* (1940).

BR BACMB OM TXT CA 05/1656

NOVA IORQUE, 21 DE AGOSTO DE 1941

Aloísio

refere-se a Aloísio Lopes de
Carvalho Filho.

Meu caro Aloísio:

Recebi sua carta de pêsames, e agradeço, de coração, suas provas de amizade, por ocasião do falecimento da minha irmã Cecília.

Sou de fato muito sensível à morte dos que me são caros. Meu canteiro de saudades já começa a ficar cheio. Nem é raro que aí me refugie, entretendo-me a cultivá-las. Sinal de que a velhice vai chegando. Mas aceito, sem protestos, as contingências da vida, sobretudo as naturais, e aguardo, sem termos, a minha vez.

Tenho em mãos o exemplar do último número da Revista da Faculdade. São leituras que me ajudam, as que se referem à Bahia, e a homens e episódios “do meu tempo”.

Quanto ao mais, vou prosseguindo, com uma indizível tristeza diante de tudo o que vejo, porém nela encontrando motivo, antes de estímulo, que de esmorecimento. Nem tudo estará perdido. Quanto maiores as vicissitudes, as dificuldades, a doçura, grave, profunda, terrível, de que vem padecendo a nossa pátria, maior a obrigação de persistir. Se tivesse de escolher um animal, para adaptar como símbolo, preferiria o camelo, de que ninguém se lembra: modesto, e até mal julgado, ministrar-nos, entretanto, o grande exemplo das caminhadas sem fim, ignoradas, mas úteis, no deserto, ao sol, sem água...

Visitas minhas e dos meus, a minha cara amiga D. Elisa. Escrevo hoje, também, ao nosso Aloísio, velho. Um abraço, muito amigo

Otávio Mangabeira

**Revista da
Faculdade**

trata-se de uma revista
vinculada à Faculdade de
Direito, possivelmente a
Revista de Cultura Jurídica,
fundada em 1929.

Elisa

refere-se a Elisa Kock de
Carvalho, mãe de Aloísio
Filho.

Aloísio, velho

refere-se a Aloísio Lopes
Pereira de Carvalho,
jornalista e poeta, pai de
Aloísio Filho.

BR BACMB OM TXT CP 28/560

RIO DE JANEIRO, 23 DE SETEMBRO DE 1941

Prezado chefe Dr. Otávio Mangabeira:

Venho trazer-lhe, por meio desta, o meu abraço e a minha solidariedade, bem como agradecer o interesse que o Sr. e os seus têm formado por nós.

Felizmente, papai agora está livre... condicionalmente – gozando a liberdade condicional de todos os brasileiros dentro do Brasil. Os três anos de prisão, graças a Deus, não lhe abateram o espírito, e ele está – como todos nós – mais do que nunca dentro dos princípios que o levaram à mais absoluta intransigência. Recomeça agora a vida, tentando trabalhar, embora de todos os lados surjam dificuldades.

Quanto à sua peregrinação, nós a temos acompanhado com admiração e saudade. Ela revigora a nossa fé nos homens do Brasil, e nos faz conscientes de os verdadeiros destinos da Pátria voltarão a ser dirigidos por aqueles que lhes podem erguer o bom nome à altura das demais nações civilizadas.

Envio, pelo mesmo portador, um trabalho em que talvez possa interessar a Édila, se ela quiser distinguir-se com a sua atenção.

Rogo-lhe que apresente os meus respeitos a D. Ester, e aceite um aperto de mão do menor dos seus admiradores.

Guilherme Figueiredo

Papai

refere-se a Euclides de Oliveira Figueiredo, militar.

Guilherme Figueiredo

Guilherme de Oliveira Figueiredo, escritor e poeta..

NOVA IORQUE, 2 DE OUTUBRO DE 1941

Simões:

Completa você depois de amanhã os 55 anos que eu completei a 27 de agosto.

Aqui vai o meu abraço, que é o mesmo dos tempos idos do O Papão e da Gazeta do Povo.

Tenho, por sinal, que agradecer-lhe os seus dois telegramas, que em tempo recebi – o do meu aniversário e o de pêsames pela morte de minha irmã Cecília.

Já você sabe, talvez, o que está acontecendo com uma das outras – a Maria – minha companheira de infância, um primor de criatura, uma das minhas grandes afeições através da existência. [que faço, do p. o,].

Mas... estas palavras são de parabéns, de votos por seu bem estar, e pelo de todos os seus. Não cabem aqui tristezas.

Muitas e muitas lembranças a d. Helena e a Regina, também a Verinha e no Renato, e um abraço e saudades do

Otávio.

O Papão

revista humorística fundada por Simões Filho, quando cursava o ginásio.

Gazeta do Povo

jornal pertencente a J. J. Seabra que passou a ser propriedade de Simões Filho, em 1907. Otávio Mangabeira trabalhou em sua redação.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

Helena

refere-se a Helena Vitória Cerne Simões, esposa de Simões Filho.

Regina, Verinha e Renato

refere-se aos filhos de Ernesto Simões Filho com Helena Vitória Cerne Simões.

BR BACMB OM TXT CA 13/1878

NOVA IORQUE, 3 DE OUTUBRO DE 1941

Meu caro Albano:

Tenho sempre alguma coisa a agradecer-lhe. Agora, é, antes de tudo, sua solidariedade para comigo e os meus, por ocasião do falecimento de minha irmã Cecília. Depois, a sua carta por motivo do meu aniversário.

Infelizmente, recebo notícias de que outra das minhas irmãs – a Maria – uma das minhas grandes afeições através da existência, está a sofrer de uma doença penosa, sem que eu lhe possa levar a assistência da minha presença. Os revezes políticos não me abatem, pois tenho a certeza do dever cumprido, e isso, ao contrário, me revigora o ânimo. Mas essa situação de coração me está afligindo enormemente. Você poderá julgá-lo.

Elas, minhas irmãs, têm-me, por vezes, falado a seu respeito, nos merecidos termos. Sua companhia, sempre que os seus afazeres lhe permitirem vê-las, será, para elas, motivo de animação e conforto, na dolorosa crise que atravessam.

Um abraço do seu amigo, muito grato,

Ot. Mangabeira

Nova Iorque, 3 de outubro de 1941.

Albano

refere-se a Albano da Franca Rocha, professor da Escola Politécnica da UFBA.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

BAHIA, 04 DE OUTUBRO DE 1941

Otávio,

As suas cartas têm chegado muito atrasadas, sendo a última recebida, a de 20, que só nos chegou a 30. Em todas elas, mostra-se você muito preocupado com o meu estado de saúde, não se aflija tanto, nada está me faltando e espero que em breve Deus me dê novamente a saúde, tranquilizando assim a todos que sofrem por minha causa.

Aqui está se preparando uma manifestação imensa para o J. que passa para o norte com grandes contingentes do exército, que estão seguindo para Recife e Natal, em manobras dizem os jornais. Como ele tem prestígio entre os camaradas, e estes, no momento, têm grande força, fala-se até em fechar o comércio e carregar o homem! Como ficamos desolados com isso! O fato mais importante da semana foi o fechamento da Escola de Direito de São Paulo, por tempo indeterminado, por proposta do diretor Dr. Cardoso de Melo Neto, de acordo com toda a congregação, dando por motivo a indisciplina dos estudantes! Por Paulo havemos de saber, ao certo, o fato como se passou.

Quando João foi ao Rio Preto inaugurar a estátua do Rui, teve convite dos estudantes e aceitou para fazer uma conferência na Escola de Direito. Chegando, porém, a S. Paulo não pode fazer porque a polícia não permitiu, o que era de esperar.

Por telegrama de João soubemos que Otavinho vem à Bahia no princípio deste mês, a serviço no interior, passando, porém, uns três dias na capital, um conforto para nós, uma alegria em meio às nossas atrapalhões.

Irundi agora está mais satisfeito com o emprego, pois, foi designado para Ilhéus, ficando assim com o trabalho menos forçado. Como você sabe, ele não é muito forte e não poderia resistir por muito tempo, levando oito, dez dias seguidos pela mata, a correr

J.

refere-se a Juarez Távora.

**Cardoso de Melo
Neto**

José Joaquim Cardoso de Melo Neto, professor, advogado e político. Exerceu o cargo de diretor da referida Escola de 1941 a 1942.

Paulo

refere-se a Paulo Mangabeira Albernaz, médico, filho de Cecília Mangabeira Albernaz, que residia em Campinas-SP

João

refere-se a João Mangabeira

Irundi

refere-se a Irundi Mangabeira Albernaz, filho de Cecília Mangabeira Albernaz.

fazendas, onde não há o mínimo conforto, vendo-se obrigado a comer o que nelas encontra. Em uma delas o que lhes apresentaram para almoçar foi quiabos com sebo e farinha! E ele que não precisa fazer regime...

Vina e Augusta vão passando sem novidade, apesar dos pesares. A casa está grande demais para nós três, que passamos o dia todo no quarto, onde fazemos as refeições e até recebemos as visitas.

Não escrevo a Édila, senão quando melhorar. Abraços para ela, Ester e você, com saudades da irmã muito amiga.

Maria

Augusta

refere-se a Augusta Mangabeira Albernaz, filha de Cecília Mangabeira Albernaz.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

NOVA IORQUE, 4 DE OUTUBRO DE 1941

Euvaldo:

Recebemos a 2 de outubro as suas cartas de 25 de setembro. Recebemos também a anterior.

Estimo que a minha carta a Maria tenha sido a ela entregue; e, pelo que me dizem Vina e Augusta, lhe fez, antes bem, do que mal.

Pela série de bilhetes, que aí vão, e peço fazer chegar aos seus destinatários, vê que a doença dela é o que me preocupa. Inclino-me a acreditar, como você, que ela conhece bem o seu estado, e procura animar os outros, principalmente Vina. Como quer que seja, o estado de ânimo, que você lhe observou, é de uma grande importância. As pessoas que sucumbem diante do sofrimento, ou se revoltam contra o destino que as fere, sofrem mais, e mais fazem sofrer. O que, porém, se impõe, nas circunstâncias, como digo nos meus bilhetes, é formar, em torno dela, um ambiente de carinho, que a conforte, e anime as duas, que lhe estão servindo de enfermeiras. Escrevo hoje a elas sobre o assunto, e voltei a escrever a João. Aliás vou mantendo esperanças no recurso médico tentado; esperanças, porém, muito frágeis, para não ser maior o desengano. A você, nada preciso recomendar.

Senti o que me diz na sua carta, sobre o irmão do Ival. São eles, ao que suponho, família unida, à antiga. Assim, o Ival, ausente, deve estar a sofrer, pelo irmão, que o caso é de fazer pena até a estranhar, e pelos pais, cuja situação quem tiver filhos pode bem avaliar.

Escrevi aos irmãos do Albano, porque tive dos mesmos uma carta, assinada, pelos três, Álvaro, Aloísio e Aníbal. Albano escreveu à parte, e a carta dele, só a recebi muito depois. Aliás, para escrever-lhe, não seria necessário que ele me houvesse escrito. Raros são hoje os amigos a quem estime e considere tanto.

Ponha em envelope, com endereço, a carta, que aí vai também, aliás um tanto atrasada, para o filho do Maltes Souza.

Maria
refere-se a Maria da Glória
Mangabeira.

Augusta
refere-se a Augusta
Mangabeira Albernaz.

João
refere-se a João Mangabeira.

Ival
refere-se a Ival Távora
Gama, casado com Maria
Helena Pinho Gama, filha de
Euvaldo.

Recomende, da minha parte, o caso de Maria, ao nosso monsenhor Ápio. Junto mando, para ele, umas palavras de agradecimento.

Diga ao Afrânio que já dei alguns passos, mas em sentido um pouco diferente do constante de sua carta. Escreverei nestes dias, se a coisa for para a frente. Recomendo, porém, desde já, que prepare o terreno para a hipótese de algum pedido, daqui, de informações sobre ele, ao cônsul americano.

Os mil e quinhentos dólares chegaram regularmente. Apesar do que lhe disse na carta posterior à em que pedi a remessa, louvo o seu método de providenciar sem demoras e assim deve fazer, todas as vezes. Há aqui quem receba dinheiro por intermédio de casas comerciais daí, hipótese na qual, suponho, não há pagamento de imposto. Entrega-se aí mil reis, recebe-se dólar aqui.

Mande tirar uma certidão do nosso casamento. 22 de dezembro de 1909. E remeta, com um exemplar da certidão traduzida em inglês por tradutor público, as certidões de idade, nas mesmas condições, caso constem do processo. Uma maçada, a mais. É, porém, muito possível que, dada a longa permanência aqui, precise de tal documento. Creio que não há dificuldade, e não deve custar muito.

O mais... fica para a próxima.

Abraços e saudade, para os quatro,

De

Otávio Mangabeira.

Tenho tido, do Rio, alguns relatórios, cartas de Ed, porém continuam a rarear.

Afrânio

refere-se a Afrânio dos Santos Coutinho sobre o seu pedido para consecução de bolsa de estudos.

Ed

refere-se a Edite Soares de Pinho, irmã de Esther Mangabeira.

BUENOS AIRES, 09 DE OUTUBRO DE 1941

Meu caro amigo,

Há mais de dois meses que lhe escrevi longamente, mandando-lhe também um relatório que aqui tínhamos recebido de um dos nossos melhores companheiros de São Paulo. Não tive resposta sua a essa carta, mas não reclamei, porque tenho estado sempre na iminência de fazer a minha projetadíssima viagem aos States. Minha mulher partiu em meados de Agosto para São Paulo, e ainda é obrigada a demorar-se por lá vários meses: é por isso uma ocasião única para ir eu tomar contato com os amigos daí e ver de perto como está batendo o relógio de Washington – que às vezes parece tão desconcertante. Cumprindo uma promessa antiga, de que havia desistido, o meu filho Júlio, que acaba de se casar com a Lúcia Portugal, veio passar duas semanas em Buenos Aires. Volta o casal agora para o Brasil e eu espero partir para aí, de avião, num dos últimos dias do mês. Ainda lhe escreverei, antes disso, a respeito do meu alojamento em Nova Iorque, onde quero ficar o mais perto possível do meu querido amigo. Peço transmitir ao Paulo diante a notícia desta viagem, mas sob reserva. Tenho várias indicações de que o governo do Rio está muitíssimo descontente com a minha resolução. – Protestando contra a outorga ao ditador do doutorado “honoris causa” da Universidade de São Paulo, outorga que tinha sido promovida por um pequeno grupo de estudantes, os rapazes da Faculdade de Direito, às centenas, saíram à rua, numa passeata impressionante, com morras ao ditador e vivas à democracia. Houve vários distúrbios dentro da Academia, com desacatos ao diretor, Cardoso de Melo Neto. O governo tinha tomado a deliberação de fechar a escola por tempo indeterminado, mas a efervescência recrudeceu, e os rapazes, incorporados, foram oferecer o mesmo título “honoris causa” para o Piolim, um palhaço famoso. O Fernando Costa teve de ir com urgência ao Rio, e voltou com o Capanema. A conversa deste com os dois líderes do movimento, que estavam presos, foi o mais interessante de tudo. “Respeitam o gesto

Paulo

refere-se a Paulo Duarte, jornalista e político. Após diversas prisões por combater o regime do Estado Novo, exilou-se na França, posteriormente EUA.

Cardoso de Melo

Neto

dirigiu a Faculdade de Direito de São Paulo entre os anos de 1941 a 1942.

Fernando Costa

Fernando de Sousa Costa, engenheiro agrônomo e político. Interventor de São Paulo (1941-1945).

Capanema

refere-se a Gustavo Capanema Filho, advogado e professor, ministro da Educação (1934-1945).

e admiram a coragem dos moços, mas o presidente era inocente, vítima dos bajuladores... tanto que estaria disposto a desistir do título. A mocidade devia meditar sobre a gravidade do momento. O presidente estava animado dos melhores propósitos e procurava o apoio da melhor gente para uma nova cruzada: ontem, contingências irremovíveis ditaram o 10 de Novembro; hoje, o quadro é diferente, e nada mais lógico e nem mais patriótico do que se parem todos dentro da nova realidade. O dever de todos os brasileiros era formar a união sagrada à volta do presidente.” E por aí foi. Este é, aliás, o tema getulitário de agora – união sagrada – inclusive para resistir à pressão dos E.U., que se está tornando excessiva... A verdade é que o governo está se debatendo em grandes dificuldades, e à procura de uma saída. Os rapazes de São Paulo, em todo caso, levaram um tento: impedindo que o ditador recebesse o título, compensaram até certo ponto as atitudes da Academia Brasileira de Letras e da Associação de Imprensa, que dando ao ditador o título de presidente de honra, chegou ao cúmulo de proclamá-lo grande protetor da imprensa.”

Fui a Montevideú, para esperar o Júlio, e lá recebi um jantar, oferecido por alguns homens de destaque. Aproveitei a ocasião para falar, e o meu discurso foi publicado e comentado nos principais jornais, e também irradiado. A tese dele é a que venho sustentando com todos os americanos com quem tenho conversado.

Muitas recomendações a D. Ester e a D. Édila. Receba um grande abraço do

Armando Sales

NOVA IORQUE, 11 DE OUTUBRO DE 1941.

Raquel

refere-se a Raquel Valverde
Martins, viúva de Dantas
Bião.

D. Raquel: (Bião de Cerqueira),

11 de outubro, hoje. Data triste, no nosso calendário. Cinco anos se completam que sofremos a nossa grande perda.

A mim me coube um consolo, que à senhora não foi dado: o de estar com o meu amigo, nos últimos dias que ele passou na terra; o de poder cercá-lo de carinho, nos seus derradeiros momentos; o de velar, no quarto em que ele morreu, a sua primeira noite, depois que penetrou na eternidade...

meu amigo

trata-se de Joaquim Climério
Dantas Bião, chefe do
autonomismo em Alagoinhas.

Dá-se agora comigo coisa diferente. Minha irmã Maria, a mais chegada a mim entre os irmãos, minha companheira de infância, uma criatura angélica, e uma das minhas grandes afeições através da existência, padece, na minha ausência, de uma doença ingrata, e a pena de não a ver tortura-me o coração.

Maria

refere-se a Maria da Glória
Mangabeira.

Crente, como sou, não me revolto, e me resigno sempre; mas extremoso, por índole, para com os que merecem o meu afeto e a minha gratidão, não posso evitar que a mágoa me encha a alma.

O dia de hoje é, para mim, de saudades, que não se extinguem, nem se extinguirão, senão quando a minha hora vier também a soar...

Faço votos por que sua irmã tenha amenizado, o mais possível, os seus padecimentos.

Muitas lembranças a todos, e saudades do seu, muito grato,

Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CA 05/1661

NOVA IORQUE, 22 DE OUTUBRO DE 1941

Pânfilo:

Antes tarde do que nunca.

Seu telegrama pelo meu aniversário não me passou, nem podia passar, despercebido. Nem são tantos os que se lembram, sequer de que ainda vivo, quanto mais de que ainda me dou ao luxo de fazer anos...

Fechados os mares da Europa, a você e outros homens civilizados, que não mostravam grande relutância em transpô-los de vez em quando, por que não experimenta os que conduzem a este outro planeta?

Muitas visitas nossas a D. Maria Emília, e um abraço afetuoso do

Otávio Mangabeira.

Pânfilo

refere-se a Pânfilo Dultra Freire de Carvalho, advogado e político.

Maria Emília

Maria Emília Pedreira, esposa de Pânfilo de Carvalho.

NOVA IORQUE, 22 DE OUTUBRO DE 1941

**Otaviano Muniz
Barreto**
médico e político.

Meu caro Otaviano Muniz Barreto:

Recebi, em tempo, sua carta, exprimindo-me o seu pesar pelo falecimento de minha irmã. Fico-lhe, por isto, agradecido.

Infelizmente, outra das minhas irmãs, minha companheira de infância, e uma das minhas grandes afeições através da existência, está a sofrer de uma doença penosa. Os contratempos da vida pública não me abatem, pois tenho a certeza do dever cumprido, e isso, ao contrário, me retempera o ânimo, tanto mais quanto vejo, com pena, como são fracas as resistências morais, principalmente as resistências cívicas, da atual geração brasileira. Mas o sofrimento e a perda, na minha ausência, de entes queridos, sem que eu possa estar a seu lado, para dar-lhes, mais de perto, a assistência do meu carinho, compungem-me enormemente.

Vou acompanhando daqui, deste que é hoje, na superfície da terra, o melhor ponto de observação, o desdobrar dos acontecimentos. Os que, tendo nas mãos os destinos da democracia no mundo, não souberam oportunamente preservá-la, e ainda hoje só a defendem quando o fogo lhes rompe em casa, são afinal os principais responsáveis pela terrível crise que ameaça, digamos a liberdade, se não quisermos dizer, mais propriamente, a dignidade humana.

Visitamos a sua senhora, a quem apresento os meus melhores respeitos, e um abraço do velho amigo

Otávio Mangabeira

**Falecimento de minha
irmã**

refere-se ao falecimento de
Cecília Mangabeira Albernaz,
em 30 de julho de 1941.

**minha companheira
de infância**

refere-se a Maria da Glória
Mangabeira.

SÃO PAULO, 06 DE NOVEMBRO DE 1941

Querido Otávio,

Aproveito os bons ofícios do meu parente e amigo Mariano Ferraz, que segue para aí, para mandar-lhe notícias minhas. Gostaria de escrever-lhe com mais assiduidade. A falta, porém, de portador seguro, que leve a correspondência, não me tem permitido a realização daquele objetivo. No correio não se pode confiar muito. Ainda quando entregues ao destinatário, as cartas são abertas e lidas. De algumas tiram-se até cópias fotográficas para maior opulência dos arquivos da “Gestapo” brasileira.

Além desse inconveniente, que dificulta enormemente a possibilidade de se manter correspondência seguida e interessante, há a falta de informações seguras sobre os fatos, que não ficam totalmente ignorados. A regra é nada saber-se do que se passa fora do alcance da vista. Os jornais são absolutamente inúteis como fonte informativa. Só noticiam aquilo que a censura permite, isto é, nada ou quase nada. E nenhum comentário podem articular contrariamente aos desígnios oficiais.

Às vezes, de ocorrências importantíssimas, só se vem a saber o que transparece nas cominações da censura: “É proibido comentar a crise que se declarou no governo da Bahia” ou então: “Não pode ser comentado o incidente havido no Pará com aviadores americanos”. Só então é que se fica sabendo que houve crise na Bahia e conflito no Pará. E isso mesmo só o sabem aqueles que têm relações com jornais ou estações de rádio para onde são expedidas as ordens da censura. Isso dá a impressão de que no Brasil “não acontece nada”, como da Inglaterra dizia certo Lord, no tempo da rainha Vitória. E, se alguma coisa acontece, ninguém que não esteja no lugar da ocorrência pode ter dela exato conhecimento.

Acerca de São Paulo, posso mandar-lhe algumas impressões. E a principal é que, a despeito das adesões políticas, ninguém aqui

Ademar de Barros
Ademar Pereira de Barros,
médico e político. Interventor
de São Paulo (1938-1941).

**Nomeação de
Fernando Costa**
tomou posse na interventoria
de São Paulo em 04 de junho
de 1941.

está contente. Quando após o golpe de 10 de Novembro de 37 o PRP. aderiu em massa ao ditador, deixando-me só na estrada, imaginavam os seus homens que a direção política do Estado lhes seria restituída integralmente e que eles passariam a exercitá-la com a mesma amplitude que o faziam anteriormente à revolução de 30. Mas viram logo que se enganavam. Getúlio, depois que os viu, submissos, a seus pés, voltou-lhes redondamente as costas. Primeiro, deixando no governo do Estado o “democrático” Cardoso de Melo Neto; e, depois, confiando aquele posto ao “neófito” e antigo democrático Ademar de Barros, sem prévia consulta de ninguém. Ultimamente, repetiu-se o caso com a nomeação de Fernando Costa, que constituiu surpresa para todo o mundo.

“O brando, remisso e sem cuidado algum, Fernando, que todo o reino pôs em muito aperto”, para falar como o Camões, não deu maior atenção à gente do PRP. constituiu de preferência o seu governo com elementos do “grupo dos fantasmas”, como lhe chamou o Armando Sales, e tem procurado alhures os seus colaboradores municipais. Assim, ninguém está contente. Uns porque não participam do governo; outros porque, tendo ali ingresso, se sentem tolhidos, entretanto, nas suas ambições de mando extremo; e todos porque verificam que o país vai à garra, sob a sinistra e formidável impostura do vergonhoso Estado Novo.

João Mangabeira, ao regressar de Rio Preto onde fora fazer uma conferência sobre Rui Barbosa, disse-me que encontrara em São Paulo um ambiente de pré-revolução. O conceito é verdadeiro, se se atentar no que lavra no fundo das consciências. Deixa, porém, de o ser, quando se reflete na falta de coesão existente entre os indivíduos e os partidos, se é que se pode dar este nome aos remanescentes esgarçados das antigas agremiações partidárias. Tudo está disperso e emaranhado no caos. Só subsiste como núcleo de resistência batalhadora a escassa “elite” dos elementos da UDB. Estes não perdem nem a fé, nem a coragem. E, embora lhes falte um chefe, que sirva de traço de união entre todos, vão trabalhando como podem pela libertação da pátria escravizada.

É para estes que as suas palavras, expressas em cartas, proclamações e panfletos, constituem verdadeiro elemento de desaba-

fo e conforto. Porque, aqui, ninguém pode falar ou escrever. O Bernardes, só porque arriscou uma frase inócua acerca do “eclipse do direito”, em discurso que proferiu de improviso, no almoço anual dos antigos alunos da Faculdade de Direito, foi mandado para Ponte Nova, em Minas, e lá se acha “confinado”, como agora se diz, na solidão de uma fazenda. Só aos amigos do governo se toleram reparos ou advertências. Porque estes, quando se atrevem a criticar alguma coisa, não deixam nunca de ressaltar a pessoa do ditador e de cercá-la dos mais rastejantes elogios.

De mãos amigas recebi o seu panfleto sobre o “Que fez Getúlio Vargas em 10 anos de governo”. É completo e arrasador. Ao contrário do que se tem dado com outros dos seus escritos, este encontrou maior divulgação. Várias pessoas das minhas relações já o leram e não poucas passaram adiante o papel para que novos leitores pudessem inteirar-se do seu conteúdo. A impressão de todos é excelente quanto à crítica e péssima em relação à obra do criticado. Não há como a verdade para destruir os manipanços. Diante das cifras que você alinhou com tanta probidade e tão grande clareza, ainda os mais incrédulos acabam por admitir que o Estado Novo não é senão uma forma de bancarrota generalizada, isto é, de uma bancarrota que atinge o país não só em sua bolsa, mas também no acervo das suas mais altas conquistas morais.

Disseram-me que após o estudo, ao qual acabo de referir-me, você lançou um outro, em larga página esmeradamente impressa. Desse, não pude ver nenhum exemplar. Parece que a censura redobrou os seus esforços para sonégá-lo à vista das pessoas a que fora endereçado. Também não pude ler ainda os artigos do Paulo Duarte, nem o discurso que Armando proferiu em Montevideu. De tudo isso chegam ecos por aqui, mas ecos abafados, clandestinos e hesitantes, porque não há jornal que registre o simples fato de ter vindo a lume qualquer dessas publicações. Só “A Noite”, ao que parece, delas se tem ocupado, para desancar os autores com o desmoralizado porrete das verrinas mercenárias. Mando-lhe com esta uma dessas diatribes, referente, precisamente, ao discurso do Armando Sales. O rádio oficial também tem tratado do assunto. E com o mesmo fito de agredir os autores das críticas incômodas. Mas o rádio ninguém ouve;

Bernardes

refere-se a Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República (1922-1926).

Manipança

ou Manipansos. Palavra africana que significa feitiço; coisa ou objeto tanto real quanto abstrato que possa ser utilizado para a realização de cultos.

um outro

trata-se de “1930-1940: um decênio, no Brasil, de degradação nacional – Em nome e por desagravo da atual geração brasileira”, de 3 de novembro de 1940.

Washington

refere-se a Washington
Luís Pereira de Sousa,
ex-presidente da República
(1926-1930).

Carta do Atlântico

declaração com oito
princípios políticos aprovada
pelo presidente dos EUA,
Franklin D. Roosevelt, e pelo
primeiro ministro britânico,
Winston Churchill, em 14 de
agosto de 1941.

Marcondes Filho

Alexandre Marcondes
Machado Filho, advogado e
político; ministro do Trabalho
(1941-1945).

Caffery

refere-se a Jefferson Caffery,
embaixador dos EUA no
Brasil (1937-1945).

e, quando acaso o escuta, não retém as vociferações em que se esgoelam os lebréus do microfone.

Em Carta, que pelo mesmo portador envio ao Washington, refiro com pormenores alguns fatos que retratam bem a realidade brasileira. Ele certamente não deixará de comunicar-lhe esses informes, caso não sejam os eventos do seu conhecimento. Sei que o Armando já chegou a Nova Iorque. Seria da mais alta importância que ele pudesse entender-se com o Washington e ninguém melhor do que você para arranjar esse entendimento proveitoso.

Acabo de ouvir no rádio de Londres o resumo do discurso do Stálin. Parece-me otimista. Toda a nossa esperança está hoje concentrada na vitória dos aliados, embora o texto da “Carta do Atlântico” e certas atitudes de Washington lancem como que uma nuvem na limpidez daquele sentimento.

O parágrafo 3º da “Carta do Atlântico”, onde se alude à liberdade que terão os povos de escolher a forma de governo sob a qual desejem viver, foi saudado aqui, pelos adeptos da ditadura, como a consolidação do regime totalitário. O Marcondes Filho, que, segundo se diz, será o futuro ministro de Trabalho, enviou a Getúlio expressivo telegrama, onde transparece aquela afirmação. E o Jorge Santos, jornalista do DIP., que escreve no “Estado de São Paulo” um comentário político sobre os fatos do dia, tratou do caso em artigo intitulado – “A última esperança” – para acentuar que perdiam o tempo os que esperavam possível ajuda dos Estados Unidos ou da Inglaterra ao esforço de repor o Brasil na órbita da liberdade. Para tais turibulários o que aí está, aí está, e é definitivo, embora em tantas de suas proclamações tenha Roosevelt declarado que os Estados Unidos não tolerarão no continente nenhum país “sem vez nem voto”.

Para essa impressão de desalento que, às vezes, nos causam as notícias vindas de Washington, muito concorreu também as “demarches” do Caffery e dos seus agentes, os quais pouca ligação procuram ter com os elementos liberais do país. Dão eles a impressão de que confiam na sinceridade dos homens do governo, quando estes como o Osvaldo Aranha, se proclamam fervorosos adeptos da democracia, ou quando outros, como o Góes Monteiro, decla-

ram em alto e bom som que o regime do Brasil é tudo quanto há de mais democrático. Nesta tecla se apoia com insistência o dedo potente da propaganda. Sim, o Brasil é o paraíso da liberdade. Aqui esplendem, na sua plenitude, as instituições mais democráticas do universo. O passado era a anarquia e prepotência; o presente é a disciplina e a ordem. E como tal regime corresponde, aos demais, à vontade livre do povo livre, não há como nem porque cogitar da sua modificação abusiva.

Se há por aí alguém que acredite em tais lorotas, acene-lhe com o manifesto do Plínio Salgado. Porque nesse documento ilustrativo, cuja produção foi evidentemente combinada com o governo, afirma o seu signatário que, sendo o regime do Brasil a expressão fiel da doutrina integralista, isto é, totalitária, não podiam deixar os partidários do sigma de prestar-lhe todo o seu apoio. Esse manifesto está sendo largamente distribuído pelo país inteiro, com perfeita ciência, tolerância e conivência de todos os esbirros da polícia. Nesta adorável democracia, só não pode circular a palavra da liberdade. O verbo do arrocho, da tirania e do despotismo, esse, sim, pode voar e revoar por todos os recantos do território nacional.

Querido Otávio, depois de longos e duros meses das mais acerbadas provações em que tanto se enlutou e sangrou a minha alma orfanada, começo a sentir-me com mais disposição para os trabalhos em que sempre vivi empenhado. Procurarei escrever-lhe com mais frequência e aqui fico, para servi-lo em tudo quanto estiver ao meu alcance, sempre às suas ordens. Disponha, pois, de mim, sem nenhum constrangimento. E mande-me quando puder notícias suas. Peço-lhe que me recomende com muita efusão a Excelentíssima Senhora Doutora Ester e a Édila, a quem apresento as minhas mais respeitadas saudações, e que me creia sempre seu velho amigo e constante admirador.

Roberto Moreira

manifesto do Plínio Salgado

trata-se do manifesto de setembro de 1941, que aponta a semelhança dos programas do integralismo e do Estado Novo.

Roberto Moreira
advogado, jornalista e político.

BR BACMB OM TXT CP 65/1553

FILADÉLFIA, 21 DE NOVEMBRO DE 1941

Sr. M. Otávio Mangabeira
Hotel Weylin
Avenida Madison e 54ª Rua
Nova Iorque, Nova Iorque

Caro Sr. Mangabeira:

Eu estou planejando um “Programa brasileiro para a Semana dos Estudantes” na Universidade da Pensilvânia, próximo dia 19 ou 20 de março, que será provavelmente a 1:30 da tarde. A esse respeito eu pedi a Sra. Maria de Lourdes Sá Pereira para escrever pra você, primeiramente porque eu não tinha o seu endereço. A carta dela, enviada há algum tempo, parece estar atrasada ou pode ter sido extraviada. Se a carta dela ainda não tiver te alcançado, eu espero que a minha possa encontrá-lo.

Eu espero que você possa vir e falar para nós sobre o tema “O contexto sociopolítico da educação no Brasil de hoje”; ou se você preferir algo diferente parafraseando o título, ele pode ser modificado, se você quiser me avise. Esse trabalho será seguido por um ou dois outros e uma discussão. Trabalhos apresentados na “Semana dos Estudantes” são publicados no processo e alcançam um bom público. Esse programa pode, portanto, fazer mais para aumentar a compreensão da vida e educação brasileiras entre as pessoas nesse país.

Será um grande prazer se puder vir. Por favor, você poderia me avisar o mais cedo possível, já que o programa deve ser colocado no seu formato final para a impressão? As despesas da viagem serão pagas pela “Semana dos Estudantes”.

Muito sinceramente,

Thomas Woody

BR BACMB OM TXT CP 06/130

BAHIA, 29 DE NOVEMBRO DE 1941

S.R. São Bento 17.

Meu caro Otávio Mangabeira,

Recebi a sua carta, em que se refere à minha, quando lhe transmiti os sentimentos pela perda de sua irmã.

Hoje lhe escrevo em razão contrária, pois quero dar-lhe o prazer de se sentir lembrado em dias de festa.

Aí vem o Natal, antes a Conceição, temporada de alegria para todas as idades. Tempo das roupas novas e das cantigas populares.

Deve, assim, encontrar você motivo de contentamento na lembrança dos amigos, que mostram sentir a sua falta, medindo a distância em que atirou o destino!

Receba o meu abraço de Feliz Natal; de Bons Anos, com felicidade para Ester ao lado de sua filha. Que igualmente seu filho lhe dê gosto, por seu valor e seu merecimentos.

Boas Festas, Bons Anos.

Aqui vai correndo bem a estação: o calor discreto da Bahia, com a sua viração, continua, garantido as tardes e noites frescas. O céu sempre belo.

São ligeiras notícias da terra, que devem ser estimados por quem dela vive arrancado!

O progresso é inquieto, por isto vai entrando aqui, mesmo contra a vontade dos baianos. Não faz carreira, porém impões certas linhas graciosas nas construções, embora de casinhas; contudo abriram-se novas ruas.

Landulfo Alves

Landulfo Alves de Almeida,
engenheiro agrônomo e
político. Interventor da Bahia
(1938-1942).

Plano rodoviário

Durante a interventoria
de Landulfo Alves foram
construídos cerca de
oitocentos quilômetros de
rodovias, o que permitiu a
articulação dos centros de
produção litorâneos.

Otaviano

refere-se a Otaviano Muniz
Barreto, médico e político.

Tem o interventor Landulfo Alves um plano rodoviário, que já está executando, e virá facilitar enormemente as novas possibilidades econômicas.

Desta sorte já não é impossível que eu, com os oitenta anos feitos, venha ter um ambiente mais próprio. Porém mais próxima à reforma.

Bem poderia o governo tê-lo aqui, por mensagem, entre a sua família e os seus amigos.

Não entendes assim.

Resta-lhe a satisfação de reconhecer que não está esquecido e tem amigos desinteressados.

Cordialmente,

Otaviano.

TEXTO MARGINAL:

Aproveito este campo para enviar ao meu ilustre amigo, com mais um abraço muito cordial, e bons votos ... Natal alegre em caminho de um Ano Novo mais feliz extensivos a todos de sua grande família.

Do amigo muito dedicado.

Otaviano Filho

BR BACMB OM TXT CA 17/1967

[NOVA IORQUE], 2 DE DEZEMBRO DE 1941

Sr. Thomas Woody
Universidade da Pensilvânia
Filadélfia, Pa.

Caro Sr. Woody,

Eu recebi sua carta com grande prazer e eu desejo agradecer-lhe muito pela honra concedida a mim pelo seu convite. Entretanto, como eu tinha expressado na carta escrita hoje para Sra. Maria Lourdes Sá Pereira, eu sinto muito dizer que existem razões definitivas que tornam desaconselhável para mim participar do “Programa brasileiro para a Semana dos Estudantes” na Universidade da Pensilvânia.

Eu não seria capaz de discutir os temas propostos sem incluir um exame do regime político que está atualmente no poder no Brasil e que eu considero um tremendo mal para meu país. Como um exilado e um adversário bastante conhecido desse regime, eu acho que talvez seria inapropriado para mim expressar meus pontos de vista sobre o assunto nesse momento e no tipo de programa que você tem em mente.

Esperando que você entenda minha posição e irá, portanto, me perdoar pela minha recusa, eu sou

Muito sinceramente seu,

[Otávio Mangabeira]

P. S. Eu já tinha escrito essa carta para você quando recebi seu telegrama.

RIO DE JANEIRO, 17 DE DEZEMBRO DE 1941

Meu caro Otávio,

Recebi, e muito lhe agradeço, sua carta e telegrama. Compreendo e respeito sua atitude. Entretanto, não sei se ao futuro, a título permanente, haja conveniência de você se abster completamente do exercício de todos os direitos que lhe confere sua cadeira na Academia. A sua deserção talvez satisfaça o desejo de alguns.

Quando pedi seu voto para o Embaixador Martinho é porque lhe faltavam três para conseguir ser eleito. O Olegário e o Levi Carneiro desencaminharam o Aloísio de Castro, conseguindo que este, na qualidade de médico, indicasse para a vaga do Malheiro Dias, o Egás Moniz, médico especialista em assuntos sexuais. Não tem obra alguma sobre o nosso país nem se interessou particularmente pelo Brasil. Não lhe nego valor. Desejava, apenas, tornar vencidos o Levi e o Olegário, que procederam indecentemente.

Aproxima-se o Natal e, por isso, faço desta carta a portadora dos votos fraternais para que você e sua prezadíssima família passem um Natal tranquilo, feliz. E que Deus, no Ano Novo, lhes reserve horas longas de grande e merecida alegria.

A fisionomia brasileira – desinteressada das ocorrências internacionais – mudou completamente nesses últimos doze dias. Noventa e cinco por cento da população está sinceramente ao lado dos Estados Unidos. E pude perceber, não sem alguma surpresa, que a mocidade encara nobremente a possibilidade de tomar ativamente parte na guerra, em futuro próximo.

O Dr. Pedro Ernesto segue amanhã para aí. Leva passaporte diplomático e hoje esteve, das 11:30 às 12:30 em conferência com o Osvaldo Aranha. Mandeí entrevistá-lo e o repórter me trouxe dele um recado sobre a conveniência de não ser noticiada a referida visita.

Martinho

refere-se a Martinho Nobre de Mello, embaixador de Portugal no Brasil (1932-1946).

Olegário

refere-se a Olegário Mariano Carneiro da Cunha, poeta, político e diplomata. Membro da Academia Brasileira de Letras.

Levi Carneiro

presidente da Academia Brasileira de Letras (1941).

Aloísio de Castro

médico, professor e poeta. Membro da Academia Brasileira de Letras.

Malheiro Dias

Carlos Malheiro Dias, político português, literato e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Egas Moniz

médico e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1942.

Pedro Ernesto

Pedro Ernesto Batista, médico e político. Apoiou a candidatura de Armando Sales a presidência da República; após permanecer três meses preso em 1937 afastou-se da política.

Favor transmitir minhas melhores homenagens à sua prezadíssima Senhora e a encantadora filha – grande escritora – [belle] Edite.

Receba você o abraço muito apertado do velho e fiel amigo, sempre agradecido.

Candido Campos

Candido Campos

Cândido Torres Rangel de Campos, jornalista e proprietário do jornal A Notícia.

BR BACMB OM TXT CP 14/300

[NOVA IORQUE], 23 DE DEZEMBRO, 1941

Dr. Otávio Mangabeira
Hotel Weylin
40 Leste 54ª Rua
Nova Iorque, N.I.

Caro Dr. Mangabeira,

Eu estou feliz em confirmar que nós temos um acordo pelo qual você irá colaborar na tradução de artigos em português e também na revisão dos trabalhos de outros tradutores para a edição portuguesa da Reader's Digest, e que você irá receber por tal a indenização monetária devida.

Muito sinceramente,

Eduardo Cárdenas.

Reader's Digest

Revista lançada em fevereiro de 1922, nos Estados Unidos, editada posteriormente em Portugal e no Brasil. Neste país, ao ser lançada em 1942, levou o nome de "Seleções Reader's Digest". A revista era impressa em Miami, passando a ser produzida no Brasil a partir de 1951.

Eduardo Cárdenas

jornalista colombiano, redator-chefe de Selecciones, que pertencia ao serviço secreto norte americano.

BR BACMB OM TXT CP 64/1520

SALVADOR, 25 DE DEZEMBRO DE 1941

Meu caro dr. Otávio.

Hoje – dia de Natal – não quero deixar de mandar, para si e os seus, algumas palavras de amizade e saudade, que levam os nossos votos de feliz ano em 1942. Votos e esperanças, pois na tristeza dos dias que vamos vivendo, nada mais nos resta senão uma remota esperança de que o mundo talvez possa ainda ficar melhor do que está no presente. O mundo e o nosso Brasil, onde a liberdade anda muito na boca dos homens, mas não sei se andará também no coração e na vontade dos que agora sentem-se felizes apenas por terem o pão e o circo. Esse imenso circo, que o sr. conhece ou imagina...

Do Rio, chegou o Simões há três dias. Como sempre nada trouxe de novo. Nem uma palavra, para animar ou fazer esperar os que já se vão cansando de ficarem do lado de fora do poder. Para nós, pelo menos por enquanto, acho que o único paralelo é a “Grande Armée” depois da retirada de Moscou, e quando, chamados os batalhões, não apareciam senão porta bandeiras ou cornetas isolados. O resto... em debandada ou à cata de pretextos para fazê-lo. É ter paciência, pois, no meio de tudo isso há as surpresas da Ilha Fiscal e da Parada de 7 de setembro de 1930! Não é, aliás, a minha impressão, no momento.

De mim vou fazendo a única coisa que ainda nos resta: a resistência passiva. O país recebeu bem a solidariedade com a América, que não sabemos até onde irá ou nos levará. Enfim, a vitória aliada será sempre um passo para frente e devemos fazer votos por que não tarde. O golpe japonês emocionou, tem-se a impressão de ter sido severo. É o preço da união americana, talvez basta para compensar o choque em tempo, mas não sem alguns sérios dissabores iniciais.

Nesses vinte dias espero poder enviar-lhe um exemplar da “A vida de Rui Barbosa”, que deve estar a sair. É com o que me

Simões

refere-se a Ernesto Simões Filho, advogado, jornalista e político. Proprietário do jornal A Tarde.

golpe japonês

trata-se do ataque aéreo da Marinha Imperial Japonesa à base norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941.

A vida de Rui Barbosa

livro de Luís Viana Filho, publicado em 1941.

João
refere-se a João Mangabeira.

Roberto Correia
Roberto José Correia,
professor e poeta. Membro
da Academia de Letras da
Bahia.

vou distraíndo. E no isolamento em que vivemos, verdadeiramente ilhados, sem nem saber o que pensam os outros, e quando estamos tão separados de Pernambuco ou do Rio Grande como se estivessem em outro continente, é também um meio de poder esperar.

Como cheguei ontem da fazenda ainda não vi dr. João, mas falei com Euvaldo, que, infelizmente, não me dá boas notícias dos seus, coisa que imagino quanto o aflige aumentando as provações por que tem passado. Dizem, porém, que o sofrimento pertence aos eleitos. Ontem faleceu o nosso Roberto Correia. Era um bom amigo.

Recomende-nos aos seus e creia dispor sempre da estima do amigo que lhe abraça afetosamente e envia os mais sinceros votos de feliz ano.

(Luís Viana Filho)

SALVADOR, 09 DE JANEIRO DE 1942

Meu caro e ilustre amigo, Dr. Otávio.

Só hoje, afinal, quebro o meu longo silêncio a fim de acusar o recebimento de suas cartas e dar-lhe algumas notícias.

Quero, antes de tudo, que o meu caro amigo tenha a certeza de que duas foram as causas do longo silêncio que me refiro. Primeiro, as notícias desinteressantes para lhe dar, segundo os meus afazeres, preocupações de toda ordem que tenho tido de algum tempo para cá.

Sempre, entretanto, tenho o pensamento voltado para o meu ilustre amigo, cujo convívio tão caro para mim e para todos que tiveram a ventura de gozar – e com fé em Deus ainda gozaremos muito breve – a tirania de um déspota achou de nos privar há cerca de quatro anos. Em primeiro lugar, lhe darei notícias de sua boa e digna irmã D. Maria, cuja pessoa foi assunto exclusivo de sua última carta. Devo lhe dizer que desde o início de sua enfermidade, tenho lhe assistido, fazendo tudo que posso, aplicando todos os recursos da medicina, para livrar-lhe das garras de tão dolorosa moléstia. Creia o amigo que como profissional e como amigo tenho sofrido também por ela e tudo farei para ao menos minorar os sofrimentos de uma tão santa criatura.

Politicamente, em vista dos últimos acontecimentos no mundo e principalmente devido ao papel da América do Norte, o Brasil, ou melhor, o governo do nosso país, tem querido ou sido forçado a tomar outra posição. Os primeiros passos já estão sendo dados e a nossa maior expectativa reside no resultado final da conferência dos chanceleres a iniciar-se no Rio em 15 do corrente.

O “usurpador” tem falado pela imprensa e pelo rádio. A sua palavra, entretanto, não merece, como de há muito tempo, fé para o Brasil. Os homens de bem deste país ainda o tem na mesma conta. A vontade geral é que ele saia e que ao seio da pátria retornem

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

conferência dos chanceleres

trata-se da III Conferência dos Chanceleres Americanos, que ocorreu no Rio de Janeiro, após o ataque a Pearl Harbor.

homens do seu caráter e do seu valor, meu caro Dr. Otávio, cujo nome, dia a dia cresce, para à fonte dos destinos do Brasil reabilitarem o seu nome no conceito universal e trabalharem pelo progresso e pela democracia, que sempre foi e há de ser a fórmula de governo sob a qual desejamos viver. Os nossos amigos estão firmes e a eles tenho dado as suas notícias.

Quero de modo especial agradecer o interesse demonstrado pelo meu bom amigo, quando da minha última enfermidade que por pouco me foi fatal.

E ao terminar faço votos ao Altíssimo para que este 1942 lhe seja e aos seus abundantemente propício, não o sendo menos a realização dos nossos mais caros ideais.

Receba com D. Ester e Édila os meus muito afetuosos cumprimentos e a expressão do meu constante apreço e devotada dedicação.

Bião de Cerqueira.

P. S. Renato recomenda-se e promete hora escrever.

Bião de Cerqueira

João Bião de Cerqueira,
médico.

Renato

refere-se a Renato Bião de
Cerqueira, advogado, irmão
de João.

BR BACMB OM TXT CA 01/1583

NOVA IORQUE, 10 DE JANEIRO DE 1942

Eutíquio:

Que pena tenho de, ao regressar à Bahia – o que espero algum dia aconteça – não ver mais o Roberto!

Velho amigo, de todos os tempos, sempre sincero e desinteressado, deixa-me grandes saudades.

Peço-lhe fazer, em meu nome, uma visita a sua família, exprimindo-lhe o meu pesar.

Transmita, da minha parte, os meus sentimentos ao Chiacchio – expressão de uma roda literária, de que ele, Roberto, era um dos veteranos.

Perdeu a Bahia um dos seus homens bons, excelentes qualidades, intelectuais e morais, e temos nós a lamentar a perda de um companheiro sem jaça, dos mais caros ao nosso coração.

Para você, o mesmo abraço de sempre do

Otávio Mangabeira.

Eutíquio

refere-se a Eutíquio da Paz Bahia, médico e político.

Roberto

refere-se a Roberto José Correia, professor de língua portuguesa e poeta; membro da ALB, falecido em 24/12/1941.

Chiacchio

refere-se a Carlos Chiacchio, médico, professor e jornalista. Comenta, provavelmente, ao grupo que se articulou em torno da revista “Arco e flexa”.

BAHIA, 11 DE JANEIRO DE 1942

Meu caro Dr. Otávio.

Aproveito o ótimo portador para mandar-lhe duas palavras, pois, certo de que ele lhe contará tudo quanto por cá ocorre, fico dispensado dessa parte.

No momento tudo converge para a Conferência, oportunidade em que deveríamos fazer grandes coisas. Não creio, porém. Andamos tão distanciados e ilhados uns dos outros, que estamos como esses esqueletos guardados em baú de flandres: ouve-se às vezes o chocalhar dos ossos, mas anda tudo solto e desarticulado. Continuo a julgar o nosso maior mal. Nem sequer nos conhecemos. Quais são os fiéis em Minas ou em São Paulo? Ninguém sabe.

O “crack” da Copeba, de sabor tão acentuadamente oficial, emocionou bastante, pois há milhares de pobres portadores lubrificantes. Vale uma capina...

A guerra dá ao Getúlio uma aparência, pelo menos, de estabilidade. Sobretudo essa monstruosidade da aliança do fascismo brasileiro com a democracia dos Estados Unidos dá ao panorama uma tal tonalidade de utilitarismo que ninguém poderá crer nos bons propósitos democráticos da “boa vizinhança”. Espiritualmente deve ser um mal para a América do Norte. Evidentemente, porém, o Getúlio joga com sorte e a possível atitude da Argentina irá beneficiá-lo.

O Simões está aqui. Tem o coração cheio de democracia, mas não parece homem capaz de ainda sofrer. Não devemos esquecer – e por aí poderemos fazer alguma coisa – que o período do Getúlio, seguindo a própria Constituição dele, extingue-se em 1943 e que, não se tendo feito até hoje o plebiscito, ele deverá procurar alguma fórmula para justificar a sua perpetuidade. Nem que seja levando-nos à guerra. Que tal uma campanha aqui – se possível – em torno da anistia? Foi sempre

Conferência

trata-se da III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada no Rio de Janeiro, entre 15 e 28 de janeiro de 1942.

Copeba

Companhia Petrolífera da Bahia S.A. ou Companhia Petrolífera Copeba S.A. Foi fundada em 09 de abril de 1937 para atuar na mineração de petróleo, gases naturais, rochas betuminosas e pirobetuminosas.

Constituição

De acordo com o Art. 80 da Constituição de 10 de novembro de 1937, o período presidencial deveria ser de seis anos.

a tradição do Brasil e o passo inicial das transformações. Pense nisso e dê ordens.

Recomende-me a D. Ester e a Édila e conte com a amizade do
Luís Viana

BAHIA, 16 DE JANEIRO DE 1942

Otávio:

Sob a impressão penosa das horas cruéis que temos vivido, mando-lhe aqui, desolado, um abraço amigo e, nessa carta, que é tudo que posso fazer para confortá-lo, a descrição, fiel quanto possível, das últimas passagens, tão pungentes, da vida de nossa Maria, tão boa e tão querida. É a segunda carta que lhe escrevo nesses primeiros dias sombrios de 1942. Repetirei, talvez, alguns trechos da primeira, pois quero dar-lhe, com as necessárias minúcias, uma sequência de tudo que tem ocorrido, da minha chegada às horas tristes que passam.

Cheguei, com Glorinha, a 31 pela manhã e pouco depois subia para, sob uma impressão dolorosíssima e uma comoção intensa, de parte a parte, ou melhor, geral, beijar com o maior carinho a Maria tão diferente que encontrei, guardava dela mais viva, a lembrança da última vez que, comigo, foi à cidade tirar uma radiografia dos dentes, em princípios de Agosto. A transformação era chocante, os olhos, deformados pela “dor atroz” eram irreconhecíveis e a boca, quando falava, com os dentes um tanto cerrados, deu-me a impressão, que ainda conservo, de que não se moviam bem os maxilares. Teve pena de mim – “coitado de Irundi!” – e lamentou que tivéssemos de presenciar tanto sofrimento. Não podia deixar de olhá-la, por mais que me esforçasse em contrário, compungido e não pensei que, no seu estado, pudesse ela ainda perceber tudo tão bem. Notou, porém, minha tristeza: “Irundi, você está me achando nas últimas”. Nos primeiros dias ainda conseguiu, entre dores e gemidos, fazer uma graça ou outra à qual sorriamos, às vezes, com os olhos rasos d’água. Ajudei-a a levantar-se ainda poucas vezes, para certas necessidades, e ela ficou satisfeita por eu fazê-lo, “com Chiquito”, com jeito, sem magoá-la muito e ficava um pouquinho de pé para estirar o corpo – “deixe eu me espigar um pouco” – encostando a cabeça em meu peito “para descansar”.

Maria
refere-se a Maria da Glória
Mangabeira.

Glorinha
esposa de Irundi Mangabeira
Albernaz, filho de Cecília
Mangabeira com José Garcia
Albernaz.

Chiquito
refere-se a Francisco
Mangabeira, filho de João e
Constança Mangabeira.

Na primeira vez chorou, muito vexada por ter de precisar, para tal fim, de um homem. Eu, por mim, ficava satisfeito de poder prestar-lhe ainda esses pequenos serviços.

Desde o dia 3, ou 4, começou a acentuar-se a queda. Tendo negócios a resolver, em Alagoinhas, viajei no dia 6 à tarde; a despedida foi muito comovente: chorou, choramos todos, e disse: “talvez você não me encontre mais”. Saí abatido e impressionado, mas, telefonando de lá no dia seguinte à noite, soube que passara um dia mais tranquilo, o que me aliviou um pouco a preocupação e o remorso de a ter deixado. Voltei a 8, chegando às 10 da noite. Esperava-me, soube, ansiosa e dizia, toda vez que ouvia um automóvel: “chegou”; e quando percebia que passava: “não foi”. Pediu-me para fazer uma visita a D. Raquel, o que fiz, vai-me podendo esta, porém, adoentada que estava, aparecer.

Já não funcionavam bem os centros nervosos e ela não encontrava, muitas vezes, as palavras com que se queria exprimir, preferindo já frases sem nexos. A carta que lhe dirigiu e pela qual você deve ter avaliado, nesse ponto, o seu estado, foi a última coisa que escreveu. Assim estive até os últimos momentos de lucidez, intermitente, caindo sempre, a olhos vistos, mas sempre também, até o fim, com a preocupação constante da mágoa e dos incômodos que aos seus causava o seu estado. Lembrou-se muito de alguns mortos e mais de uma vez disse a Augusta: “eu só estou vendo Ceci passando”; “Ceci está aqui atrás da cadeira”. Via também Dr. Virgílio, e, junto dele, um menino todo de branco. Ouvia sempre vozes de crianças, o que atribuímos à lembrança constante dos débeis a que tanto se dedicou. Na sexta-feira, 9, pela manhã, passou muito mal e despediu-se: “Tenho muitas saudades de todos, dos presentes e dos ausentes, mas eles têm meu coração”; “Irundi, eu lhe entrego Vina”.

Daí por diante falava muito, sem formar, porém, frases completas. Mas conseguia dizer ainda, à tarde, num dos últimos lampejos: “eu não vejo mais meu irmãozinho; mas não devo ter preferências, todos são tão cuidadosos comigo”. E, à noite: “coitado de João, como ele estará lá?” No sábado à noite estive agitadíssima e pediu, angustiada: “chamem o médico para assistir”; “ninguém

Raquel

refere-se a Raquel Valverde Martins, viúva de Joaquim Climério Dantas Bião, líder político em Alagoinhas.

Augusta

refere-se a Augusta Mangabeira Albernaz.

Pepe
refere-se a Maria Augusta
Mangabeira.

me assiste?"; "Pepe, me traga Jesus". Domingo amanheceu falando mais claro e disse, embora não se soubesse nem houvesse falado nisso: "Chiquito chega amanhã". Entre 10 e 11 horas pronunciou as últimas palavras, que ouvimos, chorando, enternecidos; devem ter sido arrancadas do fundo do coração, ao bruxulear das últimas luzes do espírito, inspiradas por um afeto inigualável: "Vina, Vina!" Não podiam ser mais próprias, mais justas, nem mais merecidas. Recebeu, ao meio dia, das mãos de Padre Pinheiro, jesuíta de Santo Antônio da Barra, a extrema-unção. A 1 hora da tarde teve início a agonia, dolorosa e prolongada, que assistimos, dia e noite, acobrunhados. Não mais se abriram os olhos até o último suspiro, que exalou – a vela na mão – às 07:30h da manhã de terça-feira, 13 de janeiro. Quarenta e duas horas e meia de agonia, maior para nós do que para ela, cujo estado era já de absoluta inconsciência, agravada pelo horror a um desenlace em altas horas do dia – o que só permitiria o sepultamento no dia imediato – pois sentiam-se já, pela respiração, estertorosa e impressionante, os primeiros sinais de uma decomposição visceral que se começa a processar. Apiedou-se Deus, enfim, dela e de nós e às 4 horas da tarde saía, pela última vez, o corpo que abrigou toda a alegria – para sempre morta – desta casa.

Descemos o corpo, para a sala de visitas, eu, Chiquito, Euvaldo e Gondim – amigo de João, que muito nos ajudou.

Tudo foi feito na mais completa ordem, guardada sempre a compostura que nos é peculiar. Não quis Vina um enterro de luxo; não podia ser, porém, sem luxo, mais decente. Nada faltou e não será necessário dizer que Euvaldo, Dr. Arquimedes, Dr. Lago e Biãozinho muito fizeram e tudo ofereceram. Este último, como médico e amigo, foi de uma dedicação insuperável. Seguravamos as alças do caixão, ao sair o enterro, eu e Chiquito, à cabeça, Euvaldo e Dr. Bahia, ao centro, e Dr. Lago e Simões, aos pés. Este fez também os maiores oferecimentos, interessou-se sempre e prestou-se no que foi necessário. Dr. Arquimedes, doente e de cama, levantou-se para ir ao enterro e – sob protestos meus a que não quis atender – fez questão de ajudar a carregar o corpo da amiga querida e de prestar-se este último serviço. A sepultura – uma campa rasa, nº 893, no quadro 11 – dista poucos metros da de Mamãe.

Arquimedes
refere-se a Arquimedes
Gonçalves, foi diretor da
Escola Politécnica da Bahia
(1922-1934).

Lago
refere-se a Pedro Francisco
Rodrigues do Lago, durante
o Estado Novo exerceu a
advocacia na Bahia. Em 1941,
transferiu-se para o Rio de
Janeiro.

Biãozinho
refere-se a João Bião de
Cerqueira, médico.

Bahia
refere-se a Eutíquio da Paz
Bahia, médico e político.

Não foi possível, como queria Vina, conseguir-se um carneiro próximo ao de Vovô. O enterro não podia ser mais concorrido, pois os convites só puderam sair nos vespertinos, às 3 horas da tarde. Não houve remédio senão fazer uma comunicação pelo rádio, comunicação de que se encarregou Simões e que, soube, foi feita, desde cedo, inúmeras vezes. Foi extraordinário o número de côroas e palmas e a quantidade de flores. Muita gente chorou, inclusive alguns homens – os que tiveram a dita de conhecê-la melhor. Causou-nos, a todos, profunda comoção a entrada, em forma, dos meninos da Escola Santo Antônio – dos quais diversos soluçavam – no seu uniforme branco com um sinal de luto na blusa. E aqui vamos curtindo a nossa tristeza à espera do João, Carlos, Aidê e Otavinho que, devendo chegar a 19, assistirá a missa que, por sua causa, foi transferida para o dia 20. Paulo, avisado da agonia, pretendeu vir de avião, mas não pôde conseguir lugar.

Cercamos Vina, a nossa boa, querida e desolada Vina, de tudo que pudesse dar de carinho os nossos corações. Para isso seria inútil a recomendação da nossa Maria, não fosse o grande bem que ela me fez ainda: elevou-me à altura que eu nunca esperei alcançar. Deus lhe pague e dê par: sua alma.

Todas as despesas do enterro, pede-me Vina para dizer-lhe, serão igualmente divididas entre você e João.

Adeus.

Muitas saudades e abraços para você, Ester e Édila de todos, e de

Glorinha e Irundi.

Carlos

refere-se a Carlos Mangabeira, irmão de Otávio Mangabeira.

Aidê

refere-se a Aidê Mangabeira, esposa de Carlos.

Otavinho

refere-se a Otávio Mangabeira Filho.

Paulo

refere-se a Paulo Mangabeira Albernaz, filho de Cecília Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CP 47/1093

RIO DE JANEIRO, 20 DE JANEIRO DE 1942

Otávio

Cá venho de novo abraçá-lo tristemente pela morte de Maria.

Além dos dissabores políticos o destino lhe tem reservado, para esta época de exílio, golpes em seu coração de irmão, que eu sei como é delicado e sensível.

Não tento consolá-lo, peço porém de acreditar que o acompanhamento no seu grande pesar. Transmita iguais sentimentos a Ester e Édila.

O novo ano, que tão mal lhe entrou por casa, seja portador, daqui por diante, de totais compensações – são meus sinceros desejos.

Cá vamos na forma de costume, conturbados com o que se passa pelo mundo e com as repercussões que fatalmente advirão ao nosso país. A conferência dos chanceleres americanos nos parece encaminhar-se ao rompimento de relações com o eixo – caminho da guerra.

Afastem-se de nós as grandes brutalidades e destruições que estão descivilizando o mundo!

Estou às vésperas de partir para a Bahia, onde estarei até fins de Março. Durante estes dois meses dê para lá suas ordens.

Ponho hoje no correio comum dois trabalhos históricos, ou antes – de paciência. O único mérito deles é de se ocuparem de nossa querida Bahia. Endereço a você outros exemplares que destino ao D. Washington e ao D. Hélio Lobo. Conto que você me fará o favor de a eles encaminhar estas lembranças.

Adeus, Otávio. Aqui fica como sempre, o

José Pinho.

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira, que faleceu em 13 de janeiro de 1942.

Washington

refere-se a Washington Luís Pereira de Sousa, advogado e político, ex-presidente da República (1926-1930).

Hélio Lobo

diplomata e jornalista.

José Pinho

José Wanderley de Araújo Pinho, advogado, historiador e político.

RIO DE JANEIRO, 24 DE JANEIRO DE 1942

Meu caro amigo,

Envio-lhe nesta as minhas condolências pelo falecimento de sua inditosa irmã, ocorrido há pouco na Bahia. Faço ideia quanto não terá sofrido com esse fato, principalmente por estar ausente da sua terra e do nosso país, quando ele verificou-se.

Não lhe tenho escrito quase propositalmente. Não sei se mais felizes são os que aqui permanecem, assistindo, dia a dia, ao desmoronamento da pátria, ou se os que se acham ausentes, em relativa ignorância das nossas misérias, morais e cívicas. Deve o Brasil, para sofrer tantos males, estar purgando grandes pecados. À falta de boas notícias a dar, tenho preferido deixar de escrever. Há, no país, uma prostração geral. O caráter diluiu-se, a corrupção alastrou-se e a covardia domina. Todos são contrários à situação, mas ninguém pensa em reagir. Um ou outro ainda recalcitra, esforça-se pelo levantamento do espírito cívico e procura coordenar elementos para a reação, porém esbarra com a indiferença, o cálculo, a cobiça ou a submissão passiva de quem tinha razão para opor-se, e devia opor-se a tudo isto. Se Jugurta ressuscitasse e aqui viesse, repetiria, provavelmente, a famosa apóstrofe com que, certa vez, mortificou Roma, chamando-a de “cidade venal, a quem faltava um comprador”. O trabalho de conquista dos adversários continua com a intensidade, e multiforme. Poucos resistem. E se maior não tem sido o número de adesistas, é porque os mais resistentes fazem certo trabalho em sentido contrário, reanimando companheiros. Uma lástima! Contudo, vai sendo alimentado o fogo sagrado. Um remanescente de brasileiros, com a cabeça em seu lugar e a alma inflamada de civismo, não cede às seduções do poder e não se conforma com o regime de opressão e desonestidades. A renovação do esforço para captar adversários dá-me impressão de que se procura preparar terreno para o plebiscito, mas plebiscito tranquilo, sem lutas eleitorais, do qual decorreriam

Arthur Bernardes
Artur da Silva Bernardes,
advogado e político.

duas coisas importantíssimas: a continuação do que existe e a aprovação dos atos com que até aqui se tem edificado o país. É o panorama, no momento.

Abraços de

Artur Bernardes

BR BACMB OM TXT CA 18.3/2015

NOVA IORQUE, 5 DE FEVEREIRO, 1942

Caro Senhor:

Sou um cidadão brasileiro. Eu estou nos Estados Unidos desde 12 de Novembro de 1940. Meu passaporte (não diplomático) é válido até 26 de Julho de 1942. A minha permissão para ficar nos Estados Unidos foi estendida até 12 de Maio de 1942. Minha esposa e minha filha estão nas mesmas condições.

Nós temos que ir para o Canadá por poucos dias, três ou quatro. Eu gostaria de saber se nós podemos fazer isso sem nenhuma formalidade, ou se é necessário um visto especial.

Eu te agradeço muito pela sua resposta.

Muito sinceramente,

Otávio Mangabeira

Ex-Ministro das Relações Exteriores do Brasil

Hotel Weylin, 40 Leste 54ª Rua.
Cidade de Nova Iorque

NOVA IORQUE, 7 DE FEVEREIRO DE 1942

Legação Canadense
Washington

Caro Senhor,

Eu reconheço a sua recente carta. A entrada no Canadá é concedida mediante o comparecimento perante o oficial de imigração do Canadá na fronteira. Visitantes a lazer ou a negócios só têm que comprovar ao oficial canadense que são visitantes de boa fé e que têm os meios e o poder para voltar para os Estados Unidos no final da sua visita.

A partir das declarações na sua carta, constato que será necessário para você obter um novo visto do Cônsul dos Estados Unidos no Canadá, antes de lhe ser capaz de retornar aos Estados Unidos no final da sua visita, desde extensões de lapso de permanência automaticamente após a sua saída dos Estados Unidos. É, portanto, aconselhável, que antes de prosseguir para o Canadá, você deve ter comunicado com o Cônsul dos Estados Unidos, no Canadá, com vista a obter esse novo visto para o seu retorno. Caso contrário, é bem possível que você enfrente um atraso.

Pode ser, entretanto, que você deseje requerer no Consulado dos Estados Unidos um visto de imigração permanente. Nesse caso, é um acordo entre o Serviço de Imigração canadense e norte americano pelo qual todos os acordos podem ser feitos com antecedência de seu requerimento no Consulado. O procedimento contemplado pelo arranjo é chamado de pré-exame. O pré-exame é concedido ao Serviço de Emigração dos Estados Unidos. O escritório mais próximo está na Ilha Ellis. Se seu objetivo é o requerimento de tal visto de imigração, eu recomendo vivamente para você se comunicar com o escritório de Serviço de Imigração em Ilha Ellis.

Sinceramente seu,

J. A. Chapdelaine,
Secretário
Legação Canadense - Washington

NOVA IORQUE, 19 DE FEVEREIRO DE 1942

Aloísio

refere-se a Aloísio Lopes de Carvalho Filho, advogado, jornalista e político.

pai

refere-se a Aloísio Lopes de Carvalho, faleceu em 2 fevereiro de 1942.

irmã

refere-se a Maria da Glória Mangabeira.

Aloísio:

A tantas afinidades que nos ligam, reúne-se, neste momento, a de andarmos, os dois, com lágrimas nos olhos, pela perda, você, de seu pai, eu, de uma irmã queridíssima.

Não me impede o meu pesar de participar do seu, pelo que lhe toca pessoalmente, mas sobretudo porque a seu pai me prendiam dois grandes sentimentos de amizade: a que lhe tinha, como bons amigos, que fomos, e durante tantos anos; e a que lhe teria, de qualquer modo, como baiano, estimando nele um dos homens que mais exprimiam a nossa terra. Tive aliás ocasião de dizê-lo, em linhas que, a ele mesmo, não há muito ainda, escrevi. O panorama local da Bahia perde, com a sua morte, alguma coisa, que já lhe era característica. Não só os círculos intelectuais, mas em geral os baianos, têm, para com ele, uma dívida, que oxalá saibam pagar-lhe em preitos à memória.

Como são pungentes as saudades, que nos deixam, ao morrer, as pessoas, que nos tinham no coração, e a quem tínhamos no nosso! Há que transferi-las ao domínio das grandes forças espirituais, das quais também se vive, ou sem as que não se vive...

Os meus me acompanham, nestas afetuosas expressões.

Um grande, sincero e sentidíssimo abraço

do

Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CA 07/1707

NOVA IORQUE, 19 DE FEVEREIRO DE 1942

Prezada d. Elisa:

Não lhe preciso dizer quanto é sincera, profundamente sincera, a parte que tomo no seu pesar.

Habituei-me, desde longos anos, a querer bem ao Aloísio. Assim, quando considero que nunca mais o verei, sinto uma grande mágoa.

Por ele, já tenho feito as minhas preces.

Transmita a seus filhos os nossos sentimentos – meus e dos meus – e creiam, todos, na minha amizade.

Particularmente à senhora, a quem tanto devo em bondades, um carinhoso e comovido abraço

do

Otávio Mangabeira

Elisa

refere-se a Elisa Kock de Carvalho, mãe de Aloísio Lopes de Carvalho Filho.

Aloísio

refere-se a Aloísio Lopes Pereira de Carvalho, jornalista e poeta.

NOVA IORQUE, 21 DE FEVEREIRO DE 1942

Euvaldo:

Não temos, já há muito, carta sua. Também não temos escrito nestes últimos dias. Informados, por carta de Edite, de que Geovaldo adoecera no Rio, já se achando, porém, melhor, e estando ali, no momento (o que foi muito oportuno) Maria Helena e Ival, calculamos quanto você teria desejado ir até lá por uns dias. Chegamos até a supor que acabaria indo. A coisa é que, além do mais, teria dificuldades em encontrar transporte. Como quer que seja, o que é certo é que, sabendo-os preocupados, estivemos em consequência, com o pensamento aí, não preciso dizer com que votos pela tranquilidade de todos.

Nós, aqui, sem novidade. Otavinho, muito bem. O lugar onde está é excelente, inclusive quanto a clima, para os friorentos como ele. Bem quisera eu ir para lá. Mas receio dar passo em falso, no que diz respeito a finanças. Aliás, a vida é mais barata. Resta, entretanto, saber se poderia manter fontes de receita. Na dúvida, vou ficando. Ele é que está folgadíssimo, em assunto de recursos.

Há dias o homem do Commowalth Fund – a instituição que dá a bolsa – telefonou-me dizendo que tinha uma carta para me mostrar. Era uma carta do professor de Entomologia da Universidade (prof. Herms) agradecendo à dita instituição por ter-lhe mandado um elemento daquela qualidade, e contando que, no dia da chegada, tendo ele, Herms, recebido um grupo de oficiais médicos, do Exército e da Marinha, aos quais devia fazer uma preleção, pediu ao recém vindo que a fizesse, e este, apesar das dificuldades no inglês, atraiu a atenção de todos com a exposição, completa e positiva, da doença de Chagas, assunto que os circunstantes desconheciam totalmente. E fazia outras referências do mesmo teor. Os Estados Unidos são uma terra de especializações e especialistas. Acredito, por isto, que Otavinho está aqui no seu lugar, e vai ter os melhores resultados. Assim Deus o ajude.

Geovaldo

refere-se a Geovaldo Soares Pinho, filho de Euvaldo Pinho.

Maria Helena

Maria Helena Pinho Gama, filha de Euvaldo Soares Pinho com Georgina Diniz.

Ival

refere-se a Ival Távora Gama, médico, casado com Maria Helena.

Continuo interessado em saber se a carta em que foram os pêsames para Georgina, e a do Álvaro Costa Nunes, chegaram afinal a seu destino. Tenho notado também falta de referência de sua parte a outra que foi acompanhada de várias, especialmente uma para o padre F. Curvelo, com agradecimentos de aniversário. Será que também se perdeu? Iam, lembro-me, bilhetes, para Biãozinho e Renato, Gilberto Valente, etc.

Diga ao Aloísio que ando com a impressão de que era o velho – tão presente na nossa saudade - quem me fazia lembrado...

Acabamos de perder um grande companheiro, o Sampaio Correia, um dos melhores homens do Brasil. Os ventos insistem – há de haver alguma razão – em soprar contra os bons. Tanta gente ruim, a florescer.

Quatro anos se completaram, a 29 de outubro, que embarcamos na Bahia, no General San Martin! Quando voltaremos à cara terra?

Abraços e saudades, para todos, de O.M.

P.S. Acabo de receber a sua carta de 12. Fico de tudo ciente. Lamento que se tenha perdido a carta com os pêsames para Georgina. Ela bem sabe que não nos esqueceríamos de mandá-los, e como somos sensíveis a tudo o que lhe aconteça, de alegria ou de tristeza, no caso, infelizmente, de tristeza. Estimei tivesse dado o recado ao Costa Nunes. Escusado dizer que, havendo meio, não me esquecerei de Dinorá. Tudo é questão de oportunidade. Reconheço, aliás, que há, no caso, um perigo. Ela me entende... Geovaldo, felizmente, já está bom. Estimaremos a vinda de Maria Helena à Bahia, pelo grande prazer que terão, ela e vocês.

TRECHO MANUSCRITO:

Para ela, um grande abraço, que, aliás, já mandei para o Rio.

Georgina

refere-se a Georgina Diniz, esposa de Euvaldo Pinho.

Biãozinho e Renato

refere-se aos irmãos João e Renato Bião de Cerqueira.

Gilberto Valente

Gilberto Valente, advogado e político.

velho

refere-se a Aloísio de Carvalho, jornalista, conhecido pelo pseudônimo de Lulu Parola.

Sampaio Correia:

José Matoso de Sampaio Correia, professor, engenheiro, jornalista, empresário e político.

Dinorá

refere-se a Dinorá Diniz Pinho, filho de Euvaldo e Georgina.

Prado Kelly
José Eduardo do Prado Kelly,
poeta, advogado, jornalista e
político.

BR BACMB OM TXT CA 09/1744

NOVA IORQUE, 9 DE MARÇO DE 1942

Meu caro Prado Kelly:

A conferência, de que me enviou um exemplar, em páginas datilografadas, e que li detidamente, é uma peça que lhe faz honra, por todos os motivos. Se se me oferecer ocasião, fá-la-ei conhecida aqui, vertida para o inglês, no todo, ou em parte. Agradeço-lhe a remessa do texto da conferência; mas o que lhe agradeço, mais ainda, é havê-la escrito e pronunciado...

O nosso amigo, portador desta, com quem tive o imenso prazer de conversar várias vezes – é um desses homens que nos fazem ver que nem tudo no Brasil está perdido – lhe transmitirá, da minha parte, não só lembranças e abraços, mas algumas impressões, de que espero dê ciência àqueles entre os nossos companheiros que as devam conhecer.

Mande, sempre que puder, suas notícias do

Otávio Mangabeira

BR BACMB OM TXT CP 10/1555

MONTREAL, CANADÁ, 20 DE MARÇO DE 1942

Consulado Geral Americano
Montreal, Canadá, 20 de Março, 1942

Sr. Otávio Mangabeira,
Hotel Weylin,
40 Leste 54ª Rua,
Cidade de Nova Iorque.

Senhor:

Referência à sua carta datada de 12 de Março, 1942

Requerente de visto de imigração: o senhor, sua mulher e filha.

Classificação: Nonquota 4 (c)

Os documentos apresentados em anexo com o pedido de visto de imigração acima citados foram examinados e considerados satisfatórios com as seguintes exceções que o requerente deve ter em sua posse quando aparecer aqui para preencher o requerimento formal para o visto:

1. Passaporte válido para viajar para os Estados Unidos.
2. Certificado policial de boa conduta, duplicado, das autoridades dos Estados Unidos.
3. Evidências atuais de rendas ou recursos.

O requerente pode ligar qualquer dia da semana pela manhã às nove, exceto sábados e feriados oficiais. Após a aparição pessoal e o estabelecimento definitivo da admissibilidade para os Estados Unidos, não deve experimentar nenhum atraso na obtenção do visto já que o número *no quota* é requerido nesse caso.

Antes de vir para Montreal o requerente deve consultar com

as autoridades da imigração dos Estados Unidos na Ilha Ellis, Nova Iorque, para verificar se a entrada no Canadá pode ser facilitada. Esta carta deve ser mantida para apresentação aos oficiais da imigração Canadense e Americana.

Os documentos apresentados, salvo qualquer dos citados acima como sendo devolvidos para correção ou adição, serão retidos aqui como garantia para a aparição pessoal do requerente.

Respeitosamente,

Homer M. Byington,
Cônsul Geral Americano

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2563

NOVA IORQUE, 21 DE MARÇO DE 1942

Euvaldo:

Não tenho escrito nestes últimos dias. A minha última carta, suponho, é a que seguiu com as dos agradecimentos de pêsames. Recebi, há dias, a sua, de 5, e anteontem, 19, a de 12. Só houve uma, das suas, extraviada, conforme, em tempo, lhe disse.

Ciente da solução, quanto ao Instituto de Previdência. Foi bom. Remeterei, nestes próximos dias, a procuração. É pena que seja exigido o documento, passado no consulado, pois custa o selo de oito dólares. Tenho vivido de tal maneira ocupado, que venho adiando, aliás, impropriamente, essa providência urgente; mas acabo de remeter o texto, para ser registrado no livro, de onde, depois de por mim assinado, se extrairá a pública forma.

Quanto ao caso dos demonstrativos, não veio só o de 1941, mas também o de 1940; e deste de fato não consta o a que me referi. Que entrou, o sabem os acionistas, e que está certo, também. Registraram apenas para seu governo.

Aprovo as providências que tem dado sobre a sepultura de Maria. Ou antes, agradeço. Fiz tão pouco por ela em vida, que pedi a João deixasse de todo meu cargo o que diga respeito a seu túmulo. Quanto às mesadas, desde mais de trinta anos, vinha dando a minhas irmãs quinhentos mil réis por mês, e extraordinários em dias próprios, ou em circunstâncias extraordinárias, como as que ocorreram ultimamente, e, até certo ponto, ainda ocorrem, de referência a Vina, que é a que resta. Fez bem, portanto, você, em ter dado a ordem que deu à casa Magalhães, para o Rio, e vá procedendo assim, até novas instruções. Não cesso de dar graças a Deus por me ter sempre ajudado a, ainda nas horas mais críticas, não me faltarem os recursos para as minhas despesas indispensáveis, e para outras que teria grande tristeza, se as não pudesse fazer. Comigo, pessoalmente, é que cada vez gasto menos, reduzido a quase zero o extraordinário, ou o supérfluo.

Instituto de Previdência

Euvaldo Pinho afirma em carta a Otávio Mangabeira de 05/03/1942:

“Afinal o Instituto de Previdência resolveu o seu caso. Concedeu seja feito o pecúlio obrigatório de 25:000\$000. A inscrição tem o nº 127.312. Plano de vida, 20 anos. Idade 50 anos. Contribuição mensal 82\$400. Início, Janeiro/1937. Término, dezembro de 1956. As contribuições, inclusive as atrasadas, serão descontadas em folha na Delegacia Fiscal. Os atrasados importam em 5:108\$800. Durante 36 meses, a contar de Março corrente serão descontados mensalmente, da pensão, 224\$300. Depois o desconto passará a 82\$400”.

João

refere-se a João Mangabeira a quem coube assumir metade das despesas do sepultamento de Maria.

Casa Magalhães

Importante casa comercial que atuou na primeira República na exportação e importação de “secos e molhados”, posteriormente tornou-se holding. Através da Magalhães Otávio Mangabeira repassava uma espécie de mesada às irmãs.

Galo
refere-se a Venceslau Galo,
advogado, jornalista e político;
faleceu em 23/03/1941

Lulu Parola
pseudônimo com que Aloísio
Lopes Pereira de Carvalho,
pai de Aloísio Filho, assinava
os artigos que publicava.

Nestor
refere-se a Nestor Duarte
Guimarães, advogado,
professor e político.

Se você resolveu não agradecer ao amigo que lhe faltou, muito menos o farei eu. Conheço muito esse método de aproveitar um momento, e procurar saldar dívidas, à custa de uma suposta solidariedade na tristeza...

Quanto à carta ao Aloísio, pode dizer-lhe que só lamento não me ter expandido mais, o que certamente faria, se previsse a publicação, que não podia prever, uma vez que não foi permitida a das palavras que escrevi a “A Tarde”, por ocasião da morte do Galo. Penso, de fato, que Lulu Parola tem direito, na Bahia, a uma comemoração especial, uma herma, por exemplo, em um dos nossos jardins. Cumpria a “A Tarde”, ou à Academia de Letras, tomar a iniciativa, que só não tomo, para não por a perder, com a minha autoria, a ideia...

Aí vão os pêsames que me sugeriu enviasse. Não o fiz antes por me parecer que, na posição em que estou, não me compete me andar manifestando a quem, reciprocamente, não se manifesta para comigo; embora tome parte nos pesares, como no caso acontece. Já não estarão fora de tempo?

Já acusei, em carta anterior, o recebimento da última remessa.

Soube, há dias, por dois agrônomos que me visitaram, que Nuno Tavares aqui se acha, há meses; não, porém, em Nova Iorque. Não o vi. Quanto ao Pinto, parece que ficou pelo caminho. Em todo o caso, não chegou ainda.

Voltei a ter do Rio algumas notícias.

Diga a Nestor que ando estranhando o silêncio, tão absoluto. Só reclamo porque o tenho, mau grado o energumenismo, em lugar, muito especial, da minha estima e apreço. E é a coisa que não costume baratear...

Há de ser, é claro, difícil, a venda da casa da Barra.

Será pena que se perca o montepio de Maria. Nem sabia que existia. Depois, tendo sempre a ideia de que ela sobreviveria a todos, nunca pensei em nada que se referisse à sua morte; e ainda me parece um pesadelo o que lhe aconteceu, e que a tenhamos perdido.

Vamos os três, aqui, sem novidade. Saudade, para todos,

de
O.M.

Georgina: um grande abraço pelo aniversário, com todos os votos de felicidades, que aqui lhe envia, de coração

Mangabeira

BAHIA, 2 DE JUNHO DE 1942

Meu caro Dr. Otávio Mangabeira,

Não sei dizer porque nunca lhe escrevi. Sei sim, que há amigos aos quais escrevo e amigos aos quais não escrevo, sem que isso importe uma escolha de preferência da amizade.

Pelo contrário, pode ser que as cartas seriam antes como certos pagamentos parciais que nos vão deixando mais ou menos quites dos deveres do coração, enquanto para outros guardamos, por isso mesmo, uma amizade mais *cara* que se não paga jamais.

Eu fico satisfeito – o que é uma desculpa para mim mesmo – incluindo-o entre essas amizades mais caras ao meu afeto e ao meu respeito, mas, por tudo, não vá concluir daí que esta carta já é um meio de fazer aqueles pequenos pagamentos parciais. Quero todas as exceções para o caso do meu amigo, mas se ainda assim achar que não me justifico nem ora mais razoável e convincente, aceite a primeira defesa que é a mais simplista e expressiva – não sei porque nunca lhe escrevi.

A certeza de sua presença em minha vida pública e se o sistema de crença pelo qual nos batemos, cabendo-lhe sempre o drama mais duro e mais nobre, dá-me tal sensação de proximidade que me vejo a segui-lo onde quer que esteja. Se sentir, acaso, que estas palavras são solenes demais para uma carta jovial como esta deve ser, reflita por favor que é a primeira carta que lhe faço na conjuntura que todos sabemos e após um longo tempo, tão cheio de acontecimentos capitais, que torna mais grave as primeiras palavras que lhe mando.

Com elas, porém, pretendo apenas maquiagem uma correspondência com a alegria que me causou o recado enviado por intermédio do nosso querido Euvaldo, ao qual acudo com a satisfação que não preciso mais repita.

**sua presença em
minha vida pública**

Nestor Duarte ingressou na Liga de Ação Social e Política (LASP) em 1932, partido político de oposição ao governo de Juraci Magalhães, criado por Otávio Mangabeira, candidatando-se à Assembleia Estadual Constituinte na chapa “governador Otávio Mangabeira”, em 1934.

Sinto que estamos perto de melhores dias e que aquele deserto que se vem atravessando “sem água, sem milho e sem estômago de camelo” está ficando atrás de um caminho que se vai tornando mais claro e mais amplo e que se pode ver e preparar daí, dessa grande nação americana, onde o exílio, apesar de exílio, é um conforto moral e uma fonte de renascimento e esperanças.

Fico daqui a esperar a confirmação disso e, sobretudo, a aguardar sua palavra sempre muito amiga para mim.

Com minhas recomendações a D. Ester e a mademoiselle

sou cordialmente

Nestor Duarte

Nestor Duarte

Nestor Duarte Guimarães,
advogado e político baiano.

NOVA IORQUE, 6 DE JUNHO DE 1942

Euv

refere-se a Euvaldo Soares de Pinho, irmão de Ester e cunhado de Otávio Mangabeira.

L. V.

refere-se a Luís Viana Filho, advogado, jornalista, professor e político.

Ot.

refere-se a Otávio Mangabeira Filho, quando foi para os EUA, para estudar.

A. Coutinho

Afrânio dos Santos Coutinho, graduado em medicina, jornalista, professor de literatura, crítico literário e ensaísta. Em 1942 foi para os EUA, convidado para exercer o cargo de redator-secretário da revista *Seleções do Reader's Digest*, em Nova York, permanecendo no posto por cinco anos.

Augusta

refere-se a Augusta Mangabeira Albernaz, filha de Cecília Mangabeira e José Garcia Albernaz.

Euv:

Parece que as suas cartas andam agora menos frequentes. Talvez as nossas, também. Compreende-se. Não há muito o que dizer. Depois, não se sabe quando as cartas chegam. Estranhei, por exemplo, me dissesse você que o L. V. esperava carta minha, quando havia já semanas a ele escrevera por seu intermédio.

Tivemos do Rio a agradável notícia (coisa rara!) de estar assentada a vinda de Ot. no fim deste mês, ou em princípios do próximo. Reservo-me para crer quando o vir chegar aqui.

Imagine que, do Rio, se fez saber à casa “Seleções”, onde o A. Coutinho trabalha, não ser tolerada a participação, na mesma, da pessoa que o indicou. Não parece incrível? Além do mais, inépcia. Quanta razão tinha eu no que disse na carta ao L. V...

Vamos indo, os três, sem novidade. Abraços e saudades, para todos, de

Otávio Mangabeira

P.S. Caso já tenha mandado para o Rio o conto de réis a que se referiu em carta anterior, dê ordem à casa Magalhães para entregar, cada princípio do mês, 750 mil réis, a Augusta. É quanto pagam pelo apartamento. Assim o assunto da mesada ficará posto em ordem. A partir de 1º de julho, inclusive.

TRECHO MANUSCRITO:

Já dei aviso, hoje, a Vina.

BR BACMB OM TXT CP 61/1465

NOVA IORQUE, 25 DE JUNHO DE 1942

[EX-E]
DEPARTAMENTO DE JUSTIÇA DOS ESTADOS UNIDOS
Serviço de Imigração e Naturalização
Ilha Ellis, Enseada de Nova Iorque, N. I.]

Em resposta por favor referir
a esse número de arquivo 99561/55
25 de Junho, 1942

Sr. Otávio Mangabeira
40 Leste 54^a Rua
Nova Iorque, N. I.

Caro Senhor:

Tenho o prazer de informá-lo que o Departamento de Justiça autorizou uma extensão de sua admissão temporária nos Estados Unidos até 31 de Dezembro de 1942. Isso também se aplica a sua esposa e filha.

Para sua própria proteção, por favor me avise com cinco dias de antecedência qual o porto através do qual você irá partir, a data, e o meio de transporte.

ESSA CARTA DEVE SER MANTIDA COM SEU PASSAPORTE.

Atenciosamente

Byron H. Uhl
Diretor Distrital

Distrito de Nova Iorque

16 de Junho de 1942

Em maio de 1942, Otávio Mangabeira solicita a extensão de seu visto temporário nos EUA, e de sua família, que lhe é negado, estabelecendo 15 de julho de 1942 como data limite para deixar o país.

CER

P.S. A ordem prévia de 16 de Junho de 1942, negando sua extensão de permanência, foi rescindida.

BR BACMB OM TXT CF 17/2805

NOVA IORQUE, 4 DE JULHO DE 1942

Maria Helena:

Li um bilhete seu em que diz ter a impressão de que já a teremos esquecido, e isso lhe causa pena. Fique tranquila, quanto ao que me toca, embora você, no caso, não tenha muito a lucrar. Sou muito fiel às minhas amizadas. Mantenho-as a vida inteira, e aqueles a quem quis bem, e desaparecem da vida, continuam no meu coração, onde se custa a entrar, mas ainda mais a sair.

Reparta, com o Ival e o Maurício, o abraço que aqui lhe manda, com o mesmo carinho de sempre o

Mangabeira

BR BACMB OM TXT CP 24/471

RIO DE JANEIRO, 16 DE JULHO DE 1942

Prezado amigo,

Confirmando a minha carta de 8 de junho. Ainda não recebi as 100 toneladas de papel a que me referi nem as 50 posteriores embarcadas. Como nenhuma notícia desagradável tenha aparecido, admito que não tardarão a chegar. Ficará assegurado o nosso consumo até 15 de Setembro. As remessas levam mais de 30 dias em viagem, de modo que estaremos perdidos se novas partidas não saírem daí até 5 a 10 de agosto. Peço-lhe que me transmita em night letter a impressão que tiver quando esta lhe chegar às mãos. Ao que me informam, todo o papel chegado ao Rio em junho foi uma partida de 200 toneladas! Vários jornais já estão usando papel nacional, a 4\$000 o quilo e de péssima qualidade. A diferença de preço é de 2\$300 em quilo. Se tivéssemos de usá-lo, mantendo a mesma tiragem, iríamos gastar a mais, mensalmente, 270 contos! Caso de falência... Eu preferiria suspender a publicação. "O Jornal", "Diário da Noite", "Vanguarda", "Correio da Noite" e "Radical" estão quase ilegíveis...

Desculpe a amolação. O senhor há de compreender a minha ansiedade por notícias.

Tenho conversado com D. Edite e sei que todos vão bem.

Recomendações às Das. Ester e Édila. Um grande abraço do amigo certo,

Orlando Dantas

P.S./ Recebi e agradeço a sua carta de 29/05

Tem recebido o "Diário"?

carta de 8 de junho

O.
Dantas pede a O. Mangabeira que "não perca de vista o Steele e outros elementos junto aos quais possa agir em favor do 'Diário'" e que as 100 toneladas de papel "não darão para o consumo de um mês". Ele diz: "Todavia, se aqui chegarem, farei o necessário "acionamento" para garantir o consumo de Agosto". Por fim, informa que tiveram que "suspender a publicação dos artigos da Édila, por causa do sobrenome", sugerindo "que ela passasse a escrever com pseudônimo".

"O Jornal",
"Diário da Noite"
"Vanguarda",
"Correio da Noite" e
"Radical"
jornais cariocas,
situacionistas, por opção ou
imposição.

Orlando Dantas:
proprietário do jornal carioca
Diário de Notícias.

BR BACMB OM TXT CP 58.2/1388

RIO DE JANEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1942

Otávio,

Nunca foram tão escassas as suas notícias. Posso dizer que há mais de seis meses não tenho uma palavra sua. Edite, porém, não esquece, uma vez por outra, de me dizer que as recebeu.

Tenho duas cartas sem resposta, neste ano. Não é cobrança de credor exigente, mas simples alegação de quem terá sempre prazer em saber da sua vida americana. Recebo agora, o seu telegrama, a propósito da feliz declaração sua e do Armando de Sales.

A sua divulgação foi, de primeira mão, feita pelos “Diários” de Chateaubriand, que não tenho por hábito ler. Aliás, é minha prece de referência a todos os jornais que se vendem menos do que os donos...

No mesmo dia, Edite me alertava. Disse-me que, havendo lhe telefonado, você lhe dissera ter sido uma declaração feita a “Associated Press” para toda a imprensa da América do Sul. Assim, considerei que poderia o “A Tarde” também divulgá-la, o que fez no dia imediato. Ao mesmo tempo, publicou uma “varia” declarando – devidamente autorizada – não ter fundamento a local “do Diário da Bahia” de referência a atitude sua e do Washington. A propósito deste nome prezado amigo: a opinião em geral tem ansiedade por uma declaração dele, neste momento. Acho que ele faria bem em dizer alguma coisa em atenção à aludida opinião, que o cerca, cada dia que se avolumam os erros da triste situação que vivemos, de maior admiração.

Isto aqui, só não está na forma do costume, porque o carnaval, que termina em fevereiro, reapareceu desde que o Brasil declarou guerra. As ruas vivem transbordando de desfiles, paradas e “flambeaux”, tudo em exaltação do ditador, cujo primeiro ato foi revogar os artigos da constituição dele, que prescreviam o célebre plebiscito e o limite do mandato. Enquanto a folia se espria, do Amazonas

declaração

trata-se do “declaração ou manifesto” que Otávio Mangabeira e Armando Sales divulgaram contrários ao fascismo e ao nazismo e em favor das “democracias”.

Diários

trata-se da cadeia rádio-jornalística de Assis Chateaubriand, que seria conhecida como Diários Associados.

Chateaubriand

refere-se a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, jornalista, empresário e político. Graças ao apoio de Vargas, tornou-se um dos homens mais influentes do Brasil.

do Diário da Bahia

refere-se ao fato de o D. B. ter publicado a notícia de que Otávio Mangabeira e Washington Luis teriam supostamente escrito a Getúlio Vargas oferecendo seus serviços.

Washington

refere-se a Washington Luis, ex-presidente da República (1926-1930).

ao Chuí, os submarinos alemães passeiam, os holofotes pela nossa velha Bahia, e os tripulantes, em uma praia, desceram para tomar água de coco!

Aqui, quem ainda tem uma réstia de vergonha vive a morrer de tristeza... Posso escrever-lhe esta coisa porque confio esta – escrita a galope – a um amigo que me promete pô-la na mala aérea, ao chegar na Bahia. Chegará às suas mãos? Nossa lembrança, de todos da Urca, a D. Ester e Edite.

Abraços e saudades do

Simões

TEXTO MARGINAL:

Os Gaúchos já telegrafaram ao ditador assegurando-lhe apoio... em nome dos “[...] safados” da Pátria.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2566

NOVA IORQUE, 5 DE SETEMBRO DE 1942

Euv:

Sua última carta recebida é a datada de 19. Recebi seu telegrama, em resposta ao meu, como, aliás, terá visto pelo outro que lhe mandei, e certamente lhe chegou às mãos. De onde terá saído aquela história do Diário da Bahia? Foi notícia ou telegrama?

Vejo que o caso da aposentadoria foi abandonado no Rio, pois, nos termos em que ficara posto, não devia ter havido maior dificuldade. Agora não creio que o Tribunal altere. A solução será, ao que suponho, a de requerer o desconto. Noutro tempo, me teria aborrecido. Hoje, estou saturado. Podem bater à vontade.

Na sua carta de 19, fala você em um sinal de vida, que os amigos aqui julgavam oportuno, da minha parte. Em primeiro lugar, acredito que se terá sabido interpretar o meu longo silêncio: ele mesmo dizia alguma coisa. Depois, cheguei um pouco à conclusão, pode ser que errada, da absoluta insensibilidade, mais ou menos geral, no país, e não menos, senão mais até, na nossa terra. Não vi, direi eu, no organismo, sinal de vida, o mais remoto que fosse.

Ainda agora, o fato de A Tarde não ter publicado as nossas declarações, não lhe posso descrever a impressão que me causou, como sinal dos tempos. Porque isso revela a indiferença total, não só dos que lá trabalham, mas do meio, e até dos próprios amigos, ainda os melhores. Não me contive que não telegrafasse ao Simões, aliás, estranho ao caso, passando o meu recibo.

Junto lhe remeto duas cópias: das nossas declarações, no texto exato, que não sei se corresponde ao que aí se publicou; e de uma nota, escrita para o Rio, da qual se deduz por onde ando, ou o meu estado de espírito.

Abraços e saudades, para todos, de

O.M

Euv.

refere-se a Euvaldo Soares Pinho, cunhado de Otávio Mangabeira.

história do Diário da Bahia

refere-se a uma suposta publicação do Diário da Bahia em que Otávio Mangabeira e Washington Luis teriam escrito a Getúlio Vargas oferecendo seus serviços.

nossas declarações:

refere-se a manifesto de Otávio Mangabeira e Armando Sales contra o fascismo e o nazismo e em favor das democracias.

BR BACMB OM TXT CP 24/472

RIO DE JANEIRO, 05 DE SETEMBRO DE 1942

Prezado amigo,

Recebi, há dias, a sua carta de 08 de agosto. A anterior a que se refere, certamente foi extraviada.

Com o Lloyd Brasileiro, nada se pode obter aqui. Nunca tem uma coisa certa a dizer e a má vontade é evidente.

Sei que o embaixador Caffery obteve em Washington a garantia de que todo navio que daí sair trará um pouco de papel, sendo que em Agosto e Setembro seriam embarcadas 7.800 toneladas. Resta que o Steele se disponha a contemplar melhor o “Diário” na distribuição da praça que for obtendo. As 100 toneladas que devem ter sido embarcadas em Agosto e às quais o senhor se referiu no telegrama do dia 05 de agosto, são parte de um embarque de 1.000, do Steele, para diversos clientes, entre os quais, por exemplo, “Gazeta”, de São Paulo, com 150 toneladas.

Conviria o senhor lembrar ao Steele que ao fazer-lhe os meus pedidos de 30 de Dezembro de 1941 e 02 de Janeiro de 1942, no total de 750 toneladas, e por conta dos quais ainda não recebi um só quilo, abandonei os demais fornecedores, de modo que a circulação do “Diário” depende inteiramente do seu empenho em servir-nos.

Estava escrevendo esta carta quando recebi a sua night letter de ontem, em face da qual telegrafei ao Steele fazendo-lhe um caloroso apelo para que embarque em Setembro duzentas toneladas, ao invés das noventa anunciadas.

“Diário”

refere-se ao jornal carioca
Diário de Notícias,
pertencente a Orlando
Dantas.

Gazeta

refere-se ao diário
vespertino A Gazeta, de
São Paulo, fundado em 16
de maio de 1906, sob a
direção de Adolfo Araújo.

O Joshua B. Powers telegrafou ao seu escritório aqui perguntando quem era o meu fornecedor, a fim de fazer força... Acredito que ele já se pôs em contacto com Steele.

O Afonso Arinos de Melo Franco telegrafou ao irmão, ministro em Ottawa, pedindo-lhe o máximo interesse pelo “Diário”.

Li e fiz muita gente ler o que aqui saiu no “O Jornal”. Agradou a todos. Magistral.

TRECHO MANUSCRITO:

Recomende-me a D. Ester e Édila e receba, com os meus agradecimentos, um forte abraço do amigo certo.

Orlando Dantas.

Joshua B. Powers:

representante dos jornais La Prensa, de Buenos Aires e do Diário de Noticias, do Rio de Janeiro.

Afonso Arinos de Melo Franco

jurista, professor, historiador, jornalista e escritor.

irmão

refere-se a Caio de Melo Franco, que serviu como ministro plenipotenciário em Ottawa, Canadá, de agosto de 1942 até março de 1944.

BR BACMB OM TXT CA 06/1678

NOVA IORQUE, 20 DE SETEMBRO DE 1942

Prezado amigo Padre Francisco Curvelo:

Mais do que os votos que me dirigiu por motivo de meu aniversário, agradeço-lhe a missa que ainda uma vez celebrou àquela data, na intenção de quem tanto precisa da misericórdia divina, e não sei se mais ainda as preces que teve o extremo de bondade de ir rezar no mesmo dia junto ao túmulo de minhas irmãs recentemente desaparecidas, e tão vivas na minha saudade.

Por tudo, Deus lhe pague.

Aproveito a ocasião para dizer-lhe que, há tempo, tendo vindo por acaso a minhas mãos um número da A Tarde, creio que da Quinta-feira Santa deste ano, li no mesmo uma página sua, a propósito, se bem me lembro, da procissão do Encontro, e tanto ela me agradou que estive para escrever-lhe.

Uma das coisas que mais me aprazem, à medida que vou envelhecendo, é louvar trabalhos ou atos, especialmente dos mais moços. Não é minha culpa se só raramente encontro oportunidade de fazê-lo, com a devida justiça. Na página a que me refiro, há boa linguagem, eloquência – inclusive naquele trecho em que revela o autor justa noção do papel do sacerdócio, como deve ser compreendido – o que tudo a torna digna das melhores tradições do clero baiano.

Vá por aí, que vai bem, procurando mais e mais, aperfeiçoar o instrumento, ou aperfeiçoar-se no seu uso.

Dê minhas lembranças ao Adalberto e ao Edgar, e creia-me seu amigo e admirador, muito grato,

Otávio Mangabeira

BR BACMB OM TXT CP 47/1094

RIO DE JANEIRO, 02 DE DEZEMBRO DE 1942

Otávio

São tão frequentes agora os extravios de cartas que venho repetir a que a 7 do mês passado lhe escrevi: - “Rio, 7 de novembro de 1942 – Otávio - Quantas coisas ocorridas depois da última vez que lhe escrevi?..

Antes de tudo muito agradeço, comovidamente grato, as expressões de consolo na carta que me enviou por motivo do meu grande pesar. Muito sensível a tais golpes, só com algum tempo reajo, refazendo-me do abatimento moral em que me deixam. Arraiga-se-me a impressão de que vou ficando só; – só porque assim se vão indo tantos a quem tanto queria; e só – porque ideias, aspirações, modos de ser e entender sinto cada vez mais estranhos, distantes e incompreendidos, nesta triste época que vivemos.

A perda de minha mãe, junto à guerra conturbou-me profundamente.

Quando foi de seu aniversário estava ainda tão triste que não compareci à missa festiva; mas Você sabe que lhe desejo longa vida cheia das compensações que lhe cabem. Lá estive, há dias, na missa – muito concorrida como a sua, do Dr. Washington. São tributos de fidelidade.

Da guerra nada lhe posso dizer mais do que Você sabe. A Bahia conheceu de primeira mão algumas de suas crueldades e o espírito público reagiu com grande energia. Há que fiar sempre do patriotismo e vigor da nossa gente – silenciosa e quieta, mas capaz, nos momentos precisos, de grandes ações.

Dali nos chegou a notícia do falecimento do nosso Xavier Marques. Ainda em Março, quando o visitei achei-o forte e capaz de brindar-nos com mais algumas lindas páginas. Os olhos é que lhe iam faltando dia a dia, andando, (inutilmente) às voltas com médicos. É grande perda para nossa terra, especialmente sendo ele – por índole,

meu grande pesar

refere-se ao falecimento de sua mãe, Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho, em 19/08/1942.

Xavier Marques

Francisco Xavier Ferreira Marques, político e escritor. Em 24 de julho de 1919 foi eleito para a Cadeira 28, na ABL. Faleceu em Salvador, em 30 de outubro de 1942.

Academia
refere-se à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Menotti del Picchia

Paulo Menotti del Picchia, poeta, jornalista, político, romancista, advogado. Terceiro ocupante da Cadeira 28, eleito em 1º de abril de 1943, sucedendo Xavier Marques. Foi um dos participantes do movimento modernista em 1922.

Ivan Lins

Ivan Monteiro de Barros Lins, graduado em medicina, jornalista e professor. Candidatou-se pela primeira vez à ABL em 1943, mas seria eleito somente em 1958. Em 1942, foi nomeado por Getúlio Vargas, ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, por onde se aposentou.

Carneiro Leão

Antônio Carneiro Leão, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela faculdade de Direito de Recife, professor e ensaísta. Segundo ocupante da Cadeira 14, eleito em 30 de novembro de 1944, sucedendo Clóvis Beviláquia.

José

refere-se a José Wanderley de Araújo Pinho, político e historiador. Chefe político do município de Santo Amaro; membro da ALB em 1942. Concorreu à Academia Brasileira de Letras, sendo derrotado por Menotti del Picchia, em segundo escrutínio.

gesto e escolha dos assuntos – essencialmente baiano em sua textura literária, tão mal recompensada pela fama nacional.

Andamos o ano passado, ao celebrar ele os 80 anos, fazendo algum ruído em torno do seu nome, e tive a impressão de que essa pequena glorificação o alegrou e consolou.

Abre-se a vaga na Academia. Os baianos que eram cinco, a quatro ficam reduzidos. Eu não poderia jamais pensar, ainda muito longinquamente, em substituí-lo; nem o critério das eleições dos novos, aliás, foi a igualdade ou aproximação de valores em relação aos dos acadêmicos desaparecidos; – mas confesso que a estima que tenho pela obra de Xavier Marques e o conhecimento que dela possuo, junto à circunstância de ser baiano, animaram-me a renovar a pretensão de entrar para a *douta companhia*.

Pensei e penso nisso, mas hesitei e ainda hesito. Uma campanha acadêmica, mesmo quando, como na minha de há três anos, não gere incidentes, não é coisa de repetir-se com facilidade. Achei, todavia, elementos que me estimulassem e estou a sondar, conseguindo felizmente fundadas esperanças. Há, como Você sabe, necessidade de, em alguns casos, chegar cedo; daí o haver falado mais positivamente a alguns acadêmicos, e talvez pela mesma razão entre já com a carta de inscrição, para uma resolução definitiva espero seu conselho e a sua palavra de se posso contar, mais esta vez, com seu apoio e votos.

Outro tanto preciso saber do nosso comum amigo o ministro Hélio Lobo, a quem escrevo nesta carta e que foi tão gentil quando me candidatei, ainda não pudesse fazer tudo quanto, sei, ele desejava.

Até agora são candidatos – Menotti del Picchia, Ivan Lins e Carneiro Leão.

Ansioso por sua resposta envio a Ester e Édila minhas visitas e a Você um abraço do

José.

P.S. Recebeu os dois livros que lhe mandei? E por seu intermédio também aos Drs. Washington e Hélio?

BR BACMB OM TXT CP 64/1518

NOVA IORQUE, 05 DE DEZEMBRO DE 1942

Meu caro dr. Otávio.

Já perdi a conta do tempo decorrido depois da minha última carta. Não desejo, porém, que envelheça o novo governo do Estado sem que o faça, embora julgue ser coisa de somenos saber-se se o interventor é “A” ou “B”, pois sou dos que atribuem tanto o bem quanto o mal a Deus e não aos Santos. E evidentemente essa é que deve ser a nossa preocupação, sobretudo quando não desejamos resolver nossas dificuldades à custa das dificuldades do país. A verdade, porém, é que a demissão do Landulfo foi bem recebida, restando-nos saber, com tempo, se ainda uma vez terá razão a velha de Siracusa.

Sei que o seu momento é de enternecimento paternal, diz-me o Euvaldo, e isso faz-nos satisfeitos, pois será sempre uma compensação na multidão de atribulações, que lhe tem pesado nos últimos anos. Esperemos que se não prolongue ainda por muito tempo a causa geral. Nisso não descansamos. Quanto ao inventário vai se processando normalmente. Nisso estou mesmo satisfeito, embora as delongas próprias às ações dessa natureza não permitam que se faça qualquer coisa com rapidez, sob pena de abrir oportunidade à parte contrária. Às vezes uma simples distribuição de autos é demorada, sobretudo quando se prefere trabalhar com este ou aquele escrivão.

Andamos aqui muito animados com as vitórias dos Estados Unidos, que, afinal, são vitórias nossas e concorrerão para abreviar a libertação do mundo de todas as ditaduras. Podem até fazer que elas acabem antes, pois servem para animar os desalentados. Quem poderá duvidar que na Itália e na Alemanha estejam engrossando as fileiras dos que pressentem a derrota do Ditador? Assim são todos. Isso, certamente, há de abrigá-los a mil malabarismos, mas não é provável que todos deem certo, principalmente aqueles que vão ferir altas patentes militares.

demissão do Landulfo

refere-se à exoneração do Interventor Federal na Bahia Landulpho Alves (1938-1942), em 24/11/1942.

Adalício Nogueira

Adalício Coelho Nogueira, magistrado. Foi membro da Academia de Letras da Bahia, 3º titular da Cadeira 34.

Pinho

refere-se à José Wanderley de Araújo Pinho, que concorreu à imortalidade nas cadeiras da Academia Brasileira de Letras.

Luis

refere-se a Luís Viana Filho, advogado, jornalista e político.

Agora, dois pedidos acadêmicos: um local e outro nacional. O Adalício Nogueira, nosso amigo, e o Pinho são candidatos a imortalidades. Aquele para a Academia de Letras da Bahia e aquele para a Brasileira. Não seria possível mandar-lhes o seu voto? O Pinho, sobretudo pela decência, é merecedor do nosso apoio a essa velha pretensão. A eleição dele deve ser intrincada, e por isso tem muito interesse nos votos do segundo e terceiro escrutínio. Devo dizer que ele não me pediu esse sermão, mas julgo do meu dever fazê-lo.

Enfim, meu caro dr. Otávio, o principal em tudo isso é que não abandonemos o Brasil numa hora de tanto sofrimento e também de tanta fraqueza. O Simões disse-me estar para dar um pulo aí. Acho que não vai por causa dos negócios, que lhe tomam todo o tempo e todas as preocupações.

Peço lembrar-se ao dr. Armando Sales. Nossas recomendações para D. Ester e Édila. E receba um apertado abraço do seu amigo certo e saudoso

Luís

P.S. – O sr. conhece o meu pessimismo. Portanto pode inferir.

BAHIA, 06 DE DEZEMBRO DE 1942

Prezado amigo Otávio

Li o seu recado em carta para Euvaldo, como já havia recebido as lembranças de que foi portador nosso bom amigo Pedro Ferreira. Quando desta, escrevi-lhes algumas palavras, que não mandei porque eram tristes, na expressão do grande vazio que sinto em torno a mim, e não deveria dizer coisas tristes aos exilados da Pátria. A advertência ao Euvaldo tem, realmente, muito acerto: seu nome era constantemente lembrado por meu Pai. Mas continuará a ser por nós, e, com certeza, até em maior frequência e carinho, porque associada agora a essa lembrança a recordação de quanto o nosso morto querido estimava e exaltava as suas peregrinas qualidades. Sua palavra amiga, em face do meu silêncio, não poderia ser mais grata do que, evocando o meu amigo e companheiro por excelência, cuja falta verdadeiramente irreparável procuro preencher, recolhendo-me à afeição de quantos lhe foram caros. Seu lugar é nesse número, e conto que o ocupará. Li também as suas justíssimas referências ao Sampaio Correia, com quem privei, servindo sob sua liderança na Constituinte de 34, podendo apreciar de perto os excepcionais predicados que possuía. Em fins de outubro, faleceu o Xavier Marques, ontem, o Seabra. Em um mês e pouco, três figuras, como não encontramos muitas no cenário nacional, que está, assim, a se despovoar cada vez mais, ou, melhor, a se povoar, cada vez mais, da mediocridade. Como são tristes os tempos! Acredite que a morte de Xavier, na imprensa liberal, não despertou um registro em que a sua obra fosse devidamente, já não digo apreciada, mas, ao menos, noticiada. Diz-se que romances como “Jana e Joel” não agradam à geração de hoje. O mais certo, será dizer-se que homens como Xavier estão acima do que a época exige, de jornalistas e intelectuais. Quando penso no enlevo em que li aquela novela, que qualquer literatura do mundo desejaria incluir entre as suas obras primas do gênero, e vejo como desaparece um homem do quilate intelectual de Xavier, apenas homenageado por uma sessão da Academia de Letras, tão desprestigiada,

Pai

refere-se ao jornalista Aloísio Lopes Pereira de Carvalho, que assinava seus artigos publicados com o pseudônimo de Lulu Parola.

Sampaio Correia

José Matoso de Sampaio Correia, professor, engenheiro, jornalista, empresário e político. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 17 de novembro de 1942.

Xavier Marques

Francisco Xavier Ferreira Marques, jornalista, escritor e político. Faleceu em Salvador, em 30 de outubro de 1942.

Seabra

refere-se a José Joaquim Seabra, político e jurista. Foi governador da Bahia (1912-1916; 1920-1924). Faleceu no Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 1942.

“Jana e Joel”

publicado em 1899.

Aloísio
refere-se a Aloísio de
Carvalho Filho, advogado,
jornalista, professor e político.
Foi membro da Liga da Ação
Social e Política (LASP),
que contava com o apoio do
ex-governador da Bahia J. J.
Seabra.

aliás, convenço-me de que vivemos, mesmo, num tempo estéril,
em que a inteligência não tem não, nem o pensamento encontra
como se encontrava. Enfim, ai vai uma carta como eu não queria
escrever-lhe, mas a única que sei escrever.

Do Aloísio.

BR BACMB OM TXT CP 47/1095

RIO DE JANEIRO, 12 DE DEZEMBRO DE 1942

Otávio,

Recebida a sua carta de 28, apresso-me em respondê-la.

Bem sabe Você que suas considerações e apreciações repercutem vivamente em mim – mas não posso concordar em que seja a mais conveniente orientação – para combatermos o “espírito” e os fatos que provocam aqueles julgamentos – o retraimento e o abandono. Creio mesmo que se Você aqui estivesse não admitiria essa hipótese e com o ânimo combativo que tem transformar-se-ia num centro de resistência ou reação.

Fazer entrar para aquele grêmio elementos incapazes de se orientarem pelos errados caminhos assinalados em sua carta é um dos meios de vencer a crise. Deixar passar a onda é vê-la avolumada. E mesmo ao deixar que passe é preciso não perder o pé.

Alguém aqui que parece participar de seus sentimentos não prescinde do voto, visando naturalmente com as boas escolhas uma melhoria de situação.

Com estas poucas considerações não tento, inspirado por interesse de candidato, atenuar ou modificar suas opiniões, mas eu creio, Otávio, e Você mesmo muito diz, que a minha eleição representaria uma pequena contribuição para, no futuro, tirar-lhes todo fundamento. Só por isso não me quedo silencioso ante sua tendência de abster-se, esperando, não sem ansiedade, a sua última palavra.

Se esta for a de recusa a mandar votos, creio que desistirei da candidatura, porque preciso delas, não só pela sua significação moral e intelectual como ainda porque são indispensáveis para a vitória. Se esta se apresenta com prospectos animadores, não pode dispensar um máximo de sufrágios seguros e certos, que dê margem a um máximo de votos incertos ou enganosos.

grêmio
refere-se à Academia
Brasileira de Letras (ABL).

Edmundo Lins
Edmundo Pereira Lins,
magistrado, ministro do
Supremo Tribunal Federal
(1917-1937).

Rondon
refere-se a Cândido Manoel
da Silva Rondon, Marechal
Rondon, que professava sua
fé na ciência positivista.

Roquette Pinto
Edgar Roquette-Pinto,
médico legista, professor,
antropólogo, etnólogo e
ensaísta. Foi eleito para a
Cadeira 17 da ABL em 20
de outubro de 1927.

Há atualmente comigo nove candidatos – Menotti del Picchia, Ivan Lins, Carneiro Leão, Basílio de Magalhães, Araújo Jorge, Martins de Oliveira e Viera Souto. Estes três últimos não visam a eleição, certamente, mas lançar alicerces para o futuro.

Basílio, com méritos sabidos, inscreve-se para todas as vagas, e queda-se inerte à espera que a montanha vá a ele. Creio que desta vez nem o votinho pingado de outras, alcançará. É triste que exponha seu nome a essa espécie de desar.

Carneiro Leão parece que apenas desviará um ou outro voto, se mantiver uma candidatura por muitos considerada natimorta.

O Ministro Edmundo Lins telegrafa a Deus e ao mundo pelo filho Ivan Lins que por sua vez bombardeia os acadêmicos com cartas de positivistas – Rondon, etc. – ou não, sem que eu tenha podido perceber quais os resultados eleitorais dessa campanha reforçada por umas notas na imprensa – Globo e Correio da Manhã. Sei apenas que o Roquette Pinto o ampara, tendo-se declarado, aliás, não insistir na sua atitude, nem prejudicar com ela a minha eleição, uma vez convencido da inviabilidade da de seu preferido.

O mais forte competidor é ainda Menotti del Picchia que, entretanto, todo mundo sente e diz, perde terreno dia a dia.

Sinto-me tentado a lhe expor os elementos com que conto e os de Menotti, mas receio a perigosa indiscrição das cartas.

Tinha mesmo escrito já outra, franca e minuciosa, mas achei mais prudente enviar-lhe esta, esperando poder por algum amigo que para aí parta mandar-lhe recados que completem o que posso dizer aqui, que é: – sinto-me bem mais forte que o Menotti; elementos que eram tidos como esteio dessa candidatura são hoje declaradamente a ela hostis; o ambiente na Academia torna-se-lhe cada vez mais desfavorável; nos cálculos otimistas contará como “base” onze votos, enquanto os doze que tive nas duas outras eleições estão bem mais acrescidos, pois se tiver a satisfação de ser votado por Você e pelo Dr. Hélio Lobo, a minha base não será inferior a dezesseis; os elementos enigmáticos

são numerosos, e aí e entre os que já se mostram simpáticos, sem contudo fazerem declarações que comprometam, espero obter os quatro votos indispensáveis ao “quorum”, e os mais necessários à maioria e à vitória.

Aguardo sua resolução para me orientar e resolver. Se desistir, fa-lo-ei definitivamente quanto a qualquer pretensão acadêmica, pois são muito penosas para meu gênio e na minha idade, as “campanhas” necessárias a quem deseje não ser derrotado. Mas esteja certo de que, embora triste na hipótese de me faltar seu apoio, receberei de boa mente a sua última palavra, pois nunca antepoño meu interesse ou modo de pensar ao dos meus amigos.

Com nossos votos de Feliz Natal para todos, abrace por Estela e por mim a Ester pelo seu aniversário. Esperamos que em 1943 celebremos esta data no Brasil em paz. Lembranças a Édila e para Você um abraço cordial do

José.

José

refere-se à José Wanderley de Araújo Pinho, que concorreu à imortalidade nas cadeiras da Academia Brasileira de Letras.

BR BACMB OM TXT CP 47/1096

RIO DE JANEIRO, 18 DE DEZEMBRO DE 1942

Otávio,

Com receio da demora e extravios de cartas aqui lhe mando uma segunda via da qual lhe escrevera a 12.

Recebi do nosso amigo Dr. Hélio Lobo uma cartinha muito amável em que me participa não tomará parte na próxima eleição da Academia.

Não sei dos fundamentos dessa resolução, mas creia que ela me entristeceu profundamente. Na incerteza de contar com os seus votos, receber essa outra notícia de recusa foi como destruir todas as minhas esperanças de vitória que, aliás, com o concurso de ambos Vocês, se me afigurava mais que provável.

Que podia eu dizer ao Dr. Hélio Lobo? Ele lhe comunicará talvez os termos da minha carta. Deixei apenas transparecer uma tênue esperança de que não me negaria os votos se esses viessem a ser estritamente necessários ao meu ganho de causa. Será que assim sucederá? Se Você votar, não conseguirá, demovendo o Dr. Hélio Lobo da sua abstenção, juntar aos seus os sufrágios deste nosso amigo?

Olhe que seria para mim bem penoso não contar nem com o seu nem com o concurso daquele amigo. O desfalque numérico, (certamente causador de derrota) seria coisa sem maior importância diante da significação moral, com que me não poderia conformar, dessa recusa de apoio.

Estou ansioso, para orientar-me e deliberar, por uma resposta com sua última palavra e agora com qualquer notícia em relação ao Dr. Hélio Lobo. Tenho aqui para ambos o meu novo livro – “Salões e Damas do Segundo Reinado”, um intermezzo de história fútil em meio a trabalhos pesados e sérios. Achei que havia mister mostrar que a nossa história social não é apenas a das camadas

“Salões e Damas do Segundo Reinado”

publicado em 1942, apresenta uma crônica da vida social, das elites, do Império (em Bahia, Pernambuco e São Paulo).

baixas ou humildes e que podíamos compor ensaios de história da alta sociedade. A edição saiu com algum gosto gráfico, com desenhos, oitenta páginas de gravuras e numerosos “clichês”. Lá cuidei de apresentar bem a nossa Bahia. Como Você não recebeu os dois livros que lhe mandei por intermédio de Edite, vou ver como remeter outros exemplares e mais este.

Nada tenho a lhe contar que os jornais não lhe digam. Ah! Como estimaria conversarmos. Há tanto o que conferir e comentar...

Recomende-me a Ester e Édila; estando com o Dr. Washington apresente-lhe meus cumprimentos, e Você receba um abraço do

José.

José

refere-se a José Wanderley de Araújo Pinho, político e historiador.

NOVA IORQUE, 22 DE DEZEMBRO DE 1942

Nelson

refere-se a Nelson de Sousa Carneiro, advogado, jornalista . Filiou-se ao Partido Democrático Universitário da Bahia em 1928, influenciado por J. J. Seabra.

pai

refere-se à Antônio Joaquim de Sousa Carneiro, professor da Escola Politécnica e primeiro especialista a reconhecer que o óleo recolhido em Lobato (BA) era petróleo.

Meu caro Nelson:

Acabo de ter notícia do falecimento de seu pai, meu contemporâneo de academia, depois meu examinador, em seguida meu colega de congregação, e de quem – embora, mais tarde, só raramente nos avistássemos – conservo grata lembrança.

Mas, ainda que não o houvesse conhecido, e não sentisse, portanto, por estima dele próprio, a sua morte, bastaria que fosse seu pai, para que eu a deplorasse. Receba, pois, o meu sincero abraço, o abraço da amizade de que é também fruto do apreço em que o tenho, com tanta justiça.

Duplos aliás são os pêsames que estou a transmitir-lhe. Porque lh'os devo também pela morte do Seabra. Imagine que só ontem, 21 de dezembro, vim a saber do fato! Viver no estrangeiro é isso... As últimas cartas, dos primeiros dias do mês, diziam-me estar ele a extinguir-se. Tínhamos todos, porém, tal confiança nas resistências do velho, que só depois de ele morto, lhe acreditaríamos na morte. Acontece entretanto que, desta, não veio notícia alguma para os jornais daqui; e a embaixada e o consulado só tiveram ciência do ocorrido, ao receber, como eu, a correspondência postal, cada vez mais vagarosa, nas atuais circunstâncias.

Assim, retardei-me na manifestação do meu pesar, de um pesar que me era imposto, antes de tudo, pelo coração, mas também pelo civismo. Expedi então para a Bahia os dois telegramas de que junto cópia. Não sei onde estão Artur e o Zeca Seabra. Soube que o Carlos ficou aí retido, por motivo de saúde. Peço-lhe que, sendo possível, lhes dê conhecimento, aos três, desta carta e dos referidos telegramas. Tenho horror a incidir em incorreções, em semelhantes momentos.

Quando embarquei, na Bahia, para a Europa, a 29 de outubro de 1938, ele, coitado, o Seabra, apesar da hora imprópria, dez da

Arthur, Zeca Seabra,
Carlos
filhos de José Joaquim Seabra.

noite, fez questão de vir ao cais, e, abraçando-me comovido, disse-me, em palavras tão baianas, e pondo na voz o vigoroso acento com que falava em tais ocasiões: “Deus o acompanhe!”. Eu lhe respondi: “Deus o conserve”.

Conservou-o ainda quatro anos; e não há de ser sem tristeza que hoje me renda à evidência de que não mais o verei.

Dias antes do meu embarque, ao saber que me haviam intimado a ausentar-me do Brasil, foi imediatamente à minha casa; e, rugindo em torno do caso, não pôde conter as lágrimas, provavelmente de indignação. Não as contengo, por minha parte, ao lembrá-lo, agora que a vez é minha de dizer-lhe, ao vê-lo partir para a outra margem da vida: “Deus o acompanhe!”.

Aos meus vinte e tantos anos, tive-o por chefe algum tempo, já na oposição, já no governo. Fui, em seguida, e por prazo bem mais longo, seu adversário, inclusive em lutas ásperas da política baiana. Mas tenho uma dupla satisfação íntima: é que, ao dele separar-me foi para ficar no ostracismo, deixando-o no poder; e, ainda mesmo nas fases mais agudas das referidas lutas, nunca, falando ou escrevendo, lhe faltei com o devido respeito.

Separados passamos, todavia, um algo período, cerca de 15 anos. Quando, a 10 de agosto de 1934, desembarquei na Bahia, de regresso do meu primeiro exílio, fui desde logo avistando-o, de pé, num automóvel, no meio dos que me iam receber. Generoso, como sempre, tinha ele condescendido em ser, dos meus conterrâneos, aquele que me desse as boas-vindas, em nome da nossa terra. À beira dos oitenta anos, era o mesmo que eu tinha conhecido, em campanhas que juntos fizemos – ele, o chefe, ou a bandeira, eu, um desses recrutas esforçados, que nunca chegam, entretanto, a realizar grande coisa.

Vi-o de perto, em dias de vitória, a ascender a altas posições, pelas quais se batera. Estas, contudo, não o embriagavam. O que de fato o empolgava, era o povo, era a luta, era a tribuna, contanto que, em torno desta, a apoiá-lo ou a rebatê-lo, se espraiasse, marulhando, a massa popular. Só então se lhe notava, a transparecer-lhe no rosto, a animação, a alegria, a eletricidade, o entusiasmo. Só aí

– nas praças públicas, bem mais que nos palácios, na agitação, bem mais que na calmaria, no oceano, bem mais que no pântano – estava no seu elemento.

Eis porque, meu caro amigo, nos meus solilóquios, que são muitos, neste exílio em que vou apodrecendo, mas, graças a Deus, sem queixas nem desânimos, nem sobretudo tergiversações, estou a considerar que, se não tinha ele que viver até depois de restaurar-se o país na sua dignidade, teria sido mais feliz talvez, se houvesse deixado o mundo sem ter sido testemunha de tanta ignomínia...

Creia-me seu, afetuosamente,

Otávio Mangabeira

Nova Iorque, 22.12.42

P.S.: Depois de escrita esta carta, recebi cópia das lindas e próprias palavras que o João proferiu, e descrição das homenagens prestadas na nossa terra natal, com referências elogiosas ao seu discurso, por ocasião do saimento, da Faculdade de Medicina.

TRECHO MANUSCRITO

Cópia de carta escrita de Nova Iorque a Nelson Carneiro. Recebi-a das mãos de José Joaquim Seabra Neto, que a possui em virtude da referência que Mangabeira, nessa carta, faz a seu avô, José Joaquim Seabra, falecido e enterrado na Bahia no mesmo dia em que se enterrava o pai de Nelson Carneiro.

Floresta de Miranda

Floresta de Miranda
Anverino Floresta de
Miranda, primeiro secretário
da Companhia Imobiliária
e de Fomento Agrícola Cifa
- RJ (1943), presidida por
Carlos Guinle.

O Dr. José Joaquim Seabra faleceu na Beneficência Portuguesa, Rio de Janeiro, em 5 de Dezembro de 1942, às 18 horas. O corpo foi transportado para a Bahia em hidroavião no dia 10 de Dezembro.

BR BACMB OM TXT CF 05/2160

PORTO ALEGRE, 12 DE JANEIRO DE 1943

Otávio.

Recebi com o maior prazer a sua carta de 28 do passado. Eu estava no hall do Grande Hotel conversando com um patrício nosso o pintor Di Cavalcanti que chegara de Buenos Aires e ele me perguntava onde você se achava, quando o carteiro entregou-me a sua carta. Já sentia saudades de ver a sua letra. Na véspera tinha recebido outra carta sua que Vina me mandou. Estou assim no começo do Ano Novo com notícias suas e dos seus. Eu e os meus estamos bem de saúde. Todos estão aqui, menos a Sara que há quinze dias se encontra em São Gabriel onde o marido foi em uma Comissão de Obras Públicas. Haydée continua exercendo função pública o mesmo se dando com o Carlos. Recebi os abraços que você mandou-me pelo Osório. Você deve ter sabido a consagração que teve o Seabra. Ele bem merecia. Quando estive na Bahia fui visitá-lo. Estava de cama com gripe. Conversamos durante uma hora. De momento a momento sentava-se na cama e discursava, parecia um moço formidável! Hoje está fazendo um ano que eu e Haydée deixávamos a barra do Rio Grande com destino à Bahia, amanhã às oito horas iremos à Igreja da Conceição assistir a missa de ano de falecimento da nossa jamais esquecida Maria. Quanta saudade dela e da Bahia! Você diz que a Bahia é a melhor terra do mundo e eu lhe digo se tivesse em mim todos os anos passaria os meses de verão na Bahia, mesmo que não tivesse mais parentes lá. Eu imagino como Vina não está sentindo a ausência da Bahia. Nas cartas que escreve vem sempre falando no azar, porém vêm trechos engraçados como este. “No Natal tivemos visitas até 10 horas da noite. São visitas de caridade, pois só por caridade pode alguém estar nesta gaiola para me visitar. Tive também pelo Natal alguns presentes. Gastaram tanta cera...”. Achei-lhe uma graça. Como vão Ester e Édila? Diga-lhes que sempre lembro-me delas com muitas saudades. Otavinho, estive com ele na Bahia e no Rio em Fevereiro do ano passado. É raro o dia que não encontre uma pessoa que me

Di Cavalcanti

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, pintor, desenhista e jornalista.

Sara

refere-se a Sara Vinhas Mangabeira, filha de Carlos Mangabeira e Maria Vinhas.

Seabra

refere-se às exéquias de José Joaquim Seabra, falecido em 5 de dezembro de 1942.

Mateus Noronha

Matheus Martins Noronha,
empreiteiro e banqueiro.

**Ponte entre
Uruguaiana e Libres**

foi construída entre 1942
e 1945, após acordo feito
entre Brasil e Argentina,
cabendo à firma brasileira
Matheus Martins Noronha &
Cia a responsabilidade pela
construção da metade da
ponte.

Carlos

refere-se a Carlos
Mangabeira, irmão de Otávio
mangabeira.

pergunte por você. Tem estado seguidamente aqui no hotel o Mateus Noronha, que tirou a concorrência para a construção da ponte entre Uruguaiana e Libres. Muitas lembranças de Alda e todo o pessoal para você, Ester, Édila e Otavinho. Um grande e apertado abraço do irmão muito amigo.

Carlos.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2571

NOVA IORQUE, 23 DE JANEIRO DE 1943

Euvaldo:

Recebi sua carta, creio que de 6, de Camaçari, e anteontem a de 13. Vejo que você levou de fato um mês, quase, sem escrever. Há, porém, uma carta sua, que se deve ter extraviado, se é que ainda não chega com atraso. É aquela precisamente, anterior a de 6, onde presumo teria falado na remessa dos dólares, nas nomeações – não só as definitivas – para o conselho consultivo, etc.

Já havia tido notícias do noivado de Geovaldo. A escolha que fez foi boa, só havendo razões para crer que o par seja feliz. Assim será.

Haveria aí um bom rapaz, sabendo inglês e português, de preferência engenheiro, ou dado a máquinas e maquinismos, que quisesse vir trabalhar por algum tempo (uns dois anos), ou definitivamente, aqui? É um novo caso que tenho, parecido com o do A. C., mas em setor diferente. Examinem o assunto com a necessária prudência, e diga-me a respeito alguma coisa. Tenho sempre o maior prazer em abrir caminho a alguém da nossa terra. Surgem novos trabalhos, cada dia.

Agradeço a Georgina o trabalho, que tomou, de ir, a 13, ao Campo Santo. Andei muito, naquele dia, com o coração por lá.

Espero tenha recebido minha carta anterior com o voto pedido pelo L. V., para o Adalício Nogueira. Tive uma boa cartinha do Aloísio, a quem vou escrever. É preciso um grande esforço para ter a correspondência em dia.

Quanto ao mais, nada de maior. Otavinho, bem, na sua Califórnia. Nós por aqui, na forma do costume.

Abrços e saudade, para os quatro, de:

Mangabeira

Geovaldo

refere-se ao noivado de Geovaldo Soares de Pinho com Luci Cortez de Pinho.

A. C.

refere-se a Afrânio Coutinho. A partir de 1942, exerceu em Nova York o cargo de redator-secretário da revista Seleções do Reader's Digest, permanecendo no posto por cinco anos.

L. V.

refere-se a Luís Viana Filho.

Adalício Nogueira

Adalício Coelho Nogueira, juiz. A partir de novembro deste ano exerceria a cátedra de Direito Romano na Faculdade de Direito da Bahia.

NOVA IORQUE, 20 DE FEVEREIRO DE 1943

Euvaldo:

Anda grande confusão na nossa correspondência. Mas, creio, de lado a lado, temos escrito menos, ultimamente. Haverá cartas perdidas? Vejo que, das minhas, uma, pelo menos, se perdeu, a não ser que tenha chegado, posteriormente, com grande atraso, como tem às vezes sucedido: é a que foi acompanhada de outra, de pê-sames, para a viúva Xavier Marques. Ainda na sua, de 6, só ontem, 19, recebida, não acusa você o seu recebimento. Aliás, lendo jornais velhos, vi que o Xavier, além dos dois a que me refiro na carta, tinha mais uma filha, Ruth, de que fiz omissão, embora a conheça bem; mas me esqueci. As longas ausências, por menos que se queira, acabam trazendo confusões ao espírito, que, este mesmo, depois de certa idade, começa a ter seus cochilos.

Li o balanço que acompanha a carta de 6, ontem, como disse, recebida. Confesso que minha incapacidade, em matéria de contas comerciais, é cada vez mais completa. Consta, do balanço, que entraram, isto é, foram recebidos, ou existiram, até 31 de dezembro, 66.455\$100, e saíram, ou foram empregados, 64. 931\$600. Entrou, portanto, mais do que saiu. Como é que então que a diferença, de 1.523\$500, é contra, e não a favor? Sem dúvida, deve estar certo. Mas não entendo do assunto. E só pergunto para revelar a minha ignorância contabilística.

Por aqui, vamos no mesmo. Trabalhando e vivendo. Estimo saber que Geovaldo ficou bom de todo. Nada haverá de maior, com relação a ele. Otavinho vai bem, e satisfeito da vida, o que hoje é raro. Diz-me em carta de 13 último, anteontem recebida, a propósito de conversa que teve com o americano da bolsa, isto é, do instituto que deu a bolsa: "Pedi duas coisas: fazer, em meados do verão, uma excursão pelo sul, pois quero ver se encontro uns bichinhos meus conhecidos, e, talvez, umas doenzinhas, também minhas conhecidas, mas que aqui não se conhecem. Caso encon-

tre, escreverei um trabalhinho em inglês, e pedirei mais um ano de permanência. Pedi igualmente para regressar pelo Pacífico, passando algum tempo em cada capital, para ver outras tantas doenças que nunca vi principalmente no México, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Chile. Ele concordou com tudo.” Assim, parecendo um bobo, com esta história de mosquitos, apura-se que foi ele um sabidório, em confronto comigo e outros, que se supunham sabidos. Quando lhe aconselho a ter método, etc., ele me responde que, se tivesse tais regras, estaria hoje casado, com seis filhos, no interior do Mato Grosso. Terá talvez razão...

Espero que Georgina e Dinorá estejam bem, e mando-lhes lembranças. As mesmas, quando escreveram, a Maria Helena e ao Ival. Ando sempre com muito que fazer. Uma grande indisposição para escrever cartas, com as restrições atuais. Estou a dever umas duas a amigos daí. Com a ida do Hélio Lobo para o Rio, e do Armando Sales, para a Argentina, perdi dois excelentes companheiros, para as palestras aqui. O Hélio, este tem sido, para mim, como um bom irmão. Tenho sempre, porém, meios e modos de sentir-me bem em toda a parte, e em todas as circunstâncias, o que não impede que sinta a falta de muita coisa:

Abraços e saudades, para todos, de

Mangabeira

P. S.: Respondida em 8.3.43

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2573

NOVA IORQUE, 06 DE MARÇO DE 1943

Euvaldo:

Recebemos sua carta de 16, acompanhada do memorial H. L. L., e, ontem, a excelente fotografia dos avós, em companhia do simpático neto. Tomei boa nota do que me diz em relação àquela. Conheci-lhe de fato o pai; e as notas, com que se apresenta, corroboradas pelo seu parecer, são realmente as melhores. Como lhe disse, o caso de que se trata é das proporções do anterior; não dão, por exemplo, passagem. Sendo ele tão moço, e achando-se a completar o seu curso, estou pensando na hipótese de mandar-lhe alguns trabalhos, dos que aqui teria que fazer, de modo a, se vier, e quando vier, já estar um tanto treinado. Trata-se, por outro lado, de serviços que apenas se iniciam; há tempo, assim, para que tudo se faça com a necessária calma, e até a questão de passagem, é possível se encontrar afinal um meio de resolvê-la. Como sempre recomendo em tais ocasiões, continue ele os seus estudos como se nada houvesse acontecido, e tenha o caso apenas como hipótese, realizável, ou não. Tomo sempre, aliás, grande interesse em abrir caminho a moços de real merecimento. Discrição é conveniente.

Nós, por aqui, no mesmo. Sem novidade. Aí vão palavras de pêsames para família do Tertuliano. Gostei de ver Dinorá como...
escrivã. Um pouco arriscado.

Abraços e saudades, para os quatro, de

Mangabeira

Tertuliano
refere-se a Tertuliano Soares
de Góes, comerciante;
faleceu em 13/02/1943, aos
76 anos.

BR BACMB OM TXT CP 47/1097

RIO DE JANEIRO, 11 DE MARÇO DE 1943

Otávio

Recebi a sua carta e os votos acadêmicos que tanto me cativam, quando você abre um parêntesis e suspende sua atitude deliberada, para estar comigo na vitória ou na derrota.

Eu insisto em dizer que aquelas razões de seu afastamento e enjoo terão corretivo, não com o abandono do campo, e a abstenção, mas com a contribuição para a entrada de elementos que não pactuem com certos processos e ações. Mas respeito o seu modo de ver, para o qual, aliás, concorre a ausência – digo mal – seu exílio, já tão prolongado e triste.

Estou disposto a só usar dos votos se eles forem necessários à minha eleição. Se ao aproximar-se esta convencer-me da derrota ou da vitória independente de seus sufrágios, guardá-los-ei, porque só em último caso, egoisticamente, levá-lo-ia a alterar uma tão viva deliberação.

Continua a parecer provável o triunfo, posto que algumas reservas que espero se desvanecerão mais para diante, deixem ainda uma larga margem da incerteza. Sou, de fato, o mais forte. Mas o quorum (20) é elevado para o número de votantes (34 ou 33).

Muito e muito agradecido lhe estou, Otávio, e o estarei por igual quer seus votos me deem a cadeira, quer não, ou ainda se os não utilizar. Grande a prova que Você me dá, proporcional o meu reconhecimento.

Pretendo logo após a eleição ir passar dois ou três meses na Bahia. Lá estão os meus que não vi depois da morte de minha Mãe; lá interesses a cuidar com urgência. Encontrarei tristezas.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1943.

votos acadêmicos

votos de Otávio Mangabeira visando favorecer a entrada de José Wanderley de Araújo Pinho na Academia Brasileira de Letras.

Jaime Vilas Boas
industrial, casado com Maria
Julieta de Góes Calmon, filha
do ex-governador da Bahia
Francisco Marques de Góes
Calmon (1924-1928).

**“Salões e Damas do
Segundo Reinado”**
livro cuja primeira edição
saiu em 1942.

José
refere-se a José Vanderlei de
Araújo Pinho.

Agora mesmo morreu Jaime Vilas Boas, ainda moço e deixando doze filhos.

Muito obrigado a seus elogios a meu livro “Salões e Damas do Segundo Reinado”. Muito me alegra que tenham levado a Vocês alguns momentos de distração, lendo crônicas da terra distante e querida. Devido à novidade do gênero e à época em que apareceu, esgotou-se já a edição; e as referências dos críticos têm sido amáveis. São compensações ao trabalho e à paciência do compilador.

Nada tenho de interessante a lhe contar. Continuamos de olhos fitos no horizonte da guerra e ainda que as notícias de alguns meses para cá animem, devemos contar com um largo período de lutas e ter ânimo preparado para imprevistos desagradáveis. Graças a Deus a vitória se delinea cada vez mais precisa.

Estando com o Dr. Washington queira transmitir-lhe minhas lembranças, dizendo que não lhe mandei um volume porque o portador já não dispunha de sobra de quilos. Dê-lhe a ler o capítulo sobre São Paulo.

Adeus, Otávio. Muitas lembranças a Ester e Édila, e para você um abraço agradecido de

José.

BR BACMB OM CP 15/307

RIO DE JANEIRO, 14 DE MARÇO DE 1943

Prezado Dr. Otávio.

Meus afetuosos cumprimentos.

Confesso-lhe que, em meio à luta pelo ganha-pão diário, entre as atividades, felizmente crescentes, de uma modesta banca de advogado, e a colaboração, sem brilho, mas ininterrupta, ao “Jornal do Brasil”, muitas vezes comecei esta carta, em resposta, e em agradecimento, à com que me honrou, quando chegaram ao seu coração as notícias das mortes de meu pai e do nosso “velho Seabra”. Mas, tantas vezes a iniciei, quantas não pude completá-la. E, fiado na tolerância de sua bondade, a fui retardando até agora, para que pudesse ter reunidos em nosso escritório, o Zéca, o Arthur e o Carlinhos, quando da partilha dos minguados bens paternos, por mim inventariados, e lhes desse a conhecer, naquele ensejo, a sua peregrina página de evocação e de saudade.

Quis o Destino que chegasse a tempo de conduzir, cinco e meia da tarde, ao Campo Santo, o corpo, sem vida, de meu pai, com o acompanhar no mesmo avião em que seguia para Salvador, em busca de sua derradeira morada, o lutador indomável, tombado em meio da grande batalha, que foi a sua existência. Por um capricho singular, a disposição, na nacela da aeronave, era de tal forma que o coração do insigne chefe ia na mesma linha do meu coração. E talvez influenciado pelas palavras que, ouvidas, nunca mais se esquecem, de João Mangabeira, senti que, ao se desdobrar aos que chegavam a paisagem da cidade natal, pulsavam, no meu, dois corações, e, através dos meus olhos, os olhos de Seabra viam, a última vez, o perfil de sua terra.

Mas ainda não se deu por vencido o Destino. E, amearam entre um e outro apenas vinte e quatro horas, impôs-me assistisse, entre lágrimas, o sepultamento, primeiro, de meu pai, e, depois, de Seabra, separados, ou ligados, os dois túmulos pelo túmulo vazio – que o poeta continua vivo... – de Castro Alves.

meu pai
refere-se a Antônio Joaquim
de Souza Carneiro.

**Zeca, Arthur,
Carlinhos**
filhos de J. J. Seabra.

Paulo Fontes
Paulo Martins Fontes foi candidato ao governo da Bahia, pela oposição, na campanha sucessória de 1919.

O Democrata
jornal que substituiu o Gazeta do Povo e serviu ao seabrismo, entre 1916 e 1922.

Sua carta, por fim, reunindo a expressão de seu pesar pelos dois falecimentos, foi, parece, outro apelo do Destino para que eu as encarasse no que, juntas, as duas vidas representaram na minha vida.

Dos muitos conselhos e das muitas lições, que aprendi de meu pai, no curso extenso das provações sofridas e na multiplicação amarga das injustiças suportadas, devo-lhe, antes de tudo, o haver respeitado, em mim e em cada qual dos meus irmãos, o direito de pensar como bem entendêssemos, sem nos querer escravizados, um só instante, ao seu pensamento e à sua orientação.

Permita-me recordar-lhe um fato, pelo qual se pode aferir a que ponto o “velho Souza Carneiro” levava a sua tolerância. Chegara Rui Barbosa à Bahia, para a campanha governamental, em favor da candidatura Paulo Fontes. Éramos uma família tradicionalmente seabrista. Convertendo-se em pararraios de todas as iras da oposição, meu pai, manhã após manhã, pelas colunas de “O Democrata”, em sucessivos editoriais, subordinados a um título permanente, “O Anticristo”, defendia a política situacionista, para servir a Seabra, que pessoalmente solicitara os seus préstimos. Meu avô materno – José Francisco Coelho de Oliveira, arquivista extranumerário da Polícia, e que morreria, em 1925, de tristeza, despedido, depois de vários anos de inatacável vida funcional, pelo governo ambicioso de economias – era, ao contrário, um admirador exaltado de Rui. Assim, com os dois irmãos mais velhos, assisti, da primeira fila, todas as conferências do Politeama Baiano, e me recordo perfeitamente dos retratos que “seu Coelho” tinha o cuidado de, antes das reuniões, prender em nossas roupetas, à altura de imaginárias lapelas, e a preocupação de recolhê-los em seguida, para outras oportunidades. Nunca, por isso, se desavieram sogro e genro. E assim meu pai foi até os últimos dias de sua vida, que – depois de tantos desenganos espartanamente suportados – vestira numa filosofia, por ele próprio criada e só para ele possível, como se alheado estivesse de tudo e de todos.

Em 1926, na noite de 19 de Novembro, Seabra saltava na Bahia, numa apoteose popular, como outra somente agora lhe foi tributada, com a romaria cívica de seu enterro, - inolvidável demonstração democrática e enternecedor preito de gratidão.

Duas da madrugada, ou quase isso, o cortejo infindável, um imenso oceano de gente, a cada instante com a marcha interrompida, para que se escutasse a voz de um orador, não raro anônimo, alcançou o número oito da Vitória. Pude, então, de longe, identificar o meu herói, como, ao entrar na igreja, na manhã da infância, tomamos conhecimento dos santos de nossa devoção. Assim como nascera católico, nascera seabrista. Só o tempo, entretanto, foi, e vai, fortalecendo em mim a crença em Jesus e em Sua Igreja, como os anos transcorridos me deram a certeza de que melhor patrocínio não poderia haver escolhido para o ingresso na vida pública. Mas porque o ser católico nunca me impediu de frequentar e respeitar outros cultos, o ser seabrista nunca me foi empecilho para estudar e enaltecer muitos dos que dele divergiram em tantos momentos de sua carreira acidentada e tempestuosa.

Em 1929, com o deflagrar da campanha presidencial, a minha iniciação partidária se tornou inevitável. Cursava o segundo ano da Faculdade de Direito e meu tio – o José Joaquim – levou-me, certa noite, ao “velho Seabra”. Tenho, mais em meu coração do que em meus olhos, antes na minha saudade do que nos meus ouvidos, o diálogo que então se travou: -

– “Doutor Seabra, esse é mais um Souza Carneiro, seu correligionário...”

– “Não precisa, meu caro. Souza Carneiro não degenera”.

Para meu orgulho, fui um Souza Carneiro que não degenerou. Ao menos, ao morrer, Seabra podia ficar satisfeito de não haver, a meu respeito, se equivocado. E rogo a Deus não me permita de à memória de morto tão querido mágoa tão profunda e tão extensa.

Padeci, então, de todos os defeitos de minha inexperiência. Excedi-me nos ataques aos homens do governo e derramei-me em exaltação dos integrantes dos quadros oposicionistas. A imprensa e a tribuna popular foram por mim frequentadas quase diariamente. Mas, no jornal, pelas razões que só as campanhas partidárias explicavam, comecei por onde os outros acabam. Assinei, com uma porção de nomes e de pseudônimos, algumas cen-

Miguel Calmon

Miguel Calmon du Pin e Almeida, engenheiro e político, foi ministro de Agricultura, Indústria e Comércio na presidência de Artur Bernardes (1922-1926).

Nelson de Souza Sampaio
advogado e político.

tenas de artigos. As injustiças praticadas – e foram então muitas – correm por conta do meu desconhecimento dos homens e das coisas. Mas, em todo esse período de agitação, falando ou escrevendo, nunca fiz uma só crítica, ou restrição, à sua pessoa, devotada, àquele tempo, a gloriosa tarefa cumprida no Ministério das Relações Exteriores. Não o conhecia, entretanto. Pouco sabia dos combates e dos lauréis que marcavam a sua justa ascensão. Minha pena teria, por isso mesmo, se embebido no fel dos libelos sem conta e sem medida, se meu pai não me houvesse chamado um dia, para sairmos juntos. E, enquanto andávamos em direção ao ponto do bonde, não me tivesse dito:

– “Você sabe que não interfiro na orientação de meus filhos. Mas tenho o direito de pedir-lhe um favor. Sempre que puder, não escreva coisa alguma contra o Miguel Calmon, nem contra o Otávio Mangabeira”.

E explicou-me:

– “São meus colegas da Politécnica; e meus amigos. O Miguel é até meu compadre, padrinho de Franklin”.

Satisfiz-lhe a vontade, que a Escola era a sua grande paixão. E hoje dou graças a Deus por lha haver feito. Porque ao conhecê-lo, em 1934, de volta de seu primeiro exílio, não tinha nada de que me arrepender. E, antes de admirá-lo, e estimá-lo, já o respeitava.

Perdoe o prezado amigo a extensão desta carta, muito menor, se centuplicada, do que a honra de haver recebido à que respondo. Mas se os mortos acompanham, do espaço, os que continuam, no mundo, a romagem da vida, meu pai deve estar feliz de, através do filho, continuar uma amizade e uma admiração, que nele, apesar de seu alheamento nos últimos anos, nunca arrefeceram, e o “velho Seabra”, fiel a si mesmo até o fim, não se envergonhará de ser, por meu intermédio, que responda à sua comovedora invocação, com o dizer-lhe, agora, - “Deus o conserve”.

Devo retificar, porém, um seu equívoco. O orador, no enterro de Seabra, foi Nelson de Souza Sampaio, das mais lúcidas e dignas expressões da mocidade baiana. Rapaz que honra a terra onde nasceu e o estímulo, que recebe dos homens de bem.

Peço-lhe fazer chegar a d. Ester os cumprimentos de Juraci e meus, extensivo a Édila, de quem temos lido, sempre que aparecem no “Diário de Notícias”, preciosas colaborações.

E conte com a admiração e a estima, o apreço e o reconhecimento de quem, com os melhores votos por sua felicidade pessoal, aguarda as suas prezadas ordens e o abraça afetuosamente.

Nelson

Nelson
refere-se a Nelson de
Souza Carneiro, advogado,
jornalista e político.

BR BACMB OM TXT CA 05/1658

NOVA IORQUE, 20 DE MARÇO DE 1943

Aloysio
refere-se a Aloísio de
Carvalho Filho.

Aloísio:

Não lhe agradei até hoje as boas palavras, acompanhadas do delicado presente, que me avivou as saudades do nosso velho Aloísio.

Louvo a iniciativa que tomou de substituí-lo na romaria, que ele fez por mais de sessenta anos. Nenhuma geração – no mundo, e sobretudo no Brasil – precisou mais do que a nossa volver-se para o Alto, já que a planície nunca baixou tanto...

Teria, possivelmente, muito a dizer-lhe; bem pouco, entretanto, a... escrever-lhe. Vou vivendo, e já é alguma coisa, encontrando aqui, felizmente, e cada dia mais, trabalho, com que me ir entretendo, e de onde tirar recursos para a manutenção que não é graça, num país de alto nível de vida e moeda forte, como este.

Muitas e muitas lembranças a d. Elisa, e um saudoso abraço do

Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CA 17/ 1964

NOVA IORQUE, 03 DE ABRIL DE 1943

Luis Viana:

Sei que recebeu, em tempo, o que me pedira, para Adalício Nogueira, que espero haja sido eleito.

Vencendo um grande constrangimento, tal a distância que hoje me separa da Academia Brasileira, remeti ao José o voto, é bem de ver que para os quatro escrutínios. Conforme disse a ele próprio, faria maior sacrificio se lhe faltasse, em semelhante emergência, com a minha companhia. Ele vê no resultado: como se houvesse lugar, a certas horas, para algum homem de bem... O mais, a meu ver, que poderá conseguir – e já será grande coisa - é impedir que seja alguém eleito, abrindo novo prazo... à Providência.

Vislumbrei nas entrelinhas da sua última carta como que um raio de luz nos horizontes da nossa terra. Não sei... o que mais me causa lástima, porque indica mal de morte, é a insensibilidade geral. Embaixadas brasileiras saem a assistir em países da nossa própria América do Sul a posse de seus novos presidentes. Após o Uruguai, que se seguiu ao Chile, mobiliza-se agora a Argentina, para a campanha presidencial. São como bofetadas, que se repetem, sobre uma face que se empederniu, indiferente ao próprio comentário das plateias que assistem aos espetáculos.

É sempre, meu caro amigo, pela falência cívica e moral, que desaparecem as nações. Porque não faltam aves de rapina, em busca de presas fáceis; e é da própria justiça de Deus a punição do pecado.

Visitas nessas aos seus, e o grande abraço de sempre do

Otávio Mangabeira

Escreva-me, sempre que tiver ocasião.

Adalício Nogueira

Adalício Coelho Nogueira, advogado e catedrático de direito romana na Faculdade de Direito da Bahia.

José

refere-se a José Wanderley de Araújo Pinho, candidato a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

NOVA IORQUE, 16 DE ABRIL DE 1943

Respondida em 2-5-43.

Euvaldo:

Não tenho, já há muito, carta sua. Por uma, de Irene Góes, agradecendo pêsames, vejo que recebeu a que foi acompanhada de umas palavras para ela e o irmão Fernando. Não soube até hoje se foi recebida a que levou uma outra, também de condolências, para a viúva Xavier Marques.

Os três, aqui, vamos bem, e, igualmente, Otavinho, que nos escreve com relativa frequência. Vai fazendo, por lá, boa figura.

O assunto que pode vir a interessar a Humberto (sempre disse que se tratava de mera perspectiva) continua sem andamento, porque, tratando-se de coisa inteiramente nova, estão fazendo, por enquanto, apenas comigo, o que aliás tenho dito não poder ser indefinidamente, sobretudo se forem para a frente.

Começa amanhã a Semana Santa. Vamos pedir a Deus que nos ajude, como a Ele aparecer mais acertado. Boa Páscoa, para todos, inclusive os de Vera Cruz, e abraços e saudades.

De

Otávio Mangabeira,

Que notícias me dá de Eutíquio? Escrevo-lhe hoje diretamente umas palavras, a propósito do aniversário. Nem sei aliás se ainda existe a farmácia, ou o que ele tinha com tal nome.

Viram-se afinal, vocês e os do Rio, livres da casa da Barra. Foi boa a solução, no que parece.

Irene Góes, Fernando
filhos de Tertuliano Soares de Góes, comerciante na praça da Bahia, falecido em 13/02/1943.

Xavier Marques
Francisco Xavier Ferreira Marques faleceu em 30 de outubro de 1942.

Eutíquio
refere-se a Eutíquio da Paz Bahia, médico e político, foi durante o 1º exílio (1930-1934) de Otávio Mangabeira (1930-1934) o seu representante político na Bahia.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/ 2577

NOVA IORQUE, 01 DE MAIO DE 1943

Respondida em 14-5-43.

Euvaldo:

Após longo período sem carta sua, recebemos, há dias, a de 15 de abril. Por uma frase desta – “Mandei também explicar que cometi grave erro no demonstrativo”, etc. – vejo que houve alguma extravaiada, pois não recebi nenhuma, em que viesse tal explicação. Aliás, numa das minhas, que não sei também se recebeu, havia aludido ao assunto do saldo do ano passado, favorável, e não contrário.

Escrevi efetivamente, diretamente, a Eutíquio, por ocasião do aniversário, como lhe disse na minha última carta. Verifique se recebeu. Penso sempre em algum modo de ajudá-lo. E não o deixe sofrer dificuldades maiores.

Ainda bem que são boas as notícias que teve de Geovaldo. Colocando-me em sua posição, veria o caso, sem tirar nem por, como você o está vendo.

Otavinho, diferentemente dos outros dois que com ele vieram, e que têm andado aqui por perto, está destinado a passar todo ano da bolsa na Califórnia, e imediações. Parece realmente uma pirraça. Mas está contente, e é o principal. Depois, quando penso nos contratempos, tão maiores, que hoje vai sofrendo, pelo mundo, quase toda a humanidade, evito abrir a boca, queixar-me. O regresso está marcado para Outubro, quando termina o prazo. Veremos então o que é possível fazer.

Já lhe disse como achei conveniente a solução encontrada para a casa da Barra.

Abrços e saudade para todos,

de

Otávio Mangabeira.

Geovaldo

refere-se a Geovaldo Diniz de Pinho, filho de Euvaldo Soares de Pinho e Georgina Diniz de Pinho.

caso da aposent.

refere-se ao pedido de revisão da aposentadoria de Otávio Mangabeira. Ele foi aposentado, em 1938, no cargo de professor catedrático da Escola Politécnica da Bahia, de acordo com o art. 177 da Constituição de 10 de novembro de 1937, e reivindicava a inclusão nos cálculos do período que exerceu os mandatos de deputado e o cargo de ministro.

Escrevo hoje para o Rio, pedindo resolverem de qualquer modo o caso da aposent., que não pode ficar indefinidamente como está.

BR BACMB OM TXT CA 15/1919

NOVA IORQUE, 14 DE MAIO DE 1943

Simões:

Estive para fazer-lhe umas linhas quando soube da morte do nosso Tertuliano, a cuja família escrevi, exprimindo o meu pesar. Sei o que é para o nosso coração, nas alturas da vida a que chegamos, perder um bom, um verdadeiro amigo de modo que pude bem avaliar a sua mágoa em perdê-lo.

Agora, recebo a notícia de que morreu o Álvaro Carvalho! Acabo de escrever, para a Bahia, à sua cunhada, e aqui estou a transmitir-lhes, a vocês aí, os nossos pêsames.

Tive sempre pelo Álvaro uma grande estima e apreço; e era-lhe grato à bondade com que, desde muitos anos, invariavelmente, me tratava. Sinto sinceramente a sua morte, e dele guardo saudades.

Vamos indo na forma do costume. Não cesso de lamentar que você nunca se houvesse decidido a vir conhecer de perto esta outra parte do mundo, como é tão necessário, a todos nós.

Quanto ao Brasil, nem falemos.

Muitas e muitas lembranças a D. Helena e a Regina, como aos dois jovens do segundo, como que já devem estar dando a nota, e um abraço e saudades

do

Otávio Mangabeira

Álvaro Carvalho

Álvaro Campos de Carvalho,
médico e professor de Física
Médica .

D. Helena e a Regina

refere-se a esposa e filha de
Simões Filho.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/ 2578

NOVA IORQUE, 15 DE MAIO DE 1943

Respondida em 16-6-43

Euvaldo:

15 de maio, hoje. Feriado na família. Um grande abraço, e todos os bens da vida.

Sua última carta recebida é a de 2 do corrente, acompanhada das de Georgina, Maria Helena e Dinorá.

A vontade desta, de vir, não é maior do que a nossa de que de fato viesse...

Nada de novo a dizer. Vamos indo na forma do costume. Ocê, bem.

Ai vão uma carta de pezames, para a viúva do Álvaro Carvalho, e meu bilhete, para Flaviano Amado de Souza. Faça-os chegar aos seus destinatários, não, porém, por aquele processo da de 6 de dezembro, do Aloísio, que em todo caso chegou.

Abraços e saudades, para todos,
de

Otávio Mangabeira.

15 de maio
refere-se ao natalício de
Euvaldo Soares de Pinho,
nascido em 15/05/1889.

Aloísio
refere-se a Aloísio de
Carvalho Filho.

RIO DE JANEIRO, 15 DE MAIO DE 1943

Otávio,

Embora tardiamente, desejo manifestar-lhe nosso agradecimento pelas palavras de ouro que nos mandou, quando completamos, a 9 de fevereiro, as nossas bodas, também de ouro. Quanta coisa bonita disse você em tão poucas palavras! Pensamos sempre, com saudades, nesses amigos distantes mas que, pelas notícias frequentes que nos dá a boa e querida Vina, parecem aproximados. Também o Hélio Lobo deu-nas e é com interesse que acompanhamos o que aí se passa com você e os seus.

Desde julho próximo passado viemos aguardar o nosso querido Renato, depois de uma ausência de 7 anos. Ele envelheceu um pouco, perdendo aquela alegria do tempo em que aqui vivia entre nós. O filho, Pedro Lago, (o Pedrinho) é, modéstia a parte, um encanto; vivo, inteligente, franco, muito alegre, reunindo a simpatia de Ester a do Renato. Já está se preparando para fazer o exame de admissão ao Ginásio. A permanência na China não o prejudicou, porque o avô mandava os livros do programa e os pais o guiavam, sempre falando com ele o português; os únicos, com o secretário, que falavam a nossa língua em Pequim. Fez 10 anos no dia 30 de Dezembro último. A neta, Isabel Maria, filha de Ninita, tem 7 anos. É também bastante viva, carinhosa, muito nossa amiga; é bonitinha, parecendo-se com a irmã mais velha.

Seu velho amigo continua lutando; trouxe esta sina, só vencendo pelo esforço e perseverança. Nada lhe vem de presente.

Tem saúde, que é o melhor bem da vida, e fé em Deus; não lhe escreve porque não quer transmitir-lhe as suas tristezas.

Com estima, abraçamos a D. Ester e a jovem Édila.

Muito e muito amiga, faço votos por sua felicidade.

Belinha.

Renato

Renato de Lacerda Lago, diplomata e advogado. Foi transferido para Pequim como ministro plenipotenciário de segunda classe, onde permaneceu de fevereiro de 1937 a junho de 1942.

Ester

refere-se a Ester Proença do Lago, esposa de Renato de Lacerda.

Isabel Maria; Ninita

refere-se a Isabel Maria Prisco Paraíso, filha de Virgínia Lago Prisco Paraíso (Ninita) e Francisco Prisco Paraíso.

Belinha

refere-se a Isabel de Lacerda Lago, esposa de Pedro Lago, com quem teve dois filhos: Renato de Lacerda Lago, casado com Ester Proença Lago com quem teve Pedro Proença Lago; e Virgínia Lago Prisco Paraíso (Ninita).

BR BACMB OM TXT CP 59/1398

NOVA IORQUE, 26 DE MAIO DE 1943

Dr. Otávio Mangabeira
Hotel Weylin
40 Leste 54ª Rua
Cidade de Nova Iorque

Meu Caro Dr. Mangabeira:

Eu tenho pensado em escrever para você há um tempo sobre o discurso que você fez na Conferência Mundial da Confederação das Organizações Internacionais. Como você sabe, nós planejamos publicar um livro contendo todos os discursos significativos feitos nessa conferência. Eu sinto que em sua justiça seria mais sábio apresentar um trabalho com detalhes mais adequados sobre a situação da América Latina ou sobre o Brasil. Talvez ao mesmo tempo, nós possamos usar esse trabalho na próxima edição do FREE WORLD. Precisamos de um estudo detalhado sobre as forças democráticas da América Latina e das tendências do cenário político de lá. Se esse assunto não LHE for conveniente, estou certo que você pode pensar em algo igualmente preciso e importante.

Sinceramente seu,

Johan J. Smertenko

JJS: eh

Eu ficarei feliz em discutir com você a sua conveniência.

Free World
trata-se de revista dedicada à
democracia.

Johan J. Smertenko
escritor, professor e ativista
em favor da fundação do
Estado de Israel. Também
foi vice-presidente da Liga
Americana para a Palestina
Livre.

NOVA IORQUE, 29 DE MAIO DE 1943

Vina:

Suas últimas cartas recebidas são as de 1º e 15º de Maio. A de 8, anterior a esta, não chegou por enquanto.

Recebi também a parte final da conferência de J. Ele por certo a não publicará com o título de “conferência”, a menos que explique o desenvolvimento que posteriormente lhe deu. A propósito: não estive presente à reunião, em Petrópolis, a que se seguiu à morte de Rui. Achava-me então na Bahia. Deu-se aliás este fato: Naquele dia, entre 3 e 4 horas, chegou à redação da A Tarde o Vital Soares, e disse-nos, de parte do Chico Calmon, que o Braz do Amaral acabava de procurá-lo, em nome do Seabra, para oferecer-lhe a candidatura. Telegrafei imediatamente ao Rui, pois sabia que iam reunir-se para tratar da do Palma, já queimada àquela hora. Fiquei preocupado com a hipótese de que a crise mortal houvesse sido determinada ou agravada pelo recebimento do telegrama. Felizmente, ao chegar ao Rio dias depois, apurei que o telegrama fora recebido, porém o Rui já o não pudera ler. A verdade é que o nosso J. J. repetiu, na sucessão do seu segundo governo, relativamente ao Palma, o mesmo que fizera com o Paulo Fontes, na sucessão do primeiro.

A publicação do livro se impõe. Por todos os motivos. Confesso, sem embargo, que é penoso para mim ler coisas de outros tempos do Brasil, e principalmente do Rui. Em que tremenda ilusão vivíamos todos sobre o nosso próprio país! Ele, porém, morreu - e é o caso do Rio Branco, e tantos outros - longe de fazer sequer ideia de qual era a realidade em toda a sua extensão; ao passo que nós outros... E a mim coube, ainda por cima, ver de fora o panorama, e sentir como os outros julgam, o que multiplica o desengano. Ainda hoje, publicam os jornais um telegrama de Venezuela – da Venezuela do general Gómez e outros da mesma estirpe – dizendo que o presidente da República, também um general, declarou “que não seria candidato à reeleição, para evitar que jamais a ditadura se reestabelecesse no país”. Há dias, na minúscula Costa Rica, houve

conferência de J

conferência feita por João Mangabeira em virtude do falecimento de Rui Barbosa, em 1º de março de 1923.

Vital Soares

Vital Henrique Batista Soares, engenheiro e político, opositor de J. J. Seabra. Governador da Bahia entre os anos 1928-1930 e renunciou ao mandato por haver sido indicado candidato a vice-presidente da República na chapa de Júlio Prestes. Embora vitorioso, não assumiu em vista da eclosão do movimento de 1930.

Chico Calmon

Francisco Marques de Góes Calmon, banqueiro e advogado, foi governador da Bahia (1924-1928).

Seabra; J.J.

refere-se a José Joaquim Seabra, jurista e político. Governador da Bahia em duas ocasiões, 1912-1916 e 1920-1924.

Palma

refere-se a José Joaquim de Palma, desembargador. Suposto candidato de conciliação (Rui Barbosa-Seabra) para o Governo da Bahia, entre os anos de 1924-1928. J. J. Seabra, entretanto, e inesperadamente, lançou a candidatura de Góes Calmon, que foi eleito.

Braz do Amaral

Braz Hermenegildo do Amaral, médico, político e historiador. Foi intermediário nessa questão da sucessão do governo baiano.

Paulo Fontes

juiz federal. Para a sucessão do Governo da Bahia (1916-1920), Seabra propôs a sua candidatura, mas a retirou assim que Rui Barbosa a aceitou, alegando que o partido não havia concordado com a escolha. Seabra, então, indicou o nome do deputado federal Antônio Muniz, que acabou eleito.

livro

trata-se da obra "Rui, o estadista da República", que seria publicado ainda em 1943.

Rio Branco

José Maria da Silva Paranhos Júnior, barão do Rio Branco, foi ministro das Relações Exteriores (1902-1912).

Zweig

refere-se ao escritor austríaco Stephan Zweig que escreveu "Brasil, o país do futuro", em 1942, em certo apoio a Getúlio Vargas.

Augusta

refere-se a Augusta Mangabeira Albernaz, filha de Cecília Mangabeira.

Estela e o marido

refere-se a Estela Calmon, filha do ex-governador Francisco Marques de Góes Calmon, casado com José Wanderley de Araújo Pinho, político e historiador, filho do ex-governador João Ferreira de Araújo Pinho (1908-1911).

um movimento popular, um verdadeiro motim, por ter surgido no parlamento um projeto que parecia envolver a prorrogação do mandato do atual presidente; só depois que este interveio, fazendo retirar o projeto, os ânimos serenaram. Quanto ao Brasil, uma opinião muito corrente, em círculos estudiosos de tais assuntos - e tenho tido ocasião de refutar a tese, Deus sabe em que estado d'alma - é que o regime perdura, com o assentimento geral (não há quem venha daí que não traga essa impressão, que já me não animo a contestar, dada a sinceridade e boa fé com que me pronuncio) porque afina com o grau de cultura e civilização do país, onde o que houve em outras épocas era artificial e fictício! Um estadista europeu, dos mais inteligentes e perspicazes, que andou a fazer determinados inquéritos, teve sobre o caso esta frase: "É realmente digno de estudo, pois não conheço nada semelhante". Estou lendo, no momento, o livro póstumo de Zweig - "O mundo de ontem". O que diz a respeito da Áustria, em páginas que comovem, eu o sinto, em ponto pequeno, de referência ao Brasil. Cada dia o reconheço menos. Quando recebo, de longe em longe, uma carta, em que se me diz que tudo se normalizará depois da guerra, e noto a ingênua animação com que o dizem, não sei descrever o que sinto. A expressão "animadíssimo", de que você se serve em sua carta, pode ser que me iluda; mas parece que nunca mais me poderá atingir: porque, na melhor das hipóteses, o máximo a que chegaremos é a uma situação como a de alguém que consegue firmar-se ou recompor-se, depois da desonra pública. Poderia ser pior, dir-se-á em tal hipótese; não haverá, contudo, ainda assim, razão para alegria. Afora o resto, que não se pode dizer...

Mas fechemos este parêntese, e vamos às coisas íntimas. Não gosto de entrar pelos comentários políticos, porque digo o que quero e o que não quero.

Ao chegar-lhe estas às mãos, já Augusta estará de todo boa. Onde foi ela apanhar uma bronquite assim forte, coisa de que nunca sofreu antes? Que trate agora de consolidar-se.

Nós, por aqui, no mesmo. Otavinho, bem.

Boa companhia têm sido Estela e o marido para você. Dê-lhes lembranças minhas. Grande coisa são as velhas amizades.

Escrevi à família do Álvaro de Carvalho, na Bahia, e para aí, ao Simões, dando pêsames. Fi-lo em palavras de carinho para com ele, de quem gostava muito. Mais carinhosas teriam sido elas, se soubesse dos cuidados que me diz você teve ele para com nossa irmãzinha que me não sai da lembrança.

Dê notícias minhas ao meu amigo. Diga-lhe que recebi as duas cartas, a direta e a por intermédio de Duarte. Dê-lhe mais este recado: Agard já esteve comigo. Conversamos longamente sobre o assunto da gramática. O mais, persegue bem.

Saudades muitas de

Mangabeira

Álvaro de Carvalho
médico, professor de
Física Biológica e outras da
Faculdade de Medicina da
Bahia.

Duarte
refere-se a Paulo Duarte.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/ 2580

NOVA IORQUE, 12 DE JUNHO DE 1943

Respondida e, 14 -7- 43.

Euvaldo:

Estamos há muito sem carta sua. Assim também de Edite, cujo estado de saúde nos preocupa sempre.

A notícia maior, de cá, é a chegada do Simões, que me escreveu de Miami, ao desembarcar, e ontem telefonou-me de Los Angeles (Califórnia). Diz que está “como um sonâmbulo”, ansioso por se safar da caravana, e arribar para aqui. Realmente, organizaram, para o grupo de jornalistas, um programa de estafar. Só chegarão a Nova Iorque a 2 de julho, aqui permanecendo até 12, quando partirão para Washington, embarcando em Miami, de regresso, a 18. Assunto para prosa, não faltará.

É verdade que o L. Viana foi eleito para a Academia de Letras, aí? Disse-me o Afrânio Coutinho. Estranhei não me houvessem feito, em tempo, a comunicação devida, para que eu mandasse o meu voto. Diga-lhe isto, e que o meu voto, no caso, não seria só de amigo, mas efetivamente de “juiz”, em testemunho de aplauso aos seus merecimentos, a que a sua conduta pública de lealdade ao país dá um brilhante realce.

Otavinho, sempre bem. Nós, na forma do costume. Não me esqueço de Dinorá.

Abraços e saudades, para todos,

Otávio Mangabeira.

Recebi há dias novos recortes de jornais, postos aí no correio em dezembro. – Otavinho acaba de telefonar-nos de Berkeley, dizendo que segue amanhã para Nova Orleans, numa excursão de estudos, de verão, que já tinha anunciado. Vai ver se de Nova Orleans, que é bem mais perto, pode vir até aqui, antes de regressar à Califórnia.

L. Vianna

Luis Viana foi eleito em 1943 para a Cadeira nº 2, cujo patrono é Gregório de Matos, da Academia de Letras da Bahia, para substituir Aloisio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola).

Afrânio Coutinho

diplomado em medicina, não seguiu a profissão. Dedicou-se à literatura e à história. Em 1942 foi para os Estados Unidos, convidado para o cargo de redator-secretário da revista Seleções do Reader's Digest, em Nova York, permanecendo no posto por cinco anos.

BAHIA, 2 DE JULHO DE 1943

Otávio

É tão frequente hoje o extravio de cartas e a longa demora de sua entrega que receio não lhe ter chegado ainda, ou não vir a ser entregue a que lhe escrevi nos primeiros dias de Abril quando aqui cheguei.

Enviava-lhe novos agradecimentos ao sacrifício, que resultou improficuo, de votar na eleição acadêmica.

Não quero comentar a derrota, pois fui eu o derrotado; nem mesmo em carta dizer quanta razão tinha Você nalguns de seus julgamentos e nos seus propósitos. Apenas lhe disse e repito que até o momento da eleição as grandes probabilidades eram minhas. As promessas pareciam todas firmes, e tais, que mais de um acadêmico tinha por indubitável a vitória. Decepções e acordos de última hora tiraram-me o quorum no primeiro escrutínio, posto que não a maioria; e o Menotti no segundo foi eleito.

Lamento este resultado, sobretudo porque levei Você a alterar, inutilmente, uma deliberação que se fundava em razões nobres, e lhe fiz vencer uma repugnância tão viva de colaborar com a Academia. Só a convicção da indispensabilidade de seu voto me levou a, usando de sua amizade, fazer tão grande violência a seus sentimentos e propósitos.

E está corrida a página acadêmica.

Aqui tenho estado, e ainda passarei o mês de Julho, no trato de vários negócios. Revejo a Bahia no inverno e estou escrevendo no nosso grande dia. Não quero avivar suas saudades dizendo algumas coisas amáveis de nossa boa terra.

O Simões ter-lhe-á dado informações de amigos, e tantas notícias e comentários, que nada acrescentarei.

eleição acadêmica

José Wanderley de Araújo Pinho, em nova tentativa à Academia Brasileira de Letras, foi derrotado por Menotti del Picchia em segundo escrutínio.

Menotti

refere-se a Paulo Menotti del Picchia, poeta, romancista, jornalista e político. Terceiro ocupante da Cadeira 28, eleito em 1º de abril de 1943, na sucessão de Xavier Marques.

**Euvaldo; Dinorá;
Geovaldo**
refere-se a Euvaldo Soares de
Pinho e filhos.

Recebi uma carta do D. Washington sobre os dois livrinhos que lhe enviara o ano passado. Recebeu Você também seus exemplares?

A guerra dificultando comunicações e trazendo tantas conseqüências tem aumentado a distância e a separação dos que são obrigados a permanecer fora da pátria. Mas ela acabará com a vitória da boa causa, e não tardará o dia de os abraçarmos no Brasil.

Tenho estado com Euvaldo e família. Dinorá partiu para o Rio e creio que vai até São Paulo. O Geovaldo está em serviço ativo como oficial do exército. Ainda hoje à tarde vi o Eutíquio iluminado de patriotismo no préstito de 2 de Julho acompanhando a cabocla. Este ano puseram na rua os caboclos que há cerca de vinte anos estavam dormindo na Lapinha. Há uma reação tradicionalista em nossa terra. Isso faz bem. Andávamos muito displicentes. E muita coisa entre nós tem ocorrido por essa falta de zelo pelo passado e desse retorno do espírito aos grandes feitos e heróis antigos, sempre prontos a comunicarem estímulos de altivez, nobreza e coragem. Noto uma boa parte da mocidade curiosa de assuntos baianos e desejosa de conhecer o nosso grande passado. Eu por mim faço o que posso (já que nada valho para mais) em animar esse movimento.

Adeus, Otávio. Estela e eu visitamos muito cordialmente a Ester e mandamos lembranças a Édila.

Aqui vai um abraço agradecido

José.

Av. Joana Angélica 198 – Bahia.

José
refere-se a José Wanderley de
Araújo Pinho.

NOVA IORQUE, 31 DE JULHO DE 1943

Respondida em 27- 8 – 43.

Euvaldo:

Não tenho à mão a sua última carta, que já é de muitos dias. Nela dizia você que, havia mais de um mês, nada recebia daqui. Certamente, depois recebeu, pois me lembro de ter mandado um recado a Luís Viana a propósito de sua eleição para a Academia de Letras da Bahia, um bilhete para Flaviano Amado e palavras de pêsames à viúva do Álvaro de Carvalho, e, na sua aludida carta, não há referência a nada disto, o que quer dizer que até então não tinha recebido.

O Simões chegou aqui a 2 de julho, e partiu anteontem, 29, para Miami, onde tomará, a 1º, o avião para o Rio. Não é preciso dizer-lhe que esteve sempre conosco. Palestras intermináveis, mostrando-se muito amigo e interessado. Sobrecarregado, como vivo, de trabalhos, que são da ordem daqueles que não podem ser adiados, imagine os apuros em que me vi para conciliar as coisas.

Há muito vimos pensando numa ida de Édila ao Brasil. Ester, por outro lado, torce muito (e por diferentes razões) por que transfiramos o nosso pouso para a América do Sul (Buenos Aires ou Montevidéu). Eu... fico a ponderar os prós e os contras, que realmente os há. O Simões bateu-se muito por ambas as providências, descendo a certos detalhes que aqui não caberiam. Tenho amigos no Uruguai que insistem por que eu vá para lá. Continuo a ponderar... Acresce que a concessão de prioridades (até para Édila ir ao Brasil, como já pedi, por precaução) é atualmente difícilima, e haverá quem tenha interesse em dificultá-la ainda mais, no meu caso particular. Enfim, veremos.

Não sei se já terá chegado aí algum exemplar da publicação, de que junto lhe mando a primeira página do n. 4, que acaba de sair. É de distribuição gratuita, e soube que, também para a Bahia,

Flaviano Amado

Flaviano Amado de Souza,
engenheiro, foi intendente de
Maragogipe (1891-1894).

**Una; Serraria
Massaranduba**

refere-se a empresa Agrícola de Una S./A., tendo entre suas propriedades a Serraria Massaranduba, localizada a rua Santo Titara, n. 186.

A. Cout.

refere-se a Afrânio Coutinho.

se fizeram muitas remessas, é bem de ver que por via marítima. Está saindo, por enquanto, com 16 páginas, traduzidas do inglês, e revistas, por uma só pessoa... Foi aí que pensei (e continuo a pensar) na vinda do Humberto. Trata-se de traduzir, como vê, do inglês para o português, com a velocidade necessária, por assim dizer ao correr da pena (isto é, da máquina), toda esta xaropada de ordem técnica. Caso aí já tenham chegado, faça com que venham algumas cartas endereçadas a “Revista Industrial – Penton Building, Cleveland, Ohio, EUA”, com palavras de animação. No caso contrário, escreva, com o mesmo endereço, pela Una, dizendo ter tido notícia, e pedido a remessa. (Figura entre os endereços, para distribuição, a Serraria Massaranduba). O próprio H. pode escrever, como assinante da Steel, etc. Há, aliás, em cada número uma fórmula impressa para “pedidos de informações” sobre a matéria tratada. As cartas podem vir em português. Junte esta com a do A. Cout., e veja quanto bagaço a digerir...

É o que vou tratar de fazer, pondo aqui ponto, por hoje. Que Maria Helena e Dinorá vão indo bem no Rio, e os três aí.

Abraços e saudades de

Otávio Mangabeira

BR BACMB OM TXT CA 14/1898

NOVA IORQUE, 01 DE AGOSTO DE 1943

Meu prezado amigo:

Estranhou-se, por aqui, o seu longo silêncio. Eu, porém, o compreendia, atribuindo-o precisamente aos motivos que a sua primeira carta, afinal recebida, menciona. Trouxe ela a data de 27 de junho, e chegou com certo atraso, pois, vários dias antes de recebê-la, tinha eu já em mãos, assim o recado que a completava, e que me foi entregue pelo A, como os dois recortes de La Prensa, vindos em outro envelope. Será que se refere a estes recortes o seu post scriptum dizendo – “Em separado, segue outra carta, não datilografada”? Porque o fato é que não recebi nenhuma carta, não datilografada. Quer a recebida, quer o recado, eram datilografados.

Já há muitos dias que tenciono escrever-lhe. Mas, assoberbado de trabalhos que são da ordem daqueles que não podem ser adiados, tive, por outro lado, de 2 de julho até anteontem, 30, a presença aqui do Simões, que me deu aliás grande prazer, obrigando-me, porém, diariamente, a horas de passeio e de palestra. Deve ele ter partido, esta manhã, de Miami, rumo ao Rio. Veio com uma caravana de jornalistas, convidada pelo Club de Imprensa de Washington.

As informações de sua carta coincidem, mais ou menos, com as que tenho tido de outras fontes; recebo-as todas naquele estado de espírito, muito nosso conhecido. Sempre me pareceu que a terminação, a 10 de novembro próximo, do prazo de seis anos, que ele mesmo estabeleceu, em seu próprio benefício, criaria para o G. uma crise intransponível, se as condições do país não se achassem já além da decomposição cadavérica. É mais uma prova que se vai tirar...

Foi-se agora o Mussolini, desabando, com o seu fascismo, entre as ruínas de Itália, e coberto de ignomínia. Um broadcast do Vaticano condenou os regimes de um só homem em termos que se diriam de encomenda, ou escritos por um de nós. Tais fatos ocorrem ao aproximar-se o dito 10 de novembro, como injeções do gênero

amigo

refere-se a Armando de Sales Oliveira.

G.

refere-se a Getúlio Dorneles Vargas.

daquelas com que Jesus restituía aos mortos os direitos da vida. Ao mesmo tempo, uma inflação nunca vista: conta-me um amigo que lhe ofereceram por uma propriedade, no Rio de Janeiro, sucessivamente, 900, 1.200 e 1.500 contos, no período de três ou quatro meses; uma improbidade a ostentar-se com uma desfaçatez sem precedentes: homens, em exercício do governo, e que antes só tinham dívidas, compram e constroem palácios; um encarecimento de vida que deve estar criando, para os pobres, dificuldades terríveis. Aos que esperam que a guerra termine, tenho perguntado “com que roupa” pretende o Brasil concorrer aos debates da paz. Nu? De arco e flecha?

Mandei, a alguns amigos, impressões.

A hipótese da minha transferência para a América do Sul tomou ultimamente certo impulso. A família, como sabe, aqui e no Brasil, torce muito nesse sentido. Recebi, por outra parte, sugestões na mesma direção, acompanhadas de facilidades. Fico a ponderar os prós e os contras, embora reconheça que o exilado, como o famoso judeu, tem que ser errante, por destino: a ida de terra em terra dá-lhe ao menos a ilusão de que se está tratando de turismo... Aqui, de qualquer maneira, pude dar uma solução ao aspecto financeiro do problema da manutenção no estrangeiro. Mas a preço um tanto duro, sobretudo partindo, como parto, do princípio de que a brincadeira é para o resto da vida, ainda que a tenha longa. Isso, para não ter decepções... Somei ao serviço antigo, que é do seu conhecimento, e ainda foi reforçado, o novo que lhe não é ininterrupta. Não me sobra quase tempo, sequer para ler um livro. E, levando em conta, como cumpre, a verba de *income tax*, tiro estritamente o essencial para me ir mantendo, tanto mais que o orçamento, *et pour cause*, só tem propensão para subir.

Dois amigos uruguaiois que aqui estiveram, e como estes o A, asseguraram-me que viverei em Montevideu no mesmo nível, senão de modo melhor do que estou vivendo em Nova Iorque, com uma despesa mensal correspondente a 250 dólares. Mostrei-me incrédulo. Tenho verificado, por experiência própria, que, em regra, quando se faz orçamento para os outros, é aquém da realidade. Pedi-lhes então que me remetessem o preço da estada, por mês, em hotel, não

de luxo, mas confortável (para os primeiros tempos, já se vê) de três pessoas, com três aposentos como os de que disponho no Weylin, isto é, dois quartos e uma sala ou gabinete. Por aí julgarei o resto. Se realmente pudesse eu conseguir, na América dos Sul, uma redução de 50 por cento, pelo menos, no meu orçamento americano, e até, como dizem, com maior conforto, creio teria meios de obter a renda correspondente. Tudo, por enquanto, projetos. Há muito que refletir, antes de dar qualquer passo. E as prioridades? Fale de cadeira sobre o assunto...

O Art. partiu há dias numa longa excursão através da América Latina, a terminar no seu Montevidéu, onde chegará em fins de setembro. A gente do F. W. meteu-me no seu conselho diretor, e faz questão de que assumo a direção, aqui, do que tocar à América Latina. Aquiesci quanto à primeira parte. Quanto à segunda, pus certas condições, atinentes sobretudo a elementos de que dispor. Suas cartas, para eles deixaram boa impressão. Há alguns assuntos interessantes sobre os quais o Art. lhe conversará oportunamente. Como quer que seja, têm-me vindo desse lado alguns encargos a mais. Surgiram-me também dois novos contatos que podem ser preciosos.

O nosso P. seguiu afinal para Lisboa, em comissão do Museu de Arte Moderna, como foi aqui, em tempo próprio, do seu conhecimento. Deve estar a chegar ao Tejo, se é que já não chegou. Ansioso por partir, concordou em ir por dois meses, regressando, ao fim desse prazo, se não receber novos recursos.

Quanto ao mais, nada de novo. As notícias da guerra, animadoras. Lembranças nossas a dona Raquel e ao Armandinho. Nunca mais ouvi falar no homem do Trouville. Recomende-me aos companheiros, e receba um grande abraço afetoso do

Otávio Mangabeira

Art.

refere-se a Hugo Fernández Artucio, professor de filosofia, historiador e político uruguaio. Foi editor da revista Free World.

F. W.

refere-se à revista Free World, dedicada à democracia.

WASHINGTON D.C., 5 DE AGOSTO DE 1943

Hotel Statleo, Room 560.

Meu caro e eminente amigo e Senhor Ministro.

Guardo a esperança de ir abraçá-lo no dia 16 de noite, ou no dia 17 pela manhã, antes de partir para Cuba, Haiti e Venezuela, a caminho do Brasil. Mas, como essa esperança pode não se realizar, eu quero tomar as providências necessárias para, pelo menos, ter notícias suas, escritas, ou de viva voz pelo telefone, antes de deixar os EUA. Desejo, igualmente, colocar-me a seu inteiro dispor para qualquer coisa que lhe agrade mandar ao Brasil, e lhe dar tempo de tomar suas disposições em consequência.

Cheguei aqui, vindo de avião pela costa do Pacífico, e tendo partido de Montevidéu a 9 de julho. Em Balbôa, minha mulher, para quem não pude conseguir uma priorite de natureza militar, como a que me concederam a mim, que lhe permitisse acompanhar-me ao México, - partiu diretamente para Miami e Albany, onde se acha, em companhia do filho e dos irmãos. Eu segui para o México, onde passei 10 dias, em desempenho de uma missão da mesma natureza do que me trouxe aqui. Do México, vim, também de avião, até cá. Desde o dia da chegada que tenho trabalhado sem interrupção. Tenho tido sessões de consulta com as autoridades americanas, em encontros diários de 10 a 1 e de 3 a 7 e 8 horas.

Na 4^a feira próxima, parto para Albany a buscar Eva e estar uns poucos dias com o menino e a gente dela; e, a 16, embarcaremos em Nova Iorque para terminar as visitas de consulta, e terminá-las pelos que será efetuada no Brasil. Do Rio, ingressaremos a Montevidéu, em princípios de Outubro.

O Fernando Lobo deu-me notícias suas e dos seus. Mas elas não bastam para mitigar as saudades.

Não sei se o Doutor recebeu algumas mensagens minhas do

Eva

refere-se a Eva de Pimentel Brandão, esposa de Mário de Pimentel Brandão.

menino

refere-se a Manuel Antônio Maria de Pimentel Brandão, filho de Eva e Mário de Pimentel Brandão.

Fernando Lobo

diplomata. Em 1942 foi transferido para Washington, onde, ocupou o cargo de encarregado de negócios nas ausências do embaixador Carlos Martins Pereira e Sousa (1940-1948).

Rio e de Montevidéu. Eu guardo sempre a melhor lembrança dos tempos em que estivemos juntos, em Portugal, a bordo e aqui.

Estamos em Albany à Hawthorne Avenue 93, em casa de uma irmã dela. Aí contamos receber notícias suas e combinar ainda que haja um encontro, por ocasião da nossa passagem por Nova Iorque.

Até lá, peço-lhe que apresente a D. Ester as nossas homenagens afetuosas, assim como a D. Édila.

Para o Senhor, com as lembranças de Eva, um abraço afetuoso e saudoso do seu muito admirador e amigo,

M. de Pimentel Brandão.

**M. de Pimentel
Brandão**

diplomata, foi ministro das Relações Exteriores (1936-1938). Apoiou a instalação do Estado Novo, sendo um dos signatários da nova Constituição. Serviu na Comissão Consultiva para a Defesa Política do Continente (1942-1943), com sede em Montevidéu, Uruguai.

BR BACMB OM TXT CP 47/1099

BAHIA, 27 DE AGOSTO DE 1943

Otávio,

Venho trazer-lhe o meu abraço. Em apertos de viagem, com mil coisas de última hora de últimos dias não pude comparecer, o que muito me aborreceu, à demonstração pública de seus amigos – a missa na igreja de São Pedro. Viva muito, e os anos a decorrer sejam compensadores do sofrimento desta época em que tanto sobressai a sua personalidade pela firmeza, pela coerência, e pela impavidez.

Parto para o Rio depois de quase cinco meses de Bahia, esperando poder regressar em Fevereiro. Lá e cá disponha sem cerimônia dos meus poucos préstimos.

Recebeu duas cartas minhas daqui escritas? O correio faz tantas belezas?!

Continuo a aplicar os lazeres dos estudos históricos. Ainda agora aceitei a incumbência de escrever a “História Social da Cidade do Salvador”, um dos trabalhos para a comemoração do quarto centenário da fundação da cidade. É tarefa não pequena, a demandar um afincado trabalho de pesquisa.

Ainda não vi o livro de Édila, tendo lido apenas uma crítica elogiosa.

Adeus, Otávio. Abraça-o muito cordialmente o

José.

**“História Social da
Cidade do Salvador”**

PINHO, José Wanderley
de Araújo. “Aspectos da
História Social da Cidade
do Salvador”, publicado em
1949.

livro de Édila

“O que ficou de mim...”, livro
de poesia publicado em 1943
pela editora Irmãos Pongetti.

José

refere-se a José Wanderley de
Araújo Pinho.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2584

NOVA IORQUE, 4 DE SETEMBRO DE 1943

Euvaldo:

Diz você, na sua última carta, há dias recebida, que, havia já dois meses, não tinha carta nossa!

Como tive o ensejo de dizer-lhe, lembro-me de ter remetido um bilhete para Flaviano Amado, palavras de pêsames para a viúva Álvaro de Carvalho, e um recado para Luís Viana – e a nenhuma destas três coisas faz você referência. Será que não recebeu nada disto? Posteriormente escrevi, pelo menos, três cartas, a penúltima acompanhada de uma página de revista, e a última, de Lake Placid, de onde regressamos segunda-feira, 30 de agosto.

Acredito que, embora com atraso, terá recebido, ou receberá tudo.

Quanto à hipótese da nossa ida para a América do Sul, são óbvias as razões que a aconselham, se o permitirem as circunstâncias. Não sei, porém, de onde saiu o que disse aí Dinorá, ou a ela disseram no Rio. A minha preferência é evidentemente por países de regime democrático. Não desejo, de modo algum, viver sob ditaduras. Como, pois, refugar o Uruguai, que é uma das poucas democracias decentes do nosso continente, apesar de ameaçado pelo mau exemplo do ambiente? Três anos de Estados Unidos já me permitiram conhecer devidamente o país, o que me interessava enormemente; e muito lucrei com isso. Gostaria também de conhecer a América Espanhola, e só se conhece uma região quando nela se vive um bom período... Quanto ao “cansaço do exílio”, não se trata propriamente de cansaço. O exílio foi sempre considerado, em todas as épocas e literaturas, uma das piores provações porque pode o homem passar, bem maior, sob certos aspectos, que a da própria prisão. Junte-se agora ao exílio a circunstância da guerra, que multiplicou as dificuldades da estada no estrangeiro em semelhante caráter; e some-se ainda o fato do incrível custo da

Dinorá

refere-se a Dinorá Diniz de Pinho, filho de Euvaldo.

vida em certos países, determinado pela anormalidade, mas igualmente pelo vigor de sua moeda, ou pelos próprios hábitos locais. Por outro lado, quanto maior a distância, mais se agravam certos inconvenientes e prejuízos de várias ordens. São coisas que só avalia quem as experimenta, e não pode andar contando; de longe, há, ao contrário, a tendência para julgá-las até divertidas. Não se trata, pois, de cansaço, mas de ver a melhor maneira de ir conduzindo a carga, com o devido bom senso e inteligência, precisamente para não... cansar. Realmente, na minha idade, que é a das aposentadorias com todos os vencimentos, não deve ser grande coisa estar a organizar a vida aqui e ali, fechando capítulos e abrindo outros. Aqui efetivamente a organizei, mas numa base que cansaria alguns moços, e não me deixa tempo para nada. Como quer que seja, por enquanto, só o que tenho de certo é ir continuando assim mesmo, até que tenha elementos para qualquer decisão. Mas insisto no que disse: prefiro varrer ruas em países democráticos a ser príncipe em ditaduras. O diabo que as leve, a todas. Levará? Esperemos.

Recebi o telegrama coletivo de 27 de agosto.

Abraços e saudades, para todos, inclusive para os amigos, de

Mangabeira.

TRECHO MANUSCRITO:

Tive carta Otavinho transmitindo-me cópia dos termos, muito honrosos para ele, em que lhe foi concedida a prorrogação da bolsa por mais um ano.

BR BACMB OM TXT CA 15/1920

NOVA IORQUE, 04 DE OUTUBRO DE 1943

Simões:

Os abraços que aqui lhe mandamos, neste seu 4 de outubro, não sei quando aí chegarão. Sua carta de 16 de agosto foi recebida a 20 de setembro.

Recebi também o telegrama de 27 de agosto. Lembro-me de ter ouvido, certa vez, o Rui, da tribuna do Senado, atirar sobre o Seabra este “epíteto”: “Quinquagenário, à beira dos sessenta anos.” É possível que, àquele tempo, tenha compreendido; mas confesso que hoje não atino, e, pela mocidade radiosa em que o vi há apenas dois meses, estou certo você não atinará, ou atinará ainda menos, com o alcance da “agressão”...

Não voltei ainda a mim do abalo que me causou, com o fato de transferir-me, por alguns dias, à “primeira encarnação”, a sua meteórica passagem por este “outro mundo” em que vivo, ou antes, perambulo. O Waldorf, Astoria, o Louis e Armand, o Altman, o Lord and Taylor, conservam a lembrança do príncipe que por aqui passou.

Ester e Édila receberam a carta e o cartão, uma e outra tão gentis, de Regina; e Édila, igualmente, um aviso, da agência, aí, supondo, da Panair, sobre a ordem de passagem. Mas as indecisões continuam, até que eu lhes ponha termo, ou possa fazê-lo. São elas, aliás, como você bem observou, as companheiras inseparáveis dos que, não sendo aviadores nem pássaros, vivem contudo no ar, embora firmes como rochedos quanto a certas coisas da terra...

Muitas lembranças, dos três para os cinco, e um abraço e saudades do

Otávio Mangabeira

4 de outubro

refere-se ao natalício de Ernesto Simões Filho, nascido no ano de 1886.

Regina

refere-se a Regina Helena Simões de Melo Leitão, filha de Ernesto Simões Filho.

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2586

LAKE PLACID, 11 DE OUTUBRO DE 1943

Escrevi em 11-10-43

Respondida em 22/9/1943

Euvaldo:

Depois de quase três anos sem arredar pé de Nova Iorque, a não ser por um dia, em que fui a Washington, e três que passei em Boston, concordei em vir passar duas semanas em Lake Placid – uma aldeia, civilizada e florida, entre dois lagos, muito própria para o repouso, como estação de verão. Viemos a 16 e voltaremos a 30. Assim, é neste recanto que completarei amanhã os meus 57...

Sobre as viagens – de Ed. ao Brasil, e nessa à América do Sul, ou para a América do Sul – nada ainda fixado. O Simões animou-nos muito nesse sentido. Tenho tido outras sugestões na mesma direção. Mas há muito que refletir, antes de resolver. Até mesmo facilidades me tem sido oferecidas. Ando com uma certa tendência a por, sobre tudo, o coração ao largo; todavia, reconheço que a ausência prolongada, agravada pela distância tem tido muitos inconvenientes.

Faço votos porque, ao chegar-lhe estas às mãos, Geovaldo já esteja bem. E a nossa Dinorá, como voltou?

Diz você, na sua carta de 26 de julho, a última recebida, que a última nessa era de 12 de junho. Acredito que, depois, terá recebido outras, retardadas. Aliás, quer você, quer nós, temos escrito mais espaçadamente. Não, porém, a esse ponto. Na minha última, acompanhada de uma página da Revolução Industrial, me referi ao que interessa a Humberto.

Otavinho, bem. O professor de Entomologia da Universidade de Berkley escreveu uma carta, muito honrosa para ele, pedindo a sua continuação aí por mais um ano. É possível que concedam.

Ed.
refere-se a Édila Mangabeira,
filha de Otávio Mangabeira.

Os amigos, aí, como vão? Dê-lhes sempre muitas lembranças. Lembro-me de que, uma das minhas últimas cartas, ia um recado para L. Viana. Com outra, remeti pêsames à viúva Álvaro de Carvalho.

A nada disso faz alusão a sua última onde concluo que tudo chegou posteriormente.

Esta carta vai muito mal escrita, porque a faço na sala do Hotel, fora os meus cômodos.

Abraços e saudades, para todos,

De Otávio Mangabeira.

BR BACMB OM TXT CP 38/1770

NOVA IORQUE, 15 DE OUTUBRO DE 1943

Dr. Otávio Mangabeira
Hotel Weylin
40 E. 54^a Rua.
Nova Iorque, N. I.

Caro Senhor,

Foi trazido à minha atenção que você poderia estar interessado em traduzir para o português alguns dos filmes de treinamento que estão sendo preparados para uso do Exército Brasileiro.

Ouvi sobre o excelente trabalho de tradução que você fez para *The Reader's Digest*. As traduções que estamos fazendo aqui, contudo, demandam um conhecimento variado de alta tecnologia que você pode ou não possuir. Por essa razão, estou listando abaixo os assuntos de vários filmes que nós gostaríamos que fossem traduzidos no momento. Se você estiver interessado em fazer este trabalho, e se você sentir que está preparado para lidar com alguns dos temas, eu ficaria feliz que entrasse em contato comigo para que possamos marcar uma reunião e discutir o assunto mais detalhadamente.

O pagamento do trabalho é de \$15 por bobina, e os filmes consistem de uma ou mais bobinas.

A seguir a lista de temas dos filmes que estão prontos pra tradução:

- 1) Armas variadas e seu uso.
- 2) Construção de pontes
- 3) Teoria do clima
- 4) Fotografia aérea, bomba aérea, sistema hidráulico de avião e outros temas de aviação.
- 5) Holofotes antiaéreos

- 6) Impressora telegráfica
- 7) Obstáculos de arame farpado
- 8) Sem fio
- 9) Alvos de reboque
- 10) Tanques e broca de tanque
- 11) Balsas Pontoon
- 12) Rádio
- 13) Assuntos automotivos
- 14) Explosivos e demolição
- 15) Equitação

Acredito ser óbvio que esse trabalho envolve um considerável serviço para o esforço de guerra das Nações Unidas, em geral, e para o Brasil, em particular. O trabalho, é claro, é confidencial.

Atenciosamente

A.M. LOEW,
Major Signal Corps, OC,
Ramo de Língua Estrangeira

BR BACMB OM TXT CA 10/1792

NOVA IORQUE, 27 DE OUTUBRO DE 1943

amigo

refere-se a Hélio Lobo,
nascido em 27/10/1883.

Meu querido amigo:

Aqui vai o meu abraço por mais um ano, que hoje se completa, numa existência que é um tão raro exemplo de tantas bondades, juntas.

Deus o conserve, e tranquilo e feliz, quanto o merece, em companhia dos seus.

Por aqui, nada de novo, no que nos diz respeito. A mesma vida de sempre. Quanto à viagem, continuo apesar das circunstâncias e a esperar algumas cartas, que se vem retardando no caminho, tanto a correspondência, atualmente, custa, em regra, a chegar por aqui, tornando-se assim bem maior a nosso afastamento.

Recordo hoje igual data, há um ano, em Filadélfia. Vive-se de recordações. Cinco anos se completam, a 29 deste, que embarquei na Bahia para a Europa, onde iria assistir à tristeza, como se tantas já não me bastassem, do desmoronamento da França.

Hão de vir, porém, dias melhores.

Muitas e muitas lembranças para D. Viola e os dois jovens; meus respeitos a sua boa velha, por cuja saúde faço votos, igualmente a D. Íris; lembre-me sempre aos amigos, e um abraço e saudades do.

Otávio Mangabeira

Íris

refere-se a Íris Lobo Chagas,
irmã de Hélio Lobo e esposa
do médico sanitarista Carlos
Chagas.

BR BACMB OM TXT CF 7.4/2307

RIO DE JANEIRO, 29 DE NOVEMBRO DE 1943

Otávio,

Há dias que lhe estou para escrever, mas queria fazê-lo com a remessa de meu livro. E este, apesar de pronto, por falta de transporte, pois é impresso em São Paulo, nada de chegar. Vieram afinal os da edição especial. Saiu com erros terríveis, inclusive troca de página. À última hora fizeram uma pequena errata, insuficiente. Se houver nova edição como José Olímpio espera, será sem erros. A edição atual é de 4000 – o que se considera aqui extraordinário – além de 300 exemplares de luxo. Estes serão vendidos a 200# e os outros a 40#. Os livros de Édila e Chiquito têm tido ótima impressão. Ainda ontem saiu, no Jornal do Comércio, um pequeno comentário sobre o livro de Édila, que Vina lhe enviará. O de Chiquito é de crítica mais difícil e somente agora começa a ser analisado. Seria ótimo que fosse traduzido. Quando li o livro, antes de entregue ao editor, disse a Chiquito: seria ótimo se este livro fosse ao mesmo tempo publicado, em português e inglês. Meu livro deve ser posto à venda a 1 de dezembro. Mas até Sábado não tinham chegado os exemplares comuns.

De saúde vamos todos bem, exceto Francisquinho, que tem atravessado umas crises naturais à doença. E como não tem mais dúvida sobre a moléstia de que sofre, perdeu aquela calma, aquela “indiferença” como dizia Ubaldino, e irrita-se por qualquer coisa. Dizendo sempre, porém, que está muito bem. Mas eu receio que venha uma crise séria. E, se vier, não sei se o organismo dele resistirá. Porque o estado geral dele é mau. Como ele tem, muita dieta e se defende muito, pode ser que melhore. Mas não creio. Essas moléstias crônicas são assim mesmo.

Nestes dias lhe escreverei e lhe mandarei uns dólares para você pagar aí umas assinaturas atrasadas da Nation, Free World, etc. Adeus. Abraços a você, Ester e Édila,

do irmão muito amigo

João.

meu livro

trata-se da obra Rui: o estadista da República (1943), de João Mangabeira.

José Olímpio

bibliófilo fundador e proprietário de uma das mais importantes editoras nacionais do período.

Livros de Édila e Chiquito

trata-se das obras O que ficou de mim... (1943) e Que é o homem? Um esboço de antropologia (1943) ou Direito internacional e os problemas de após-guerra (1943), respectivamente.

Francisquinho

refere-se a Francisco Mangabeira Albernaz, filho de Cecília Mangabeira com José Garcia Albernaz.

BUENOS AIRES, 30 DE NOVEMBRO DE 1943.

Meu caro amigo,

Em Junho, com a minha carta datilografada, mandei outra, manuscrita, em envelope separado. Era uma carta longa, em que tratava de meus assuntos pessoais, pedia notícias suas, dos seus e dos seus negócios e, sobretudo, indagava dos seus projetos de futuro. Sabendo, como sabia, a natureza da atmosfera em que juntos vivemos tantos meses, só via motivos para acreditar que ela tivesse piorado, depois de minha partida. Vinha-me sempre à memória a teoria do funil, do Dr. Washington, e imaginava a aceleração alarmante com que deviam estar se entalando na boca cada vez mais estreita... Soube que não recebeu a carta, e não me admirei, pois tive notícia, em fonte por assim dizer direta, de que uma carta de um dos nossos amigos, por sinal que bastante indiscreta, estava em poder de nossas autoridades. A minha carta era perfeitamente inocente, mas vão lá saber o que terão suspeitado.

Estou interdito pela censura brasileira de um modo absoluto, e por isso vivi alguns meses sem notícia alguma de nossa terra; os amigos, que deviam vir ver-me, só em fins de Outubro e agora, em Novembro, cumpriram a promessa, dando-me, aliás, um enorme conforto. Coincidiram essas visitas com os acontecimentos que ultimamente abalaram a vida brasileira, à volta do famoso aniversário. Três fatos principais dão uma ideia das modificações que se estão processando no ambiente moral de nossa terra, e que até a pouco parecia imutável.

Desses fatos – o incidente entre o Rabelo e o Dutra, o sangrento episódio dos estudantes paulistas e o manifesto dos mineiros – já o meu amigo há de ter recebido informações. É possível, porém, que não tenham tido meio de mandar os documentos respectivos e por isso aqui os mando. Os documentos falam por si mesmos. São indícios de uma situação definitivamente cambaleante, que um sopro bastará para abater. A impressão no país foi profunda.

incidente entre o Rabelo e o Dutra

Manuel Rabelo, militar; min. STM (1941-1945), assumiu em janeiro de 1943, a presidência da Sociedade Amigos da América (SAA) - instituição de caráter antifascista, que congregava elementos do governo favoráveis aos Aliados e setores liberais, além de comunistas. Foi considerado comunista pelo min. da Guerra, gal Eurico Dutra, que determinou que suas atividades sofressem vigilância e restrições. Também o DIP passou a censurar as notícias relacionadas à SAA. Em outubro de 1943 a polícia impediu a realização de reunião em que Osvaldo Aranha, à época ministro das Relações Exteriores, seria empossado na vice-presidência da sociedade. Acatando sugestão de Dutra, Getúlio Vargas pediu ao general Rabelo que não desenvolvesse "quaisquer atividades que possam afetar o alto interesse da defesa nacional ou que criem dissensões no Exército".

O G. censurou o Rabelo, mas a censura não foi publicada – metade por causa do conhecido processo de ambiguidade, metade por fraqueza. O Góes, preocupado com o rumo das coisas, foi abrir os olhos do G., mas encontrou este em franco otimismo, e não querendo ouvir nada. Seja porque o G. não queria conservar junto a si um homem que já perdeu a “fé”, seja porque este ache melhor afastar-se do país, parece certo que o Góes virá para a embaixada de Montevideú.

Em São Paulo, muitos dos meus amigos, nos primeiros dias de Novembro, foram presos. O Julinho, retido na prisão dias mais que os outros companheiros, recebeu ordem, ao ser posto em liberdade, de sair da capital por três meses, ficando com o interior do estado por mensagem. Entretanto, chamado daí a pouco à polícia, foi intimado a deixar de novo o país, ao que se recusou terminantemente. Em presença de meu cunhado, o superintendente da ordem política comunicou-se com o Benjamim Vargas, para saber o que devia fazer. Isto se passou há quatro dias, e o caso ficou em suspenso.

O manifesto dos mineiros teve enorme repercussão.

É um documento escrito com muito cuidado. O fato de ter sido oferecido a assinatura exclusiva dos mineiros é explicado pela simples data em que foi lançado – 24 de Outubro de 1943. São os homens, que há 13 anos ajudaram decisivamente o G. a tomar o poder, que agora, em nome das responsabilidades assumidas no passado para com o país, se apresentam para pedir que se reponha o Brasil no seu leito tradicional. Parece que não tardaram as represálias. Nomearam interventor para o Banco Hipotecário de Minas, afastando assim de seus lugares vários dos signatários do manifesto, como o Estevam Pinto, presidente, o Pedro Aleixo, diretor, e Pedro Martins, advogado. O Daniel de Carvalho perdeu o lugar de advogado da Siderúrgica de Volta Redonda, e muitos outros foram igualmente afetados. A despeito disso, o manifesto está saindo em edições sucessivas e, em cada edição, aparece com novas assinaturas.

Com a prudência de gato escaldado várias vezes, não me aventurei a prognósticos otimistas. Depois, porém, dos movimentos de repulsa ao Estado Novo, que foram a reunião dos juristas ameri-

Góes

refere-se ao gal. Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe do Estado Maior do Exército Brasileiro (1937-1943).

Julinho

refere-se a Júlio de Mesquita Filho, proprietário do jornal O Estado de São Paulo.

Benjamim Vargas

irmão de Getúlio Dorneles Vargas. Em 1943, Benjamim tornou-se chefe do serviço de segurança dos palácios presidenciais.

Banco Hipotecário de Minas

Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais (BHAMG) foi fundado em 1911, também com capital francês. Em 23 de novembro de 1943, pelo decreto-lei n.6020, justificando que a grande maioria dos acionistas, domiciliada em território francês ocupado pela Alemanha, estaria impedida de representação, e que os diretores do Banco o teriam afastado das finalidades de sua fundação, Vargas autorizou o Governo do Estado de Minas Gerais a assumir sua administração e que, para esse fim, deveria nomear os membros da nova diretoria do Banco, imediatamente empossados.

Artuccio
refere-se a Hugo Fernández
Artuccio, professor de filosofia,
historiador e político uruguaio.
Foi editor da Free World.

canos, a conferência de juristas brasileiros e o congresso nacional de estudantes, parece-me justificada a confiança com que todos os nossos amigos, diante das fissuras profundas do edifício ditatorial e dos focos de insurreição que os novos acontecimentos revelaram ao país, caminhamos para o termo daquela incomparável miséria.

O Artuccio vai escrever-lhe sobre a sua vinda para cá. Espero que, fortalecido ainda mais pelo meu desejo de tê-lo por aqui, ele encontre os argumentos que decidam o meu querido amigo a empreender imediatamente a viagem à América do Sul. Inútil dizer que aqui fico esperando as suas ordens para as acomodações, e tudo o mais que determine. Peço apresentar as minhas afetuosas lembranças ao Dr. Washington, e dizer-lhe que deve dispor com franqueza de mim, se se resolver também a vir para o Sul.

Receba com D. Ester e Édila as saudades de Raquel e de Armandinho, e muitas outras, muito vivas, do seu.

Armando Sales.

BR BACMB OM TXT CP 47/1101

LISBOA, 06 DE DEZEMBRO DE 1943

Doutor Otávio Mangabeira
Hotel Weyllin
Madson Avenida e rua 54
Cidade de Nova Iorque

Excelentíssimo Senhor,

Por intermédio do nosso comum amigo Dr. Paulo Duarte, tive conhecimento de que Vossa Excelência tem entre mãos, ou mesmo já terminou, um estudo em três volumes, acerca do vosso glorioso compatriota Machado de Assis, honra da literatura brasileira e portuguesa.

Tal trabalho, já pelo nome do autor, já pelo do focalizado, não me poderia ser indiferente, tanto mais que na Direção das Casas “Livros de Portugal” e “Dois Mundos Editora”, do Rio de Janeiro, tenho tentado cumprir um programa de divulgação dum pensamento e duma cultura afins.

Por este motivo, tomo a liberdade de perguntar a Vossa Excelência se estaria na disposição de nos ceder os direitos para uma edição da referida obra, edição que se destinaria, se Vossa Excelência estivesse de acordo, não só ao público brasileiro – por intermédio das casas que estão instaladas no Rio, como ao público português - por intermédio da nova Livraria que vou abrir em Lisboa, “Livros do Brasil”, e que desejo possa ser um instrumento de divulgação útil da literatura brasileira no meu país.

Não quero, porém, deixar de acentuar o interesse moral e espiritual que a minha Casa editora teria na publicação desse trabalho de Vossa Excelência que sobremaneira iria honrar a galeria já vasta das nossas edições no Brasil, em cujo número se contam, entre outros, quer em antologias, quer em obras expressamente escritas e entre autores passados e contemporâneos, os nomes de

Machado de Assis

Otávio Mangabeira publicou, em 1954, Machado de Assis, seus contos e romances em ponto pequeno, precedidos de introdução, traços biográficos e uma exposição intitulada “Como foi elaborado e a que se destina este livro”.

Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Gonçalves Crespo, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Gilberto Freire, Teixeira Gomes, Jaime Cortesão, Ribeiro Couto, Tasso da Silveira, Pedro Calmon, Rodolfo Garcia, Afrânio Peixoto etc. etc. e ao mesmo tempo iniciaria, com rara felicidade, a série que proponho realizar, de edições de grandes escritores brasileiros em Portugal.

Esperando uma resposta afirmativa de Vossa Excelência, que sobremaneira me desvanecerá, peço que me creia com a mais elevada consideração e alto apreço

de Vossa Excelência.
Admirador e altíssimo e obrigado
Antônio Augusto de Souza Pinto Júnior

BR BACMB OM TXT CF 10.7/2589

NOVA IORQUE, 19 DE DEZEMBRO DE 1943

Respondida em 20-1-44

Euvaldo:

Na sua última carta, de 25 de novembro, anteontem recebida, diz você que, na daqui, datada de 13, foram apenas bilhetes de Ester e Édila. Entretanto, escrevi. Nada, aliás, de maior. O fato de você não responder se recebeu a que mandei, acompanhada de agradecimentos, para diversos, a felicitações de aniversário, faz-me crer que a mesma lhe não chegou às mãos, ou vai chegar demasiadamente atrasada. Que fazer?

Tendo tido notícias do Brasil, inclusive da Bahia, não pelas cartas de família ou íntimas, como as suas, cujo laconismo é sintomático. Assim, porém, deve ser.

Dada a irregularidade de correspondência, tenho escrito menos ultimamente. Quando, entretanto, parte algum amigo, aproveito para pedir-lhe que dê notícias minhas de viva voz. Espero que, destas, algumas, tenham aí chegado.

Aprovo a sua ideia de distribuir entre amigos os opúsculos que publiquei por ocasião da minha entrada para a Academia de Letras, e que aí se estavam estragando. Mas guarde alguns exemplares. Acredito que já terão chegado aí umas páginas, também literárias, que escrevi recentemente. Por elas verão os amigos que, embora longe, não esqueço a nossa terra e os seus encantos.

Otavinho, infelizmente, não pôde vir passar o Natal conosco. Viagem lenta e longa, com dificuldades no momento; muito dispendiosa; o número de dias a permanecer, insignificante – preferimos desistir. Ficará para outra ocasião.

Quanto à mudança, depende ainda de certas circunstâncias. São fáceis de calcular os obstáculos, principalmente agora. Mas é

A.C.
refere-se a Afrânio Coutinho.

Geovaldo
refere-se a Geovaldo Diniz
de Pinho, filho de Euvaldo
Soares de Pinho e Georgina
Diniz de Pinho. Geovaldo
casou-se com Luci Cortez

questão de tempo. Estou muito grato ao Senhor pelo carinhoso interesse que tem mostrado no caso.

Continuo a ser procurado para trabalhos, a ponto de ter que distribuir com outros, aliás com dificuldade, pois a regra é a incompetência. Quantas vezes lamento não estar aqui Dinorá, para me servir de secretária-datilógrafa, bem remunerada... Não posso tomar a responsabilidade de fazer vir o Humberto; fico à espera de uma oportunidade como a do A. C., que por enquanto não se apresentou. Ele se julga capaz, por exemplo, de traduzir, do inglês para o português, por assim dizer ao correr da pena, isto é, da... máquina, coisa como a da Revista Industrial? Porque tudo aqui tem que fazer-se a grande velocidade.

Muitos parabéns a Geovaldo e a todos, pela formatura e o casamento (faço eu hoje 38 anos de formado, e farei, daqui a três dias, 34 de casado. É o outono, a caminho do inverno; mas o ânimo se mantém firme...).

Bom Natal e Ano Bom, para todos, os amigos inclusive. Abraços e saudades de

Mangabeira.

Sobre a aposentadoria, nada mais? Apesar de bater na máquina o dia inteiro, com um só dedo, sou um datilógrafo de última classe. Datilógrafo... e o resto.

BR BACMB OM TXT CF 10.8/2599

NOVA IORQUE, 26 DE DEZEMBRO DE 1944

Respondida em 11-1-45

Euvaldo:

Sua última carta é a de 6 de dezembro, recebida a 20. Como você, eu tenho escrito menos. Cada vez mais sobrecarregado de serviço; ultimamente, o casamento de Édila; e quem vive numa cidade efervescente como esta, tem sempre uma infinidade de pequenas coisas a fazer, por mais retraído que viva. Só o Natal constitui em Nova Iorque motivo de grande trabalho, tantas são as visitas, os cartões, os presentes que se trocam. A cidade, por estes dias, fica realmente deslumbrante. Recebemos em casa o pessoal de mais intimidade. Brasileiros, não faltam por aqui, uns que chegam, outros que partem, afora o grupo que... fica. Baianos, infelizmente, muito raros.

O casamento de Édila realizou-se, como anunciei, na catedral Saint Patrick, às onze e meia da manhã de 15, presentes apenas, incluindo os noivos, quinze pessoas. Testemunhas, Washington Luis e D. Maria Augusta Ruy Barbosa, representada pela neta, Stela Batista Pereira. Terminado o ato, um almoço no Hotel Ambassador, situado a dois passos da igreja, como o Weylin. Depois, foram, os dois, para casa (171 West 79th Street. Apt. 93), e dali para o trem, rumo a Poconos (uma estação de inverno e de verão), onde passaram oito dias, voltando a 23 para o Natal, contentes e felizes, como é de praxe em tais ocasiões.

Resolveu assim a nossa Édila o problema que tanto agita as moças, sobretudo quando atingem a célebre encruzilhada dos trinta anos. Oxalá saiba e possa construir uma boa e sólida vida. O casamento que fez, nada tem de brilhante, mas oferece as condições necessárias, digamos essenciais, para uma vida feliz. Não o animamos, nem desanimamos, deixando a ela e ao destino a solu-



ção do caso. Enquanto não volto ao Brasil – e só Deus sabe se, e quando, voltarei – estaremos aqui, juntos. Voltando – o que só se dará, mudada a situação – é possível que, sendo o genro, como é, advogado, arranje alguma situação em alguma empresa americana, que lhes permita ir também. Evito, por via de regra, fazer cálculos, dispendo-me a aceitar o que aconteça.

Como é que você admitiu que Édila se tivesse casado, sem qualquer aviso nosso sobre a data, nem antes, nem depois? Parece incrível. Não compreendo como Rogério possa ter dito a João o que este lhe transmitiu, nem, ainda menos, como João e você admitiram a hipótese. Outra, do mesmo gênero: Dinorá disse no Rio a Olga, mas como coisa séria, que constava na Bahia ter-se Otavinho casado com uma americana divorciada! Vamos que assim tivesse acontecido. O que fora inadmissível é que não soubéssemos do fato, e que, sabendo, não comunicássemos. Acredita-se em tudo. Admite-se tudo. Costumo sempre dizer que, se alguém quisesse espalhar que o homem mais santo do mundo havia sido preso no estrangeiro por haver batido uma carteira, toda a gente acreditaria. Está porque reputo indispensável escrever de vez em quando sobre determinados assuntos, ainda que repetindo as mesmas coisas, sob pena de o silêncio permitir que se espalhem versões de todas espécies, ainda as mais absurdas, nas quais todos acreditam.

Mandei-lhe recentemente, via Rio, uma nova pequena lembrança, que espero lhe chegue as mãos, se é que chega. Gostei das notícias sobre Maria Helena e Ival. Ficaré afinal tudo em ordem, e foi bom terem vindo para o Rio. Sinto que em nada lhes possa ser útil. Que tal a estada de J na Bahia? Imagino que teve grande êxito.

Recebi daí no dia 15 dois telegramas: um, com as assinaturas de “Honorina, Zazá, Arnaldo, Julinha, Carlos, Lou, Juju, Geovaldo, Luci, Georgina, Euvaldo”, e outro, assinado “Eutíquio, Arlindo, Baleeiro, Aloísio, Nestor, Rogério, Valente, Viana, Albano, Abílio, Libanio, Álvaro Ramos, Eduardo Diniz, Rios.” Um terceiro, de Mário Cardoso. Telefone, da minha parte, a cada um (exceto, já se vê, a você mesmo, e Georgina, e aos que não tiverem telefone), agradecendo, por mim, enquanto não mando cartões.

Arlindo

refere-se a Arlindo de Almeida Sena, dentista; dep. est. (1925-1930)

Baleeiro

refere-se a Jaime Baleeiro, advogado. Foi dep. est (1923-1930), diretor geral da Associação Comercial da Bahia (1925-1963); membro do conselho da OAB (1934-1962).

Aloísio

refere-se a Aloísio de Carvalho Filho.

Nestor

refere-se a Nestor Duarte Guimarães, advogado e político baiano.

Rogério

refere-se a Rogério Gordilho de Faria, prof. da Faculdade de Direito da Bahia.

Valente

refere-se a Gilberto Valente, advogado, membro da Concentração Autonomista da Bahia.

Viana

refere-se a Luís Viana Filho.

Albano

refere-se a Albano da Franca Rocha.



Votos afetuosos de bons anos, para todos de casa, e os amigos. Não me esqueço de ninguém. Se mais não me faço lembrado, é porque a vida que levo me impossibilita por completo de escrever, quando quisera.

Abraços e saudades de

Otávio Mangabeira

Não compreendo o que se passa relativamente à aposentadoria. Supus que o caso já estivesse definitivamente resolvido. Que se espera então do Rio!

Fiz a 22 trinta e cinco anos de casado, e a 19 trinta e nove de formado. É o fim da terceira mocidade. Espero que haja uma quarta.

Monte

Meu Caro
Fizemos
o colar se meza
nhou um can
fizer estragos
tinho com

de tudo se occup
courtineação, e g
dotar o pair da
va carta court
o Precisação

OMep 1933. 02.16 - 3 -

teriam sido postos os pontos n
situações. Não posso, nem devo
ta a minha remessa para
abi estão, e a minha situação
bermitte. Miguel foi agora a
elocãe, cujo estado de saúde é q
gresso, quando, então, cuidarei
e abirei na carta ao Elvã
me sua opinião franca
ntivar de accordo commigo
era aos seus amigos acabse
ncordia absoluta, sem pres
des a ninguém.

Não lhe preciso dizer da argu
nterventor bairiano porque
leuítas recommendações nesses a D. Ester
receba um affectivo abraço do velho amigo

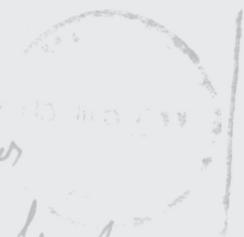
Pedro Lago

Abraços

e lembranças,

De Madrid.

12-1-33



Gratos. Madrid.

Rua

Rua

Uma das curiosidades de
ra: o Tumulo de Chateau
ad. 286

sempre com
missões, 2

upam, menos
que nada tener
ta ma nova e a
titucional. -
de umas vinte
tudo o que se
politica. -

04 305704



Muy Señor mio Recomiendo
el mayor interés á S. E. Don Octavio
ex Ministro de Negocios Extranjeros
que pasara por esa Aduana con dis
España,
y le ruego se sirva disponer que por lo
de esa Aduana se le guarden cuanto
sean compatibles con las exigencias

Dando a V. S. gracias ante
repito su at.º s.º s.º Q. B. S. e
El Embajador
Saavedra

Edgard Pinho
na Theophilo Ottoni 44
6º andar
Rio de Janeiro
Brasil.

do nesta
passado
nario prolon
consequirá e
Prata, que, co

Referências Bibliográficas e Arquivísticas

mulher, assim como
gus. Senhora e
particular estimo e ad
sem am. agr. ed. alt.
Banerla
Thomaz Luis

1. OBRAS CONSULTADAS

ABREU, Alzira Alves de et al. (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. 5 v.

ALMEIDA, Rômulo. *Rômulo: voltado para o futuro*. Fortaleza: BNB, 1986.

AZEVEDO, Arnolfo. *Arnolfo Azevedo, parlamentar da Primeira República: 1868- 1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

BAHIA. *Diário Oficial do Estado da Bahia: edição comemorativa ao centenário da independência da Bahia, 1923*. Edição fac-símile. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2004.

BAHIA. Assembleia Legislativa. *As cartas de ontem: 1891-1967*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1989.

BAHIA. Tribunal Regional Eleitoral. *Memória*. Salvador: TRE, 1998.

BARBOSA, Olympio. *Horácio de Matos: sua vida e suas lutas*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

BARBOSA, Rui. *Campanha da Bahia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1988. (Série Obras Completas de Rui Barbosa, v. 46, t. 3).

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2. ed. Salvador: Livraria Progresso, 1956.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *O solar Góes Calmon*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2004.

_____. Edith Mendes da Gama e Abreu. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v. 88, p. 47-62, 1984.

BORGES, Jafé; LEMOS, Gláucia. *Comércio baiano: depoimentos para sua história*. Salvador: Associação Comercial da Bahia, 2002.

BRANDÃO, Artur; ROSÁRIO, Milton. *Estórias da história de Ilhéus*. Ilhéus: Editora SBS, 1970.

BRASIL. Senado Federal. *Dados biográficos dos senadores da Bahia: 1826-2000*. 3. ed. rev. atual. Brasília: Secretaria de Informação e Documentação, 2000.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte, 2002.

BRITTO, Luiz Navarro de. *Vida e obra de Luiz Viana Filho*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

CADENA, Nelson V. *Cronologia da Associação Bahiana de Imprensa: 1930-1980*. Salvador: ABI, 1980.

CAIRO, Thiana de Souza. *Turismo Cultural Rural: uma alternativa de desenvolvimento para a costa do cacau*. 2003. 198 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

CALASANS, José. *A Revolução de 1930 na Bahia: documentos e estudos*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1980.

CALMON, Pedro. *A vida de Simões Filho*. Salvador: EGBA: 1986.

CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARNEIRO, Nelson. *Punhados de vida*. Brasília: Senado Federal, 1990.

CARTILHA Histórica da Bahia: a república e seus governadores. 5. ed. Salvador: EGBA, 1990.

CARTILHA histórica da Bahia. 6. ed. Porto Alegre : Impulso, 2002.

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno (org.). *Anais da imprensa da Bahia: 1º centenário, 1811-1911*. 2. ed. Salvador: IGHB, 2007.

CASTRO, Renato Berbert de. *Os fundadores da ALB*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 1998.

_____. *Breviário da Academia de Letras da Bahia: 1917-1994*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1994.

COELHO, José (org.). *Centenário da Independência da Bahia — 2 de julho: 1823-1923*. Rio de Janeiro: Brasil Editora, 1923.

COSTA, Caiuby Alves da. *105 anos da Escola Politécnica da UFBA*. Salvador: P&A, 2003.

COSTA, Paulo Segundo da. *Octávio Mangabeira: democrata irreduzível*. Salvador: Press Color, 2008.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001.

DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas: biografia política*. Rio de Janeiro: Renes, 1967.

FALCÃO, Ib Gatto. A Faculdade de Medicina da Bahia na década de 1930. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 141, 1, p. 37-49, jan./jul. 2007. Disponível em:

<<http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/62/56>>. Acesso em: 18 out. 2012.

FARIA, Sérgio Fraga Santos. *Escola Politécnica: tradição de grandes nomes na História da Bahia*. Salvador: Helvécia, 2004.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Educação e assistência social: estratégias da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937)*. 2006. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

_____. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial, 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. *Álbum artístico, comercial e industrial do Estado da Bahia 1930*. Rio de Janeiro: Edição Folgueira, 1930.

FONSECA, João Justiniano da. *A vida de Luiz Viana Filho*. Brasília: Senado Federal, 2005.

FONSECA, Jorge Ricardo A.; NASCIMENTO, William Vieira do. *Baianos nos tribunais superiores do Brasil: da Casa da Suplicação ao Supremo Tribunal Federal*. Salvador: Press Color, 2008.

FONTES, Oleone Coelho. *Euclides da Cunha e a Bahia: ensaio biográfico*. Salvador: Ponto & Vírgula, 2009.

FONTOURA, João Neves da. *Memórias, v. 1: Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969.

FÓRUM: revista do Instituto dos Advogados da Bahia. Salvador: IAB, edição especial do octogésimo aniversário de fundação do IAB, 1970.

FRAGOSO, Arlindo. *Empréstimos do Estado: exposição apresentada ao Sr. Dr. Governador do Estado*. Salvador: Secção de Obras da Revista Brasil, 1914.

GAVINHO, Vilson. *Coleção Fazenda Airis, Macaé/RJ: mobiliário no Brasil, 1840-1960*. Rio Janeiro: Ângela Maria P. C. C. Meirelles de Araújo Dias, 2010.

GONDRA, José (org.). *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

GORDILHO, Osvaldo Velloso. *Duzentos anos da família Gordilho: trajetória da família narrada por um descendente de 1801 até o presente*. Salvador: Edição do autor, 1993.

GUIMARÃES, Archimedes Pereira. *A Escola Politécnica da Bahia sob a Administração do Estado, de 1940 a 1944*. Salvador: Escola Politécnica da Bahia, 1957.

HISTORIOGRAPHIA ILLUSTRADA DO BRASIL: política, letras, arte, industria, Commercio. Rio de Janeiro: [s.n], ano 4, set. 1930.

JESUS, Jupira S. Palhano de. *Viação e obras públicas: elementos para a história do Ministério*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1955.

JORDAN, Kátia Fraga (org.). *De Villa Catarino a Museu Rodin Bahia, 1921-2006: um palacete baiano e sua história*. Salvador: Solisluna, 2006.

KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil: de Deodoro a FHC*. São Paulo: Cultura; Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2002.

LEVINE, Robert M. *The Vargas Regime: the critical years, 1934-1938*. New York: Columbia University, 1970.

LIMA, Hermes. *Travessia: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

LOBO, José de Figueiredo. *Consequências da tragédia do 22º BC na Paraíba*. [João Pessoa]: Empresa Gráfica, 1950.

MAGALHÃES, Juracy. *Minhas memórias provisórias: depoimentos prestados ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Minha vida pública na Bahia*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

MANGABEIRA, Otávio. *Otávio Mangabeira: discursos parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1978. (Série Perfis Parlamentares, 10).

MARINHO, Josaphat. *Anísio Teixeira: o educador da cidadania*. Salvador: Editora Cidade da Bahia, 2001.

MATTOS, Sérgio (org.). *Memória da imprensa contemporânea da Bahia*. Salvador: IGHB, 2008.

MATTOS, Waldemar. *História do TCE da Bahia*. [Salvador]: TCE-BA, 1985.

_____. *Palácio da Associação Comercial da Bahia: antiga praça do comércio*. Edição fac-símile. Salvador: ACB, [1997].

MEIRELLES, Domingos. *1930: os órfãos da revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MENEZES, Francisco da Conceição. Discurso. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 74, p. 197-211, 1947.

MENEZES, Jayme de Sá. Centenário de nascimento de Miguel Calmon du Pin e Almeida. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 88, p. 83-96, 1984.

_____. *Vultos que ficaram: os Irmãos Mangabeira*. 2. ed. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2001.

MESQUITA FILHO, Ruy (org.). *Cartas do exílio: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MONTEIRO, Agnaldo Bahia. *Amado Bahia: uma história, uma família*. Salvador: C. A. C. Monteiro, 2005.

MORAIS, Deraldo Dias de. Prof. Dr. Prado Valadares. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 64, p. 645-647, 1938.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Memória da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*. Salvador: FIEB, 1997.

OLIVEIRA, Eduardo Sá. *Memória da Faculdade de Medicina da Bahia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. *História de um Banco: o Banco Econômico*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, Memorial do Banco Econômico, 1983.

_____. *Aloysio de Carvalho Filho: pensamento e ação de um liberal democrata*. Salvador: Instituto Advogado Gonçalo Porto de Souza, 2007.

_____. *Nestor Duarte, inquietação e rebeldia: uma biografia crítica*. Salvador: Instituto Advogado Gonçalo Porto de Souza, 2004.

_____. *Orlando Gomes: tempo e memória*. Salvador: Instituto Advogado Gonçalo Porto de Souza, 2006.

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e oligarquias: 1889-1934*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PEIXOTO, João Paulo M.; PORTO, Walter Costa. *Constituições do Brasil*. Brasília; Instituto Tancredo Neves, 1987.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. 3. ed. Salvador: Corrupio: Petrobras, 2009.

PRIMO, Jacira. *Tempos vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira 1934-1937*. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS JURÍDICAS DA BAHIA. Salvador: Academia de Letras Jurídicas da Bahia, n. especial de 25 anos de fundação, 2008.

REVISTA DO INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA. Salvador: IGB, n. 22, 2005.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. Salvador: IGHB, n. 68, 1942.

REVISTA FISCAL DA BAHIA: quatro séculos de história da Bahia. Salvador: Revista Fiscal da Bahia, 1949.

A REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, c1982.

ROCHA, Everaldo Pedreira. *Rocha: uma família da Bahia, 1774-1998*. Salvador: EGBA, 1999.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *1895-2005: memória da fazenda da Bahia*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2005.

_____. (org.). *Canudos: cartas para o Barão*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. (coord.) *Dicionário biográfico e histórico da Bahia*. Salvador: Centro de Memória da Bahia. (Pré-print).

_____. Justiça revolucionária na Bahia de 1930. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 39, p. 147-157, 1993.

_____. *Partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. [2. ed.]. Salvador: Edufba, 1999.

_____. *Pinto de Aguiar: audacioso inovador*. Salvador: Press Color, 2011.

_____. *Poder e representação: o legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1994.

SANTOS, Edilton Meireles de Oliveira dos. *J. J. Seabra: sua vida, suas obras*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990.

SEABRA, José Joaquim. *Humilhação e devastação da Bahia*. Salvador: Cia. Editora Graphica da Bahia, 1933.

SILVA, Suely Braga da et al. *Os presidentes da república: guia dos*

- acervos privados*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- SILVEIRA, José. *No caminho da redenção: retrato de uma época*. Salvador: [s.n.], 1988.
- _____. *Prado Valadares e seus discípulos: evolução científica da radiologia nacional*. Salvador: UFBA, 1995.
- SOARES, Bárbara Musumeci; ILGENFRITZ, Iara. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- SOUZA, Antonio Loureiro de. *Baianos ilustres: 1564-1925*. Salvador: Gráfica Beneditina, 1944.
- TAVARES, Luís Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. rev. ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 11. ed. São Paulo: UNESP; Salvador: Edufba, 2008.
- TEIXEIRA, Rodolfo. *Memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus: 1943-1995*. Salvador: Edufba, 1999.
- VEIGA, Cláudio. *Atravessando um século: a vida de Altamirando Requião*. Rio de Janeiro: Record; Salvador: FUNCEB, 1993.
- VICTORIA, João da Costa Pinto. *Bacharéis baianos pelos cursos jurídicos de Olinda e Recife*. Salvador: Núcleo de Estudos Históricos, Genealógicos e Heráldicos da Bahia, 2009. (Pré-print)

2. ARQUIVOS CONSULTADOS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Arquivos de:

Antonio Viana;

Aloysio de Carvalho Filho;

Altamirando Requião;

Carlos Chiacchio;

Deraldo Dias;

Heitor Fróes;

João Fróes;

Luiz Viana Filho;

Manoel Pinto de Aguiar;

Padre Barbosa;

Pinto de Carvalho;

Xavier Marques.

ARQUIVO DO INSTITUTO FEMININO DA BAHIA

ARQUIVO NACIONAL

Fundo Góes Monteiro

ARQUIVO DO SENADO FEDERAL

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA:

Certidões de Óbitos e Inventários

Tribunal de Justiça da Bahia — Prontuário de Funcionários

INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS CONSULTADOS

Série: Inventário, Seção: Judiciária

1. Adalgisa Fiel de Carvalho
2. Adolfo Balalai
3. Adolfo Vianna
4. Albino Artur da Silva Leitão
5. Albino Augusto Novaes e Silva
6. Álvaro Clemente de Oliveira
7. Álvaro Henriques Silvestre de Faria (não encontrado)
8. Ângelo Henrique Martinelli
9. Antônio Joaquim de Souza Carneiro
10. Archibaldo Baleeiro
11. Aristides Vasconcelos de Queiroz
12. Armando Hora Mesquita

13. Armando Marques de Carvalho
14. Américo de Sousa Gomes
15. Arnaldo Pimenta da Cunha (Inventário da mãe)
16. Augusto Cesar Viana
17. Augusto Deocleciano Carigé
18. Augusto Pedreira Maia (Inventário da irmã)
19. Bráulio Xavier da Silva Pereira
20. Cantídio Teixeira de Souza
21. Carlos Augusto Freire de Carvalho
22. Carlos Leitão
23. Cirilo Nunes Leal Filho (arrolamento)
24. Cleóbulo Cardoso Gomes
25. Demétrio Ciríaco Ferreira Tourinho
26. Emanuel Luís de Santana
27. Emílio Alfredo Silva
28. Epifânio José de Souza
29. Ernesto Marinho de Sá
30. Eutychio da Paz Bahia
31. Francisco de Souza Dias
32. José Olímpio de Azevedo
33. Juvenal Alves da Silva
34. Leocádio José Osório (genro de Silvano Ramos de Queiroz)
35. Lourival Duran Suarez
36. Manoel Coriolano Dantas
37. Manoel de Andrade Teixeira
38. Manoel Joaquim de Carvalho
39. Manoel José Machado

40. Marina Jorge Cravo (mãe de Mário Cravo)
41. Mário França de Queiroz Monteiro
42. Maximiano Ramos de Queiroz (irmão de Silvano)
43. Nilo Machado Pedreira (inv. De Aníbal de Lima Pedreira)
44. Oliva Rocha de Freitas Borja
45. Oscar Viana
46. Paulo Martins Fontes
47. Pedro Bacellar de Sá
48. Pedro Cícero Ribeiro
49. Pedro Pereira Maltez
50. Ponciano Ferreira de Oliveira
51. Quintino Soares de Pinho (pai de Euvaldo Pinho)
52. Raimundo José Barbosa
53. Ranulfo Vieira de Oliveira
54. Silvano Ramos de Queiroz
55. Viriato Bittencourt Leite

Série: Testamento, Seção: Judiciária

1. Álvaro Clemente de Oliveira
2. Cândido César da Silva Leão
3. Manoel Joaquim de Carvalho
4. Nilo Machado Pedreira (inv. de Aníbal de Lima Pedreira)
5. Américo de Souza Gomes

CENTRO DE MEMÓRIA DA BAHIA

Fundo Otávio Mangabeira

Fundo Simões Filho

Fundo Manoel Pinto de Aguiar

MEMORIAL DOS GOVERNADORES REPUBLICANOS DA
BAHIA

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA

Subgerência de Obras Raras e Valiosas

Subgerência de Periódicos — Setor de Periódicos Raros e Va-
liosos

A Tarde

Diário da Bahia

Diário de Notícias

Diário Oficial do Estado da Bahia

Diário Oficial do Estado de São Paulo

Diário Oficial da União

Era Nova

Estado da Bahia

Jornal do Brasil

O Imparcial

ESCOLA POLITÉCNICA DA UFBA

Arquivo Administrativo

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

LISTA ICONOGRÁFICA

Pág. 19— Carteira de identidade de Otávio Mangabeira (OM. IV.051)

Pág. 20-21— Carta de Otávio Mangabeira a Ester Mangabeira informando a sua prisão. (BR BACMB OM TXT CF 13.1/2723)

Pág. 22— Bilhete de passagem de Otávio Mangabeira e família. (BR BACMB OM TXT DP 02/3240)

Pág. 61— Comprovante de pagamento referente a reprodução de 3 mil cópias de texto com quatro páginas em português (BR BACMB OM TXT DV 01/3182)

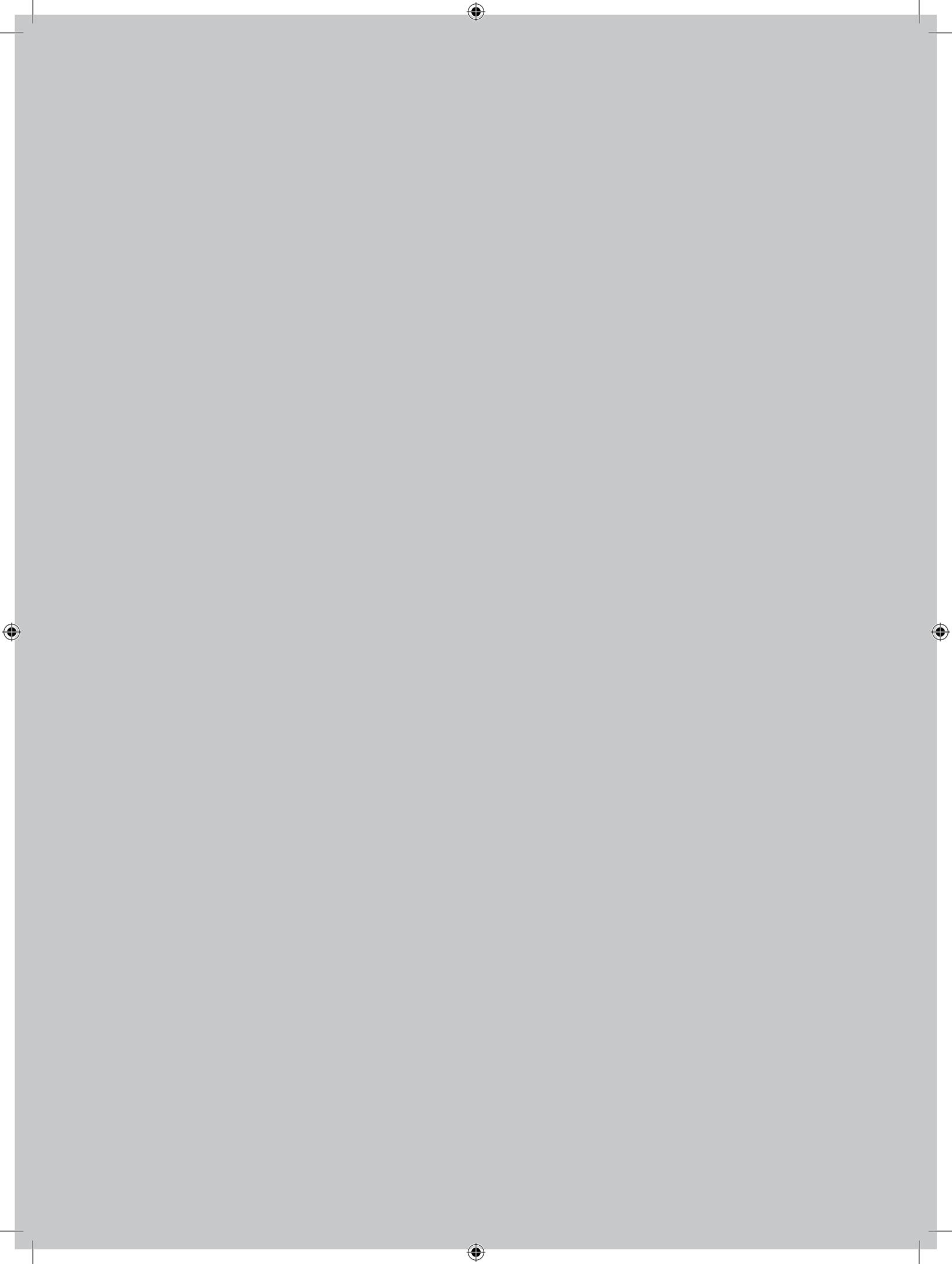
Pág. 95— Cartão de visita de Plínio Salgado a Otávio Mangabeira (BR BACMB OM TXT CP 53/1228)

Pág. 99— Visto de entrada na cidade de Vichy (França), em 18 de agosto de 1939 (OM.IV.051)

Pág. 108— Visto temporário para circulação na cidade de Bayonne (BR BACMB OM TXT DP 02/3238)

Pág. 112— Visto temporário para circulação na cidade de Bayonne (BR BACMB OM TXT DV 01/3183)

Pág. 129— Autorização para circular na região dos Pirinéus, cordilheira que forma a fronteira natural entre França e Espanha Bayonne (BR BACMB OM TXT DP 03/3245)



Imprimiu-se este livro na EGBA, sobre papel offset 90g (miolo) e triplex 250g (capa), nas fontes Berling Roman, Berling Bold e Berling Italic, no outono de 2017, quando completam-se 70 anos do início da gestão Otávio Mangabeira à frente do Governo da Bahia (1947-1951), e 115 anos de nascimento de Pedro Calmon. Tiragem: 1.000 exemplares.